

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**  
**Faculdade Interdisciplinar em Humanidades**  
**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais**

**Yuri Augusto Russo Gonçalves Pinto**

**NEORRURAIS NO ESPINHAÇO MERIDIONAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA  
PAISAGEM CULTURAL**

**Diamantina**  
**2019**





**Yuri Augusto Russo Gonçalves Pinto**

**NEORRURAIS NO ESPINHAÇO MERIDIONAL E A RESSIGNIFICAÇÃO DA  
PAISAGEM CULTURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de pesquisa: Configurações do Rural, Política e Meio Ambiente

Orientador: Prof. Dr. Marcos Lobato Martins

**Diamantina  
2019**



Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P659n	<p>Pinto, Yuri Augusto Russo Gonçalves. Neorrurais no Espinhaço Meridional e a resignificação da paisagem cultural / Yuri Augusto Russo Gonçalves Pinto, 2019. 239 p. : il.</p> <p>Orientador: Marcos Lobato Martins</p> <p>Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2019.</p> <p>1. Neorrurais. 2. Paisagem cultural. 3. Sociologia rural. 4. Vivência comunitária. 5. São Gonçalo do Rio das Pedras. I. Martins, Marcos Lobato. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p><b>CDD 307.72</b></p>
-------	---

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecária: Jullyele Hubner Costa – CRB6/2972

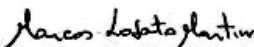
YURI AUGUSTO RUSSO GONÇALVES PINTO

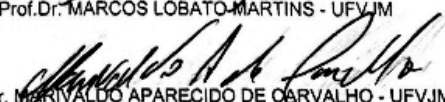
**Neorrurais no Espinhaço meridional e a ressignificação da paisagem cultural**

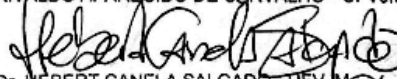
Dissertação apresentada ao  
MESTRADO EM ESTUDOS RURAIS,  
nível de MESTRADO como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
MESTRE EM ESTUDOS RURAIS

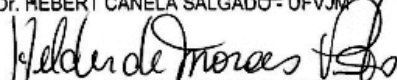
Orientador (a): Prof. Dr. Marcos Lobato  
Martins

Data da aprovação : 07/08/2019

  
Prof.Dr. MARCOS LOBATO MARTINS - UFVJM

  
Prof.Dr. MARIVALDO APARECIDO DE CARVALHO - UFVJM

  
Prof.Dr. HEBERT CANELA SALGADO - UFVJM

  
Prof.Dr. HELDER DE MORAES PINTO - UFVJM

DIAMANTINA

## AGRADECIMENTOS

Antes de fazer qualquer agradecimento preciso pontuar qual é o maior significado deste trabalho: a própria engrenagem da dádiva da vida.

Morei em dezenas de cidades, cruzei a vida de centenas de pessoas, arrumei dezenas de amores e me fortaleci com diversos amigos, os grandes e verdadeiros amigos.

E sempre tive a benção de poder contar com a minha família, que é toda a estrutura fundante da minha pessoa e que pôde me proporcionar todas as intensas experiências nessa vida.

Dessa forma, o maior agradecimento a ser feito será para as figuras que representam a divindade, sejam: Deus, Oxalá, Alá, Buda, Jah, Tupã, Hórus e quaisquer nomenclaturas que forem dadas à expressão mór da consciência humana com a regência cósmica, divina e/ou esotérica. Acredito piamente na multiplicidade de expressões da fé e cada qual tem seu caminho que por sinal leva a um mesmo destino: o caminho da Luz.

Tendo isso em vista, agradeço às seguintes figuras:

Em primeiro lugar, ao meu Pai, Ivan. Pois todos os seus ensinamentos - com sua enorme sabedoria - mostraram-me que a vida é um sopro, uma efemeridade da existência terrestre e que é preciso ter o reconhecimento da importância daqueles que nos amam; como algo além da matéria, que está escrito nos caminhos da vida e que o reencontro está logo ali, atrás dos véus, dos ventos e do sol. Pra você, Pai, todo o meu sentimento de Gratidão e também de perdão por não ter aproveitado mais como deveria, com a maturidade mais apurada. Pai, esse caminho que escolhi foi por você, por honra as suas raízes, por honra ao seu respeito e carinho pelos seus pais. Hoje reconheço os cantos de todos os pássaros que assobiavam, reconheço as plantas medicinais que você plantava e as frutas exóticas que você adorava e que pra mim tem o sabor da infância. Muito obrigado!

Em segundo lugar, à figura feminina, à figura do ventre, à figura do canal de conexão entre mundos. À minha Mãe, Rose, guerreira, batalhadora, que soube elevar os difíceis momentos da vida, que soube dar o afago de colo de mãe para um homem sensível e confuso. Pra você, todo o sentimento de Gratidão e também de Perdão. Sei que eu dei muito trabalho para estudar, para dar direção na minha vida e hoje estou aqui colocando seu nome numa folha de papel para receber o título de mestre em alguma coisa que os homens inventaram. Você, Mãe, muito me auxiliou na caminhada da vida. A luz no fim do túnel, o caminho de um esclarecido, a força que veio do céu. Gratidão!

Em terceiro lugar, àquele que cresceu junto comigo, que comeu dos mesmos alimentos que comi, que dividiu o mesmo quarto comigo, que passou por todas as cidades em que passei. Um ao outro nos fortalecemos nos momentos esmorecidos. Ao meu Irmão, Ivan, uma referência de pessoa que sempre tive e sempre terei. A determinação de chegar onde sempre sonhou, os caminhos trilhados, - que sabemos que não foram fáceis, - e a clareza sobre as necessidades e os desafios que os homens passam, e a sabedoria de como transmutar esses obstáculos. Muito obrigado pelos esclarecimentos, Irmão! Pelas orientações e pelas decisões que tomamos juntos!

À Marcela, parceira de grandes aventuras nessa vida, figura que me encorajou a tomar certas decisões e encaminhamentos. Que alimentou minha alma nos dias de fraqueza, que me colocou no lugar quando eu estava desmotivado e que me alegrou ao ter sua pessoa sempre por perto. Uma benção é poder contar contigo. A escolha foi feita e o caminho está aberto, seguimos avante!

À comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras, a todas as pessoas e personagens que coabitam esse espaço e que, nas trocas de conversas, passam muitos ensinamentos e vivências. Muito grato, povo de São Gonçalo, por me acolher!

À UFVJM, a PPGER e a FAPEMIG, por me mostrarem que é possível trilhar caminhos distintos e que, no fim, os caminhos se cruzam e muitos aprendizados são consolidados. Vocês são fundamentais para a educação e para a transformação social.

Aos tantos colegas de classe. Nós dividimos nossos temas e nossas trajetórias neste momento de rito de passagem. Em especial, ao Maycon, ao Wellington e à Nat, pelas longas e soltas conversas nas mesas de bar e pelos auxílios que tanto precisei durante esse processo. Desejo sucesso a todos vocês!

Aos professores/inspiradores do PPGER, em especial: ao Marivaldo, à Rosana, à Aline, à Edneila e ao Paraná. Vocês foram fabulosos. Parabéns!

Ao orientador, Marcos Lobato, que me acompanhou nessa jornada. Suas palavras foram o suficiente para esclarecer e elucidar meus caminhos: os temas, as abordagens e as técnicas.

Ao Gabo, pela atenção, pela disponibilidade, agilidade e muito carinho que teve com todo o trabalho e principalmente comigo. Você salvou!

Ao Thiago, pelas belas conversas sobre elevação e embriaguez, pelo acolhimento e pelas estadias. Amigo antigo da “Caravana não morreu e não morrerá”!

Ao Caio e ao Sergio, pelas boas prosas sobre as questões fundamentais que nos norteiam.

À Terra da Unidade, - nas figuras do Paulo e da Mari, - e ao Instituto EcoVida São Miguel, - nas figuras do Peter, da Marina, do Euro e da Mayan, - por receber essa pesquisa com tanto otimismo e por me darem liberdade necessária.

Ao Heinrich Kuhne e à Vilma Baracho, por acreditarem no trabalho, procurarem as fotografias antigas e raras de São Gonçalo e as cederem gentilmente. Uma verdadeira caça ao tesouro. E, também, agradeço à Ana Rocha pelos registros fotográficos em tempos atuais de práticas tão antigas, cedendo-os carinhosamente.

À Ana Mattos, pelo auxílio em um momento decisivo deste trabalho.

Aos ditos neorrurais, que tanto "aborreci" para conversar tantas vezes sobre diversos temas. Valeu!

Ao Bernardo do Espinhaço e ao projeto Músicas do Espinhaço, por terem composto as canções do Espinhaço e terem sido a trilha sonora deste trabalho. Cada verso, cada acorde, cada poesia, cada cor, cada personagem, eu reconhecia esse povo, essa paisagem do Espinhaço e isso me deu inspiração para seguir adiante.

## **RESUMO**

Este trabalho faz uma reflexão sobre os neorrurais e suas influências e atuações no distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). A pesquisa aborda diversos aspectos, - culturais e econômicos por exemplo, - desse movimento que leva, do urbano ao rural, novos habitantes que reconfiguram a ruralidade dessa região do Espinhaço. O crescente processo de êxodo urbano, a busca por melhor qualidade de vida, o ideal de desaceleração do trabalho, o decrescimento econômico e a preocupação com a sustentabilidade socioambiental são algumas das motivações que levam os neorrurais à busca de territórios com características similares ao do povoado objeto dessa pesquisa. Esses novos atores do espaço rural estimulam a trocas de saberes e fomentam novas perspectivas de trabalho e reocupação do campo. Nesse contexto, a pesquisa buscou avaliar quais são os efeitos na paisagem cultural e econômica da região e caracterizá-los. A metodologia aplicada baseou-se na revisão da literatura, na coleta de relatos por meio de conversas informais e na observação participante com descrição analítica. Dessa forma, foi investigada a ocorrência de intervenções no âmbito visual, nos costumes, nos valores, nos hábitos e nas crenças geradores de reformulações dos antigos formatos de vida das pessoas nativas. Tendo isso em vista, o propósito deste trabalho foi a identificação e avaliação dos efeitos da presença dos neorrurais em São Gonçalo do Rio das Pedras. A pesquisa ainda analisou os conceitos de ruralidade, novas ruralidades; bem como a geografia cultural e os complexos processos de construção de paisagens, patrimônios e identidades do local estudado. A reflexão sobre a difusão de novas práticas econômicas e sociais na gestão dos territórios rurais também é abordada nesse estudo.

Palavras-chave: Neorrurais. Paisagem cultural. Sociologia rural. Geografia humanista. Vivência comunitária. São Gonçalo do Rio das Pedras.



## RESUMEN

Este trabajo hace una reflexión sobre los neorrurales y sus influencias y actuaciones en el distrito de. (MG). La investigación aborda varios aspectos (culturales y económicos, por ejemplo) de este movimiento que conduce de lo urbano a lo rural, nuevos habitantes que reconfiguran la ruralidad de esta región de Espinhaço. El creciente proceso de éxodo urbano, la búsqueda de una mejor calidad de vida, la desaceleración ideal de la mano de obra, decrecimiento económico y la preocupación por la sostenibilidad social y ambiental son algunas de las motivaciones que llevan a buscar neorrurais territorios con características similares a las del pueblo objeto de esta investigación. Estos nuevos actores en el campo estimulan el intercambio de conocimientos y fomentan nuevas perspectivas de trabajo y la reocupación del campo. En este contexto, la investigación busca evaluar los efectos en el panorama cultural y económico de la región y caracterizarlos. La metodología aplicada se basa en la revisión de la literatura, la recopilación de informes a través de conversaciones informales y la observación de los participantes con una descripción analítica. De esta manera, investigamos la ocurrencia de intervenciones en el campo visual, costumbres, valores, hábitos y creencias que generaron reformulaciones de las formas de vida antiguas de los nativos. Teniendo esto en cuenta, el propósito de este trabajo es la identificación y evaluación de los efectos de la presencia de neorurales en. La investigación también analiza los conceptos de ruralidad, nuevas ruralidades; así como la geografía cultural y los complejos procesos de construcción de paisajes, patrimonios e identidades del lugar estudiado. La reflexión sobre la difusión de nuevas prácticas económicas y sociales en la gestión de territorios rurales también se aborda en este estudio.

Palabras clave: Neorural. Paisaje cultural. Sociología rural. Geografía humanista. Relación con la comunidad.

## **ABSTRACT**

This research makes a reflection on the neo-rurals and their influences and performances in the district of. (MG). The research deals with several aspects - cultural and economic, for example - of this movement that leads from the urban to the rural, new inhabitants who reconfigure the rurality of this region of Espinhaço. The growing process of urban exodus, the search for a better quality of life, the ideal of deceleration of work, economic decline and concern with socioenvironmental sustainability are some of the motivations that lead the neo-rurals to search for territories with similar characteristics to the village object of this research. These new actors in the countryside stimulate the exchange of knowledge and foster new perspectives of work and reoccupation of the countryside. In this context, the research seeks to assess the effects on the cultural and economic landscape of the region and to characterize them. The applied methodology is based on the literature review, the collection of reports through informal conversations and participant observation with analytical description. In this way, we investigated the occurrence of interventions in the visual field, customs, values, habits and beliefs that generated reformulations of the old life forms of native people. With this in view, the purpose of this work is the identification and evaluation of the effects of the presence of the neo-rurals in. The research also analyzes the concepts of rurality, new ruralities; as well as the cultural geography and the complex processes of construction of landscapes, patrimonies and identities of the place studied. The reflection on the diffusion of new economic and social practices in the management of rural territories is also addressed in this study.

Keywords: Neorural. Cultural landscape. Rural sociology. Humanist geography. Relationship with community.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ALMG – Assembleia Legislativa de Minas Gerais  
APA – Área de Proteção Ambiental  
EMBRATUR – Instituto Brasileiro do Turismo  
CODEMA – Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente  
CONECTA – Programa Nacional de Conectividade de Paisagens  
FIEMG – Federação das Indústrias de Minas Gerais  
FCP – Fundação Cultural Palmares  
FUNIVALE – Fundação Pró Universitária do Vale do Jequitinhonha  
GEN – Global Network Ecovillage  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade  
IEF – Instituto Estadual de Florestas  
IEPHA – Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico  
IER – Instituto Estrada Real  
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
MAM – Movimentos dos Atingidos pela Mineração  
MMA – Ministério do Meio Ambiente  
ONG – Organização Não-Governamental  
PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais  
REDE ESPINHAÇO – Rede de Salvaguarda do Patrimônio Natural e Cultural da Cordilheira do Espinhaço  
REDETRILHAS – Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade  
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação  
TLC – Trilhas de Longo Curso  
UCs – Unidades de Conservação  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cavalos soltos nas ruelas .....	20
Figura 2- Localização de São Gonçalo na Bacia do Jequitinhonha. ....	21
Figura 3 - Ponte do Rio Jequitinhonha.....	23
Figura 4 - Localização geográfica entre os municípios de Diamantina e Serro e proximidade com o distrito de Milho Verde.....	24
Figura 5 - Casarões históricos.....	26
Figura 6 - Vista aérea da Lapinha da Serra na Serra do Espinhaço. ....	28
Figura 7 - Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço .....	32
Figura 8 - Circuito Turístico dos Diamantes.....	34
Figura 9 - Caminhos da Estrada Real.....	35
Figura 10 - Totem (a esquerda) e placa indicativa (a direita) da Estrada Real em São Gonçalo.....	37
Figura 11 - Trilhas de Longo Curso do Brasil .....	40
Figura 12 - Trajeto da Transespinhaço a partir da porção sul (encontrando com a ER) até a porção norte (na Bahia).....	41
Figura 13 – Sinalização da Transespinhaço .....	42
Figura 14 - Parte da Transespinhaço e as UCs na regional de São Gonçalo do Rio das Pedras .....	42
Figura 15 - Roteiros percorridos por Saint-Hilaire entre 1816 e 1822.....	43
Figura 16 - Capa da tradução dos relatos de Saint-Hilaire sobre a região do Serro e Diamantina .....	45
Figura 17 - Novas relações e atividades dos espaços rurais .....	55
Figura 18 – Horta urbana.....	59
Figura 19 – Placas indicativas de comércios e pousadas em São Gonçalo.....	69
Figura 20 - Mapa mental de um neorrural com deslocamentos internos .....	71
Figura 21 – Pintura do Pico do Itambé.....	80
Figura 22 - Divulgação das oficinas de práticas tradicionais: extração de óleo de coco e de bordado.....	83
Figura 23 –Processo realizado durante a oficina de extração de óleo de coco .....	83
Figura 24 - Divulgação do III Encontro dos Povos do Espinhaço – Seminário do Saber Popular - em São Gonçalo do Rio das Pedras .....	86
Figura 25 –Roda de conversa entre benzedadeiras e raizeiros.....	87
Figura 26 - Consultoria de arquitetura.....	88
Figura 27 - Divulgação do cineclube em São Gonçalo .....	89
Figura 28 - Divulgação oficina de astronomia .....	90
Figura 29 - Feira local em São Gonçalo.....	91
Figura 30 - Representação da expressão dos neorrurais com a localização no território de São Gonçalo .....	96
Figura 31 - Pirâmide de Maslow.....	101
Figura 32 - Princípios e éticas da permacultura (flor da permacultura) .....	103
Figura 33 - Diagnóstico climático da área.....	105
Figura 34 - Zoneamento da área e posicionamento dos elementos .....	106
Figura 35 - Desaparecimento do cerrado em diferentes períodos (1500, 1900, 2002, 2008, 2014) e estimativa para o futuro (2030).....	109

Figura 36 - Foto aérea dos núcleos integrantes do Instituto EcoVida São Miguel em São Gonçalo.....	111
Figura 37 - Vista aérea do núcleo LARboratório.....	112
Figura 38 - Vista aérea do núcleo Sítio Céu e Terra .....	112
Figura 39 – Mapa mental de um dos núcleos no terreno.....	113
Figura 40 - Divulgação pública das oficinas: cisterna e biodigestor .....	114
Figura 41 – Convite para mutirão para instalação de aquecedor solar e de oficina de aproveitamento de água.....	115
Figura 42 - Área da Vila ecológica e a implementação do sistema agroflorestal...	117
Figura 43 - Estudo de implantação da Terra da Unidade em São Gonçalo através da aplicação do design permacultural .....	118
Figura 44 - Parte da área comum utilizada como horta mandala agroecológica...	119
Figura 45 - Parte da área comum com ervanário agroecológico .....	120
Figura 46 – Mapa mental da Terra da Unidade.....	123
Figura 47 - Roda de conversa entre os índios Huni Kuin e os estudantes de São Gonçalo .....	124
Figura 48 - Divulgação públicas dos cursos: plantas medicinais (a esquerda), incensos (no centro) e práticas na terra (a direita) .....	127
Figura 49 - Divulgação pública dos cursos: astrologia egípcia (a esquerda) e espagiria (a direita) .....	129
Figura 50 - Divulgação pública dos cursos: astrodiagnose (a esquerda) e perfumaria de antiquário (a direita) .....	129
Figura 51 - Divulgação pública do curso de Tarot Egípcio .....	130
Figura 52 - Queima de matéria orgânica para plantação ou pastagem .....	135
Figura 53 - Manifestação das comunidades locais contra a mineração em audiência pública.....	137
Figura 54 - Audiência pública .....	138
Figura 55 - Fotografia aérea de São Gonçalo do Rio das Pedras e o Pico do Itambé aos fundos.....	145
Figura 56 – Cachoeira do Comércio .....	147
Figura 57 – Igreja Matriz de São Gonçalo em restauro. Década de 1980. ....	148
Figura 58 – Capela de Nossa Senhora do Rosário na década de 1940 .....	148
Figura 59 – Demonstração de técnicas do garimpo .....	150
Figura 60 - Tropas em descanso. Início década 1980 .....	151
Figura 61 – Últimas tropas chegando em São Gonçalo (a esquerda) e em direção ao Rancho de Tropas (a direita).....	152
Figura 62 – Plantação de parreiras para produção de vinhos. Década de 1980....	153
Figura 63 - Conjunto arquitetônico. Início da década de 1980.....	154
Figura 64 – Placa dos correios e telégrafos. Década de 1940.....	155
Figura 65 - Cartaz do Filme “O Padre e a Moça” .....	155
Figura 66- Cenas do filme “O Padre e a Moça” na Igreja Matriz de São Gonçalo (a esquerda) e no Rancho de Tropas (a direita).....	156
Figura 67 - Fotografia da ponte do Rio das Pedras recém caída (a esquerda) e as anotações no verso (a direita) .....	157
Figura 68 - Ponte reconstruída pela produção do filme .....	158
Figura 69 – Ponte reformada pela prefeitura, início década de 1980.....	158
Figura 70 – Pousada Refúgio dos 5 Amigos .....	159
Figura 71 – Excursão de alunos e turistas na rua do Fogo. Início da década de 1980. ....	160

Figura 72 – Associação Comunitária Sempre Viva.....	161
Figura 73 – São Gonçalo do Rio das Pedras, final da década de 1980.....	162
Figura 74 – Escola Estadual Mestra Virgínia Reis.....	163
Figura 75 – Vista para Igreja Matriz na década de 1980.....	164
Figura 76 – Vista para Igreja Matriz em 2019.....	165
Figura 77 – Vista da Praça do Comércio, década de 1980.....	165
Figura 78 – Vista Praça do Comércio em 2019.....	166
Figura 79 – Saída para Diamantina, década de 1980.....	166
Figura 80 – Saída para Diamantina em 2019.....	167
Figura 81 – Vista lateral da Igreja Matriz, década de 1980.....	167
Figura 82 – Vista lateral da Igreja Matriz em 2019.....	168
Figura 83 – Setorização de São Gonçalo para análise da expansão urbana e imobiliária.....	169
Figura 84 – Expansão urbana e imobiliária do Setor 1.....	170
Figura 85 – Expansão urbana e imobiliária do setor 2.....	171
Figura 86 – Expansão urbana e imobiliária do setor 3.....	172
Figura 87 – Expansão urbana e imobiliária do setor 4.....	173
Figura 88 – Quintal produtivo .....	174
Figura 89 – Hábitos cotidianos dos nativos .....	175
Figura 90 - Fogão a lenha.....	176
Figura 91 – Construção tradicional do forno de barro.....	178
Figura 92 – Casa de doces e doces embalados.....	179
Figura 93 – Produção de geleia de jabuticaba e exposição das geleias.....	179
Figura 94 – Conserva de bambu com vegetais e artesanato de capim dourado.....	180
Figura 95 – Feitio tradicional de rapadura e melaço.....	180
Figura 96 - Gamela com rapadura cozida no fogão a lenha (a esquerda) e a rapadura pronta (a direita).....	181
Figura 97 – Parte do processo de produção do vinho de jabuticaba.....	182
Figura 98 – Vinhos e licores nas prateleiras dos mercados .....	182
Figura 99 – Tradicional Bar do Ademil.....	183
Figura 100 – Artefatos indígenas e dos escravos.....	183
Figura 101 – Moinhos d’água desativados.....	184
Figura 102 – Moinho ainda ativo e sistema para moagem do fubá.....	185
Figura 103 – Formação dos arraiais e vilas coloniais em torno das igrejas.....	186
Figura 104 – Fotografia aérea da Igreja Matriz de São Gonçalo.....	186
Figura 105 - Pintura do forro da igreja matriz.....	187
Figura 106 – Igreja do Rosário.....	187
Figura 107 – Encenação com os romanos na Semana Santa.....	188
Figura 108 – Cavalgada de Corpus Christi.....	188
Figura 109 – Rancho de Tropas restaurado.....	189
Figura 110 – Muro de pedras construídos pelos africanos escravizados.....	190
Figura 111 – Pintura rupestre em São Gonçalo.....	191
Figura 112 – Paisagem natural e a Serra do Raio (a direita).....	192
Figura 113 – Pico do Itambé (a esquerda) e a Pedra do Elefante (a direita).....	192
Figura 114 – Rosmaninho.....	193
Figura 115 – Preparo de banho descarrego.....	195
Figura 116 - Imóvel em decomposição.....	202
Figura 117 – Muro de adobe sem manutenção.....	203
Figura 118 – Casa de um neorrural com fachada mostrando adobe.....	204

Figura 119 – Muro de divisa com fachada descascada. ....	204
Figura 120 – Muro com reboco de terra e imitação do adobe. ....	205
Figura 121 – Imóvel antes (a esquerda) e depois (a direita) da reforma realizada por um nativo para transformar em bar. ....	205
Figura 122 – Imóvel antes (à esquerda) e depois da reforma da fachada (à direita). .....	205
Figura 123 – Fogão Foguete. ....	207
Figura 124 - Folia de Reis em São Gonçalo.....	209
Figura 125 – Tambor de Crioula em São Gonçalo. ....	210

## LISTA DE GRÁFICOS

Infográfico 1 - Principais motivos do êxodo urbano contemporâneo .....	65
Infográfico 2 - Perfil dos neorrurais .....	67
Infográfico 3 - Objetivos dos neorrurais ao se mudarem para o espaço rural.....	68
Infográfico 4 - Principais deslocamentos dos neorrurais.....	72
Infográfico 5 - Relações e redes de interações.....	93
Infográfico 6 - Linha do tempo dos momentos mais significativos de São Gonçalo do Rio das Pedras. ....	198
Infográfico 7 - Graus de interferência e influência dos neorrurais em São Gonçalo. ..	211



## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão geográfica da bacia do Rio Jequitinhonha.....	22
Mapa 2 - Mapa das cidades, distritos e vilarejos ao longo da cadeia da Serra do Espinhaço.....	30
Mapa 3 - Localização dos municípios no Caminho dos Diamantes.....	36
Mapa 4 - Abrangência do Mosaico Alto Jequitinhonha – Serra do Cabral, localização das UCs de proteção integral, zonas de amortecimento, e as UCs de uso sustentável. ....	38
Mapa 5 - Mapa geral da Terra da Unidade. Com as áreas de ocupação para moradia, áreas institucionais e comércio justo, reserva legal, rios, nascentes e estradas de acesso. ....	121

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>Situando São Gonçalo do Rio das Pedras.....</b>	<b>19</b>
<b>Reservas ambientais e rotas turísticas.....</b>	<b>27</b>
 <b>1 OBJETIVOS, METODOLOGIA E APORTES TEÓRICOS.....</b>	 <b>47</b>
1.1 Objetivos.....	47
1.2 Metodologia.....	47
1.3 Aportes teóricos.....	52
1.3.1 <i>O espaço rural</i> .....	52
1.3.2 <i>Neorruralidades</i> .....	63
1.3.3 <i>Paisagem cultural</i> .....	74
 <b>2 NEORRURAIS, SOCIABILIDADE E TERRITÓRIOS EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS.....</b>	 <b>83</b>
2.1 Dinâmicas de sociabilidade.....	83
2.2 Coletividade territorial para a sustentabilidade.....	98
2.3 A construção de um espaço místico.....	126
2.4. Gestão de pequenos conflitos – transformando desafios em oportunidades.....	133
 <b>3. O (RE)DESENHO DA PAISAGEM CULTURAL DE SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS.....</b>	 <b>145</b>
3.1 A formação da paisagem cultural de São Gonçalo.....	145
3.2 Ressignificação da paisagem cultural local – um organismo vivo em constante modificação.....	199
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	 <b>215</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	 <b>221</b>



## INTRODUÇÃO

Desde o final do século XX, os deslocamentos de populações nos espaços nacionais têm adquirido novas dinâmicas. Conformam-se novas direções para esses deslocamentos. Direções motivadas por fatores como a busca de oportunidades de trabalho e de formação, assim como por aspectos filosóficos e simbólicos que demandam por modos alternativos de vida. O êxodo urbano, dessa forma, retornou à pauta da Antropologia e, especialmente, da Etnografia do espaço rural.

A figura do neorrural ganhou visibilidade e desperta interesse crescente. Os neorrurais ou novos rurais são pessoas que emigram das áreas urbanas, principalmente de metrópoles, para as zonas rurais, fazendo do campo sua morada e estação de vida e trabalho. Alguns se fixam definitivamente nos espaços rurais; outros, se movem entre a cidade e o campo, destacando-se pela sua mobilidade e pendularidade. Esse movimento tem força considerável na Europa e na América do Norte, mas também cresce no Brasil.

A presença crescente de neorrurais nas comunidades do campo produz alterações relevantes, interferindo em diversas esferas da vida local. Dessa forma, ocorrem mudanças econômicas, sociais, e políticas nas comunidades; assim como marcantes alterações nas paisagens culturais.

Grande parte dos neorrurais é composta por adeptos da permacultura e da bioarquitetura, além de preconizarem sistemas agroflorestais biodiversos. Devido a esse aspecto, a organização, o uso e a gestão dos espaços (re)ocupados pelos neorrurais tendem a experimentar grandes mudanças em relação aos modos tradicionais adotados pelos nativos das localidades rurais. Os neorrurais também engrossam as discussões sobre o desenvolvimento territorial sustentável, de maneira que, inevitavelmente, induzem alterações nas paisagens e nas dinâmicas locais. Por conseguinte, eles constituem agentes (re)formadores de paisagens culturais.

Em torno desses novos atores sociais que se inserem nas zonas rurais, há muitas interrogações à espera de respostas: quem são essas pessoas? De onde vêm? O que as levou a mudar da cidade para o campo? Como elas se sustentam nos lugares onde se instalam? Como se integram às novas comunidades e de que forma se relacionam com elas? Quais impactos geram nesses lugares rurais? Como alteram o trabalho e a geração de renda nas comunidades receptoras? As paisagens culturais, a setorização do território e a organização comunitária são alteradas na dinâmica das interações entre neorrurais e nativos?

No Brasil, ainda há poucas pesquisas sobre esse tema. No qual há uma certa dificuldade de encontrar estudos específicos, bem como a limitação de dados estatísticos. Neste contexto, foi necessário a condução desta pesquisa para ampliação da literatura referencial e propiciando a difusão do conhecimento.

Por essa razão, justificou essa investigação, que se debruçou sobre importante área do território mineiro: a Serra do Espinhaço. Nela, em muitas porções (Jaboticatubas, Santana do Riacho, Conceição do Mato Dentro) os neorrurais, alguns com suas ecovilas ou ecomunidades, estão presentes há pelo menos duas décadas. Atualmente, São Gonçalo do Rio das Pedras conta com dois núcleos em funcionamento e outros dois em progresso. É justamente esse distrito o universo da pesquisa que aqui se propôs. Tratando de compreender como os neorrurais vem modificando a paisagem cultural tradicional garimpeira de São Gonçalo do Rio das Pedras.

Portanto, essa pesquisa teve por finalidade refletir sobre o fenômeno da inversão migratória, o êxodo urbano, e de como esse movimento e atuação dos ditos neorrurais pode interferir na paisagem cultural do espaço rural do povoado de São Gonçalo. Assim, buscou-se apresentar a interseção dos dois temas: neorruralidades e paisagem cultural.

O autor do presente trabalho, sendo um entusiasta dessa busca e não satisfeito em somente vivenciar essa migração no campo pessoal, levou a temática para as cadeiras da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, – por meio do Programa de Pós-Graduação de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Rurais, – para ser discutida, provocar a reflexão e ampliar a perspectiva intelectual, perpassando por algumas áreas do conhecimento humano. Filosofia, sociologia, antropologia, comunicação, geografia, história, arquitetura, patrimônio cultural e meio ambiente foram as centelhas de inspiração para este projeto de aprofundamento do conhecimento empírico na linha de pesquisa “Configurações do rural, política e meio ambiente”.

A formação acadêmica em Comunicação Social sempre me proporcionou uma interação em distintos universos de realidades. Os campos da antropologia e da psicologia constantemente permeavam os caminhos traçados despertando a necessidade de compreensão da interação do homem com o meio. A comunicação não violenta, o poder das palavras, a força do pensamento, a fê nos sonhos e as diversas formas de espiritualidade experienciadas ao longo da vida formaram pontes para enxergar a dislexia do ser humano. O afastamento da interação do homem com a natureza, consequentemente, causou a entropia da relação em diversos âmbitos, seja do convívio social, econômico, ambiental, filosófico, artístico e político. A trajetória profissional em

produção cultural me oportunizou perceber um mundo de verdadeiras possibilidades artísticas e de resistências ideológicas.

Todas estas experiências fizeram me tornar um homem em busca de soluções, minimamente pessoal, de diversos desafios que a humanidade enfrenta atualmente, acreditando que o mais honesto a se fazer é, no momento, retornar às raízes da ancestralidade da vida humana e tentar recomeçar. Só que dessa vez de outra forma, com outras possibilidades e novos conhecimentos.

Por muitos anos procurara meios e métodos, princípios e valores, formas e formatos, de me oportunizar o distanciamento da *urbes* em direção à um caminho de melhor qualidade de vida, satisfação pessoal e, por fé, acreditar que poderia ser uma das melhores decisões. No entanto, ainda faltava-me vivência nas propostas em que acreditara ser a epifania do que buscava. Dessa forma, após um curto momento de circulação e imersão em diversas regiões, eis que me encontro completamente ativo e envolvido naquilo que um dia já fora considerado por mim, uma realidade distante e duvidosa ou, até mesmo, uma utopia.

Atualmente, vivo no bucólico povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras nas cercanias dos municípios de Serro e Diamantina, estudando, pesquisando, vivenciando e gozando das trocas dos conhecimentos, costumes e saberes tradicionais que o local oferece. Ainda, e principalmente, acompanhando a modificação da paisagem cultural local através da crescente presença de novos atores sociais, os neorrurais, que dão novas dinâmicas ao lugar e também com atuação de alguns núcleos de gestão sustentável do território.

Dessa forma, eis que apresentamos a pergunta norteadora da pesquisa: Quais as modificações no espaço rural estão sendo promovidas pelos neo-rurais? Esta foi a questão que aguçou e norteou a investigação deste tema que é tão atual e de pertinência. E para responder à pergunta norteadora dividimos o trabalho em três capítulos e suas respectivas subseções, para discussão teórica sobre a temática da ruralidade e as novas ruralidades, bem como da paisagem cultural. Portanto, a estrutura do trabalho está ordenada da seguinte forma:

O primeiro capítulo trás todo o suporte teórico-metodológico da pesquisa. Reunidas as considerações sobre os objetivos, a metodologia e os aportes teóricos dos temas que perpassam pelo trabalho: ruralidade, neorrurais e paisagem cultural. Em um primeiro momento apresenta-se a configuração do espaço rural com a discussão da diferenciação do espaço urbano e do rural. Passando pela reconfiguração do espaço rural

com as atividades agrícolas e não agrícolas, como a pluriatividade e a multifuncionalidade para apresentação das possibilidades de um espaço rural diverso, produtivo, econômico e com capacidade de reinvenção e adaptação, bem como, do processo dialético da urbanização do campo e a ruralização da cidade. Também é discutido sobre o êxodo urbano e as neorruralidades. Tratando do andamento em que se deu até chegar a este termo e suas características, e como este movimento é pautado na transição, na pendularidade e na hibridização cultural (ocasionada por conta dos distintos atores em constante relação de trocas e convívios). Já no segundo momento, é apresentado a geografia cultural e os complexos processos de construções/interpretações/representações das paisagens. Iniciando pelo conceito de paisagem para depois abordar a paisagem cultural e sua profunda relação com o campo simbólico. Aproximando os temas da identidade, imaginário e memória; reconhecimento e sentimento de pertencimento; e percepção e representação das imagens. Também é apresentado sobre a institucionalização de paisagem cultural pelos órgãos competentes, além da candidatura da Estrada Real à chancela de Paisagem Cultural Mundial.

No segundo capítulo “Neorrurais, sociabilidades e territórios em São Gonçalo do Rio das Pedras” trata das atuações e as dinâmicas dos neorrurais no povoado (através das iniciativas na promoção de negócios, educação, valorização da tradição, etc.), as novidades que levaram para a sociabilidade e a construção das redes de interação, os usos e a gestão do território (por meio dos núcleos de assentamento sustentável coletivo) e as influências até no campo da espiritualidade/religiosidade, a ponto de lançar o povoado na categoria de lugar místico. Também é apresentada uma proposta de tipologias de neorrurais, e ainda é apresentado sobre os pequenos conflitos locais, e como estes conflitos podem sair de um lugar desafiador e se transformar em uma oportunidade de unificação entre os nativos e os neorrurais. Neste capítulo também é apresentado de forma mais diretiva os dados levantados em campo.

Já no terceiro capítulo “O (re)desenho da paisagem cultural de São Gonçalo do Rio das Pedras” apresenta, na primeira parte, a narrativa histórica, a questão paisagística e as práticas culturais tradicionais da população local. Na segunda parte, por fim, é discutido sobre quais são os pontos de criação de novos significados do lugar, os novos desenhos ou, se preferir, a ressignificação da paisagem cultural promovida pelos neorrurais.

O trabalho, portanto, apresenta o que e como os neorrurais influem no povoado de São Gonçalo, ou seja, o que estes neorrurais estão levando para o lugar. Os dados

coletados foram abordados de forma abrangente e holística e, de certa forma, generalizáveis por não se ater em uma só categoria. Dessa forma, foi realizada uma leitura geral dos neorrurais do local como forma de compreender e apresentar as características possíveis de interferência na vida das pessoas nativas e na paisagem do lugar.

Nesta pesquisa não foi utilizada o conceito de moradores, pois todos são moradores, tantos os locais, os nativos quanto os neorrurais. Portanto, partimos do conceito de nativos para aqueles que nasceram e/ou cresceram no povoado, bem como aqueles que são da própria região e que tiveram laços fortalecidos com o local. Também se optou em utilizar o termo “povoado” e não distrito, pois utilizando da questão da identificação e sentimento de pertencimento dos nativos, a maioria quase sempre se refere ao local como povoado e não como distrito, nem vila, nem vilarejo e afins. Dessa forma, foi respeitado a forma de falar do local.

Cabe ressaltar que não há pretensão alguma de esgotar sobre o assunto, nem de dar a esses temas um ponto final de discussão. Assim, é sugerido e encorajado que se dê continuidade aos estudos sobre as temáticas afins e a sequência de debates mais reflexivos e profundos que ainda poderão vir ao longo da jornada acadêmica.

### **Situando São Gonçalo do Rio das Pedras**

São Gonçalo do Rio das Pedras é um pequeno distrito pertencente ao município do Serro, com formação geológica acidentada, pré-cambriana, de quartzitos e de enormes rochedos (SILVA, 2014). O solo é arenoso e de cascalho, com campos rupestres e cerrado. A arquitetura é do período colonial, as ruas são de pedras e é rodeado de cursos d'água, como a nascente do Rio Jequitinhonha. As pessoas, são "boas de prosa", têm notórios saberes sobre as plantas medicinais e benzimento e alguns mais antigos aparentam ter um dialeto próprio. O povoado carrega consigo os tempos mais remotos dos garimpos e também dos tropeiros como os cavalos e burros soltos pelas ruelas que ainda servem, para alguns, como meio de transporte. Além disso, a comunidade mantém as tradicionais doceiras como atrativo turístico. Tudo isso rodeado de enormes serras que convidam à contemplação e ao acolhimento, Silva (2014) elucida sobre São Gonçalo:

É possível perceber que a paisagem de São Gonçalo do Rio das Pedras [...] é caracterizada por vários elementos como o uso das ruas, tipo de calçamento das ruas em pedras, técnicas de construção de casas com o adobe, a existência de trilhas que contam a história da região, a religiosidade marcante, o



conhecimento da comunidade em relação ao uso de plantas da região, ao cuidado com a biodiversidade para a sustentabilidade da comunidade etc. Integrada a esta cultura urbana está o usufruto de um espaço urbano privilegiado em termos de fruição da paisagem ao entorno. (SILVA, 2014, p. 12)

**Figura 1- Cavalos soltos nas ruelas**



Fonte: do autor, 2019

O povoado de São Gonçalo está a 300 Quilômetros da capital mineira Belo Horizonte, na região nordeste do estado de Minas Gerais, localizada no alto da Serra do Espinhaço e inserida na área de abrangência da Bacia do Rio Jequitinhonha.

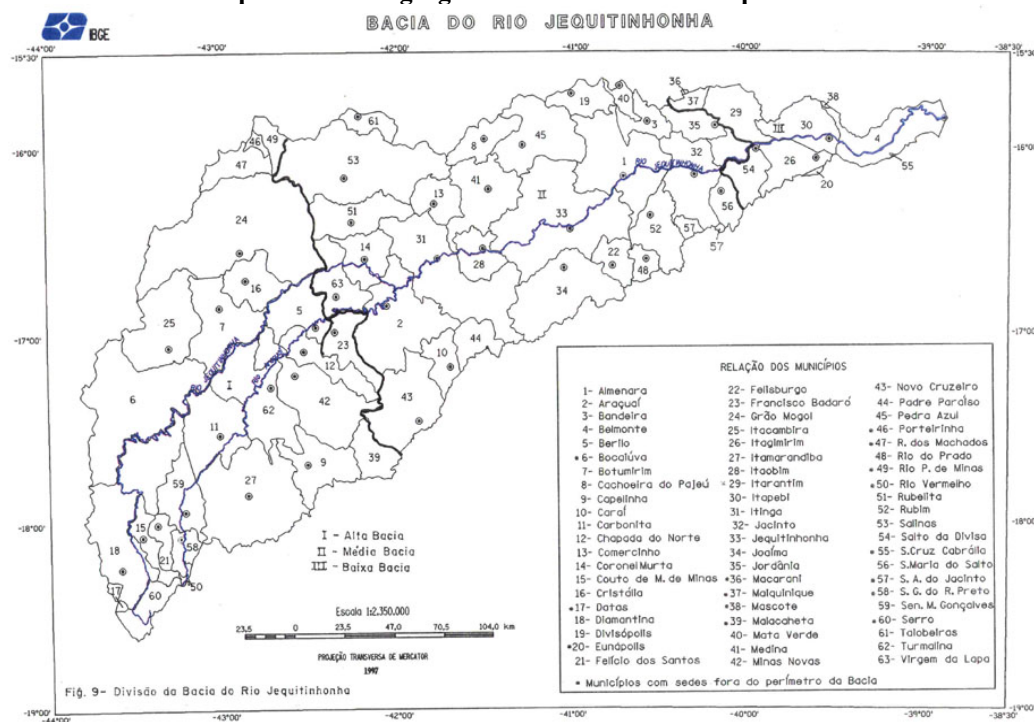
**Figura 2- Localização de São Gonçalo na Bacia do Jequitinhonha.**



Fonte: Bessa, 2011. Adaptado pelo autor.

O Rio Jequitinhonha percorre uma extensão de mais de 1.000 quilômetros, da nascente no Pico do Itambé situado nos arredores do vilarejo de Capivari, até o Oceano Atlântico na Bahia. A Bacia do Rio Jequitinhonha é dividida em três áreas. Sendo elas o Alto Jequitinhonha, onde situa-se São Gonçalo do Rio das Pedras e sua nascente; o Médio Jequitinhonha; e o Baixo Jequitinhonha, onde o rio desagua no mar, em Belmonte no estado baiano.

**Mapa 1 - Divisão geográfica da bacia do Rio Jequitinhonha.**



Fonte: IBGE, 1997. Disponível em:

<[https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos\\_levantamentos/jequitinhonha/ilustracoes.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos_levantamentos/jequitinhonha/ilustracoes.shtm)>. Acesso em: 22 de março de 2019.

Dessa forma, o Rio Jequitinhonha tem uma importância muito grande para as comunidades locais desde a época do garimpo, no qual muitos garimpeiros trabalhavam e inclusive “acampavam” na beira do rio, e pela constante circulação e passagem sobre a ponte do rio no caminho da Estrada Real que carrega muito valor histórico e simbólico para toda a população.

**Figura 3 - Ponte do Rio Jequitinhonha.**



Fonte: do autor, 2019

São Gonçalo está próximo de dois locais muito importantes na formação do Estado de Minas Gerais e que até hoje guardam algumas características históricas do período colonial, os municípios do Serro e de Diamantina. São Gonçalo está a 35 km de Diamantina, a 30 km de Serro e a 6 km de Milho Verde, distrito vizinho contemporâneo na ocupação realizada na época.



**Figura 4 - Localização geográfica entre os municípios de Diamantina e Serro e proximidade com o distrito de Milho Verde.**



Fonte: Google Maps, 2018. Adaptado pelo autor.

O povoado teve sua fundação no período colonial durante as atividades minerárias por volta do século XVIII. A questão do garimpo ficou muito marcada no vilarejo e na memória e hábitos das pessoas. Porém esse é um assunto que será tratado mais a frente, no próximo capítulo, junto a paisagem cultural de São Gonçalo.

Segundo o Censo 2010 do IBGE, o povoado de São Gonçalo contava com quase 1.500 habitantes no local, entre urbano e rural, sendo 80% da população parda. Isso é justificado pela forte presença dos portugueses que se instalaram na região e trouxeram consigo sua comitiva de africanos escravizados para trabalhar nas abundantes minas de ouro e diamantes da época. O mineralogista inglês, John Mawe, confirma o fato ao relatar sua passagem pelo povoado quando a população era de maioria negra:

Ao fim do dia alcancei uma eminência, da qual avistei um grupo romântico de casas, semelhantes a um labirinto ou a uma cidade negra da África. Descemos a colina, e nos aproximamos do lugar, já noite fechada. Conduziram-me à casa maior que as outras; soube que estava em São Gonçalo, a primeira exploração de diamantes que se encontra no Serro Frio. Encontra-se, há algum tempo, em declínio e emprega cerca de duzentos negros. No dia seguinte, antes de deixar este local romântico, consagrei algum tempo ao exame de montões de detritos

contíguos à exploração de diamantes. Tendo-me despedido do administrador, avancei por uma região montanhosa, estéril e fracamente habitada. (MAWE, 1944, p. 210 e 211)

Em São Gonçalo ainda se mantém firme o povo descendente de africanos escravizados e que detém o território quilombola Vila Nova reconhecido pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 2012. São diversas famílias que ocuparam uma região do povoado nomeada de Vila Nova e que desenvolvem atividades junto a Associação dos Moradores da Comunidade Quilombola Vila Nova. O local ocupado é uma das áreas mais férteis e produtivas do povoado e, talvez por isso, a circulação destes quilombolas no centro comercial do povoado são discretas.

De acordo com o Censo 2010 do IBGE, cerca de 80% da população acima de 10 anos é alfabetizada. É importante salientar a importância social que a escola tem no povoado quanto à reunião com os pais, ao acompanhamento extracurricular, à participação ativa nas atividades do povoado e à organização de eventos para a comunidade, entre tantas outras iniciativas.

No quesito organização comunitária o povoado dispõe de algumas instituições formais que trabalham para o desenvolvimento social, como a Associação Cultural e Comunitária de São Gonçalo – Sempre Viva, Associação Clube de Mães de São Gonçalo do Rio das Pedras, Sociedade Vicentina, Grupo de Jovens e a Associação Pró-Fundação Universitária Vale do Jequitinhonha (FUNIVALE).

Sobre as atividades agrícolas e não agrícolas, São Gonçalo tem parte de sua população envolvida e se sustentando com o garimpo e principalmente a agropecuária e suas variáveis, como o beneficiamento de produtos agrícolas (doces, geleias, licores e fubá de moinho d'água). Também o artesanato de capim dourado e a tecelagem formam uma outra parte das atividades. A chegada do asfalto entre Belo Horizonte e Milho Verde e a pavimentação de grande parte do trajeto de Diamantina à São Gonçalo aumentaram o fluxo turístico na região. Dessa forma, algumas famílias oferecem hospedagem domiciliar como complemento de renda, além das opções de pousadas. No ramo comercial, o distrito possui somente duas mercearias, uma padaria e uma pizzaria, embora seja o suficiente para atendimento da demanda da população local. Existem alguns bares que oferecem almoço. E, com a chegada de novos moradores no povoado, há um número crescente de casas de aluguel, o que também possibilita o aumento da renda da população local. Quanto à renda, segundo dados do Censo 2010 do IBGE, em torno de 50% da população recebe entre  $\frac{1}{2}$  salário a um salário mínimo e 35 % da população recebe menos de  $\frac{1}{2}$

salário, o que apresenta ser um povoado com pouco poder aquisitivo e baixo fluxo financeiro.

A respeito da cultura e tradições, o povoado preserva os festejos religiosos da época colonial, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, Dia do Padroeiro, a Malhação de Judas. Os folclores afro-brasileiros e sua cultura popular também foram resguardadas.

Quanto à questão ambiental, o povoado possui sua região cercada por áreas de preservação, como o Parque Estadual do Pico do Itambé e a Área de Proteção Ambiental das Águas Vertentes. E ainda está localizado dentro da área do Monumento Natural Várzea do Lajeado e da Serra do Raio.

Como meios de transporte uma pequena parte da população local ainda guarda a tradição do uso dos cavalos como meio de locomoção para as roças e de carregamento de material, como nos tempos dos tropeiros.

No entretenimento e convívio social São Gonçalo também tem suas festividades como, o Festival "De Tira em Tira", o Festival de Frango Caipira, o Festival de Férias e a Festa Junina (os dois últimos são promovidos pela escola em parceria com o povoado).

E, não menos importante, os moradores da localidade têm profundo conhecimento sobre medicina popular por meio das plantas medicinais e das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs). Portanto estas são comumente utilizadas para diversos tratamentos de doenças e também para a alimentação das famílias no dia a dia.

O povoado de São Gonçalo preservou as suas tradições, as práticas culturais e os saberes populares ao longo de centenas de anos, resguardou a sua paisagem natural e também conservou os elegantes casarões edificadas no período colonial.

**Figura 5 - Casarões históricos.**



Fonte: do autor, 2019

Todos esses atributos de São Gonçalo possibilitam uma profunda experiência de “viagem no tempo”, estando inserido em diversas rotas de turismo que encantam e motivam a chegada de diversos novos moradores ao povoado.

### **Reservas ambientais e rotas turísticas**

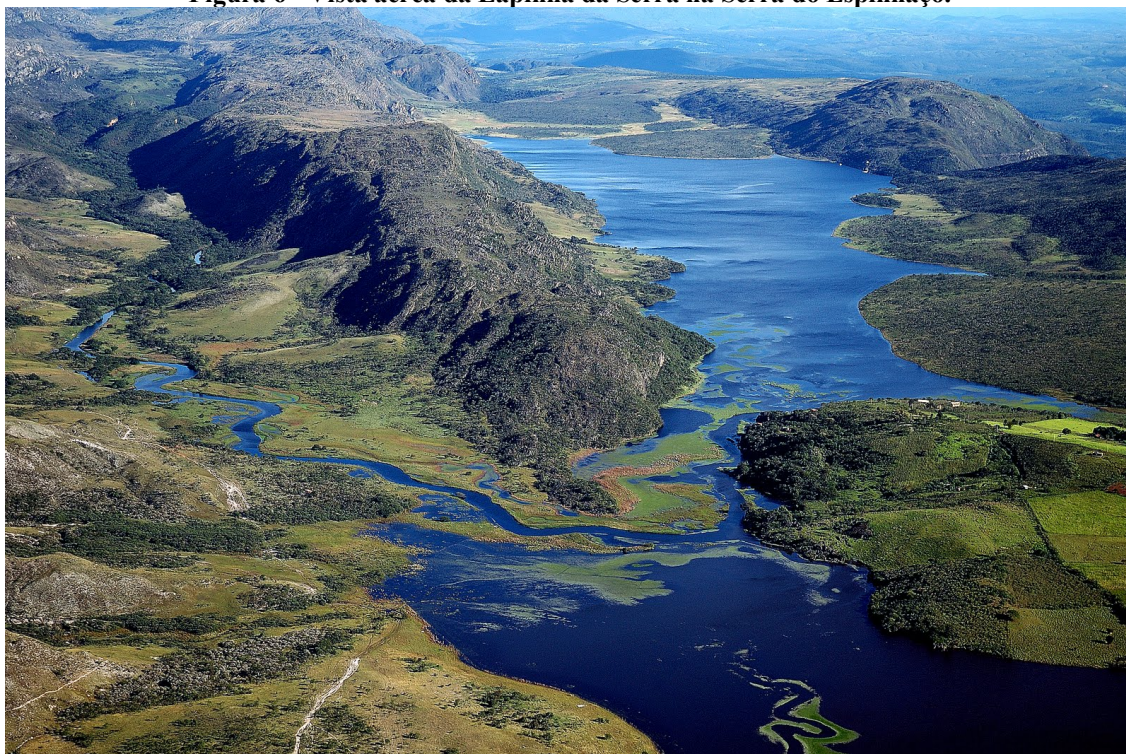
O território de São Gonçalo do Rio das Pedras pertence a uma série de rotas turísticas fomentadas por meio de programas e políticas intermunicipais, estaduais e federais, bem como possui patrimônio ambiental e cultural reconhecido internacionalmente.

São Gonçalo está dentro da Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço; do Circuito Turístico dos Diamantes; da rota turística da Estrada Real; e também conta com alguns parques de Unidades de Conservação (UCs) ao seu redor pertencente ao Mosaico de Áreas Protegidas. Ainda está na região da Trilha de Longo Curso da Serra do Espinhaço e também do recém-criado Caminho de Saint-Hilaire.

Dessa forma, será feita uma aproximação apresentando esses roteiros, programas e políticas para melhor elucidar o local e sua magnitude de importância com relação a sua biodiversidade, história e cultura. Mostrando assim, que tais chancelas e programas acabam por valorizar a região de forma abrangente devido às potências e, ao mesmo tempo, às fragilidades que pedem iniciativas e incentivos necessários para se resguardar e preservar essa localização geográfica tão singular.



**Figura 6 - Vista aérea da Lapinha da Serra na Serra do Espinhaço.**



Fonte – José Carlos Carvalho, 2010. Disponível em: <http://rbse-unesco.blogspot.com/2011/02/megadiversidade.html>.

A Serra do Espinhaço é uma das formações rochosas mais antigas do mundo que se deu em constante movimento a mais de bilhão de anos. Considerada como uma Cordilheira (ALMEIDA-ABREU, 1995) – a única brasileira – pela extensa sucessão de serras com suas particularidades e também pela singularidade no formato estreito, entre 50 e 100 quilômetros de extensão, e bem longo com mais de 1.200 km.

No tocante a denominação “Serra do Espinhaço” quem primeiro cunhou o nome da região foi o Wilhelm Ludwig Von Eschwege, mais conhecido como Barão de Eschwege. Eschwege chegou no Brasil em 1810 e após conhecer a região descreveu a Serra do Espinhaço como uma espinha quase reta, uma coluna vertebral, em seu livro “Quadro Geognóstico e a provável rocha matriz dos diamantes” traduzido em 2005 por Friedrich E. Rengel do original alemão de 1822:

A ela denominei Serra do Espinhaço (*Rückenknöchengebirge*), não só porque forma a cordilheira mais alta, mas, além disso, é notável, especialmente para o naturalista, pois forma um importante divisor não somente sob o ponto de vista geognóstico, mas também é de maior importância pelos aspectos da flora e fauna.” (ESCHWEGE apud RENGEL, 2005, p. 99)

A Serra do Espinhaço atravessa Minas Gerais partindo do Quadrilátero Ferrífero, na região centro-sul, seguindo ao norte até a Chapada Diamantina na Bahia, ancorando diversos municípios, distritos e vilarejos.

São Gonçalo do Rio das Pedras se localiza na parte norte do setor meridional da Serra do Espinhaço, embora esteja muito próximo ao limítrofe da categoria dos supergrupos da Serra do Espinhaço.

A cadeia da Serra do Espinhaço, em toda sua extensão, pode ser dividida em dois setores: Meridional (em Minas Gerais, de seu início na Serra do Cipó até em torno de 550km de extensão) e Setentrional (ao norte de Diamantina/MG até limite do Estado da Bahia com o Estado de Pernambuco e do Piauí), de características geológicas distintas. (GONTIJO, 2008, p.02)





Por conta de sua robusta extensão, a Serra do Espinhaço proporciona a transição dos biomas da Mata Atlântica, da Caatinga e do Cerrado. É nesse ambiente de enormes campos rupestres que florescem algumas das espécies de vegetação endêmicas e frágeis como as sempre-vivas, a canela-de-ema, e ainda abriga uma riquíssima diversidade de animais, de recursos minerais e as importantes bacias hidrográficas ao longo de seu trajeto.

Um fator primordial do Espinhaço se dá, além dos fatos supracitados, pela sua altitude. Ao receber um grande volume de chuvas a cordilheira tem a capacidade de armazenar e conduzir a água pelos vales para os terrenos mais baixos, formando assim uma série de nascentes, córregos e rios. Entre esses mananciais, destacam-se o Rio Doce, o Rio São Francisco e também a nascente do Rio Jequitinhonha.

A Serra do Espinhaço possui grande importância no tocante aos recursos hídricos no Brasil, abarcando parte de três grandes bacias hidrográficas de importância nacional que são as bacias do Rio Doce, do Jequitinhonha e do rio São Francisco. A Serra é também o divisor de águas entre as bacias do rio Doce e do rio São Francisco.” (PEREIRA, 2015, p. 20)

Pela beleza paisagística, a riqueza de recursos naturais e a diversidade da flora e fauna, a Serra do Espinhaço é uma das regiões mais ricas e diversas do mundo que precisa ser preservada e resguardada. Dessa forma, a Serra do Espinhaço foi declarada, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como patrimônio ambiental, paisagístico, cultural e histórico sendo reconhecida em 27 de junho de 2005 como Reserva da Biosfera brasileira (UNESCO, 2018).

A Serra do Espinhaço é a sétima reserva do tipo no Brasil. Ela foi escolhida pelo programa O Homem e a Biosfera/MAB, da UNESCO, devido à sua diversidade de recursos naturais existentes, que é considerada uma das mais ricas do mundo. Devido à sua importância biológica, geomorfológica e histórica serão adotadas medidas urgentes para a conservação de todo o complexo montanhoso (UNESCO, 2019)

As Reservas da Biosfera é o principal instrumento do “Programa Homem e Biosfera” (*MaB – Man and the Biospheres*) da UNESCO, programa criado em 1968 com o objetivo de promover cooperações internacionais para estudar as interações entre o homem e seu meio e compreender as repercussões das ações humanas sobre os ecossistemas mais representativos do planeta. (PEREIRA, 2015, p.19)

O Programa compõe uma rede mundial de áreas envolvidas com a pesquisa cooperativa, a conservação do patrimônio natural e cultural e a promoção do desenvolvimento sustentável. Portanto, as áreas participantes das reservas da biosfera intentam a conservação dos ecossistemas concomitantemente a solução dos problemas das populações locais. Para a UNESCO as reservas da biosfera têm como função fundamental os seguintes aspectos:

1 – Contribuir para a conservação da biodiversidade, incluindo os ecossistemas, espécies e variedades, bem como as paisagens onde se inserem;

2 – Fomentar o desenvolvimento econômico que seja sustentável do ponto de vista sociocultural e ecológico;

3 – Criar condições logísticas para a efetivação de projetos demonstrativos para a produção e difusão do conhecimento e para a educação ambiental, bem como para as pesquisas científicas e o monitoramento nos campos da conservação e do desenvolvimento sustentável.

**Figura 7 - Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço**



Fonte: Instituto Pristino, 2015

O Circuito Turístico dos Diamantes é uma política de regionalização e descentralização do turismo mineiro adotado pelo Governo Estadual de Minas Gerais nas bacias dos rios Jequitinhonha e São Francisco.

A elaboração do roteiro turístico teve início em 1977 em um convênio entre a Secretaria de Planejamento da Presidência da República, a Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral de Minas Gerais, com supervisão da Secretaria Executiva da Comissão Nacional de Regiões Metropolitanas, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Fundação João Pinheiro abrangendo o município de Diamantina como forma de prepará-la para o turismo (FARIA & TEIXEIRA, 2018, p. 213). Em 1980, a Fundação João Pinheiro seguia organizando toda a região para a atividade. Porém, foi em 1999, com a titulação de Diamantina como Patrimônio Cultural da Humanidade que o Circuito Turístico dos Diamantes se consolidou.

Os Circuitos Turísticos abrigam um conjunto de municípios de uma mesma região, com afinidades culturais, sociais e econômicas que se unem para organizar e desenvolver a atividade turística regional de forma sustentável, consolidando uma identidade regional. O trabalho destas entidades se dá por meio da integração contínua dos municípios, gestores públicos, iniciativa privada e sociedade civil, consolidando uma identidade regional e protagonizando o desenvolvimento por meio de alianças e parcerias. (Setur, 2003)

A política para o desenvolvimento do turismo regional foi formatada com a participação ativa da sociedade. Ao definir as prioridades de atuação, construíram uma rede de parceiros ao longo do circuito em um roteiro integrado para ativar a promoção das atividades de turismo regionalizada, de forma sustentável, e para fortalecer a identidade regional. O Circuito dos Diamantes integra 13 municípios e seus respectivos distritos que têm em comum a história com o ciclo do diamante, período em que se formaram os primeiros povoados, vilarejos, distritos e atualmente os municípios.



**Figura 8 - Circuito Turístico dos Diamantes**



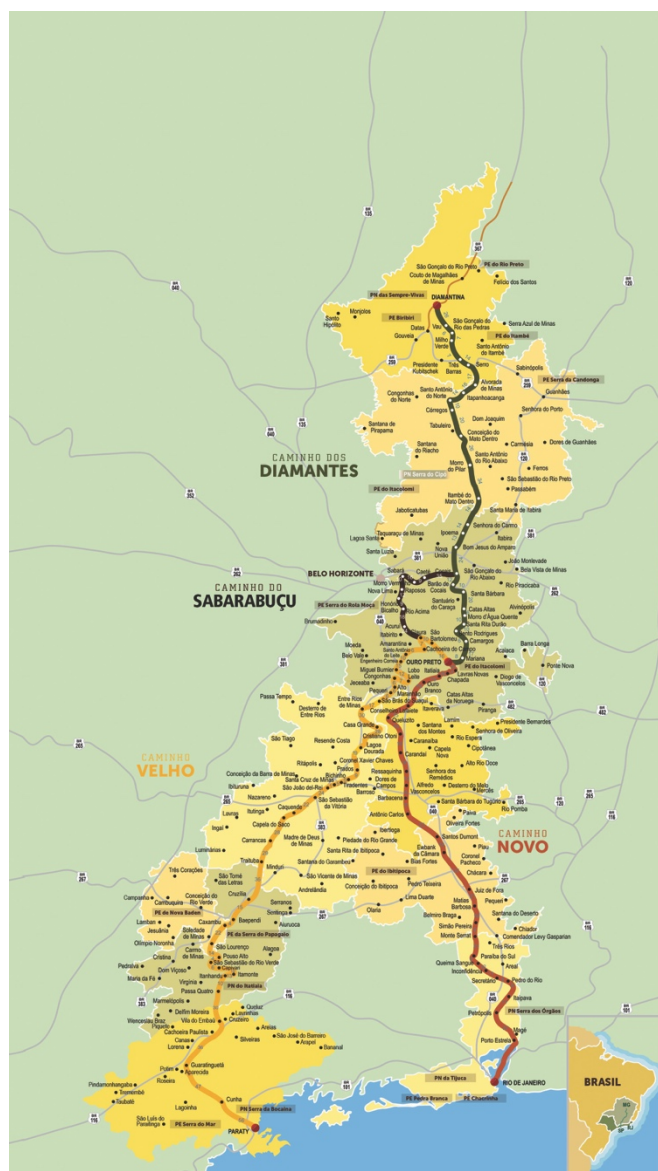
Fonte: <http://circuitodosdiamantes.com.br>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2019

O viajante do Circuito Turístico dos Diamantes pode explorar antigos caminhos como a Estrada Real, Trilha Verde da Maria Fumaça e a Travessia dos Parques e Vilarejos da Terra dos Diamantes. O Circuito também é contemplado por algumas Unidades de Conservação como: Parque Estadual do Itambé (em São Antônio do Itambé), Parque Estadual do Rio Preto (em São Gonçalo do Rio Preto), Parque Estadual do Biribiri (em Diamantina) e o Parque Nacional das Sempre Vivas (também em Diamantina).

A Estrada Real é outro atrativo turístico da região em que São Gonçalo se encontra. O roteiro turístico foi criado em 1999 e é gerido pelo Instituto Estrada Real (IER) com uma equipe multidisciplinar, e ligada a Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG).

A Estrada Real é a maior rota turística do Brasil. São mais de 1.630 quilômetros de extensão, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. [...] A sua história surge em meados do século 17, quando a coroa portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. (INSTITUTO ESTRADA REAL, 2019)

**Figura 9 - Caminhos da Estrada Real**



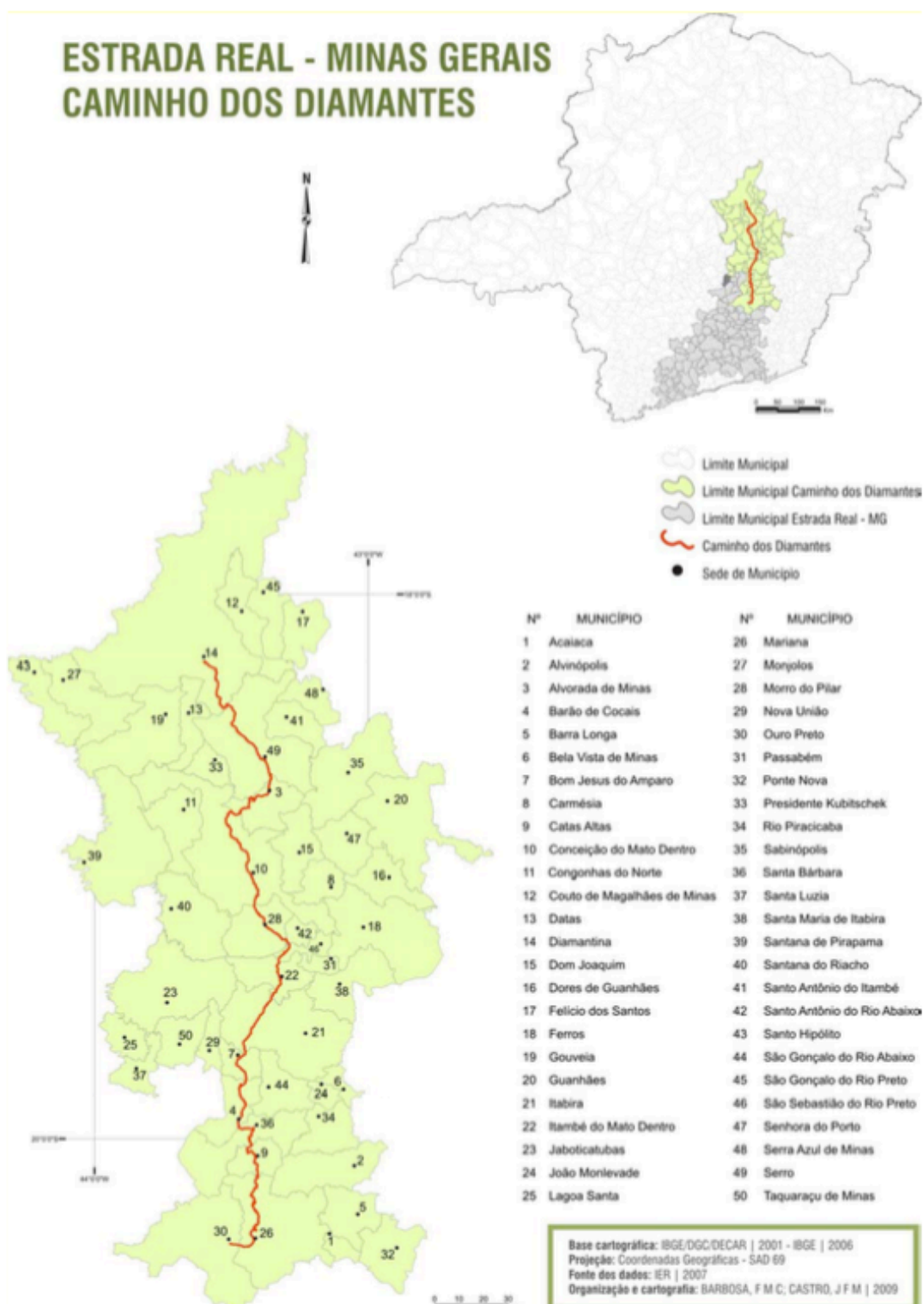
Fonte: Instituto Estrada Real.

A rota turística Estrada Real, com mais de 1.700 quilômetros, é dividida em quatro caminhos para serem percorridos pelos viajantes sendo: **Caminho Velho**, **Caminho Novo**, **Caminho de Sabarabuçu** e o **Caminho dos Diamantes**.

O Caminho dos Diamantes, do qual São Gonçalo do Rio das Pedras faz parte, contempla 50 municípios ao longo dos 395 quilômetros de extensão, iniciando em Ouro Preto e finalizando em Diamantina, sendo a maior parte do trajeto em estrada de terra.



Mapa 3 - Localização dos municípios no Caminho dos Diamantes



Fonte: Barbosa, 2009, p. 75

O percurso conta com belas paisagens ao longo da Serra do Espinhaço, em que se pode vislumbrar a arquitetura colonial e o criativo artesanato local, além de se apreciar a culinária da região e as manifestações tradicionais de fé e religiosidade.

A elaboração do programa turístico oficial da Estrada Real, realizada na década de 1990, foi inspirada na peregrinação do Caminho de Santiago de Compostela, situado na Europa. Em 2003, o programa foi lançado e segue se fortalecendo cada vez mais como um dos principais e mais importantes roteiros turístico de Minas Gerais (BARBOSA, 2009, p.71). Para fomentar a rota turística foram instalados totens da Estrada Real e também placas indicativas dos destinos próximos, ao longo de todos os seus caminhos.

**Figura 10 - Totem (a esquerda) e placa indicativa (a direita) da Estrada Real em São Gonçalo**

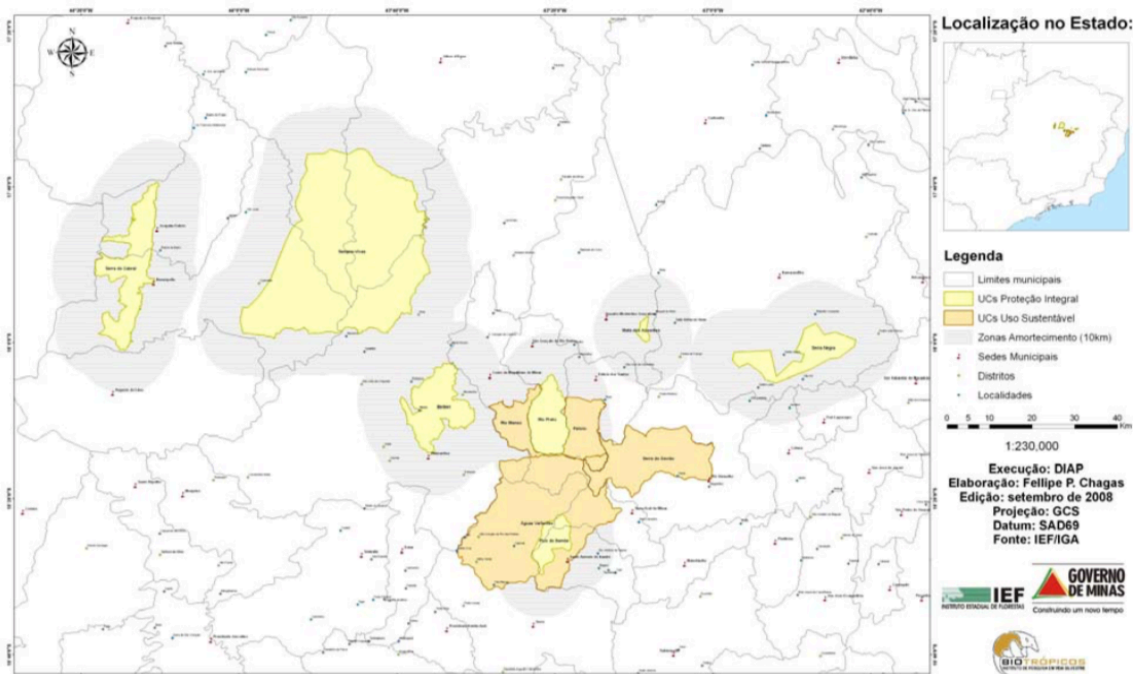


Fonte: do autor, 2019

São Gonçalo do Rio das Peras está inserida na região que abrange algumas Unidades de Conservação (UCs). Devido à importância dessas UCs, foi criado, no começo de 2008, o Mosaico de Unidades de Conservação do Espinhaço: Alto Jequitinhonha – Serra do Cabral. O Mosaico é uma ferramenta de gestão integrada ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), coordenado pelos Instituto Biotrópicos em parceria com o Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IEF) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

O Mosaico do Espinhaço foi criado inicialmente com nove Unidades de Conservação, em uma área total de 910 mil hectares. Porém, em 2017, foi somado mais 10 unidades ao Mosaico Alto Jequitinhonha – Serra do Cabral, totalizando assim 19 unidades de conservação em quase dois milhões de hectares ao longo de 25 municípios. Entre as UCs de proteção integral mais significativas estão o Parque Nacional das Sempre Vivas, e os Parques Estaduais: Serra do Cabral, Biribiri, Rio Preto e Pico do Itambé.

**Mapa 4 - Abrangência do Mosaico Alto Jequitinhonha – Serra do Cabral, localização das UCs de proteção integral, zonas de amortecimento, e as UCs de uso sustentável.**



Fonte: Instituto Biotrópicos, 2009, p. 05.

Ainda dentro do mosaico está a Área de Proteção Ambiental (APA) das Águas Vertentes, UC de uso sustentável. O nome Águas Vertentes se deu por ser um vertedouro

natural dos rios Jequitinhonha e Doce. Na região se encontra nascentes de importantes afluentes, como dos rios: Araçuaí, Guanhães, Capivari, do Peixe, entre outros.

Ainda dentro dos aspectos de imponência das questões hídricas, da flora e fauna da região, São Gonçalo também está no entorno da UC Monumento Natural Estadual Várzea do Lajeado e Serra do Raio. Importante área que celebrou a titulação pela sua qualidade paisagística e que ainda conserva raras pinturas rupestres, aos pés do Pico do Raio, enriquecendo a história e cultura local. O Monumento Natural tem sua relevância por conta das nascentes de importantes córregos e rios como o Córrego do Lajeado, o Córrego do Feijão, o Rio Capivari e o Rio das Pedras que atravessa todo o território de São Gonçalo do Rio das Pedras.

E ainda, dentro da territorialidade que São Gonçalo se encontra, está a Trilha de Longo Curso (TLC) que perpassa nos seus arredores, a Transespinhaço. A Transespinhaço está dentro da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade (RedeTrilhas), criada no começo do ano de 2018, que por sua vez foi uma iniciativa do ICMBio integrada ao Programa Nacional de Conectividade de Paisagens (Conecta) do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

A RedeTrilhas teve seu início já contando com alguns trajetos, como:

- 1- **Corredor Litorâneo** – do Oiapoque (AP) ao Chuí (RS);
- 2- **Trilha Missão Cruls / Caminho dos Goyases** – ligando Goiás Velho até o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), passando pelo Distrito Federal (incluindo o Caminho de Cora Coralina, Trilha União e a Travessia das Sete Quedas);
- 3- **Estrada Real / Caminhos Coloniais** – rotas utilizadas desde o período colonial e imperial entre o litoral do Rio de Janeiro e Goiás Velho (GO);
- 4- **Caminho Peabiru** – caminho histórico dos índios Guarani que ligava o Atlântico aos Andes, saindo do Parque Nacional do Iguaçu (PR) ao litoral paranaense;

**Figura 11 - Trilhas de Longo Curso do Brasil**



Fonte: <<http://mma.gov.br/informma/item/15168-governo-federal-lança-rede-de-trilhas-de-longo-percurso.html>>. Acesso em: 12 de março de 2019.

A Transespinhaço objetiva realizar uma longa trilha por todo o trajeto na cumeeira da Serra do Espinhaço, saindo da ponta sul em Ouro Branco (MG), seguindo até chegar na ponta norte do Espinhaço em Xique-Xique (BA).



**Figura 12 - Trajeto da Transespinhaço a partir da porção sul (encontrando com a ER) até a porção norte (na Bahia)**



Fonte: elaboração do autor, 2019

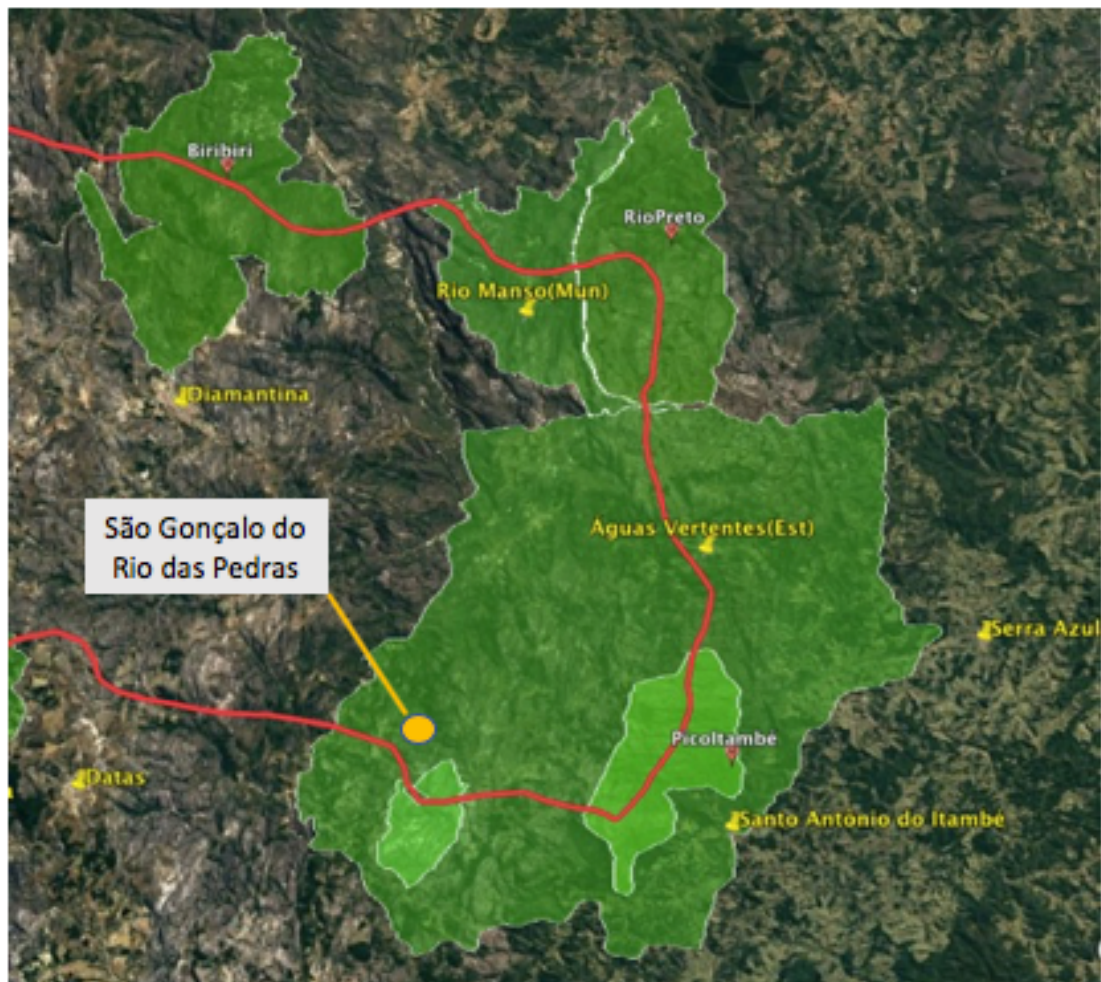
Para o primeiro momento de implementação, a Transespinhaço conta com trajeto de mais de 700 quilômetros, cruzando dezenas de UCs e atravessando mais de 30 municípios em Minas Gerais, no qual estão realizando a sinalização do trajeto. No entanto, outras UCs devem ser somadas ao trajeto à medida que tenham interesse e se disponibilizem a participar da formatação do projeto. De toda forma, são diversos percursos que podem ser escolhidos pelos viajantes.

Figura 13 – Sinalização da Transespinhaço



Fonte: do autor, 2019

Figura 14 - Parte da Transespinhaço e as UCs na regional de São Gonçalo do Rio das Pedras



Fonte: elaboração do autor, 2019



E, recentemente, está sendo implementado mais um roteiro turístico entre Serro e Diamantina, o “Caminho de Saint-Hilaire”. O botânico, naturalista e viajante francês Auguste François César Prouvansal de Saint-Hilaire explorou grande parte do território brasileiro, no início do século XIX. Os longos trajetos que o francês percorreu na época eram feitos com burros ou cavalos e a abertura dos caminhos de matas virgens eram feitas através do uso do facão utilizado pelos auxiliares, majoritariamente, africanos escravizados.

Saint-Hilaire percorreu vários roteiros por todo o estado de Minas Gerais e a região garimpeira foi uma das áreas exploradas por ele. A rota feita por Saint-Hilaire saiu de Ouro Preto em direção ao Serro passando por Conceição do Mato Dentro, depois avançou para Almenara, região norte do estado, e retornou para Bocaiúva. Após este trajeto, o botânico foi de Bocaiúva para Januária e regressou à Diamantina. Depois realizou o caminho do Distrito dos Diamantes entre Diamantina e Serro, e por fim seguiu para o Rio de Janeiro dando sequência a sua viagem.

**Figura 15 - Roteiros percorridos por Saint-Hilaire entre 1816 e 1822**





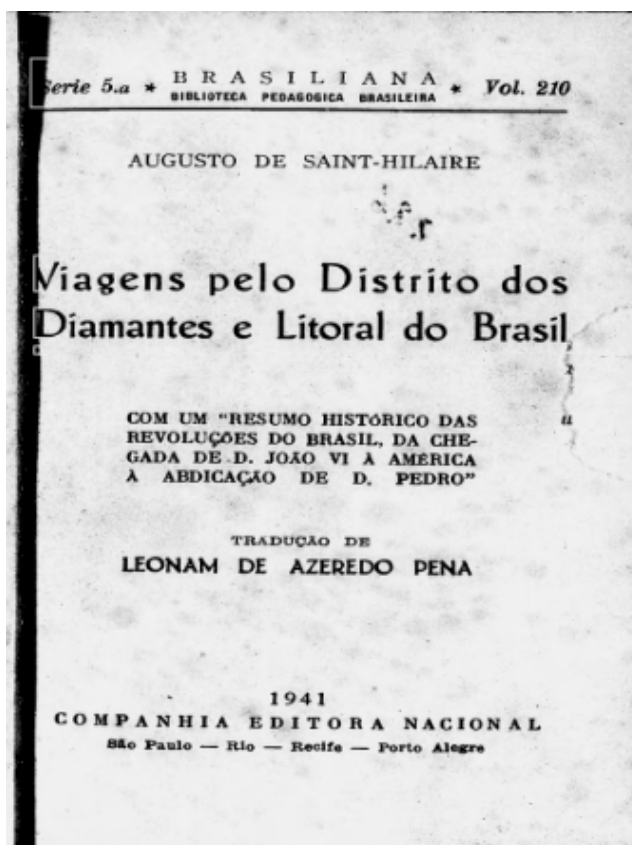
Fonte: <<http://patrimoniocultural.blog.br/2016/10/24/saint-hilaire-os-200-anos-da-chegada-ao-pais-do-mais-brasileiro-dos-naturalistas-europeus/>>. Acesso em: 29 de abril de 2019.

Em comemoração aos 200 anos da viagem exploratória de Saint-Hilaire pelo Distrito dos Diamantes foi realizado um evento, em meados de 2018, no município de Diamantina para a assinatura do Protocolo de Intenção de Irmandade das prefeituras do o município de Serro e Diamantina. No final de 2018, também foi anexado ao protocolo de irmanação o município de Conceição do Mato Dentro. Dessa vez a assinatura foi realizada no Serro, juntamente com os representantes das cidades de Conceição do Mato Dentro, Serro e Diamantina.

A assinatura do protocolo de cooperação é uma estratégia de auxílio mútuo, uma espécie de estrutura micropolítica regional entre órgãos públicos e administrativos para o fomento do turismo, valorização da cultura, da preservação da história e da cultura, restauração dos patrimônios e outras frentes de atuação necessárias para a região. Dessa forma, foi realizada o lançamento do projeto “Caminho de Saint-Hilaire”. O trajeto foi desenvolvido pelo turismólogo Luciano Amador dos Santos Júnior, com o apoio da UFVJM, e tem como intuito “criar um corredor turístico, cultural, histórico, gastronômico, ambiental, medicinal-holístico” (AMADOR JÚNIOR, 2018), entre outros atributos da região que Saint-Hilaire percorreu e descreveu minuciosamente em seus alfarrábios.

Em suas anotações, Saint-Hilaire descreveu esse roteiro de forma simultaneamente poética e científica e com um estilo literário carregado de riqueza em seus detalhes, assim como de exaltações aos aspectos admiráveis da região. O viajante fez registros e detalhamentos sobre diversas plantas ainda não catalogadas pela ciência da época. Além disso, abordou, em seus escritos, as práticas culturais, a religiosidade, a topografia, entre vários outros aspectos da região, observados com muita sensibilidade. As anotações feitas nos diários de campo durante a travessia na região foram publicadas originalmente no livro “Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil” no ano de 1833 em Paris. Em 1941, o texto foi traduzido para a língua portuguesa por Leonam de Azeredo Pena. O original da tradução é encontrado na Biblioteca Nacional do Brasil que fica situada na capital do estado do Rio de Janeiro.

Figura 16 - Capa da tradução dos relatos de Saint-Hilaire sobre a região do Serro e Diamantina



Fonte:

<[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or311664/or311664.html#page/1/mode/1up](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or311664/or311664.html#page/1/mode/1up)>

Sendo assim, é categórico dizer que Minas Gerais e a Serra do Espinhaço abarcam uma ampla diversidade de paisagens naturais e uma variedade de singularidades de práticas e hábitos culturais nas microrregiões do seu território, como é o caso de São Gonçalo do Rio das Pedras. Todas essas chancelas, programas, reservas ambientais, roteiros turísticos, bem como as histórias, as memórias, a cultura e seus patrimônios arquitetônicos valorizam a região de forma singular. Esses aspectos também vangloriam a leitura e compreensão da importância e da imponência ambiental, cultural, social e também simbólica desse povoado.

Assim, o vilarejo gera um forte interesse turístico, fazendo com que diversas pessoas desejem conhecer e passear pela região. Outras pessoas se sentem motivadas a realizarem investimentos na região como a aquisição de terrenos e/ou de imóveis para casas de veraneio. Há ainda aqueles que se mudam e permanecem na localidade, com residência fixa e estação de trabalho. Além daquelas pessoas que passam um tempo mais curto no local, em busca de novas experiências em espaços rurais. De fato, muitas pessoas

chegam a São Gonçalo em busca de vivenciar o lugar e trocar conhecimentos com os habitantes que fazem o povoado ser o que é.

Uma gama muito diversa de novas práticas e atividades colocam o povoado de São Gonçalo em outras rotas tanto do turismo rural e de experiência, quanto de práticas místicas/esotéricas, de propostas de revalorização dos saberes tradicionais deste espaço rural, e também dos espaços coletivos com foco nas práticas sustentáveis e na restauração ecológica.

## **OBJETIVOS, METODOLOGIA E APORTES TEÓRICOS**

### **1.1 Objetivos**

- Objetivo geral: Identificar os impactos dos neorrurais no povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras (município do Serro, MG), com ênfase nos efeitos de ressignificação da paisagem cultural e alteração do modo de vida do local gerados por eles.
- Objetivos específicos:
  - ✓ Determinar os perfis, trajetórias e as práticas socioeconômicas dos neorrurais no povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras, enfatizando aspectos relacionados com as origens, educação, atuação profissional, aspirações e projetos de vida.
  - ✓ Caracterizar os padrões espaciais, as estruturas materiais e as práticas de desenvolvimento sustentável que os neorrurais promovem nas ecocomunidades presentes no povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras.
  - ✓ Identificar as transformações na paisagem (tanto na área rural como na sede distrital) que os neorrurais promovem com a ocupação de espaços no distrito.
  - ✓ Refletir sobre as interações dos neorrurais com os moradores nativos de São Gonçalo do Rio das Pedras, de modo a mensurar as alterações daí resultantes na cultura e nas formas de vida no Espinheiro.

### **1.2 Metodologia**

Baseado na abordagem antropológica e da Geografia Humanista, a pesquisa de natureza qualitativa foi desenvolvida por meio da combinação de procedimentos, a saber: observação participante, conversas informais, arrolamento e análise documental, levantamento de dados oficiais (estatísticas e informações municipais e do IBGE), elaboração de mapas e croquis.

O período da observação participante se deu entre os meses de julho de 2018 a maio de 2019. O longo período de observação possibilitou uma intensa vivência, além de um rico levantamento de informações históricas com a possibilidade de entrecruzar com

os dados atuais, para, assim, se efetivar a descrição analítica e crítica para a elaboração da pesquisa.

A observação participante foi elemento central porque possibilitou a observação *in loco* dos neorrurais, das atividades destes atores em seus cotidianos, atento às subjetividades das interações e das vivências do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, tanto dos neorrurais quanto os nativos. A utilização desta técnica permite ao pesquisador presenciar os elementos cotidianos para, então, compreender de forma holística o funcionamento dos grupos pesquisados em sua totalidade (WHITAKER, 2002) e como Fernandes & Moreira (2013) afirmam:

Atualmente, pensa-se ser possível afirmar de forma sintética que a observação participante se caracteriza pela promoção de interatividade entre o pesquisador, os sujeitos observados e o contexto no qual eles vivem. A pesquisa dita qualitativa – e dentre todas as suas técnicas, em particular, a observação participante – obriga o pesquisador a lidar com o “outro”, num verdadeiro exercício constante de respeito à alteridade. Pressupõe convívio e intercâmbio de experiências primordialmente através dos sentidos humanos: olhar, falar, sentir, vivenciar, experimentar.  
(FERNANDES & MOREIRA, 2013, p. 518)

Durante a observação participante, foram elaborados desenhos, croquis e figuras que ajudaram na descrição dos perfis dos neorrurais, trajetórias, motivações e aspirações, além de seus deslocamentos diários, bem como das alterações paisagísticas. Também foram observadas as redes de interações sociais dos neorrurais com os nativos da comunidade local, de modo que se construiu infográfico representando essas relações.

A escolha por esse método se deu pelo fato de o próprio pesquisador residir no povoado estudado e estar envolvido com diversas atividades da comunidade local, o que auxiliou na coleta de informações e relatos dos informantes. Além disso, essa escolha propiciou uma interpretação mais ampla sobre as dinâmicas sociais e culturais da localidade. Assim, o processo de observação foi realizado mediante os tópicos de interesse dessa investigação, isto é, os efeitos da presença dos neorrurais e suas práticas, levando sempre em conta a possibilidade de alteração na paisagem natural, nos hábitos e costumes dos habitantes locais.

Assim como Minayo (2000) compreende o processo da observação participante e descrição analítica:

[...] um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles,

no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (MINAYO, 2000, p. 135)

Dessa forma, para atingir os objetivos dessa pesquisa a definição clara de um roteiro de campo se fez importante, bem como, para a coleta de dados e informações, um bloco de anotação foi essencial para as notas do diário de campo, além de auxiliar nas memórias cronológicas das visitas, observações e conversas informais.

Sobre as ecocomunidades em que parte dos neorrurais estão instalados, foram selecionadas duas: o Instituto EcoVida São Miguel e a Terra da Unidade, ambas situadas dentro do território do distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras. Esses núcleos estão em formação e já contam com alguns moradores. Portanto, também foram elaborados mapas e croquis, utilizando-se também fotografias para apresentar as estruturas físicas e materiais dessas ecocomunidades.

As imagens fotográficas, desenhos e croquis foram ferramentas muito importantes durante os registros em campo, voltados para a descrição do entorno da comunidade, das paisagens, das pessoas e suas moradias, das tradições e festejos que o lugar carrega, das práticas culturais cotidianas.

Dessa forma, foi contratado uma fotógrafa especializada em fotografias aéreas com a utilização do *drone* como recurso fotográfico. A utilização deste recurso auxiliou nas captações de imagens aéreas, principalmente das ecocomunidades para compreender os padrões e as estruturas físicas e materiais presentes nelas, bem como de alguns pontos de referência do povoado de São Gonçalo. A utilização das fotografias aéreas não teve tanto êxito, em termos de quantidade e volume, por conta dos fatores meteorológicos que poderiam sacrificar o tempo de campo e também a qualidade das imagens. O profissional responsável não reside na localidade e, portanto, a imersão foi de forma breve por conta de agenda dos compromissos. Outro fator dos desafios das fotografias aéreas se deu por conta de problemas técnicos como durabilidade da bateria em voo. Desse modo, foram utilizadas, além da bateria original, duas baterias reservas, mas que não foram suficientes para fotografar todo o conteúdo proposto. De toda forma, algumas imagens que foram registradas se mostraram como forte recurso ilustrativo para o trabalho.

Ainda na questão da utilização das fotografias, houve uma conquista de muitas imagens antigas do povoado (em torno de 80 fotos a partir da década de 1930) para tentar realizar uma comparação com as imagens mais recentes. As fotos recentes também foram objeto de desafio para o autor deste trabalho. Como o objetivo de utilizar imagens antigas

era confrontar as imagens recentes e avaliar os efeitos da presença dos neorrurais no povoado de São Gonçalo, foi necessário compreender o ângulo, enquadramento, estética e local onde as imagens antigas foram registradas para realizar o comparativo da forma mais fidedigna possível. Dessa forma, houve uma pesquisa investigativa com vários moradores locais nativos e muitas horas de caminhadas até as localizações e angulações do campo de visão registrados anteriormente. Como o povoado passou por um crescimento e expansão imobiliária muito grande nos últimos 30 anos, muitos dos locais não foram mais possíveis ser acessados. Além disso, parte da mata nativa local se desenvolveu significativamente, impossibilitando o registro fotográfico. Ainda assim, foi possível confrontar o crescimento local com o cruzamento das imagens antigas com as recentes. As imagens recentes passaram por tratamento específico para manter a mesma estética das fotografias de outrora, que eram em Preto e Branco. Assim sendo, os novos registros de imagens também são em Preto e Branco. As imagens poderão ser utilizadas como acervo histórico e antropológico, para ilustração da apresentação dos grupos do território e das pessoas participantes, e ainda para análise da paisagem do distrito em um momento futuro.

As conversas informais também foram um recurso muito utilizado para a coleta de dados. De acordo com Gil (1999), a conversa informal se distingue da simples conversação pois tem um objetivo: a coleta de dados. Nessa informalidade, pode-se obter uma visão mais ampla do objeto pesquisado e conseguir diversas identificações da subjetividade do informante e suas relações. Embora essa abordagem apresente alguns desafios como uma leitura sagaz do pesquisador da expressão corporal e de todas nuances da livre fala do informante, – podendo gerar um grande volume de informações para análise, – essa foi a abordagem, que funcionou neste trabalho. Em certo momento, houve a tentativa de aplicação de entrevista semiestruturada com gravador de voz, mas muitos entrevistados não se sentiram à vontade, principalmente os moradores locais nativos. Depois dessa experiência, o autor realizou uma segunda tentativa por meio de aplicação de um questionário estruturado tipo *survey*, mas este também gerou uma ineficiência das respostas, pois um questionário fechado e limitado não conseguiu abarcar a parte mais subjetiva dos pensamentos das pessoas e quando terminado as pessoas, enfim, se sentiam a vontade para se expressar mais observações. Portanto, a alternativa para coletar dados de opinião foi por meio de conversas informais, nas quais o autor fazia uma pergunta de forma genérica a respeito do tema pesquisado e o informante falava livremente o que pensava e o que sentia. As conversas informais foram realizadas nos mais diversos locais

e horários, em casa, na rua, em passeios, nos bares e restaurantes, em visitas e inclusive por meio de conversas telefônicas e por aplicativos de mensagens.

O recurso dos infográficos se prestou ao exame das redes de interações sociais dos neorrurais entre si e com os nativos, bem como para identificar seus deslocamentos/vivências espaciais no âmbito dos territórios do povoado. Com base na imersão, da observação e conversas informais, foi possível gerar infográficos generalizáveis, pois os neorrurais se comportam, nesses pontos, de forma padronizada.

A utilização dos desenhos/croquis em forma de mapa mental elaborados pelos neorrurais com suas percepções do território também foi outro ponto desafiador. Muitos neorrurais não puderam e inclusive se indispuseram realizar tal tarefa por conta do tempo de atividade que cada qual teria disponível para atender à solicitação. No entanto, alguns neorrurais se dispuseram plenamente, fazendo com que fosse possível cruzar esse material com a observação *in loco* e compreender alguns deslocamentos internos e externos dos neorrurais como um todo, bem como das redes de interações.

Imagens de satélites também foram utilizadas, sendo setorizadas por áreas para a identificação tanto do crescimento urbano e da expansão imobiliária, – levando em conta a sede distrital, áreas de pousadas, território quilombola, – quanto para situar as áreas nas quais os neorrurais estão instalados assim como dos territórios dos núcleos de assentamentos sustentáveis coletivos.

A pesquisa documental, por sua vez, foi feita com o arrolamento, a leitura e a análise de documentos (memórias, poesias, coreografias, anotações, etc), trabalhos audiovisuais sobre a localidade e relatos sobre São Gonçalo do Rio das Pedras, recolhendo-se informações sobre a história local. Também foi objeto de análise a documentação produzida pelos núcleos de assentamento sustentável coletivos (documento de apresentação, estatutos, circulares, cartilhas, etc), com a finalidade de entender seus propósitos, estratégias e práticas, especialmente no que se referiu à gestão dos espaços e das suas dinâmicas econômicas e sociais. No IBGE, foi compulsado dados referentes a população, migração, atividades econômicas e renda. Também foi consultado na Prefeitura do Serro os equipamentos sociais disponíveis sobre o distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras.

Quanto a revisão bibliográfica, foram visitadas dezenas de repositórios institucionais e acadêmicos onde foram realizadas leituras de monografias, dissertações, teses, artigos acadêmicos, além de dezenas de livros publicados. Totalizando assim, facilmente, mais de 100 volumes de pesquisa entre arquivos impressos e físicos e também



em *sites* digitais. Como a pesquisa teve abordagem participante com olhar etnográfico, o referencial teórico foi aprofundado e especificado ao longo do trabalho de campo e da elaboração da dissertação. O suporte teórico utilizado abarca desde os autores clássicos até os mais contemporâneos, contemplando estudiosos brasileiros, ibero-americanos e europeus que pautaram e embasaram a geografia, a história, a sociologia, a antropologia e a filosofia.

## 1.1 Aportes teóricos

### 1.1.1 *O espaço rural*

É preciso pensar o rural como parte de um território alargado, globalizado e urbanizado, e também como parte de um processo histórico de movimentos de população, e não como uma categoria absoluta e oposta ao urbano. Dito de outra forma, o rural é uma metáfora, o que nos leva a aprofundar nos seus significados e a questionar as mudanças socioculturais.  
(CRISTOVÃO & PERREIRO, 2012, p. 2-3)

Na sociologia e na geografia rural, sempre existiu um esforço teórico na busca de definições e distinção entre o urbano e o rural, sendo o rural caracterizado em oposição a cidade urbanizada e industrializada, como Renato do Carmo elucida “o significado sociológico do espaço rural foi em certa medida construído como a antítese da concepção do meio urbano” (CARMO, 2009, p. 274). Porém, estando essas referências em estado de obsolência perante os tempos mais modernos, atualmente “podemos considerar que o espaço rural se caracteriza essencialmente pela noção de contiguidade (entre local de residência e local de trabalho, entre proximidade física e proximidade afetiva), que advém, sobretudo, do baixo nível de densidade populacional” (CARMO, 2009, p.259). Ainda assim, o debate acerca das características do espaço rural segue em profundas discussões e, de toda forma, a relação com a terra e com os elementos naturais é a de maior relevância dentro desse estudo:

O espaço rural corresponde a um meio específico, de características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial, o que tem resultado muitas vezes na criação e na recriação de formas sociais de forte inscrição local, ou seja, de territorialidade intensa”.  
(MARQUES, 2002, p. 109)

Tendo isso em vista, o espaço rural não significa somente uma localização referida ao campo, mas sim, à toda forma de organização social, digamos, com modos de vida,

atividades e práticas culturais bem específicas. Dessa forma, Wanderley (2000) compreende o rural como:

Um modo particular de utilização do espaço e de vida social. (...) entendido ao mesmo tempo, como espaço físico (referência à ocupação do território e aos seus símbolos), lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade) (WANDERLEY, 2000, p.01)

Nessa discussão sobre ruralidades, a característica principal se relaciona à vida rural, às condições dos materiais em acesso e à questão moral dessa (re)existência das populações rurais. Dessa forma, a ruralidade não é uma realidade "empiricamente observável", mas uma "representação social", definida culturalmente pelos seus atores sociais (CARNEIRO, 1997, p.162).

Alguns aspectos medulares confluem na literatura internacional sobre esse tema, tendo como características principais a relação com a natureza, a relativa dispersão populacional e a relação com as cidades:

Ruralidade é um conceito de natureza territorial e não setorial e o mesmo se aplica à noção de urbano. As cidades não são definidas pela indústria nem o campo pela agricultura(...) ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há evidências de que os domicílios rurais (agrícolas ou não agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. Além disso, conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. (ABRAMOVAY, 2000, p.07)

Como apresentado, os espaços rurais já não podem mais ser reduzidos a um lugar unicamente de produção e economia agrícola e nem como a antítese ou o contraponto dos espaços urbanos. Dessa forma, os espaços rurais passam por profundos processos de desenvolvimento ao surgirem novidades que revelam mudanças expressivas e paradigmáticas do espaço rural. Portanto, se faz necessário refletir os espaços rurais com uma ótica mais ampliada e com uma análise mais profunda sobre as configurações que esses espaços perpassam ao longo do tempo. São constantemente criadas diferentes dinâmicas do tradicional rural com outros moradores, turistas e/ou simpatizantes do universo das ruralidades, sendo necessário a discussão de uma reformulação conceitual dos espaços rurais. A medida que os novos atores, as novas práticas, as novas

possibilidades e necessidades se fizerem presentes nos espaços rurais estes se transmutarão apresentando novas soluções.

Os espaços rurais que até então eram “considerados como um lugar da sociedade camponesa e um território marcado pela atividade agrícola” (DOMINGUES, 2012, p. 41), passaram e passam por momentos de alterações quanto ao que se tem de compreensão do espaço estritamente de produção agrícola para uma diversificação de atividades dos moradores desses locais. Dessa maneira, eles podem vislumbrar mais possibilidades de trabalho, de renda e de lazer para si e também criam condições de prover o turismo e lazer para os visitantes, como afirma Covas (2007) em referência a Portugal:

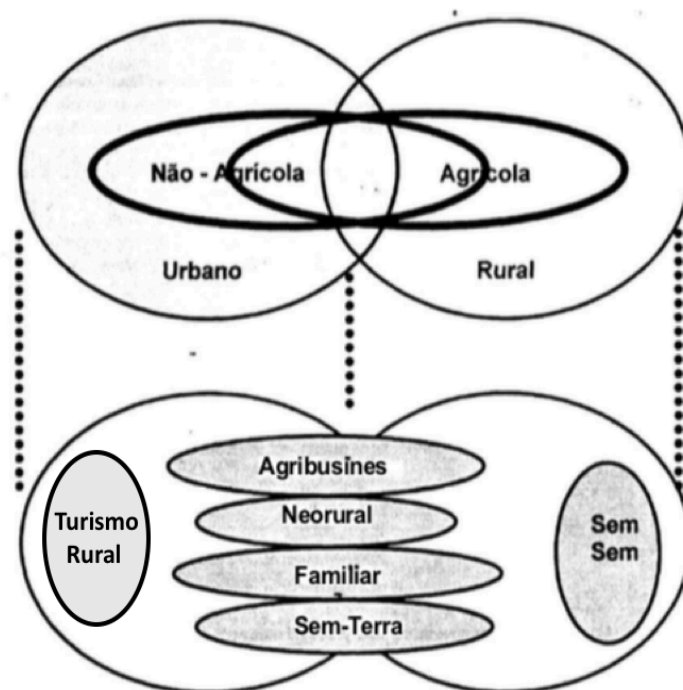
[...] o papel social e económico do rural alterou-se de forma dramática, passando de espaço entendido como produtor de alimentos e de reserva de mão-de-obra, para espaço cada vez mais reconhecido como multifuncional, combinando as produções agrícola e florestal com outras atividades e funções como a proteção ambiental, a conservação da paisagem, a preservação das tradições culturais e o desenvolvimento de atividades associadas ao turismo [...] (COVAS, 2007, p. 2)

No Brasil, alguns espaços rurais, principalmente no Sul e no Sudeste, também se reinventaram, saindo dessa situação de estrita produção agropecuária se transfigurando em espaços heterogêneos e multifuncionais, apresentando assim uma gama de diversificação de atividades como "de serviços, agroindustrialização, produção de nichos de mercado, condomínios, pesque-pagues, chácaras de recreio, indústrias, aumento das atividades não agrícolas, pluriatividade da produção familiar" (MENEGATI & HESPANHOL, 2005, p. 03).

Apresenta-se assim um espaço rural multidimensional em que se atende as necessidades dos moradores e visitantes, – seja com a produção agrícola tradicional e seus subprodutos, ou com diferentes prestações de serviços e novos tipos de comércios. Portanto assim, estando incluída em um sistema mercantil e, não o bastante, em locais que proporcionam uma melhor qualidade de vida. Sendo, no entanto, uma estrutura polivalente que segue em processo de alteração, de desenvolvimento e com novas formatações nos espaços rurais, como TEIXEIRA & LAGES (1997, p. 14) afirmam: “Existem espaços rurais diversificados, dinâmicos e em permanente mutação. As paisagens e as populações rurais se transformaram profundamente. O rural torna-se polifuncional, daí rural polissêmico.” Muito por conta de novas demandas que surgem e uma flexibilização de (re)produção social para criação de ofertas de um leque de opções para os espaços rurais.

VEIGA (2003, p.88) elucida que as “famílias rurais são cada vez mais pluriativas e multifuncionais” e assim essa discussão de pluriatividade e multifuncionalidade passam a ter ênfase na discussão sobre as novas características, ou redesenhos, dos espaços rurais. Ainda dentro dessa perspectiva, e além das unidades familiares tradicionais, entram outros fatores e atores que fortalecem a multifuncionalidade e a pluriatividade dos espaços rurais. Graziano da Silva (1999) apresenta as relações, atividades e atores como sendo o agrobusiness (e a necessidade de se conectar, produzir e comercializar para um mercado maior, mais exigente e com nichos específicos), os neorrurais (profissionais liberais e outros ex-habitantes da cidade que passaram a residir no campo), os assentamentos do Movimento Sem Terra e também os “sem-sem” que nas palavras do autor são os “sem terra e sem emprego e quase sempre também sem casa, sem saúde, sem educação, e principalmente sem organização, coisa que os sem terra indiscutivelmente já conseguiram” (p. 171), ainda pode-se incluir a essas atividades o turismo rural, que passou a ganhar mais força nos últimos anos, influenciando na multifuncionalidade e pluriatividade dos espaços rurais.

**Figura 17 - Novas relações e atividades dos espaços rurais**



Fonte: Graziano da Silva, 1999, p. 171. Adaptado pelo autor.

Dessa forma, a possibilidade dos moradores de diversificar a oferta de serviços e produtos como forma de complementar a renda e possibilitar o aumento do consumo de bens e serviços que auxiliam na melhoria da qualidade de vida, torna-se uma oportunidade de desenvolvimento, sobretudo, economicamente nesses espaços. Pois então, a pluriatividade é nada menos que uma estratégia familiar de sobrevivência dessas unidades (WANDERLEY, 2001).

[...] a pluriatividade constitui uma realidade muito mais importante do que uma simples retração de algumas categorias marginais numa estratégia alternativa de emergência; em várias áreas, grupos importantes escolheram essa maneira de ‘viver da agricultura’. Além do mais, trata-se muitas vezes de um fenômeno bastante recente e socialmente limitante; [...] os agricultores familiares devem conciliar várias atividades complementares e, embora, tanto no plano familiar como no plano de sua significação social, as modalidades e as razões sejam muito diversas, em todos os lugares, a pluriatividade tem como pano de fundo o bloqueio ou a resistência ao êxodo rural. (LAMARCHE, 1998, p. 170)

E ainda, como Graziano da Silva (1997) faz recordar que, as atividades não agrícolas não são uma prática recente das dinâmicas sociais das famílias rurais, sendo então algo já realizado como método de manutenção e de reprodução social das unidades familiares. Embora, em outros tempos, tais atividades fossem realizadas dentro do próprio estabelecimento familiar, atualmente são realizados, na maioria das vezes, fora do espaço familiar:

A novidade em relação àquilo que na visão dos clássicos marxistas seria considerado camponeses em processo de proletarianização é a combinação de atividades não agrícolas fora do seu estabelecimento, o que não ocorria anteriormente. E mais: os clássicos consideravam que a existência de membros da família camponesa trabalhando fora de sua unidade produtiva era um indicador do processo de proletarianização e, conseqüentemente, de desagregação familiar, empobrecimento e piora das condições de sua reprodução social. É preciso recordar que os camponeses não eram produtores agrícolas especializados: combinavam atividades não agrícolas de bases artesanais dentro do estabelecimento, envolvendo praticamente todos os membros da família na produção de doces e conservas, fabricação de tecidos rústicos, móveis e utensílios diversos, reparos e ampliação das construções e benfeitorias (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p.78)

De toda forma, é válido salientar que mesmo com a pluriatividade crescente nos espaços rurais a agricultura familiar não perdeu sua força nem suas características principais, pois, como Alentejano (2001, p.151) faz lembrar, a aplicação da pluriatividade está muito ligada ao turismo e lazer e não necessariamente motivada pela urbanização e/ou industrialização, ainda que a agricultura tenha incorporado outras perspectivas

advindas da própria experiência com a multifuncionalidade da agricultura. Ainda assim, a agricultura segue se fortalecendo e caminha com as seguintes perspectivas:

[...]a noção de multifuncionalidade da agricultura favorece a consideração de inúmeros aspectos (econômicos, sociais, culturais e ambientais) envolvidos nas atividades rurais agrícolas e não agrícolas, possibilitando uma melhor apreensão da dinâmica de reprodução das unidades econômicas e das famílias rurais nos espaços (territórios) em que elas estão localizadas.  
(MALUF, 2002, p.11)

Portanto, o conceito de agricultura multifuncional abarca a concepção do "desenvolvimento sustentável, da proteção ambiental, a vitalidade dos espaços rurais e a manutenção do equilíbrio global entre os rendimentos da profissão do agricultor e outras profissões" (GRANZIERA & SAES, 2014, p. 63), por atender os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais que fundamentam o desenvolvimento sustentável. Dessa forma, a questão da multifuncionalidade da agricultura nos espaços rurais foi uma resposta/consequência da crise do modelo produtivista e também da resistência das unidades familiares com uma nova abordagem do desenvolvimento agrícola em uma estrutura mais integrativa e territorial. Sendo assim, tem-se uma função mais preservacionista na questão do meio ambiente e da paisagem, na manutenção do tecido social com determinadas práticas culturais e sociais responsáveis pela ocupação e manutenção do patrimônio cultural e ainda a segurança e soberania alimentar (CARNEIRO, 2006).

Neste contexto da valorização da agricultura familiar, Weid (2001) afirma que:

[...] é preciso constatar que é mais barato e saudável para a sociedade pagar melhor o trabalho dos agricultores do que enfrentar a crescente crise social urbana provocada pelo desemprego endêmico e a degradação das condições de vida nas metrópoles, com todas as suas consequências de violência e insegurança coletiva. (WEID, 2001, p. 67)

O autor expõe que, – quando as pessoas das grandes cidades compreenderem a importância de uma agricultura mais diversa, de melhor qualidade e em comunhão com o meio ambiente, – o pequeno produtor e a agricultura familiar passarão a ser mais valorizados e seus produtos mais requeridos pelos consumidores em geral. Essa revalorização dos espaços rurais e de seus produtos tem-se demonstrado cada vez mais fortalecida.

Teresa Sá Marques (2003) fundamenta que "a dicotomia urbano-rural tem vindo a ser substituída pelos novos relacionamentos entre o urbano e o rural, retratando as

interdependências funcionais e espaciais e a necessidade de promover uma maior integração e complementaridade territorial”.

Nessa perspectiva, há aqui uma reflexão perante esse movimento que se dá em via dupla. É como se essa troca de vivências e relações pudessem, dialeticamente, urbanizar o campo e ao mesmo tempo ruralizar a cidade, como na visão de Andrade (2010, p.12) que aponta “um processo de ruralidade urbana e, em contrapartida, de uma urbanização rural”. Como uma combinação, em forma e conteúdo, de valores e de experiência dos modos de vida rural e da vivência urbana, que por fim, é representada por uma rejeição absoluta a urbanização e, ao mesmo tempo, à idealização quase romântica de camponeses vivendo arcaicamente nos espaços rurais (VALE, 2005).

A ideia de ruralizar a cidade se dá pelo fato de cada vez mais as pessoas estarem buscando valorizar e consumir produtos naturais, caseiros, rurais e/ou tradicionais, sejam eles as ervas para os chás, os artesanatos, artigos de decoração, as verduras e legumes orgânicos, o café, o queijo, mel, cachaça, licor, geleias, inclusive móveis rústicos e utensílios de cozinha, entre outras tantas coisas. Em algumas redes de supermercados já se pode encontrar a sessão “Coisas da Roça”. Esses produtos carregam uma experiência afetiva, simbólica e inclusive imagética dos pequenos produtores nos espaços rurais realizando as práticas tradicionais dos saberes e fazeres até chegar nas mãos dos consumidores finais.

Também há um crescente desejo das pessoas dos grandes centros em ter pequenas hortas caseiras com hortaliças, temperos e legumes nos quintais das residências, nas sacadas dos prédios ou nas varandas dos apartamentos. E ainda: há iniciativas de horta comunitária, ou horta urbana, nos terrenos baldios das cidades, em que a vizinhança se organiza e começa a plantar em maior escala para atender a população do bairro, que por vezes conta até com auxílio de órgãos públicos municipais ou com o fomento de instituições para desenvolvimento comunitário.

**Figura 18 – Horta urbana**

Fonte: [www.coletivoverde.com.br](http://www.coletivoverde.com.br)

Em outra via, a urbanização do campo se dá por diversos fatores como a grande procura das pessoas urbanas pelos espaços rurais, tanto para o turismo rural quanto para residência no campo, acarretando uma série de mudanças baseadas em diversas necessidades que estes têm. Formando, assim, uma lógica urbanística de produtos e serviços diferenciados a serem ofertados, seja nos comércios, nas prestações de serviços ou na própria infraestrutura do local em que estão inseridos.

Assim, “O espaço rural deixa de ser única e exclusivamente um espaço de produção agrária para converter-se em espaço de consumo” (SILVA, 2012, p. 04), e para se ter um fomento de consumo nos espaços rurais é necessário atender as demandas, de alguma forma.

Não que os espaços rurais e suas ofertas de serviços se urbanizem para atender a o público, até porque o interesse dessas pessoas por esses lugares se baseia justamente na busca por “um pacote emocional que proporciona ‘tradição’, ‘autenticidade’, ‘naturalidade’ e ‘alterotropia’”. Todos eles são considerados valores perdidos nos meios urbanos” (PEREIRO, 2018, p.61). Entretanto há a necessidade de estruturar os espaços rurais para receber essas pessoas, seja na hotelaria, na questão alimentícia, mercados locais, de atendimento de saúde e até do lazer, ou, ainda mesmo, para atender as pessoas que fazem dos espaços rurais suas residências.



Embora os espaços rurais estejam passando por profundas transformações, a questão da urbanização do campo não se configura exatamente como um espaço completamente urbanizado, mas sim de estruturas mínimas e básicas necessárias para atendimento da população fixa ou de pessoas em trânsito pelo local, como apresenta Milton Santos (1982):

Aglomerações em seu nível mais fundamental, nível abaixo do qual não se pode mais falar da existência de uma verdadeira cidade. Temos aqui uma questão de limite inferior da complexidade das atividades urbanas capazes, em um momento dado, de garantir ao mesmo tempo um crescimento autossustentado e um domínio territorial. A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir às necessidades inadiáveis da população, com verdadeira especialização do espaço. Poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações (SANTOS, 1982, p.70 e 71).

Alguns espaços rurais que podem ser considerados como urbanizados, podem inclusive, ser ponto de apoio para outras localidades da região por ter mais estrutura. Como as diferentes categorias de funcionalidade e da organização do espaço que Milton Santos sugere:

[...] a organização do espaço deve ser pensada a partir de seu nível funcional, assim propõe: uma classificação diferente, considerando que a capacidade de organização do espaço pela cidade depende de seu nível funcional. Ter-se-iam as cidades locais, as cidades regionais, as metrópoles incompletas e as metrópoles completas (SANTOS, 1989, p.284).

De toda forma, a discussão urbano-rural já se estendeu bastante ao longo dos debates acadêmicos sobre como atualmente o rural/urbano fazem parte de um mesmo contínuo, não sendo possível afirmar a delimitação das fronteiras cada um. Embora o espaço rural seja pautado, fundamentalmente, nas questões ecológicas, relações sociais, dos modos de vida e hábitos culturais, há também as relações mercantis e de atividades não agrícolas de caráter urbano, formando assim uma espécie de urbanização do campo, como Lefebvre (1999) explicita:

O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do predomínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano. (LEFEBVRE, 1999, p. 17)

E também Monte-Mór (2003), ao tratar da urbanização extensiva, categoriza essa questão baseada na inserção de redes de transportes, comunicação e serviços, para explicar o fenômeno da urbanização que chegou, faticamente, até os espaços rurais. Assim como por conta das áreas de produção agrícola que se inseriram em uma complexa cadeia produtiva e de distribuição no contexto urbano e por si se complementam. Sendo assim, a urbanização extensiva: “Não se restringe às cidades grandes, médias e pequenas, mas estende-se sobre o próprio campo ao longo dos eixos de comunicação e transportes e nas concentrações de serviços que assim surgiram [...]” (MONTE-MÓR, 2003, p.86) e ainda completa:

Se pode falar de uma urbanização extensiva que se impõe no espaço brasileiro para muito além das cidades, integrando espaços rurais e regionais ao espaço urbano-industrial mediante a expansão da base material requerida pela sociedade [...]. Essa prática teórica gestada no cotidiano da vida urbana, no espaço privilegiado da reprodução social, mas que combina produção e reprodução, cooperação e competição, e que era privilégio da cidade ou da polis, hoje se estende virtualmente a todo o espaço social.  
(MONTE-MÓR, 2003, p. 88)

É perceptível que a urbanização do campo não se trata só do processo de ocupação, expansão imobiliária, crescimento demográfico e afins. Outras variáveis contribuem com os aspectos de urbanização como aumento da quantidade de comércios e prestações de serviços, melhorias nas estruturas de atendimento à população local e aos visitantes, bem como o aumento das redes de interação e dependência criadas entre os espaços rurais e os espaços urbanos. Pode-se observar inclusive o aumento dos aspectos imateriais/simbólicos das “urbanidades no rural” (RUA, 2011), como nos contextos da moda, do vestuário, das tecnologias, e dos costumes. Como observado no trecho abaixo:

Considera-se que urbanidades podem ser constituídas por uma enorme gama de manifestações, que incluem, em seus aspectos materiais, a melhoria da infraestrutura e dos meios de comunicação, novas formas de lazer, uma segunda residência, o turismo, as indústrias, o acesso a bens de consumo coletivos, especulação imobiliária e o preço da terra, além de novas relações de trabalho e direitos trabalhistas, aposentadoria rural, dentre outros indicadores relevantes. Também os hábitos e costumes difundidos pela mídia têm alterado significativamente a vida cotidiana rural. Assim, muita gente que mora na metrópole não tem, necessariamente, uma vida urbana, enquanto pessoas que moram no interior podem ter mais acesso às ditas urbanidades. É nesse ponto que as fronteiras entre urbano e rural se perdem e ganham novas significações. No dizer de Léfèbre, (2001, p.12) “Uma racionalidade divulgada pela cidade”. (RUA, 2011, p. 04)

As transformações que os espaços rurais têm passado nos últimos anos demonstra que o que era estritamente agrícola agora se transformou em algo maior com mais possibilidade, mais diversificado e com mais estrutura. Muito disso pelo desejo de pessoas urbanas se tornarem moradores desses espaços para buscarem novas atividades, estação de trabalho e vivência rural com o foco na qualidade de vida. Dessa forma, resgata-se o que é mais rústico e bucólico, valorizando-se o espaço, o lugar no imaginário, a paisagem rural a ser preservada e resguardada, como Lima (2005) enfatiza:

Em termos de discurso, o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica produtivista e vem à tona a da qualidade de vida. A nova ruralidade se torna um estilo de vida. Opondo-se ao rural agrícola homogêneo, a ruralidade torna-se o rural da diversidade; a noção de paisagem reproduz a estetização da ruralidade, associada à natureza. (LIMA, 2005, p. 45).

Reis (2014) salienta sobre "o surgimento de novos atores que protagonizam uma maior mobilidade entre a cidade e o campo, novos modos de vida, novos modos de produzir e novas atividades econômicas" (REIS, 2014, p. 5), e Covas & Covas (2011) reafirmam que estas novas ruralidades, através da mobilidade e da pendularidade, acarretam inovadores processos de funcionamento do espaço rural.

Posto isso, Renato Carmo (2009) aponta que “nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenômenos urbanos. Existe uma inter-relação constante que depende dos contextos sociais”, e Maria José Carneiro (2008) corrobora ao dizer que:

[...] as transformações provocadas pela intensificação das trocas entre universos culturais distintos (grosso modo, os “urbanos” e os “rurais”) não resultam, necessariamente, na descaracterização de um sistema cultural e social, tido como “original” ou “autêntico”, sobretudo por aqueles que vão à busca de uma autenticidade [...] (CARNEIRO, 2008, p.33)

Dessa forma, Maria Nazareth Baudel Wanderley (2000), aponta para uma nova ruralidade ao abordar a importância de uma continuidade/permanência do espaço rural, mesmo com novos “desenhos”, atores sociais e frentes de atuação.

[...]o recorte rural-urbano, em suas novas e modernas formas, permanece como um recorte pertinente para analisar as diferenças espaciais e sociais das

sociedades modernas, apontando não para o fim do mundo rural, mas para a emergência de uma nova ruralidade. (WANDERLEY, 2000, p.90)

Tanto para a autora quanto para Graziano da Silva (2001) essa urgência de uma nova ruralidade se situa na perspectiva da própria discussão e tentativa de redefinição do espaço rural na contemporaneidade e seus novos usos, as novas atividades econômicas, os novos serviços prestados, as novas relações de trabalho e as novas questões fundiárias. Para os autores a aposta da nova ruralidade tem como protagonismo os novos atores sociais como ponte de transição para um novo modelo dos espaços rurais, abarcando algumas categorias que não se limitam estritamente aos agricultores e camponeses. Propondo, assim, um necessário debate sobre as novas categorias de agentes rurais e as transformações nos novos, porém velhos, espaços rurais.

A discussão das novas ruralidades no Brasil ainda é incipiente embora tenha entrado em pauta desde o fim da década de 1980 ela se intensificou efetivamente nos últimos 15 anos, enquanto na Europa e nos Estados Unidos já foi muito trabalhada. Assunto este que será tratado mais profundamente a seguir.

### ***1.3.2 Neorruralidades***

Êxodo urbano. Termo utilizado para explicar a mudança da população de uma certa área urbana, em direção ao campo, à zona rural. A mudança de habitantes das grandes cidades para o campo pode estar relacionada a diversos fatores como as problemáticas sociais e políticas, questões econômicas, disponibilidade de recursos e busca por melhor qualidade de vida. Os motivos impulsionadores que levam a migração urbano/rural são historicamente discutidos.

Um exemplo desse processo histórico foi durante a decadência do Império Romano. Período este que existiu uma significativa migração da população europeia dos centros urbanos em direção à zona rural. Concomitantemente, as invasões bárbaras, a superlotação da cidade, alimentos escassos, baixa qualidade de vida, o império em crise e saqueamentos foram fatores decisivos para os nobres romanos se afastarem da cidade levando consigo os seus serviçais para os interiores.

Em contraponto, a saída do campo para a cidade também ocorreu em distintos momentos da história mundial. Este, da mesma forma, foi um fenômeno vivenciado pelo Brasil na segunda metade do século XX. Conhecidamente, a maior incidência do êxodo

rural foi a dos povos do norte e nordeste em direção a outros estados mais auspiciosos. Enquanto os familiares dos migrantes dizem que o parente foi, especificamente, para São Paulo, provavelmente por ser a maior cidade do país e a mais conhecida economicamente falando, Klass Wootmann (1990) explica melhor sobre essa famigerada expressão:

A migração sempre se faz para ‘São Paulo’, mas não se trata necessariamente do estado da federação com esse nome. O filho de um informante que havia migrado para ‘São Paulo’ encontrava-se, de fato, em Rondônia; outro jovem estava no Paraná, e um terceiro, no Paraguai. ‘São Paulo’ não é uma localização territorial precisa, mas uma categoria classificatória que se opõe ao Norte, na medida em que este é o lugar da escassez, e o primeiro e o lugar da riqueza. (WOOTMANN, 1990.p.218)

A falta de água, terrenos inóspitos, fome, subnutrição e ausência de trabalhos impulsionaram os retirantes nordestinos a partirem para cidades com forte concentração econômica como a potência industrial da cidade de São Paulo e os garimpos das Minas Gerais. Da mesma maneira, outros partiram para diferentes regiões do país na busca do extrativismo amazônico, que era promissor, e da inesperada e suntuosa construção de Brasília. O sonho de uma vida melhor, mais próspera e a possibilidade de conquista de recursos financeiros, para se manterem vivos com dignidade, fez desse fluxo um dos mais relevantes acontecimentos da história do Brasil.

Desde o final do século XX e início do século XXI, há um resgate histórico dos fluxos migratórios na esfera global acontecendo. O êxodo urbano retornou à pauta da antropologia social e cultural, especialmente da etnografia do meio rural. Por sua vez, o mote é, aparentemente, uma questão mais simbólica ou de princípios filosóficos e de idealismo, do que dos profundos sofrimentos das realidades supracitadas. Os novos movimentos migratórios se baseiam, igualmente, na exaustão e esgotamento, mas dessa vez não da escassez de alimento, de água e da empregabilidade. Tomando como base:

Entre os processos ideológicos [...], destacamos o pastoralismo [...], o naturalismo, a patrimonialização, o ambientalismo (reservas naturais, parques, etc), o ecologismo e outros movimentos sociais alternativos (por exemplo, o decrescimento, o turismo responsável, a soberania alimentar, a permacultura, as redes alimentares cívicas).  
(CRISTOVÃO & PEREIRO, 2012, p. 3)

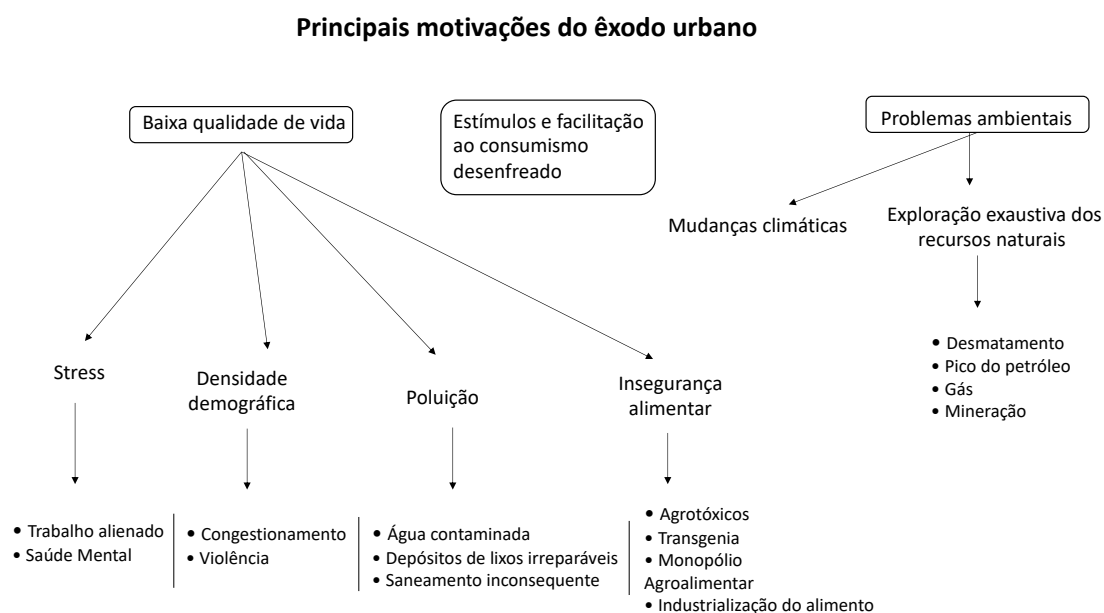
Portanto, esses processos se alicerçam, primordialmente, nas mudanças climáticas, na compreensão do distanciamento do homem em relação à natureza, no consumismo desenfreado, na industrialização e procedência duvidosa do alimento, no

consumo da água contaminada, no saneamento inconsequente, nos depósitos de lixo irreparáveis e na saúde mental; são pontos de observação sobre os fatores de migração urbano-rural, como reafirmam Cristovão & Pereiro (2012):

Entre os processos socioeconômicos estruturais, destacamos o impulso do tardocapitalismo, a globalização, o consumismo, a poluição insustentável, as agressões ao meio ambiente, os abusos de poder do sistema agroalimentar global e capitalista, e a “crise”. (CRISTOVÃO & PEREIRO, 2012, p. 3)

Para melhor ilustrar os principais motivos do êxodo urbano contemporâneo foi desenvolvido um infográfico pautado na citação acima.

**Infográfico 1 - Principais motivos do êxodo urbano contemporâneo**



Fonte: Elaboração do autor, 2019

Conforme apresentado, é uma questão de princípios e idealismos sobre a mudança de comportamento, a fim de propor uma diferente forma de viver, usufruir dos recursos naturais com cautela, destinar os resíduos com consciência e a segurança alimentar. As pessoas que se propõem a esse estilo de vida migrando para o campo e vivendo do que a terra pode prover, provocando o menor impacto ambiental possível, experimentando o decrescimento e formando redes de cooperativismo social e econômico, são hoje uma realidade no mundo rural protagonizada por diversos atores sociais e que tem tomado força considerável no âmbito mundial, conforme apontado:

Os tradicionalmente denominados espaços rurais estão-se a redefinir em todo o mundo [...] e de forma particular na Península Ibérica [...]. Os denominados novos camponeses, neo-rurais e rurbanos adquiriram bastante protagonismo na redefinição dos velhos espaços rurais.  
(CRISTOVÃO & PEREIRO, 2012, p. 3)

E ainda, os mesmos autores, apontam que esses movimentos migratórios também carregam algumas perspectivas não tão realísticas do mundo rural na visão dos neorrurais, ao afirmar que "Estes processos ideológicos não estão isentos de uma certa idealização e romantismo, que mitificam um passado rural, imaginado sem a dureza e dificuldade das suas culturas de trabalho." (p. 3). Entretanto, mesmo podendo ter uma visão poética/romântica dos espaços rurais, esses novos atores sociais ainda assim optam por realizar essa experiência, levando consigo os conhecimentos adquiridos, técnicas de inovação e também por acreditar que essa migração é necessária para as suas próprias vidas e ainda como parte de uma micro e macro esferas de um movimento global conectado.

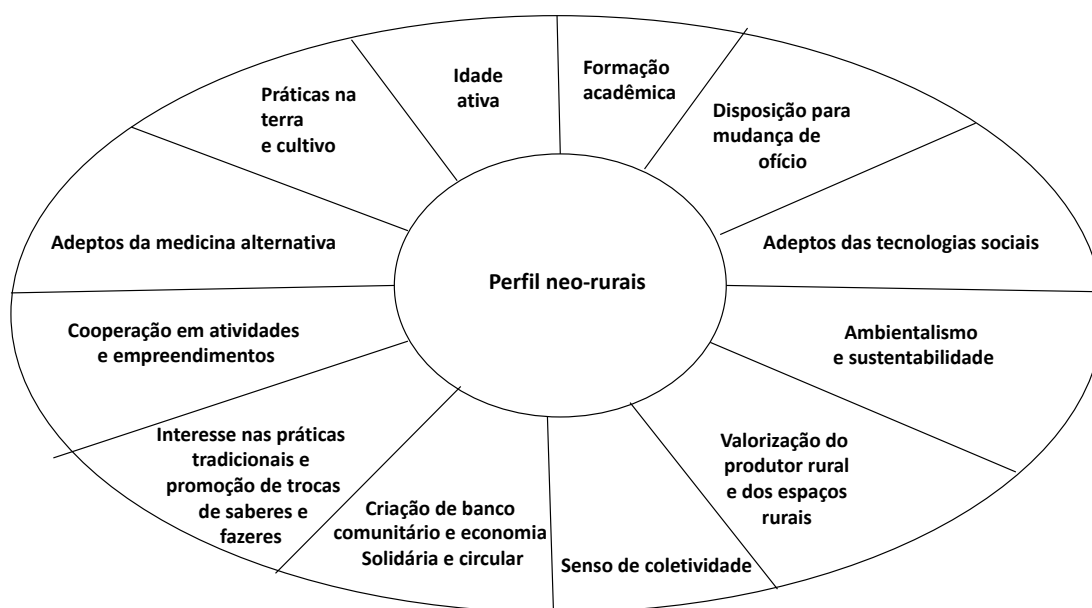
Dessa maneira existe uma multiplicidade de questões desde a definição, atuação, engajamento, mobilização, sociabilidade, entre outros pontos dos novos atores no espaço rural, que pode contribuir efetivamente para a criação de um dinamismo social, econômico, cultural e ambiental nos espaços rurais.

Em busca no dicionário Aurélio sobre o termo “neorrurais”, nada foi encontrado, porém as palavras buscadas individualmente foram identificadas em algumas definições. “Neo”, que originalmente vem do grego, significa “novo”, “atualizado”, “recente”, “reavivado”, “modificado”. O “rural” tem o sentido de “referente ao campo”, “agrícola”, “que não está situada em cidades”. De acordo Cristovão & Pereiro (2012), esses recém-chegados ao espaço rural estão situados no “contexto de pós-ruralidades (usando terminologia anglo-saxônica) ou neo-ruralidades (recorrendo a terminologia francesa)”. Assim, justificam-se os termos formais utilizados nas referências teóricas adotadas. Portanto, os neorrurais ou novos rurais, são as pessoas que emigram dos espaços urbanos para o espaço rural para fazer do campo suas moradas e estação de trabalho.

Para Reis (2014) “estes novos actores do mundo rural apresentam diversas capacitações, quer ao nível das vocações, quer ao nível de competências, já que transportam experiências, conhecimentos académicos” (p.8) ou como Pinto (2015) complementa “os novos rurais apresentam inúmeras valências e competências, uma vez que transportam experiências, mais instrução formal e uma maior sensibilidade para as questões sociais e ambientais” (PINTO, 2015, p.46). Dessa forma, no caso de São

Gonçalo do Rio das Pedras, uma grande parte dos neorrurais têm formação acadêmica nas diversas áreas do conhecimento (alguns com especialização, outros com mestrado acadêmico e/ou profissional e uma pequena parte detêm o doutorado). A maioria está em idade ativa e disposta a mudar de ofício ou ampliar a atuação profissional e absorver novos conhecimentos com a vivência nos espaços rurais. Como apresenta o infográfico 2.

**Infográfico 2 - Perfil dos neorrurais**



Fonte: do autor, 2019

Sendo assim, os neorrurais detêm certo grau de instrução acadêmica, conhecimento do empreendedorismo e do produtivismo das metrópoles e afinidade com o ambientalismo o que os possibilita ter uma gama maior de atuação nos espaços rurais.

O acesso a informações e estudos prévios possibilita-os a buscar novas formas de vida, em relação mais próxima com a natureza e buscando certa distância das *urbes*, por diversos fatores, para poderem resgatar técnicas antigas de execução e aplicar a utilização dos conhecimentos de novas tecnologias de criação, produção e monitoramento a favor da gestão territorial em concordância à responsabilidade ambiental. Como Leal (2014) afirma:



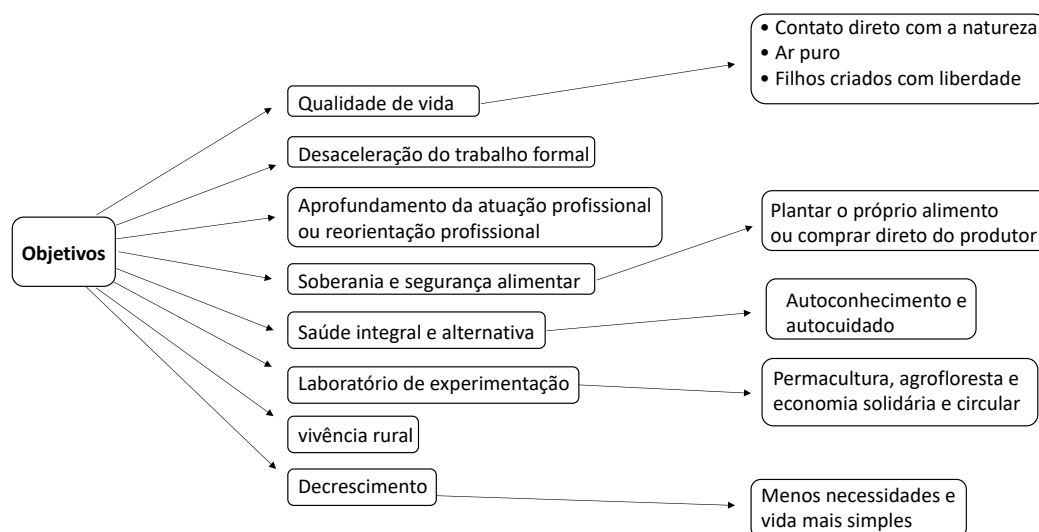
[...] o processo de alteração física, funcional e simbólica (...) associada ao fenômeno da contra-urbanização e a um novo movimento social de retorno ao campo que coincide com um contexto de crises (econômica, social e ambiental) procurando desenvolver novas formas de habitat humano [...] (LEAL, 2014, p. 01)

Dessa forma, os neorrurais são profundamente "associados a novos estilos de vida e a anseios simbólicos por comunidade, contato com a natureza e práticas de consumo mais responsáveis – configurando um espectro de propostas diversas, mais ou menos arrojadas, para o aprofundamento da sustentabilidade". (LEAL, 2014, p. 01).

Leal (2014) ainda aponta alguns objetivos dos neorrurais ao migrarem para os espaços rurais, porém ainda existem outros desejos que devem ser colocados em questão como apresentado no infográfico 3, a partir dos resultados do trabalho de campo.

### Infográfico 3 - Objetivos dos neorrurais ao se mudarem para o espaço rural

Objetivos dos neo-rurais ao se mudarem para o espaço rural



Fonte: Elaboração do autor, 2019

Assim sendo, os neorrurais trazem consigo diversos conhecimentos do mundo urbano e também carregam desejos de experimentação de várias atividades no espaço rural. No entanto, muitas das necessidades dos recém-saídos da cidade promovem uma série de alterações no local em que estão inseridos, com demandas específicas durante o processo de transição urbano-rural. Dessa forma, os neorrurais geram um leque de necessidades agrícolas e não agrícolas, demandas que os nativos da região acabam por atender.

Embora os comércios locais atendam os nativos e também os turistas e visitantes, é possível que uma grande parte dos comércios (como restaurantes e bares) têm um bom fluxo financeiro por conta dos consumos dos neorrurais.

**Figura 19 – Placas indicativas de comércios e pousadas em São Gonçalo**



Fonte: do autor, 2019

Mas também os próprios neorrurais podem vir a prover ofertas de serviços, para ser uma outra fonte de renda como formas de permanecerem no território em que estão, como afirma Leandro (2017, p.27) “O novo rural, [...] possui muitos traços do rural tradicional e outras de imposição das formas de estilo de vida citadina ou urbana, envolvendo a pluriatividade e as ocupações rurais não agrícolas.”.

As novas dinâmicas em termos de geração de emprego e renda no meio rural brasileiro têm origem urbana, ou seja, são impulsionadas por demandas não-agrícolas das populações urbanas, como é o caso das dinâmicas imobiliárias por residências no campo e dos serviços ligados ao lazer (turismo rural, preservação ambiental, etc). (GRAZIANO DA SILVA, 2001, p44)

Por isso, os neorrurais também carregam a pluriatividade e a multifuncionalidade nos seus modos de vida, tanto pelo dinamismo de uma vida menos industrializada, com menos pressão que a cidade impõe, quanto por novas atividades a fim de alcançar mais possibilidades econômicas para manter-se no espaço rural, perante o processo de transição.

Dessa forma, os neorrurais promovem um intercruzamento das características urbanas nos espaços rurais, com grande presença e atuação na questão da produção e beneficiamento dos produtos agrícolas, unindo os conhecimentos formais tipicamente urbano para uma produção rural mais forte, assertiva e multifuncional.

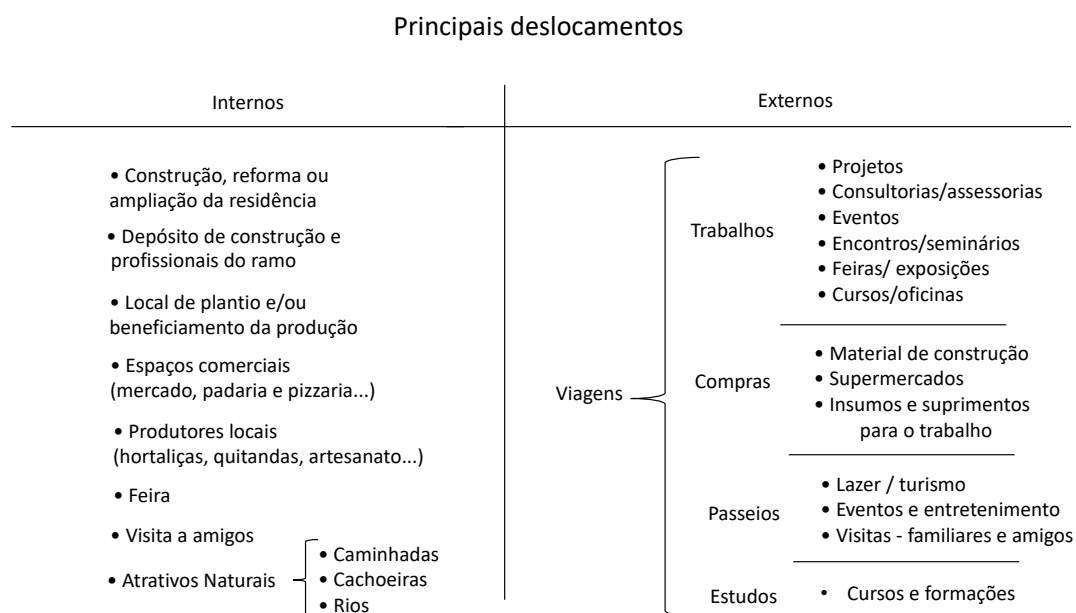
Com o surgimento dos neorrurais, protagonizados pelo movimento pendular entre a cidade e o campo, com novos modelos de vida e vivências, novos modos de produção e novas atividades econômicas, possibilita-se ao mundo rural uma reformulação dos antigos meios e hábitos de vida. Embora não necessariamente descaracterizando-os, mas favorecendo a revitalização do espaço rural e apresentando novos construtores das dinâmicas territoriais (LEAL, 2014; SAMPAIO et al., 2011).

As dinâmicas territoriais podem estar ligadas também à questão da mobilidade dentro ou fora de um território. Dessa forma, os neorrurais realizam diversos deslocamentos internos, bem como, realizam várias viagens para outras cidades, estados ou países a trabalho, lazer e/ou compras.

Os neorrurais se deslocam, tanto a pé quanto de automóvel, para lojas de materiais de construção, comércios, atrativos naturais, locais de produção ou de beneficiamento, feiras, etc. Esses deslocamentos são uma dinâmica muito constante e comum. Portanto, pode ser fácil avistar um neorrural transitando pelos espaços rurais, tanto realizando diversas atividades do dia a dia quanto em seus momentos de descanso e lazer. Dessa forma, os neorrurais promovem um fluxo dinâmico de circulação interna.



### Infográfico 4 - Principais deslocamentos dos neorrurais



Fonte: do autor, 2019

Neste sentido, Reis (2014) apresenta um fator de extrema importância sobre os neorrurais. A questão da pendularidade é, muitas vezes, a forma de um neorrural manter-se profissionalmente ativo e viabilizar-se economicamente, além de possibilitar a ampliação de conhecimentos, de atuação e de relações no local em que estão instalados. Tudo isso sem deixar de lado a sua história, vivências e relações em outros lugares, ou seja, promovendo uma constância na construção de novos conhecimentos e culturas.

Assim como Reis (2014) afirma que os neorrurais são “homens de duas culturas”, o antropólogo Néstor Garcia Canclini (2003) reforça essa concepção por meio do conceito de “culturas híbridas”. Segundo o autor, “a palavra hibridização aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos” (CANCLINI, 2003, p. XXIX).

A hibridização é um fenômeno social capaz de abranger o entrelaçamento intercultural que se estabelece na construção das relações entre o tradicional e o moderno, entre o popular e o massivo e, podendo ser aplicado, entre o rural e o urbano. Para Canclini (2003) a hibridização é caracterizada por

processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Cabe esclarecer que as estruturas chamadas discretas foram resultado de hibridizações, razão pela qual não podem ser consideradas fontes puras. (CANCLINI, 2003, p. XIX)

Portanto, a hibridização cultural é uma combinação de “práticas sociais no qual geram novas expressões culturais materiais e simbólicas” (SILVA, 2010, p. 30) sendo, portanto, o resultado de múltiplos encontros entre diversos atores intercambiando perspectivas culturalmente distintas. E são as diferenças que possibilitam a heterogeneidade cultural e permitem as numerosas formas de hibridações.

O processo de hibridização está presente na arquitetura, nos artefatos, na mobiliária, na culinária, nas artes, na religião e também no envolvimento entre culturas e povos distintos (TAUK SANTOS, 2001; BURKE, 2003). Dessa forma, o processo de hibridização cultural permeia vários aspectos da experiência da vida humana e das relações sociais.

Os neorrurais ao manterem um fluxo contínuo de pendularidade rural-urbano-rural, ou seja, transitando entre esses dois territórios revelam, assim, uma transterritorialidade (HAESBAERT, 2002) e, por conseguinte, constantes relações de trocas socioculturais em ambos espaços. Dessa maneira, espontaneamente acarretam novas construções identitárias por conta das mesclas de valores culturais/simbólicos e também no campo material a todo instante. Tendo isso em vista, os neorrurais são de fato sujeitos culturalmente híbridos e que também fomentam o processo de hibridização nos espaços rurais.

As iniciativas e as novas dinâmicas de sociabilidade que neorrurais promovem no espaço rural, tendo com estudo o povoado de São Gonçalo, também será apresentada ao longo do trabalho. Com base no trabalho de campo e nas informações coletadas durante as conversas informais as tais atividades estarão mais detalhadas no capítulo “Neorrurais, sociabilidade e territórios em São Gonçalo do Rio das Pedras”.

Porém, no momento a seguir será discutido sobre o tema da paisagem cultural, com base na geografia humanista, como suporte teórico fundamental desta pesquisa.

### ***1.3.3 Paisagem e paisagem cultural***

Para avançar na paisagem cultural necessita-se, antes, da abordagem na base fundante do conceito partindo, assim, do conceito de paisagem. O termo é utilizado

amplamente em diversas áreas do conhecimento como a ecologia, arquitetura, arqueologia e a sociologia, porém cada disciplina carrega as suas perspectivas e aprofundamentos do termo, como o arquiteto Kotler (1976) apresentou em artigo sobre paisagem:

Para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de mais nada, um conjunto de organismos num meio físico, cujas propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e ou biológicas. (KOTLER, 1976, p.18)

Nessa mesma perspectiva das diferenciações de olhares sob e para a paisagem, assim como da própria utilização do termo como parte do vocábulo do senso comum está a afirmação dos geógrafos franceses Chantal Blanc-Pamard e Jean-Pierre Raison (1986):

Paisagem, palavra de uso quotidiano, que cada pessoa utiliza a seu modo; o que não impediu de se tornar um vocábulo à moda. Paisagem, uma destas noções utilizadas por um número sempre crescente de disciplinas, que muitas vezes ainda se ignoram. Paisagem, enfim, um dos temas clássicos da investigação geográfica. Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam. (CHANTAL & RAISON, 1986, p.138)

Embora diversas disciplinas do conhecimento tenham elaborado conceitos para o termo utilizando à sua maneira e pela sua ótica gerando, assim, uma polissemia, que por vezes pode soar vaga, a geografia foi uma das disciplinas que buscou refletir mais profundamente sobre a paisagem e suas relações de forma mais abrangente, no qual o homem é um elemento-chave da leitura das representações e percepções da paisagem:

A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. Pode ser lida, também, como um produto da sociedade que a produziu ou ainda como a base material para a produção de diferentes simbologias, *locus* de interação entre a materialidade e as representações simbólicas. (RIBEIRO, 2007, pág. 09)

A observação da paisagem tem um caráter carregado de sentimento, de afeto e de reflexão da própria imagem através da relação que é estabelecida do ser humano com a natureza, ou com a própria natureza que observa criando um laço de pertencimento e complementariedade (MANTOVANI & BARBOSA, 2015).

E foi nessa perspectiva que se configurou a paisagem geográfica como um conceito complexo e que se desmembra em outras tantas vertentes para observação e análise. Assim, os teóricos da geografia passaram a associar “a paisagem a porções do espaço relativamente amplas que se destacavam visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (HOLZER, 1999, p.151). Nesse ponto Corrêa & Rosendahl (1998) indicam:

[...]a paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área, é analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural ou geográfica resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem natural. (CORRÊA & ROSENDAHL, 1998, p.9)

Sauer (1998) aborda sobre a paisagem cultural embora como algo ainda na perspectiva materialista através da "visão geográfica da economia de grupo, como se sustenta com comida, abrigo, mobiliário, ferramentas e transporte”. Entretanto, para o francês Paul Claval (2014) a perspectiva de Sauer ainda era limitada e assim amplia essa ótica ao afirmar que existem outras nuances a serem desveladas.

[..] Sauer vê a cultura, primeiramente, como um conjunto de instrumentos e artefatos que permitem ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai além: a cultura é composta por uma associação de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo. (CLAVAL, 2014, p. 39)

Nesta perspectiva de reflexões sobre a paisagem, amplia-se o conceito para o âmbito da cultura como parte desta geografia humana, agora no caso, geografia cultural. A cultura, então, é compreendida como o trabalho, a consciência, ideias, valores, crenças, moral e a relação direta de interação dos seres humanos com a natureza.

De toda forma, as contribuições de Carl Sauer para a ciência da geografia cultural foram de muita relevância para este estudo, como Holzer (1999) bem apresenta:

*"Landschaft"* se refere a uma associação entre sítio e os seus habitantes, ou se preferirmos, de uma associação morfológica e cultural. Talvez tenha surgido de *"Land schaffen"*, ou seja, criar a terra, produzir a terra. Esta palavra transmutada em *"Landscape"* chegou a geografia norte-americana pelas mãos de Sauer que, cuidadosamente, enfatizava que seu sentido continua sendo o mesmo: o de formatar (*land shape*) a terra, implicando numa associação das formas físicas e culturais. (HOLZER, 1999, p.152)



Ao refletir que a paisagem pode e deve ir além do que está posto estaticamente à frente dos olhos, a de se perceber que existem outras maneiras de configuração de uma paisagem além do que se é tangível e materialista. Podendo estar, portanto, imbricado nas noções dos sentidos, na percepção, representação, imaginário e do simbolismo (CASTRO, 2002), ou como as palavras de Claval (1999, p. 83) “o olhar participa da experiência emotiva e, por vezes, estética que temos dos lugares.”

O britânico Denis Cosgrove (1999), também uma das referências do estudo da paisagem cultural, apresenta uma perspectiva mais simbólica sobre a paisagem. Ao aplicar interpretações das paisagens humanas as suas diversas camadas de significados:

As paisagens tomadas como verdadeiras de nossas vidas cotidianas estão cheias de significado. Grande parte da Geografia mais interessante está em decodificá-las. (...) Porque a geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos. Uma geografia efetivamente humana crítica e relevante, que pode contribuir para o próprio núcleo de uma educação humanista: melhor conhecimento e compreensão de nós mesmos, dos outros e do mundo que compartilhamos.  
(COSGROOVE, 1999, p. 121)

Augustin Berque (1998) carrega uma interpretação semelhante de Cosgrove, porém ainda mais imaterial. Para ele a paisagem é uma marca de percepções expressada de uma comunidade a partir da imaterialidade que é passível de ser reformulada, mas de toda forma uma matriz. Seja com a concepção e ação, vista por um olhar, aprendida com a observação, valorizada pela experiência, reproduzida pela memória, pela própria representação social. Para Berque (1998, p. 5), “a paisagem é uma abstração que não se encontra somente no objeto, nem no sujeito, mas sim na interação complexa e sistêmica dos dois termos”.

Os indivíduos em sua relação com outrem e com a natureza evidenciam a própria projeção nos objetos e nos elementos dos quais desejam refletir (MONTAVANI & BARBOSA, 2015). A sintomática dessas percepções se dá nas representações simbólicas em que os “imaginários sociais proporcionam a um grupo a designação de uma identidade e de uma representação sobre si próprio, auxiliando ainda na distribuição de papéis e funções sociais, expressão de crenças comuns e modelos” (BACZKO, 1991, p. 28).

A ampliação da perspectiva de entendimento sobre a paisagem cultural é referida por Souza & Santos (2009) da seguinte forma “outro método de análise da paisagem é o fenomenológico que valoriza as relações humanas – econômicas, sociais e culturais – que

imprime formas e sentidos diferenciados, de acordo com temporalidades, espacialidades e relações também diferenciadas.”.

Para Pollak (1992), existe uma espécie de atemporalidade fenomenológica das representações e percepções da relação homem natureza, inclusive na memória das pessoas, como o autor resgata:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, 201-202).

Essas memórias coletivas podem ter sido herdadas por conta das próprias projeções e/ou identificações associadas a um tempo remoto (FORTES, 2010), bem como de um próprio lugar que conseguiu “sua surpreendente permanência ao longo dos séculos” (SCHAMAN, 1996, p.26) manter a sua história vívida.

Assim dada a importância da interpretação dos significados nos contextos de cada paisagem e suas relações com o todo, tanto a materialidade quanto a subjetividade/imaterialidade dos indivíduos, criam-se formas constituintes e integradas de unidades orgânicas, onde se inter-relacionam, inter-dependem, e inter-interferem em uma estrutura humana com a natureza. Dessa forma, a paisagem cultural é um sistema complexo e simbólico de análise do resultado da presença, da ação da cultura humana e da relação do homem entre si e em relação com a natureza como o agente modificador da paisagem natural.

os lugares nos quais estão inscritas as existências humanas foram construídos pelos homens, ao mesmo tempo pela sua ação técnica e pelo discurso que mantinham sobre ela. As relações que os grupos mantêm com o seu meio não são somente materiais, são também de ordem simbólica, o que os torna reflexivos. Os homens concebem seu ambiente como se houvesse um espelho que, refletindo suas imagens, os ajuda a tomar consciência daquilo que eles partilham (CLAVAL, 1999, p.11)

O autor expõe que a ação humana tem o poder de transformação do espaço, ao mesmo tempo cria sua própria identidade a partir do seu território tornando-se plenamente consciente do espaço que ocupa e compartilha e assim “a identidade aparece como uma construção cultural” (CLAVAL, 1999, p.15)

Portanto, essa interferência está diretamente ligada a ação do homem em um território, juntamente a herança de um certo patrimônio cultural e natural, como Carl Sauer (1998, p. 59) resume: “a Paisagem Cultural é criada por um grupo cultural a partir de uma paisagem natural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem é o resultado”.

Todas essas nuances das representações sociais, das percepções simbólicas, das projeções das imagens, das memórias coletivas, dos imaginários e da identidade territorial sobre um espaço constroem a paisagem cultural de um lugar. Portanto, não sendo somente a paisagem natural de um específico local e sim a relação e representação que o ser humano direciona a estes espaços e como cria um significado dotado de aspectos simbólicos para a própria vida no lugar e do lugar para a vida.

A paisagem cultural ganhou um valor de discussão muito significativo para os diversos estudos inspirados pela geografia humanística que abarcou outras áreas da produção do conhecimento como a sociologia, antropologia, filosofia, história, entre outros campos das humanas. A leitura sistêmica dessa abordagem geográfica, auxiliou nos caminhos que os órgãos internacionais de proteção e preservação dos valores e da cultura de um povo em relação aos atributos naturais tomassem direcionamento para a valorização destas relações entre o homem e a natureza, entre o patrimônio material e o imaterial.

Dessa forma, a UNESCO, que já tinha os parâmetros da Proteção do Patrimônio Cultural e Natural desde 1972, ampliou as categorias inscritas no texto ao incorporar a noção de paisagem cultural na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO no ano de 1992.

Silva (2015) salienta a importância tanto material quanto simbólica da criação dessa nova categoria pois “reflete uma preocupação maior com os conflitos ambientais e alterações nas paisagens causadas pelas modificações ocorridas nas formas de vida e dos usos tradicionais do território.” (p. 31).

Na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO a categoria de Paisagem Cultural está dividida em três subcategorias para poder abarcar as diferentes concepções de paisagem, no qual é apresentado resumidamente:

1. **Paisagens Claramente Definidas** – paisagens desenhadas ou criadas pelo homem com motivações estéticas, religiosas ou políticas, no qual incluem paisagismo de jardins e parques;
2. **Paisagens Evoluídas Organicamente, subdivididas em Paisagem Relíquia (Fóssil) e Paisagem Contínua** – paisagens construídas por um

grupo social e que apresenta a evolução de algum ciclo, social, econômico, administrativo e/ou religioso e que desenvolveram o presente formato através da associação com o meio natural. A subdivisão de Relíquia/Fóssil contempla os sítios arqueológicos ou conjuntos arquitetônicos não ocupados, e a subdivisão Contínua contempla as relíquias/fósseis que mantiveram o papel ativo significativo até os dias atuais associadas aos modos de vida tradicional e sua evolução e permanência através do tempo;

3. **Paisagem Cultural Associativa** – paisagens valorizadas por certos grupos sociais que detêm uma associação específica de práticas imateriais/ritualísticas com o local independente de ter tido manifestação humana, e também do manejo e uso sustentável do solo pelas culturas tradicionais.

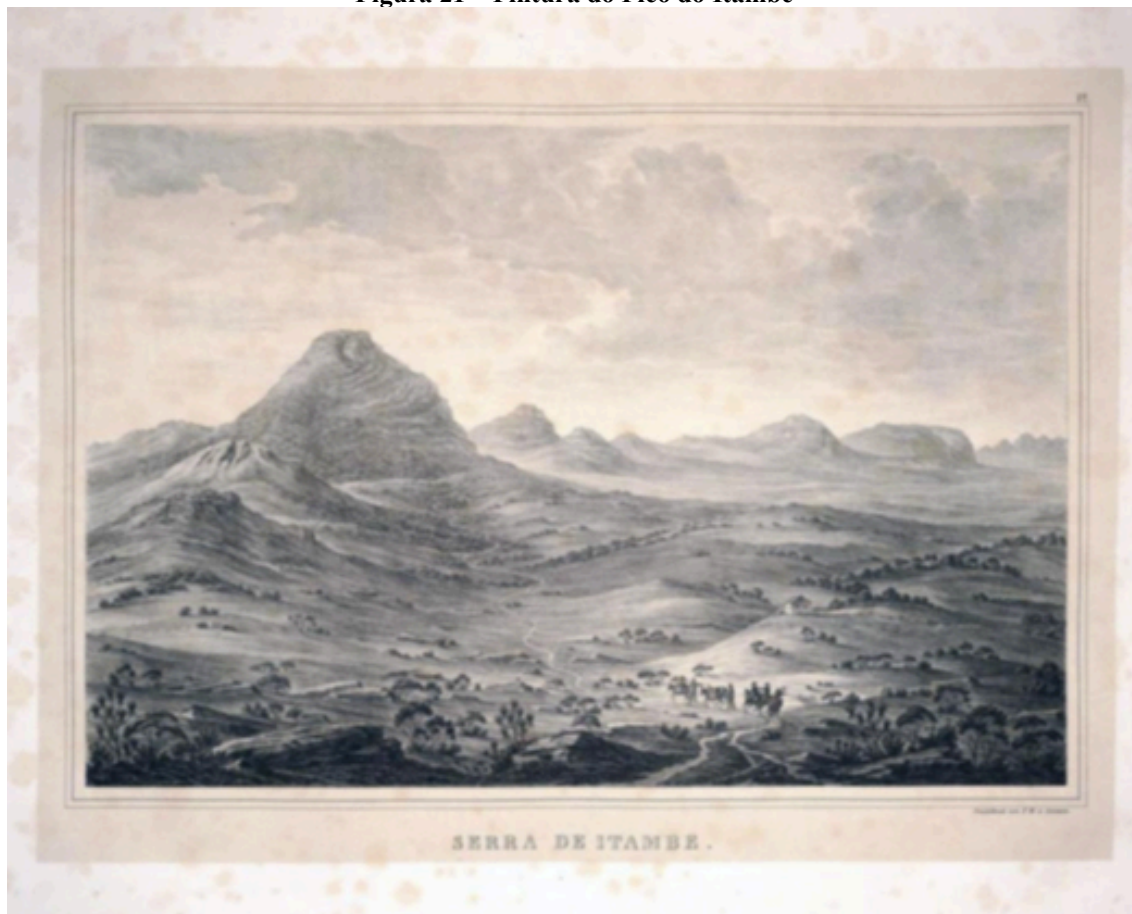
No Brasil, o processo de integração entre cultura e natureza, com a noção de paisagem cultural, foi iniciada a partir do ano de 2009 pelo IPHAN, ao criar a Chancela da Paisagem Cultural. O objetivo desta chancela era:

conferir um selo de reconhecimento a porções do território nacional, onde a inter-relação entre a cultura humana e o ambiente natural confere à paisagem uma identidade singular. Essa certificação funcionaria como um meio de estabelecer normas para a gestão e uso da paisagem, tendo em vista sua defesa, manutenção e melhoramento de sua qualidade, incluindo sempre a população nas discussões sobre a paisagem cultural. (SILVA, 2015, p.37-38)

Embora a chancela brasileira seja de 2009, vários lugares do país já eram candidatos ao título junto a UNESCO, como por exemplo o Itinerário Cultural Estrada Real.

A Estrada Real era uma forte candidata por conta de suas fortes características do patrimônio histórico cultural e natural, como a formação dos primeiros núcleos urbanos datadas do século XVIII, durante o ciclo do ouro e diamante, fornecia um dos maiores acervos do patrimônio histórico e cultural do Brasil, e ainda pelo patrimônio natural vigorosamente marcado ao longo de todo o trajeto em que viajantes como August Saint-Hilaire, John Mawe e Spix e Martius deram grandes destaques em suas publicações. (SILVA, 2015).

**Figura 21 – Pintura do Pico do Itambé**



Fonte: <http://www.biodiversitylibrary.org>

Segundo os proponentes Instituto Estrada Real e Instituto Terra Azul a candidatura da Estrada Real contemplaria pelo menos quatro dos dez critérios estabelecidos para ser considerada como um bem de valor excepcional pela UNESCO:

**Critério II:** “Exibir um intercâmbio importante de valores humanos, ao longo de determinado período ou dentro de uma área cultural do mundo, a respeito de desenvolvimentos em arquitetura ou tecnologia, artes, monumentais, urbanismo ou projeto de paisagem”.

Justificativa: A Estrada Real possibilitou grande intercâmbio comercial e cultural entre povos de três continentes: América, Europa e África. A diversidade cultural e a riqueza comercial geraram uma sociedade culturalmente sofisticada em vários núcleos ao longo da Estrada Real, o que se manifestou principalmente nas artes, arquitetura, música e manifestações imateriais.

**Critério IV:** “Ser um exemplo excepcional de um tipo de construção, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou paisagem que ilustre a(s) fase(s) significante(s) na história humana”.

Justificativa: O patrimônio arquitetônico edificado é de riqueza excepcional, apresentando laços de identidade e revelando o surgimento do singular estilo barroco mineiro. Além disso, minas antigas ou ruínas de complexos de mineração ilustram a evolução das técnicas de exploração do ouro e dos diamantes.

**Critério VI:** “Ser associado de modo direto ou tangível com eventos ou tradições vivas, com ideias, ou com crenças, com trabalhos artísticos e literários de significado universal excepcional”.

Justificativa: Pela Estrada Real a fé católica encontrou uma forte via de expansão na América Portuguesa. A quantidade de templos e santuários revelam a importância da religiosidade na vida dos habitantes da região. Além disso, a Estrada Real foi via de propagação de ideias, motins, sublevações contra a Coroa Portuguesa, como a Conjuração Mineira e também a Guerra dos Emboabas.

**Critério VII:** “Abranger fenômenos naturais superlativos ou áreas de excepcional beleza natural e importância estética”.

Justificativa: A região abriga diferentes tipos de solo, clima, relevo, geologia, hidrografia, além de enorme diversidade biológica (com a existência de três biomas – Cerrado, Mata Atlântica e Campos Rupestres). Estão inseridas na região a Serra do Espinhaço (única cordilheira brasileira) e a Serra da Mantiqueira, com grande endemismo. As unidades de conservação existentes correspondem a 17% da área total considerada. Para o Instituto Estrada Real; Instituto Terra Azul (2008, p. 11): A Estrada Real constitui uma paisagem cultural não linear, representada por uma série de conjuntos de monumentos de alta qualidade e significativa importância histórica associados em um espaço geográfico (...) a Estrada Real, constitui, portanto, uma rota de múltiplos fins. Rota de mineração e de comércio, mas, sobretudo, de intercâmbio entre culturas distintas e que permitiu a criação de uma civilização singular em um curto espaço de tempo, moldadas pelas influências do europeu, do ameríndio e do africano. (...) A natureza espetacular do território conquistado constitui, por fim, um outro diferencial da paisagem cultural da Estrada Real (...) E inseridos neste ambiente, os remanescentes dos caminhos assinalam notavelmente as intrincadas relações entre o homem e a natureza, iluminando a paisagem cultural da Estrada Real.

(INSTITUTO ESTRADA REAL; INSTITUTO TERRA AZUL, 2008, p. 5-7 apud MARQUES, 2009).

Esses pontos davam possibilidade a Estrada Real pleitear, junto a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) a titulação de Paisagem Cultural Mundial. Porém, até o momento o reconhecimento ainda não saiu, e inclusive nem como chancela brasileira, restando aguardar os próximos momentos.

Nesta pesquisa será abordada ainda sobre a importância do ciclo do ouro e do diamante que a rota da Estrada Real suscitou na formação da paisagem cultural de São Gonçalo. O povoado teve seu início nos primórdios do garimpo brasileiro durante o período colonial. Por esta razão deixou um enorme legado simbólico, histórico e cultural no lugar e nas pessoas do lugar e que, por sua vez, será tratado com mais profundidade no capítulo “O (re)desenho da paisagem cultural de São Gonçalo do Rio das Pedras”.

Atualmente o povoado São Gonçalo passa por um momento de modificação da sua paisagem cultural a medida que os neorrurais se aproximam, se instalam e, assim, promovem novas dinâmicas e levam certas iniciativas que, certamente, influem em seu território, em seu cotidiano, em suas práticas, em seus valores e também nas próprias crenças. Já essas situações serão apresentadas mais detalhadamente no capítulo a seguir.

## **2 NEORRURAIS, SOCIABILIDADES E TERRITÓRIOS EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS**

### **2.1 Dinâmicas de sociabilidade**

Os neorrurais, além de estarem ligados com as questões da sustentabilidade ambiental, atuam sobre a sustentabilidade de relações, sobre a economia local através da economia solidária e circular, além de prezarem pela sustentabilidade cultural, por buscarem respeitar, valorizar, preservar e também absorverem os hábitos e conhecimentos locais para suas vidas.

A procura de uma melhor qualidade de vida e proximidade com a natureza, pode devolver ao meio rural a sua identidade, oferecendo-lhe dinâmicas que atraiam os seus residentes e proporcionando um papel importante num país fortemente marcado pela sua ruralidade. (RIBEIRO, 2013, p. 5)

Com as “novas experiências engendradas por esse processo se nutrem de uma diversidade social e cultural que, por sua vez, alimentam as trocas, enriquecendo os bens (culturais e simbólicos) e ampliando a rede de relações sociais” (CARNEIRO, 2008, p. 33) no espaço rural, promovendo, assim, um dinamismo social renovado.

Dessa forma, os neorrurais de São Gonçalo do Rio das Pedras desenvolvem atividades de trocas de saberes e fazeres com os nativos propondo oficinas, cursos e vivências. Assim, os neorrurais intercambiam os conhecimentos e também aprendem técnicas tradicionais e trocam experiências sobre o que conhecem, como fazem tais práticas e como poderão realizá-las utilizando novas tecnologias, formando assim uma nova e complexa teia de saberes. A união do urbano com o rural, do rural com o urbano.

Pensar a ruralidade como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado, a reapropriação de elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos e, no sentido inverso, a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz necessariamente pela destruição da cultura local mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade. Desse encontro, como observa Rambaud, nasce uma cultura singular que não é nem rural nem urbana, com espaços e tempos sociais distintos de uma e de outra. (CARNEIRO, 1997, p. 21)

Assim como Carneiro expõe, a identidade destes dois mundos em constante perspectiva de práticas dialógicas tem o poder de despertar a potência desta hibridização



a ser benéfica, agregadora e inclusive enriquecedora. Ou seja, não é um que apropria do outro, nem o valoriza ou, que seja, se transforma. São os dois mundos, o rural e o urbano, em plena conexão que se intervalorizam, se constroem, se fortalecem e se modificam, ao mesmo tempo que ambos manterão suas características originais respeitando suas práticas e sociabilidades em mesmo tempo/espço.

**Figura 22 - Divulgação das oficinas de práticas tradicionais: extração de óleo de coco e de bordado**



Fonte: Divulgação Girassol, 2019

Disponível em: <https://www.facebook.com/girassolescoladavida>

**Figura 23 –Processo realizado durante a oficina de extração de óleo de coco**





Fonte: do autor, 2019

As práticas das imagens acima mostram o interesse dos neorrurais em conhecerem e trocarem técnicas dos saberes e fazeres como forma de valorização das práticas culturais antigas dos nativos do povoado e a troca existe quando alguns nativos se disponibilizam a ofertar os conhecimentos por saber que ele não será perdido. Isso é dito, pois em muitas conversas com os nativos, uma grande maioria apontou que os jovens do povoado já não se interessam mais nas práticas tradicionais, querendo ir para a cidade trabalhar e/ou estudar e seguir suas vidas.

A capacidade das zonas rurais fixarem população mais jovem está diretamente relacionada com as oportunidades de emprego que oferece e de respostas a nível de bens culturais e de serviços, garantindo assim níveis de qualidade de vida esperados e desejados por qualquer jovem.  
(ENTRUDO & SERAFIM, 2004, p. 20)

Dessa forma, acaba por existir um hiato dos saberes que podem ser perdidos no tempo. Então, uma troca de saberes como essas fortalecem a manutenção dos saberes e fazeres do povoado, mesmo que não esteja em seu próprio domínio, mas que estejam sendo valorizados e resguardados por outros.

O movimento de resgate de determinadas práticas do passado, cujo registro pertence somente aos mais velhos, por oferecer saídas alternativas à crise do modelo produtivista sem, contudo, expressar um 'retorno à tradição' ou uma 'volta ao passado'. Essa recontextualização do passado, ou se quisermos, da 'tradição' aponta pra respostas concretas e viáveis (não apenas no âmbito da economia, mas também da sociedade para a crise da modernização).  
(CARNEIRO, 1997, p. 06)

De certa forma, o resgate das práticas tradicionais realmente não configura uma volta ao passado, mas a importância disto fica no campo simbólico da satisfação nas trocas dos saberes tradicionais que os nativos ainda guardam serão permanecidos no tempo, mesmo que por um curto tempo.

Os neorrurais que se envolvem com a manutenção das práticas culturais tradicionais do local favorecerem uma abertura de relações socioeconômicas como a comercialização dos produtos tradicionais dos espaços rurais nos grandes centros, voltando-se, assim, para a questão da pluriatividade, multifuncionalidade e ruralização da cidade. Sendo que com "[...] a desvalorização das atividades, tem-se vindo a observar, recentemente, o surgimento de novos atores que protagonizam uma maior mobilidade

entre a cidade e o campo, novos modos de vida, novos modos de produzir e novas atividades econômicas” (REIS, 2014, p. 5).

O objetivo dos neorrurais de São Gonçalo não é somente presenciar e aprender sobre as práticas tradicionais, mas sim de realizarem tais práticas em conjunto, trocando experiências e olhares, por vezes até trazendo novas tecnologias que podem facilitar alguns trabalhos destas atividades. E após produzirem juntos, os neorrurais se encarregam em realizar o escoamento dos produtos. Os neorrurais, através da mobilidade e pendularidade, acarretam novos processos de refuncionalização do espaço rural (COVAS & COVAS, 2011) e auxiliam não só no resgate e na manutenção de certas práticas culturais como também na possibilidade de alcançar maiores vendas dos produtos. No povoado há uma certa dificuldade em escoar os produtos. Isso motivou diversos produtores a diminuir a frequência das práticas, pois ficavam com estoque de produtos parados por muito tempo.

Dessa forma, os neorrurais, com a facilitação de acesso e desenvoltura com a internet realizam vendas *on-line*, promovem feiras e também participam de feiras nos grandes centros ou ainda providenciam encomendas para espaços comerciais maiores como Belo Horizonte. Assim, os recursos levantados com as vendas dos produtos são repartidos entre todos os participantes no feitiço dos produtos e por seguinte realizam pequenos investimentos para a profissionalização e comercialização dos produtos, como vasilhames, rótulos, embrulhos, etc. Portanto, por vezes, são firmadas parcerias para a produção dos produtos tradicionais e venda destes, como forma de aumentar a renda tanto dos nativos quanto dos neorrurais. Assim, estabelecem “profundas alterações que se inscrevem nas transformações sociais, econômicas e institucionais do mundo rural [...] no sentido de ser possível interromper o seu ciclo de abandono e esquecimento” (REIS, 2014, p. 5).

Todas as atividades de trocas realizadas entre nativos e neorrurais somente são possíveis após um período de criação e estreitamento de laços gerando confiança e reciprocidade, tornando assim, uma amizade que posteriormente pode se transformar em parcerias, iniciativas e empreendimentos.

Ainda, dentro da proposta de trocas de saberes e fazeres, os neorrurais realizam eventos com este foco, como o “Encontro dos Povos do Espinhaço – Seminário do Saber Popular”. O evento é uma articulação da Rede Espinhaço – Rede de Salvaguarda do Patrimônio Natural e Cultural da Cordilheira do Espinhaço que promoveu diversas

atividades como forma de valorizar, resgatar e empoderar tais conhecimentos tradicionais.

A terceira edição foi realizada em São Gonçalo e dezenas de neorrurais participaram da construção do evento e também atuaram ativamente nas edições anteriores. Assim, vários neorrurais, inclusive os inseridos no povoado de São Gonçalo, auxiliaram nesta edição do evento em São Gonçalo, desde a escrita do projeto, submissão e aprovação no edital de financiamento, no processo de cooperação junto aos órgãos públicos municipais e estaduais, na produção, na organização e na execução do evento.

**Figura 24 - Divulgação do III Encontro dos Povos do Espinhaço – Seminário do Saber Popular - em São Gonçalo do Rio das Pedras**



Fonte: Divulgação Rede Espinhaço, 2018

Os neorrurais também foram responsáveis por convidar diversos nativos que possuem conhecimentos tradicionais a participarem das atividades. A programação do evento contou com, por exemplo, a participação de grupos de guarda de cultura popular da região; rodas de conversa entre raizeiros e benzedadeiras; rodas de conversa sobre parto natural e as parteiras da região; práticas tradicionais na terra, técnicas construtivas vernaculares; entre outros tantos assuntos de referência local e da tradição deste povo do Espinhaço. O evento ainda contou com pessoas de outros vilarejos e povoados da região

próxima de São Gonçalo, fazendo com que esse intercâmbio fosse ainda mais fidedigno e abundante.

**Figura 25 –Roda de conversa entre benzedeadas e raizeiros**



Fonte: do autor, 2018

De toda forma, os neorrurais também trazem e geram novos conhecimentos e dinâmicas sociais com a tentativa de um convívio contínuo e harmônico com os moradores e nativos. Assim, alguns neorrurais também oferecem algumas atividades em benefício da população local como forma de melhoramento da qualidade de vida.

Um caso observado foi a consultoria gratuita de arquitetura para os moradores locais. Uma vez que o povoado passa por um momento de expansão imobiliária fomentada pelos próprios nativos em que muitas das casas que estão sendo construídas não possuem um projeto executivo de arquitetura ou de engenharia, nem projetos elétricos ou hidráulicos. Embora desde há muito tempo as construções fossem feitas sem projetos de engenharia ou arquitetura e os profissionais da construção civil já terem experiência suficiente para construir imóveis como necessitam ou desejam, a consultoria de arquitetura foi uma forma de ampliar o olhar e inclusive a atuação desses profissionais, proporcionando, assim, uma espécie de capacitação técnica para outras formas e frentes de trabalhar na construção civil.

**Figura 26 - Consultoria de arquitetura**



Fonte: Divulgação Arteliê e do autor, 2019

Dessa forma, o autor acompanhou uma dessas consultorias e percebeu que existe uma grande quantidade de mão de obra na construção civil local e muitos dos profissionais têm um bom nível de entendimento e capacidade plena para levantar uma residência. Porém também foi observado que há uma certa dificuldade em realizar o planejamento da obra, em conceber os espaços ou dar soluções para a execução de escadas por exemplo. Além da dificuldade em outros aspectos como a ampliação da residência ou a leitura e compreensão de projetos executivos. Sendo assim, a consultoria se fez necessária e enriquecedora para alguns dos profissionais da construção civil do povoado promovida por um neorrural fortalecendo o intercâmbio entre saberes tradicionais e o conhecimento técnico formal.

Dessa forma, a consultoria de arquitetura é uma oportunidade ímpar para as pessoas do lugar, uma vez que os espaços rurais estão se transformando e crescendo significativamente ao longo do tempo. Portanto, há uma importância urgente dos profissionais da arquitetura olhar, acessar e atuar nos espaços rurais como o arquiteto e urbanista Rem Koolhaas enfatizou durante a abertura do IV Congresso Internacional de Arquitetura realizado em 2016:

O mundo rural existe em nossa vida, não como realidade, mas como um mito [...], inclusive o campo está se transformando mais rapidamente que as cidades. Temos que mirar mais além, nos concentramos demais no desenvolvimento urbano, esquecendo um pouco o campo. Estamos começando a estudá-lo, e embora haja um grande conhecimento, continua fora de nossos radares. Devemos pensar em metodologias para uma paisagem que cedo ou tarde teremos que assumir. Devemos intervir em espaços descampados, semi-abandonados, poucos povoados, por vezes mal conectados. [...] O atual desafio



da arquitetura é entender o mundo rural. A arquitetura não tem que estar relacionada apenas com a beleza e a estética, mas também como ação política. [...] A mim nunca interessaram tanto as formas como o fato de poder interferir na sociedade. (KOOLHAAS, 2016)

Portanto, a atuação da arquitetura social é muito válida, tanto pela relação e interação neorrural com o nativo, quanto pela importância da atuação de um profissional do ramo estar presente no povoado para auxiliar nas questões práticas, técnicas e simbólicas do povo, de sua paisagem, de seus saberes e das possibilidades que um planejamento arquitetônico e urbanístico pode trazer para a vida da comunidade como um todo.

Outras tantas atividades são desenvolvidas pelos neorrurais como forma de interação das pessoas do e no povoado, promovendo ações culturais para despertar e oportunizar o acesso a diversos bens artísticos culturais, como o caso do cinema. Os neorrurais da região criaram um cineclube, que acontece esporadicamente, com projeções de filmes autorais, independentes e clássicos do cinema nacional para toda a população ter mais uma opção de lazer. Embora a iniciativa seja recente a população local demonstrou interesse e a participação tem crescido timidamente a cada edição.

Figura 27 - Divulgação do cineclube em São Gonçalo

**convida**  
**HAPPYHOUR**  
**AUDIOVISUAL**  
**DE CARNAVAL**  
**02/03**  
**18h**  
 - FILMES  
 - PIPOCA  
 - BEBIDAS  
 - PERFORMANCE AUDIOVISUAL  
 - LANÇAMENTO DO COLETIVO  
 - CELEBRAÇÃO  
**SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS (MG)**  
**local: girassol - escola da vida**  
**PROJEÇÃO DE FILMES DE**  
**AUTORIA E CURADORIA DO**  
**COLETIVO DE PRODUTORES**  
**AUDIOVISUAIS DA REGIÃO**

**CINECLUBE SÃO GONÇALO**  
**CONVIDA PARA**  
**INAUGURAÇÃO DO CINECLUBE**  
**COM FILMES**  
**PRETO E BRANCO**  
**VAI TER PIPOCA**  
**LARGO DO COMÉRCIO, SÁB, 18H**  
**23 DE MARÇO 2019**  
**CONTATOS NO WHATSAPP**  
**MARCELA 31 98450-0803**  
**IGOR 31 98801-7707**  
**YURI 31 98693-3242**

**GIRASSOL - ESCOLA DA VIDA**  
**ENDEREÇO: RUA DA FLORES, 35**  
**CENTRO, SORP (MG)**  
**CONTATO: (31) 98801-7707**  
**COREALIZAÇÃO:**  
**Girassol**  
**Escola da Vida**  
**IDEALIZAÇÃO:**  
**PRODUTORES AUDIOVISUAIS RURAIS**

Fonte: Divulgação Produtores Audiovisuais Rurais, 2019

Ainda há outra atividade que propicia às pessoas do povoado fortes experiências como a oficina de astronomia. Com observações sobre a lua, eclipse, as estrelas cadentes e as constelações. As oficinas são feitas através de uma aula introdutória sobre o tema da vez e a utilização de um telescópio profissional em locais estratégicos para a visualização dos astros. Embora os horários para as observações sejam de noite e madrugada sempre há presença de pessoas para presenciar os eventos astronômicos.

**Figura 28 - Divulgação oficina de astronomia**



**Oficina de Astronomia**  
**Estudo e observação da Super Lua e Eclipse Lunar Total**

Data: 20-21 de janeiro de 2019  
 Local: São Gonçalo do Rio das Pedras - Serro/MG  
 Ministrante: Vladimir Dayer

- Estudos de aspectos astronômicos da Lua
- Acompanhamento do Eclipse Lunar
- Observações com telescópio
- Leitura de mapas lunares

Contribuição: **R\$25,00**  
 Máximo de 15 vagas

**CRONOGRAMA**

Aula: A LUA  
 Dia 20  
 20h00min às 21h30min

Acompanhamento do eclipse e observações astronômicas da Lua  
 Madrugada do dia 20 para dia 21  
 01h30min às 3h30min

INSCRIÇÕES: (38) 999560433 Zap  
 vladimirdayer@gmail.com

Fonte: divulgação pública, 2019.

O autor participou dessas duas últimas atividades apresentadas acima. Porém não foi possível realizar o registro fotográfico: por serem atividades noturnas, a qualidade das imagens não ficariam razoáveis.

Os neorrurais retomaram atividades que perderam força nos últimos anos, como a feirinha de produtos locais. A feira teve grande força desde a época dos tropeiros, mas ao longo dos anos foi diminuindo até se encerrar. Com a chegada de alguns neorrurais, que estão trabalhando com o foco na terra e nos produtos agrícolas, a feira tomou um novo fôlego com várias tentativas de se firmar até que ganhou uma periodicidade. Atualmente a feira acontece quinzenalmente no Largo do Comércio, área central de São Gonçalo, movimentando o povoado de forma bem dinâmica e fluida quinzenalmente, beneficiando tanto neorrurais, nativos e produtores quanto os turistas e visitantes que passam pelo local. Além de ser um ponto de encontro, de trocas, de convívio social e de afeto entre os diversos atores em questão. Como Ferreira (2019) apresenta:

São Gonçalo está passando por um processo de hibridação em seus aspectos sociais e culturais. Por conta de sua história, famílias que moram há muito tempo na região convivem com muitas pessoas que vieram de outros lugares para se estabelecerem por ali. Assim, aparecem situações inusitadas entre as pessoas do lugar e os classificados como 'de fora'. Tal processo cria mudanças em alguns costumes da comunidade no dia a dia. Por mais que os sujeitos inseridos nessa dinâmica não estejam necessariamente abandonando seus modos de vida, a feira possibilita que seus saberes e práticas sejam constantemente atualizados a partir de vivências nesse espaço de convívio onde também se faz a vida. (FERREIRA, 2019)

**Figura 29 - Feira local em São Gonçalo**



Fonte: do autor, 2019

Importante salientar que a maioria das atividades dos cursos e oficinas desenvolvidas pelos neorrurais no povoado de São Gonçalo são feitas de formas gratuitas ou com preços acessíveis para a população local poder prestigiar. Em outras atividades que são pagas costuma haver bolsas e descontos para nativos, para pessoas de baixa renda ou estudantes interessados nos temas como forma de acessibilizar a participação.

As divulgações são comumente feitas tanto nas mídias sociais quanto por meio de cartazes anexados nos pontos comerciais mais frequentados pela população local. Algumas atividades ainda são divulgadas através do equipamento de som da igreja matriz do povoado, tendo grande alcance de escuta. No entanto, por ser um povoado tradicional e, em algumas situações, conservador, nem sempre há grande número de nativos presentes nas atividades. De toda forma, os neorrurais seguem promovendo diversas atividades que podem ser de livre acesso a todos. Com o passar do tempo, os nativos vão perdendo a desconfiança e se envolvendo mais com as iniciativas dos neorrurais.

Algumas atividades são de temas bem restritos e complexos que por vezes nem as pessoas do povoado nem alguns dos neorrurais conseguem compreender o que está sendo proposto. Portanto são atividades para um nicho específico de pessoas. Essas



atividades de nicho específico, na maioria das vezes, não são divulgadas em cartazes e nem na igreja, sendo estritamente divulgadas em algumas mídias sociais para um público selecionado.

Em se tratando da relação e interação com os nativos do local, foi possível apurar através da observação participante, que existem alguns neorrurais mais ativos e participativos com o povoado e as pessoas do povoado. Da mesma forma que também foi possível compreender que, mesmo entre os neorrurais, há alguns desafios para acessar as particularidades. Como um exemplo: existe uma quantidade pequena de neorrurais que circulam e interagem muito pouco com o povoado, bem como se relacionam discretamente com outros neo-rurais. Mas, por outro lado, relacionam-se fortemente com um seletivo grupo de neorrurais dos quais têm mais afinidades, gerando assim, uma espécie de redoma social entre alguns neorrurais. Esses tipos de neorrurais são em quantidade quase ínfima, não possibilitando material suficiente para análise.

De certa forma pode-se pensar a existência de tipologias das relações e interações dos neorrurais com o povoado e as pessoas do local. Sendo assim, uma maior parte dos neorrurais são bem ativos inclusive com participações em assuntos e nas decisões locais, nos quais existe uma grande capilaridade nas relações e interações com as pessoas do povoado, como: I) neorrurais que já estão inseridos no povoado a mais tempo, 10 anos ou mais; II) neorrurais que passaram pela escola como educadores ou se envolveram substancialmente nas atividades escolares; III) aqueles que, mesmo recém-chegados, envolvem-se e somam-se às atividades do povoado, ou pelo menos na vida de alguns nativos, mostrando profundo interesse e respeito pelas práticas tradicionais formando, por vezes, parcerias em algumas atividades; IV) neorrurais que promovem atividades e benefícios, através das tecnologias sociais para solucionar ou melhorar demandas necessárias nas casas dos nativos ou no povoado em geral; V) neorrurais que oferecem consultas, consultorias, cursos e propostas de auxílio para o melhoramento da qualidade de vida dos nativos ou para a própria estrutura do povoado; VI) aqueles neorrurais que contratam os serviços prestados pelos nativos ou compram produtos comercializados pelos nativos, com frequência; e por último, VII) neorrurais que se disponibilizam e se interessam em dialogar constantemente com a comunidade local sobre os mais diversos assuntos e que estão próximos nas mais variadas situações, criando um laço profundo e real de amizade. E que, por fim, realizam visitas à casa dos nativos para tomar um café, passeios pelo povoado ou pelas propriedades rurais dos nativos, ou mesmo para benção e/ou simpatias. Ou seja, mostrando verdadeiro interesse em conhecer e fazer parte do

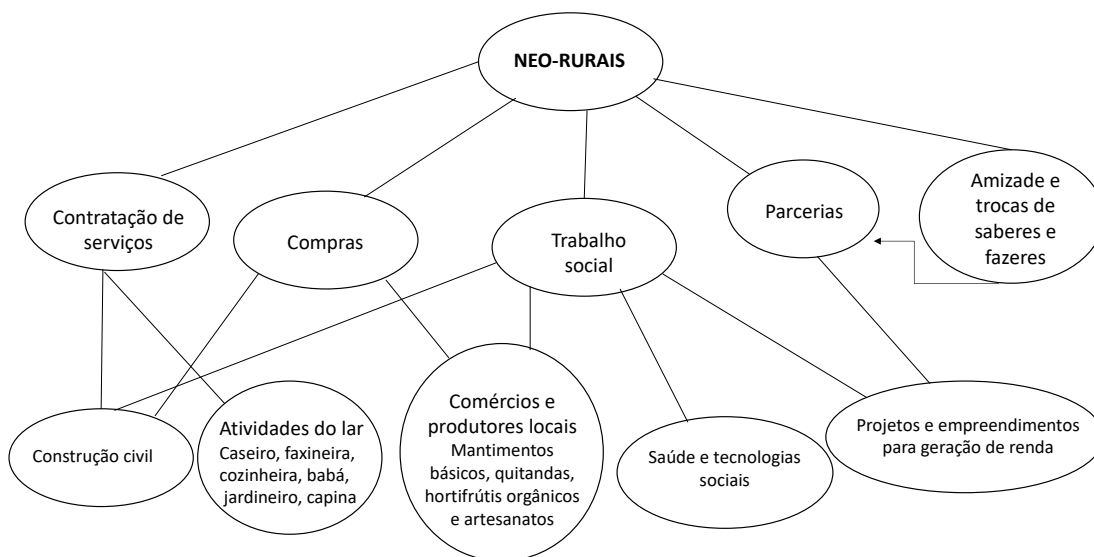
local, das pessoas, do cotidiano e aceitando convites para participar das celebrações familiares e afins. Por fim estabelecendo uma relação de reciprocidade e de dádiva (MAUSS, 1988).

Todos esses pontos supracitados demonstram que a taxa de aceitação é maior para aqueles que se envolvem diretamente com o povoado ou com as pessoas nativas de forma constante e amistosa. Essas tipologias são conquistadas através de muito diálogo, trocas de informações e conhecimentos, contação de histórias e aplicação dos princípios da cordialidade e da respeitabilidade para, então, formar uma complexa rede de interatividade e de confiabilidade. Que por sua vez promove o sentimento de identificação e pertencimento, tanto dos neorrurais se sentirem totalmente “aceitos” no local, quanto da população nativa enxergar esses muitos neorrurais como parte intrínseca da história recente do povoado.

Dessa forma, foi elaborado um infográfico com as informações obtidas no trabalho de campo e observação a respeito dessa complexa rede de relações e interações dos neorrurais com os nativos do povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras.

#### Infográfico 5 - Relações e redes de interações

Esquema de relações e redes de interações dos neo-rurais com os nativos



Elaborado pelo autor, 2019

Além da rede de relações que os neorrurais constróem com o povoado há também a localização no qual estes se instalam e que pautam essas relações. Os neorrurais que chegaram por volta do ano de 2000 optaram em adquirir terrenos nas áreas centrais junto

a sede distrital de São Gonçalo pois até aquele momento o povoado ainda estava no início do processo da expansão imobiliária e algumas áreas ainda estavam desocupadas e com preços bem acessíveis. Nessa época, era facilmente encontrado terrenos com tamanho médio de 3.000 metros quadrados (BESSA, 2011), quantidade esta que os neorrurais se sentiam bem agraciados sendo o suficiente para poderem construir sua residência, realizar os plantios, entre outras possibilidades.

Dessa forma, esses neorrurais se instalaram em vários pontos que ainda estavam dentro desse perímetro. Embora também alguns neorrurais tenham adquirido terrenos relativamente distantes do centro histórico para terem privacidade. No entanto, algumas dessas áreas hoje se anexaram ao processo da expansão imobiliária e estão inseridas na área urbana.

Ainda nessa época, alguns neorrurais formaram uma espécie de condomínio, não por dividirem os terrenos e sim por se tornarem vizinhos, formando-se uma espécie de bairro neorrural. Então, existem certas áreas no qual o processo de ocupação dos neorrurais se deu em curtos períodos, pois havia uma certa facilidade de negociação pela condição de uma sólida relação que um neorrural instalado já tinha com os proprietários dos terrenos próximos. Assim este neorrural sugeria outro neorrural que estava interessado no terreno para o proprietário. A relação de confiabilidade que estava construída descomplicava o processo da aquisição e assim alguns neorrurais viraram “vizinhos”.

Até os dias de hoje os proprietários dos terrenos costumam se inteirar de quem são os tais neorrurais que estão querendo adquirir um terreno. O motivo dos nativos em querer saber quem está interessado nas propriedades se dá pela preocupação em receber todo o pagamento acordado, saber quais os motivos e interesses da aquisição, saber a integridade moral do possível comprador e, principalmente, se este irá dar o devido uso e cuidado às propriedades que costumam ter mata nativa, rios e nascentes. Dessa forma, os nativos proprietários de terras costumam conversar entre eles para saber como cada qual está se saindo com as vendas. Se foi um bom negócio se não foi, se está dando certo ou se tiveram grandes problemas.

Um caso recente que ocorreu no povoado é de uma grande área que estava a venda, pois o proprietário queria fazer alguns investimentos em São Paulo onde a família já estava a muitos anos. Este nativo recebeu uma proposta bem atraente para a venda de seu terreno e quando ele foi buscar informações sobre quais seriam os interesses deste comprador descobriu ser um empreendedor especializado em construir condomínios de

luxo. O comprador atua em Minas Gerais e iria fazer um loteamento bem no encontro do terreno com a estrada que dá acesso ao povoado. O proprietário decidiu então não vender o terreno pois onde o empreendedor iria fazer o loteamento encontram-se várias nascentes, córregos, cachoeira e mata ciliar. Dessa forma, o proprietário optou em aguardar uma nova proposta de alguém que desejasse preservar os atributos naturais do terreno. E quando pouco se esperava ele recebeu a proposta de alguns neorrurais para formar um núcleo de assentamento sustentável coletivo e que a prioridade deste novo empreendimento seria justamente a preservação da natureza local e o reflorestamento. Hoje este terreno é onde está localizada a Terra da Unidade, empreendimento este que será apresentado mais adiante.

Do começo até meados da década de 2010, São Gonçalo já estava mais expandido e os neorrurais tiveram dificuldades para adquirir terrenos na área urbana do povoado tanto pelos valores que já estavam subindo quanto pelo parcelamento que os terrenos começaram a ter passando a ser lotes. Neste período, os lotes estavam divididos em torno de 500 metros quadrados, sendo possível adquirir em mais quantidade, mas os valores eram proporcionais aos lotes. Então aí já houve uma inflacionamento substancial dos valores para aquisição de lotes.

Esses parcelamentos dos terrenos e o inflacionamento foi causado por conta da grande visibilidade que o povoado começou a ter e a “pressão imobiliária causada nestas localidades pelo turismo. A oportunidade de se fazer negócios nos distritos, como comprar e vender lotes e investir em empreendimentos turísticos” (SILVA, 2015, p. 170). Assim como Graziano da Silva (2001) aponta que as demandas urbanas impuseram a ocupação e investimentos na área rural no qual envolve uma diversidade de interesses, como os processos ligados à demanda imobiliária.

E com a atuação de imobiliárias da região do Serro e Diamantina no qual viram um grande potencial para comercialização de lotes no povoado. São Gonçalo chegou a ter uma imobiliária bem no pequeno centro comercial e alguns nativos associam o fato do parcelamento de terrenos e aumento dos preços dos lotes e terrenos por conta dessas imobiliárias atuando no local.

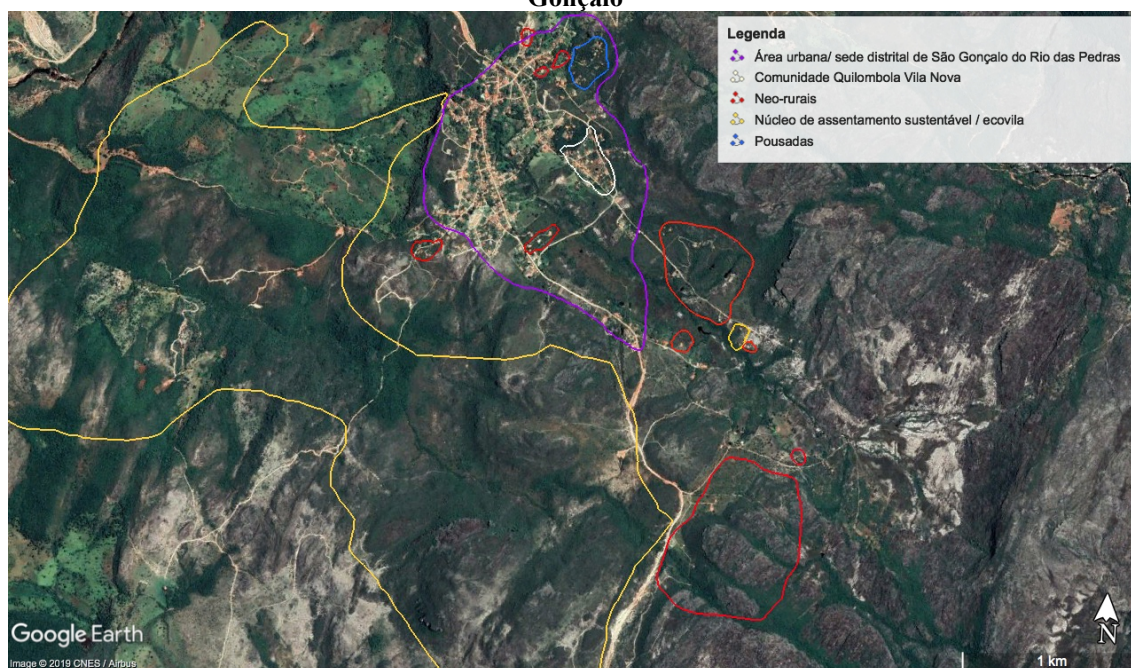
A maioria dos neorrurais preferem terrenos maiores para poderem explorar e ocupar a área como planejam. Portanto, pequenos lotes não costumam atender os anseios destess. Os neorrurais também optam por terrenos mais afastados da área urbana para terem mais privacidade e ainda buscando o distanciamento da possibilidade da expansão imobiliária chegar até onde se instalaram. Dessa forma, alguns neorrurais adquiriram

terrenos bem afastados do centro histórico como a região do Angu Duro e do Engenho que são áreas rurais com estradas de difícil acesso, sendo necessário o deslocamento através de um automóvel com tração 4x4. Nessas áreas rurais, é possível adquirir grandes terrenos e com preços ainda bem acessíveis.

Outros neorrurais se instalaram em áreas ainda não tão especuladas como áreas que eram utilizadas para o pasto pelo antigo proprietário e que a qualidade da terra está sacrificada, entre outros fatores.

O fato é que muitos dos terrenos e lotes em São Gonçalo são de terras devolutas e que muitos nativos cercaram e passaram a comercializar estas áreas. Muitos dos terrenos e lotes à venda ou já comercializados no povoado são firmados em cartório com contrato de compra e venda e sendo poucas as áreas que de fato estão regularizadas.

**Figura 30 - Representação da expressão dos neorrurais com a localização no território de São Gonçalo**



Fonte: do autor, 2019. Adaptado do Google Earth

Na imagem, estão selecionadas as várias áreas em que os neorrurais estão instalados com residência própria (cor vermelha), assim como a sede distrital de São Gonçalo (cor roxa), a área da maioria das pousadas (cor azul), os núcleos de assentamento sustentável coletivo (cor amarela) e o quilombo Vila Nova (cor branca).

Atualmente é possível ser encontrado lotes com 360 metros quadrados a venda, principalmente nas áreas próximas ao campo de futebol e o cemitério, com o mesmo preço de um terreno de 10.000 metros quadrados na região do Angu Duro e Engenho. Dessa forma, é mais interessante, economicamente falando, adquirir um grande terreno em áreas mais distantes do que um lote urbano.

Embora os neorrurais tenham preferências por áreas maiores e por vezes distantes do centro histórico e comercial, não os fazem atores distantes da realidade e de inserção local. Muitos desses neorrurais continuam suas relações com os comércios e também com as pessoas do local tanto por uma questão de uma sólida relação de amizade quanto por empregar os nativos em diversos serviços e/ou comprando produtos produzidos pelos nativos, bem como oferecendo atividades para o povoado.

Dessa forma, os neorrurais fomentam uma nova dinâmica de socialização no local. Uma vez que estão preocupados com a sustentabilidade das/nas relações de forma contínua estando sempre a frente das diversas trocas de conhecimentos como forma de agregarem novas práticas e também de absorverem as práticas tradicionais do lugar.

Não o bastante, os neorrurais levam certas iniciativas para o local como as práticas de desenvolvimento sustentável pela ótica da permacultura onde preconizam a restauração ecológica. Como será visto a seguir.

## **2.2 Coletividade territorial para a sustentabilidade**

Reforçando a idéia da existência de uma gama complexa de relações sociais nessas localidades, cabe direcionar o foco de análise também para o papel dos neo-rurais no estímulo à sociabilidade e à criação de laços de solidariedade, através da implementação de projetos coletivos, criação de associações e grupos diversos. (CARNEIRO, 2008, p. 33)

Os neorrurais acreditam no espírito inventivo de transformação social, na veneração e honra à natureza, e sobretudo, têm como premissa a formação de uma unidade vivencial coletiva e de colaboração para uma mais fluida ocupação e constituição de seus espaços com foco, na maioria, nas questões ecológicas. Assim é possível adentrar em um ponto de discussão sobre as atividades e métodos de vivências dos neorrurais. Alguns neorrurais vivem em espaços coletivos e colaborativos e utilizam deste espaço com interesses e práticas em comum.

Raffestin (1993) define a territorialidade como uma multidimensionalidade inerente do “vivido” territorial através dos diferentes atores/membros que compõem uma população (coletividade territorial) no qual é “a maneira pela qual as sociedades satisfazem, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados, suas necessidades em energia e informação” (RAFFESTIN, 1993, p. 160).

Os homens vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. [...] visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159)

Assim o território é uma tríade concebida entre a sociedade-espço-tempo de “produção a partir do espaço” baseado nas necessidades existenciais (social, política e cultural) e também em relação a natureza ou produtivista no campo da economia.

(...) a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007, p. 22).

Como apresentado, essa parcela dos neorrurais dão o significado a um território após um longo processo de discussão em conjunto para escolha do local, da aquisição de grandes áreas rurais e do planejamento do assentamento com o viés da sustentabilidade. Posteriormente essas grandes áreas são parceladas e cada membro se torna proprietário de uma área específica. Embora cada membro tenha uma parcela da terra as decisões de todo o processo são feitas de forma coletiva e ainda estas grandes propriedades contam com espaços e atividades coletivas, formando assim núcleos de coletividade territorial de assentamentos sustentáveis.

Estes núcleos, popularmente, conhecidos como comunidades alternativas ou ecovilas traz um aspecto diferenciado para as categorias dos neorrurais, embora a conceptualização possa ser contraditória para os próprios moradores, inclusive como formatação jurídica e também como termo conceitual/teórico, uma vez que pode-se utilizar diferentes termos e conceitos como: comunidade alternativa, condomínio ecológico, eco-comunidade, eco-aldeia, assentamento sustentável, empreendimento coletivo, empreendimento rural ou mesmo ecovila.

Por etimologia, ecovila traz duas questões primordiais para o entendimento do termo: ecologia e comunidade. Quanto a definição de ecovilas foi utilizada as informações do *Global Ecovillage Network*<sup>1</sup> (GEN), Rede Global de Ecovilas, portal de referência mundial sobre o assunto, que conceitualiza a ecovila em duas vias, a tradicional e a intencional. A primeira sendo a ecovila tradicional como "aldeias e comunidades rurais existentes que decidem projetar seu próprio caminho para o futuro, usando processos participativos para combinar a sabedoria tradicional que sustenta a vida e a inovação positiva". Já a ecovila intencional é definida como comunidades "criadas por pessoas que se juntam para construir comunidades renovadas com propósito ou visão compartilhada", embora o próprio *site* admita que a definição não possa ser somente de um único modo, mas elucida que na maioria delas há um fator padrão, o compartilhamento. Dessa forma, Arruda (2018) faz três apontamentos essenciais para que se possa caracterizar uma ecovila:

1. Aplicação de processos participativos locais;
2. Integração das dimensões social, cultural, econômica e ecológica numa abordagem integralista ou sistêmica de sustentabilidade;
3. Regeneração ativa dos ambientes naturais.

As ecovilas são comunidades desenvolvidas propositalmente por um grupo de pessoas com intuito e objetivos semelhantes, com o desejo de compartilhar entre si e desenvolver o território sob uma perspectiva ecológica. Comumente existe regimento interno sobre condutas éticas, direitos e deveres do grupo através de uma “gestão participativa e tomada de decisões que permitam o desenvolvimento orgânico das atividades e projetos comunitários” (JORGE, 2008, p.46).

Para Bomtempo (2011) as ecovilas são comunidades preferencialmente rurais, mas que podem estar situadas próximas a um perímetro urbano bem como em locais mais distantes e, ora, até de difícil acesso. Tendo isso, podemos flertar com a perspectiva de Antônio Cândido sobre os bairros rurais dos caipiras de São Paulo, independente da distância entre as residências e das atividades individuais de cada morador da ecovila,

---

<sup>1</sup> Global Ecovillage Network - Associação de comunidades que trabalham para a regeneração planetária, interligadas dentro de uma rede internacional, com foco no desenvolvimento sustentável e na criação de estratégias para a transição global e para a resiliência de comunidades e culturas. Para mais informações basta acessar: <<https://ecovillage.org>>.



estes se consideram como parte e interdependente de uma estrutura coletiva, compartilhada e participativa:

[...] O que é bairro?’ – perguntei certa vez a um velho caipira, cuja resposta pronta exime numa frase o que se vem expondo aqui: - ‘Bairro é uma naçãozinha’ – Entenda-se: a porção de terra a que os moradores têm consciência de pertencer formando uma certa unidade diferente das outras. (CÂNDIDO, 1975, p.84)

Ainda aprofunda sobre as práticas de vínculos, de compartilhamento do espaço e de colaboração da vizinhança dos bairros rurais dos caipiras, se aplica similarmente ao caso das ecovilas tendo em vista que a

[...] estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamos de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo, e pelas atividades lúdicos-religiosas. As habitações podem estar próximas umas as outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. (CÂNDIDO, 1975, p.44).

Assim como explicitado acima, algumas das atividades dos neorrurais, observadas durante o trabalho de campo, são realizadas no formato de auxílios mútuos e em mutirões. Seja para trato nas plantações, construção/reforma de casas, capina, auxílio na educação dos filhos, limpar as nascentes e os rios, ou até mesmo para produção e comercialização de produtos manufaturados ou manipulados e beneficiados do roçado e afins. Dessa forma, os mutirões, a troca de serviços, o escambo e, por principal, a reciprocidade são alguns fatores que pautam uma das dinâmicas dos neorrurais.

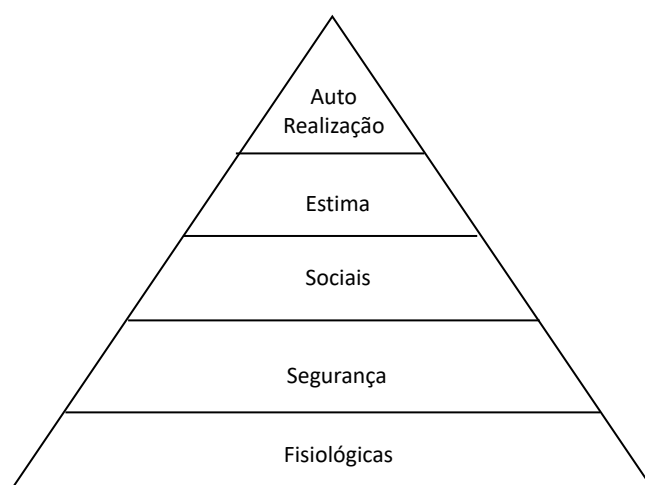
Outro ponto importante a ser mencionado é que uma parcela dos neorrurais é adepta de métodos de desenvolvimento sustentável, utilizando como cerne uma conduta baseada nos fundamentos da permacultura, da agroecologia e da economia solidária e circular. Tais fundamentos servem tanto como método de planejamento para a formação do assentamento sustentável, quanto para as relações sociais e práticas com a terra.

Esses neorrurais praticantes da permacultura levam a cabo uma série de princípios e éticas em referência a algumas práticas e atividades para a sustentabilidade de acordo as necessidades e demandas. De certa forma contrariando ou até mesmo descontruindo a teoria da hierarquia das necessidades humanas, desenvolvido pelo psicólogo norte-americano Abraham Harold Maslow (1908-1970), através da “pirâmide de Maslow”.

Maslow propôs que o comportamento humano se basearia pelas sucessões das necessidades, para as motivações até as satisfações em um formato gradativo em cinco níveis, no qual só se poderia ascender para o próximo após realizar a conquista de cada nível, sendo:

1. Fisiológicos: fome, sede, abrigo, sexo e necessidades corporais.
2. Segurança: proteção contra danos físicos e emocionais (emprego, recursos financeiros, família, saúde)
3. Sociais: afeição, aceitação, amizade, sensação de pertencimento, amor.
4. Estima: respeito próprio, realização, autonomia, status, reconhecimento e poder, atenção.
5. Autorrealização: crescimento pessoal, autodesenvolvimento, aproveitar todo o potencial possível.

**Figura 31 - Pirâmide de Maslow**



Fonte: do autor, 2019

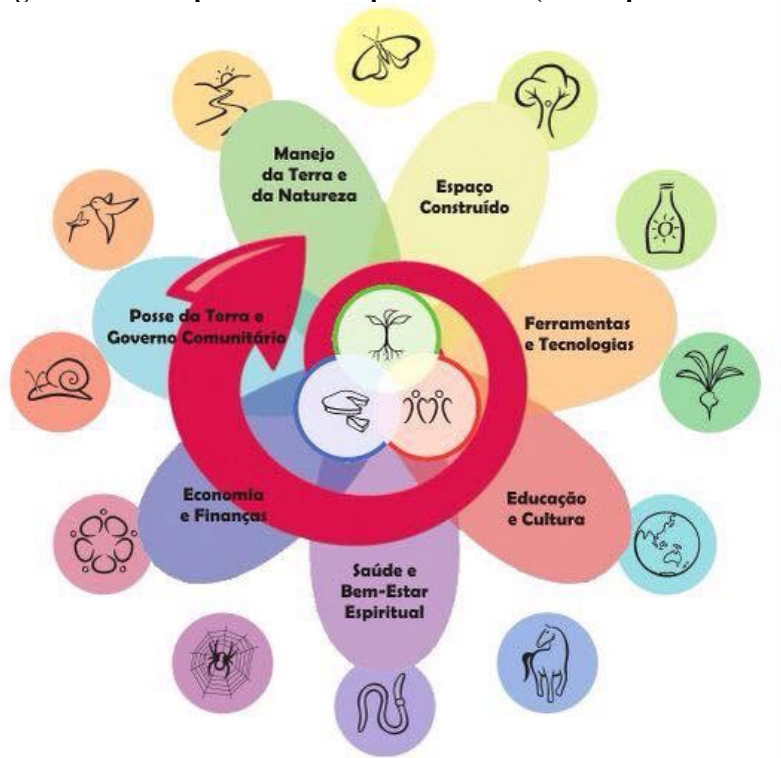
A teoria desenvolvida por Maslow é parte de uma sociedade egocêntrica e individualista norte-americana em que poderia ser mais usada como teoria da motivação capitalista do que hierarquia das necessidades, uma vez que não leva em consideração a diversidade cultural, os diferentes interesses e valores de cada sociedade, como Barros (2007) complementa:

A proposição de Maslow, apenas em sociedades plenamente individualistas e modernas como a norte-americana faria sentido se pensar que a “auto-realização” estivesse no topo das motivações dos integrantes da sociedade. A proposta universalidade do modelo não se verifica nos inúmeros casos de sociedades que não colocam em primeiro plano o valor do indivíduo. Maslow, um norte-americano, criou um modelo que acaba reproduzindo os valores centrais de sua própria sociedade, em um caso típico de “etnocentrismo”, para usar um termo da Antropologia Social que designa o ato de se colocar a própria cultura como centro do universo, julgando e interpretando as outras sociedades a partir desse ponto de vista. (BARROS, 2007, p. 30)

Dessa forma, embora a pirâmide de Maslow ser muito utilizada por diversos autores da área de administração, marketing e psicologia não se aplica uniformemente a outras áreas do conhecimento como a antropologia. E ainda com a compreensão reducionista e atomizada do que os humanos necessitam e desejam para as suas vidas e sociedades em que vivem e que constroem.

Em contraponto, está a permacultura que traz uma importante contribuição para o entendimento das necessidades humanas, uma vez que a ótica se dá na compreensão do todo, de forma orgânica, sistêmica, holística e interdependente. As necessidades humanas não partem de uma hierarquia e sim se entrelaçam com as necessidades ambientais, as necessidades de produção, as necessidades de sobrevivência, as necessidades de permanência de forma coerente, as necessidades de reprodução social, de relações sociais e as necessidades de soluções criativas e a longo prazo. Dessa forma, a permacultura possibilita um círculo contínuo de necessidades, satisfações e motivações de forma integrativa, ética e próspera para as pessoas que utilizam dos princípios dessa metodologia.

Figura 32 - Princípios e éticas da permacultura (flor da permacultura)



Fonte: Holmgreen, 2007

Dentro da perspectiva da permacultura, alguns neorrurais, ao adquirirem terras em usufruto coletivo ou mesmo individuais e/ou familiares, optam em conceber a forma de utilização do terreno através do desenho (*design*) permacultural.

Os princípios da permacultura foram inicialmente conceituados como “agricultura permanente”, porém com as novas descobertas da tecnologia e reutilização de recursos não renováveis, entre diversos outros fatores, o conceito do termo foi ampliado para “cultura permanente”. A permacultura e sua interdisciplinaridade se tornou *modus operandi* para alguns neorrurais conceberem e desenvolverem seus espaços rurais respeitando o meio, como aponta Barros (2008):

Na Permacultura, o cooperativismo é o caminho natural a ser praticado, não só entre as pessoas, mas também entre todos os elos da paisagem, formando redes de apoio mútuo. [...] trata não somente dos elementos plantas, animais, pessoas, edificações e infraestruturas, mas principalmente do relacionamento entre eles, visualizando o ambiente urbano como um ecossistema construído. [...] esforça-se por restaurar e estender os ecossistemas naturais, planejando-os de acordo com as riquezas e as deficiências do solo. Baseando-se na natureza, a eficiência total de um recurso é realizada através da administração do desperdício para a produtividade e do equilíbrio do seu consumo com contribuições de cada um dos elementos do sistema. (BARROS, 2008, p.67)

Portanto, essa prática se tornou inerente para o funcionamento de um sistema integrado de ocupação humana em um território, conciliando o acesso de diversas espécies de animais e vegetais perenes ou que se perpetuam naturalmente e são úteis aos seres humanos (Holmgreen, 2007). Para Bill Mollison, um dos criadores da permacultura, define da seguinte forma:

Permacultura é o design de comunidades humanas sustentáveis. É uma filosofia e uma abordagem de uso da terra que inclui estudo dos microclimas, plantas anuais e perenes, animais, solos, manejo da água e as necessidades humanas em uma teia organizada de comunidades produtivas (MOLLISSON & SLAY, 1994, p.23)

Conforme citado acima, percebe-se a interação de vários setores agrupados e em fluxo contínuo para ser trabalhado. Para se pôr em prática esses critérios em uma área a ser gerida é necessário, antes de mais nada, o quesito observação. A aplicabilidade desses fundamentos em um assentamento humano sustentável se dá na constante observação e monitoramento das peculiaridades que o território demonstra.

Para se aplicar o *design* permacultural é sugerido o acompanhamento em todas as estações do ano avaliando como a área se comporta. Por exemplo, o mapeamento climático é um dos pontos a ser observado enfatizando alguns movimentos como: o fluxo da água da chuva, a direção do sol, as tempestades de vento, incidência solar, a qualidade do solo, a temperatura atmosférica, a inclinação do terreno, a setorização do espaço e as especificidades de cada microrregião, entre outros aspectos. Após essa etapa, é identificado as oportunidades e potências e, da mesma forma, os obstáculos e desafios de zoneamento do território, possibilitando assim, a definição de quais as funções dos espaços e quais os elementos serão incorporados ou que devem ser amenizados.



**Figura 34 - Zoneamento da área e posicionamento dos elementos**



Fonte: Peter César Nascimento, 2016. Disponível em: < <http://www.guiadepermacultura.com.br> >. Acesso em: 14 de março de 2019.

Com o foco na interação com a natureza e seus recursos e a reutilização máxima dos resíduos, a permacultura é uma proposta de dinâmica menos impactante ao meio ambiente e com melhores resultados. Sendo assim, a visão holística e o pensamento sistêmico dessa estratégia de planejamento para ocupação territorial permitem estender o desenvolvimento sustentável à vários aspectos do espaço através de ações criativas para remediação, prevenção e aplicações de longo prazo.

O controle das sementes, a diversidade de espécies vegetais e animais, a captação e armazenamento de energia, a auto regulação, a valorização dos recursos não renováveis, a otimização dos recursos renováveis, a minimização de resíduos e desperdícios, a integração no lugar da segregação, soluções simples e lentas, a valorização dos elementos marginais e a criatividade são os princípios fundantes da aplicação do *design* permacultural.

Dessa forma, a utilização do recurso do *design* permacultural tem interlocução com o planejamento territorial através do conceito do “Desenho Ambiental” (FRANCO, 1994) ou mesmo com as “imagens territoriais” que Eliane Tomiasi Paulino (2006) aborda, uma vez que é determinado pelas questões do substrato que é apresentado no território. Os substratos são todas as variantes para a reprodução social, da vida e suas atividades. Sendo parte fundante da formulação e ocupação do território.

Toda a reprodução social se faz a partir de um determinado substrato, até então procurarmos demonstrar quanto ele pode ser dinâmico, tendo em vista o imbricamento de diferentes variáveis em sua constituição. Por ser

condicionantes e, ao mesmo tempo, condicionadas pelo movimento da realidade[...] (PAULINO, 2006, p. 348)

São observadas questões da qualidade da terra, fluxo da água e das chuvas, os ventos mais fortes. Todas essas questões são pontuadas para se decidir o melhor lugar para cada atividade. A terra mais porosa se utiliza para a horta, a terra mais argilosa para a construção dos imóveis, a proximidade do fluxo de água com plantação que necessitam de mais umidade e assim por seguinte. Ou ainda, por mais simples que seja, como Paulino (2006, p. 382) aponta: “A área de circulação, sempre associada à porta da cozinha e, no geral, coberta por gramíneas. Gramar a área de circulação é uma forma de manter um tapete vivo a porta de entrada...”.

Esse ponto no qual Paulino se refere, está em contraponto às perspectivas dos nativos do local, pois para os nativos há uma preferência pelo terreiro batido, muito para poderem circular com mais fluidez, menos manutenção e também para poderem visualizar a chegada de quaisquer animas peçonhentos como escorpiões e cobras. Mas para alguns neorrurais a estratégia do gramado na área circular da casa auxilia no conforto térmico, na conservação do solo de forma mais porosa e, por seguinte, com a possibilidade de ser mais produtivo e ainda evitar uma quantidade significativa de poeira na parte interna na casa.

Dessa forma, os novos rurais englobam, além da permacultura, o sistema funcional de produção de alimentos, ervas medicinais e árvores, para a preservação dos sistemas endêmicos, reflorestamento e recuperação de nascentes através do método agroflorestal. Este modelo tem ganhado força nos últimos anos em diversas localidades, como afirma Narezi (2012) “os Sistemas Agroflorestais biodiversos vêm ganhando notoriedade, sobretudo por meio de ações coletivas aplicadas à agricultura familiar, a assentados da reforma agrária e a populações tradicionais” e também para a ocupação de assentamentos sustentáveis praticada por uma parte de neorrurais.

Conceitualizando, a agrofloresta é um modelo produtivo sintrópico e biodiverso criado por Ernst Gotsch, antagônico a monocultura e uso dos agroquímicos da produção agrícola convencional replicado desde a Revolução Verde na década de 1950. Este sistema beneficia o reino vegetal, e consequentemente o reino animal, através da diversidade de espécies cultivadas em consórcio misturando arbóreas e culturas agrícolas que se nutrem harmonicamente e em constante cooperação para a sucessão natural e recuperação do local, conforme Narezi (2012), explica:



[...]sistemas de uso da terra nos quais espécies perenes lenhosas são intencionalmente utilizadas e manejadas em associações com cultivos agrícolas e/ou animais na mesma unidade de gerência da terra [...] e apresentam relações ecológicas e econômicas entre estes componentes, constituindo-se como uma alternativa sustentável de ocupação de áreas desmatadas e para cooperar no processo de restauração do patrimônio florestal nativo. (NAREZI, 2012, p. 66)

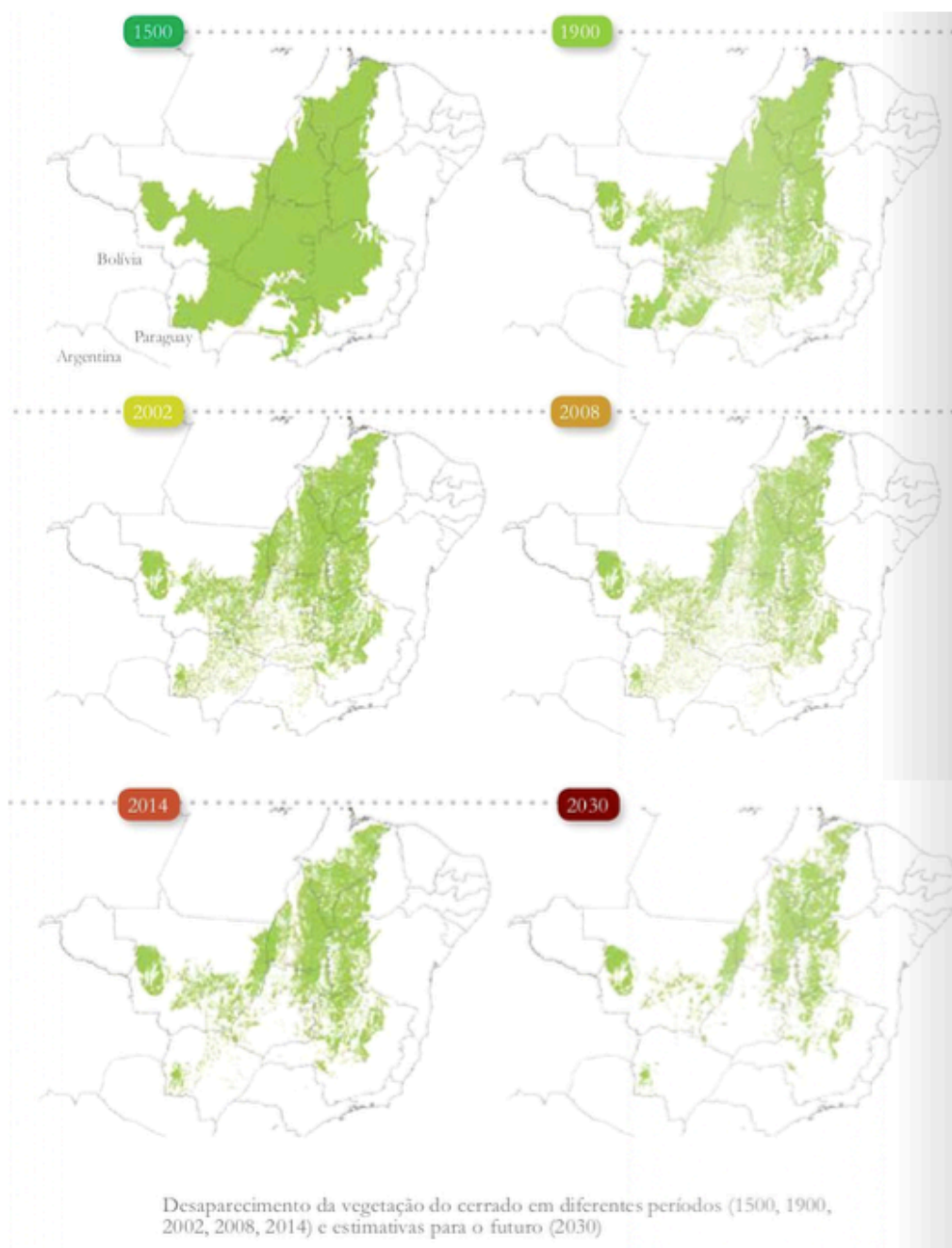
O processo de restauração ecológica na perspectiva agroflorestal em que Narezi aponta se faz muito importante uma vez que as matas nativas do Brasil estão sofrendo constantes ataques e perigos de desmatamento de forma devastadora, incluso quando se trata do bioma cerrado. As chapadas dos cerrados têm uma extrema importância na questão hídrica por conta da “presença de prolongamentos das Chapadas [...] avançando sobre as planícies que constituem a depressão do rio [...], historicamente garantiu a perenização de alguns cursos d’água” (FÁVERO & MONTEIRO, 2014, p. 11), portanto o cerrado é considerado como a “caixa d’água” do Brasil.

E nos últimos anos o cerrado passou por grandes transformações por conta do agronegócio e a plantação de eucaliptos, como no caso do Vale do Jequitinhonha.

Desde a década de 1970, na esteira desenvolvimentista dos governos militares, foram financiados grandes projetos de monocultivos de eucalipto nas Chapadas com vistas a atender a crescente demanda de carvão vegetal do polo siderúrgico de Minas Gerais. Extensas áreas de Cerrado foram substituídas por monocultivos de eucalipto, ao ponto de a região ser considerada, atualmente, o maior maciço de eucalipto da América Latina. (FÁVERO & MONTEIRO, 2014, p. 11)

Ao mesmo tempo em que é o cerrado mineiro é o maior maciço de eucalipto da América Latina ele entrou em profunda degradação, juntamente com o restante do cerrado brasileiro, no qual as perspectivas futuras não são otimistas, como apresenta a imagem abaixo.

**Figura 35 - Desaparecimento do cerrado em diferentes períodos (1500, 1900, 2002, 2008, 2014) e estimativa para o futuro (2030).**



Fonte: Fernandes et al, 2016, p. 84

Dessa forma, a metodologia de plantio agroflorestal se apresenta como uma alternativa viável para a resistência e restauração do cerrado em que uma boa parcela dos neorrurais preconiza. Além, é claro, das outras práticas de gestão sustentável do território, como a construção de casas com terra crua, cisternas para captação da água de chuva, captação de energia solar, entre outras tantas, são, na perspectiva de alguns neorrurais, bases fundantes para o desenvolvimento das áreas de ocupação. Também como atuação

na comunidade em que estão inseridos tem-se o foco na economia circular e solidária, valorização do pequeno produtor, enaltecimentos dos saberes tradicionais e respeito pela sua cultura e história.

Dessa mesma forma que as práticas de desenvolvimento sustentável, utilizando das tecnologias sociais de baixo custo e alto rendimento, são propostas para transformação social nas vilas/comunidades em que estão inseridos. Como por exemplo: facilitação de cursos, palestras e oficinas para os moradores de forma gratuita ou com contribuição voluntária ou acessível. Tanto para divulgar alternativas ecologicamente viáveis, quanto para sensibilizar os nativos das práticas insustentáveis em relação ao uso excessivo dos recursos naturais, ou pela falta deles. Dessa forma se oportuniza a informação e a difusão das tecnologias sociais, a fim de promover o empoderamento e autonomia da própria comunidade perante as questões das transformações ambientais que estão em pauta mundialmente.

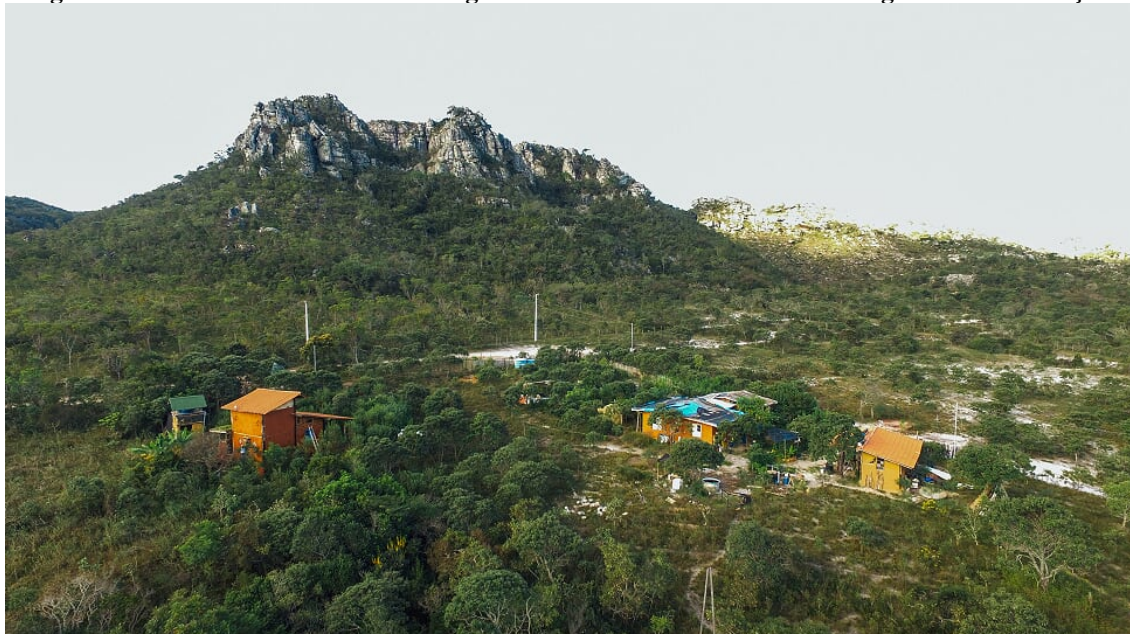
Embora no próprio povoado de São Gonçalo já existam alguns núcleos em desenvolvimento, em atuação e atividade plena essa pesquisa se ateve somente em dois núcleos sendo o “Instituto EcoVida São Miguel” e a “Terra da Unidade”.

As duas estruturas de núcleos se diferem em alguns pontos, o Instituto EcoVida São Miguel, já se consagrou como modelo referência da permacultura e agroecologia no estado de Minas Gerais e não é uma ecovila propriamente dita, como será apresentado a frente. E a Terra da Unidade é uma categoria de ecovila e embora ainda estejam nos primórdios da construção do espaço já se tornaram um modelo de ecovila pela questão da setorização e organização e também pela cosmovisão que o empreendimento é associado.

Assim, um dos núcleos de assentamentos sustentáveis de neo-rurais pesquisados no povoado de São Gonçalo foi o "Instituto de Permacultura EcoVida São Miguel". O Instituto tem forma jurídica de Associação de defesa de direitos sociais, classificada como ONG (Organização Não-Governamental), e é um dos poucos institutos de permacultura que trabalha em rede no Brasil. Dessa forma, a instituição tem alguns núcleos em Minas Gerais – em Lapinha da Serra e São Gonçalo do Rio das Pedras – e também no estado do Paraná. Baseada na forma de filiação à ONG que após reunião entre a diretoria é discutido a possibilidade de anexar novos agregados e núcleos à rede do instituto. Todos os núcleos são formados por pessoas com alguns princípios e valores em comum formando uma rede interestadual de permacultores, porém com a atuação local de onde estão inseridos, mas também trabalham com trocas de experiências entre os núcleos.

Dentro dessa instituição estão o “Sítio Céu e Terra” e o “LARboratório”, núcleos vizinhos situados em uma área rural de São Gonçalo, no qual convivem em um terreno coletivo. Cada núcleo tem a sua área de ocupação sem a necessidade de utilização de cercas, muros ou demarcações físicas e entre as áreas de ocupação também existem as áreas de usufruto comum. Dessa forma, cada qual fomenta o seu território normalmente com plantações agroflorestais, preservação da mata nativa, meliponicultura, galinheiro e utilização de tecnologias sociais como a captação de água da chuva para cisternas, aquaponia, placas solares e telhado verde por exemplo.

**Figura 36 - Foto aérea dos núcleos integrantes do Instituto EcoVida São Miguel em São Gonçalo**



Fonte: Suelen Alice, 2019

Na fotografia é possível perceber que as residências não têm uma distância considerável uma da outra e a qualidade da terra em que estão instalados, a partir da observação do terreno vazio que está ao lado, é basicamente de cascalho e areia e os resultados dos plantios desde o ano de 2014 visível nas proximidades das casas.



**Figura 37 - Vista aérea do núcleo LARboratório**



Fonte: Suelen Alice, 2019

**Figura 38 - Vista aérea do núcleo Sítio Céu e Terra**



Fonte: Suelen Alice, 2019

Os núcleos apresentados não podem ser considerados, teoricamente, como ecovila e inclusive os próprios moradores não consideram o espaço como uma ecovila. Embora as propostas destes núcleos estejam de acordo com apontamentos de Arruda (2018) o terreno foi adquirido somente por poucas famílias e nem todos fizeram de lá morada e, também porque não há e nem houve vendas de cotas de terras no território e nem há regras

de convívio ou de formas de utilização do espaço e nem a respeito de revenda de cada parte. Cada qual adquiriu uma parte do terreno e simplesmente não colocaram demarcações físicas para engessar a propriedade e cada qual cuida de seu terreno embora seja uma associação de pessoas que buscou uma alternativa de vida, fora dos grandes centros urbanos, e em relação próxima a natureza (ESTRELA, 2009).

Esses núcleos são parte de uma outra estrutura com princípios e valores específicos e com pessoas que já se conheciam. Os objetivos das pessoas que fazem parte dos núcleos foi adquirir um terreno através da compra coletiva para poderem dividir os custos e por seguinte ter um valor mais acessível para cada família; construir suas casas da forma que desejam e acreditam ser o mais correto; utilizar o terreno através da setorização do *design* permacultural; e por fim, utilizar a terra para os plantios agroecológico e agroflorestal.

Aí está um exemplo da coletividade territorial uma vez que têm objetivos e princípios em comum, compartilham o espaço e dão significado a identidade do território através da produção do espaço com a metodologia de ocupação, que no caso é com o foco na permacultura, agrofloresta e agroecologia e a utilização das tecnologias sociais.

**Figura 39 – Mapa mental de um dos núcleos no terreno**



Fonte: Sítio Céu e Terra

As atividades de cada núcleo têm gestão administrativa própria e individual, porém também podem ser compartilhadas de acordo a situação, demanda e necessidade.



De toda forma, realizações das atividades podem ser divulgadas em nome do núcleo em questão em parceria com o Instituto EcoVida São Miguel ou mesmo vice-versa.

Além de desenvolverem consultorias e cursos, ainda trabalham com projetos em editais públicos e privados de financiamento e também de cooperação internacional para o desenvolvimento comunitário e para divulgação de tecnologias sociais.

Estes projetos são propostos e realizados para um alcance maior na comunidade e na sociedade em geral e, claro, também, para obter um aporte financeiro para a manutenção da própria instituição e do núcleo em questão. E ainda para proporcionar aos moradores locais outras alternativas para as soluções de problemas nos quais o povoado enfrenta, como a falta d'água, fossas vazando, falta de luz, entre outros.

Durante o trabalho de campo o autor deste trabalho pode acompanhar uma dessas ações do núcleo LARboratório ao criarem o “Fundo Ciranda”, através de um dos editais de financiamento, uma espécie de banco comunitário no viés da responsabilidade social para auxiliar no desenvolvimento e implementação das tecnologias sociais para as famílias locais, como apresentado nas figuras abaixo.

**Figura 40 - Divulgação pública das oficinas: cisterna e biodigestor**

## Problemas com ÁGUA?



**Aprenda a construir uma cisterna de água de chuva com baixo custo**  
**Onde: Casa de Alcides e Eva**  
**Quando: 22 setembro a partir de 7h30**  
**EVENTO GRATUITO**

**Realização**  
 Instituto de Permacultura  
**EcoVida**  
 São Miguel  
 10 anos de fundação!

**Parceria**  
 Fundo  
 Ciranda

**Patrocínio**  
  
**BrazilFoundation**

O INSTITUTO DE PERMACULTURA  
 ECOVIDA SÃO MIGUEL  
 APRESENTA:

**DIAS 28 E 29/07  
 EM SÃO GONÇALO DO  
 RIO DAS PEDRAS**

**BIODIGESTOR CASEIRO**

APRENDA COMO FAZER UM BIODIGESTOR DE BAIXO CUSTO COM MATERIAIS LOCAIS.

VIVÊNCIA GRATUITA (SUGESTÃO DE CONTRIBUIÇÃO VOLUNTÁRIA)

Informações: [guiadepermacultura@gmail.com](mailto:guiadepermacultura@gmail.com)  
 ou whatsapp (38)988456100

**EcoVida**  
 São Miguel

Fonte: LARboratório Guia de Permacultura, 2018

**Figura 41 – Convite para mutirão para instalação de aquecedor solar e de oficina de aproveitamento de água**

**MUTIRÃO - Venha ajudar a instalar o Aquecedor Solar de Baixo Custo de Chico e Eva.**



**Dia 28 de abril (domingo) a partir de 8h**

**Local: casa de Eva e Chico (São Gonçalo do Rio das Pedras - MG)**

Favor confirmar presença: 38 99976-1103








**Aproveitamento integral de águas NA PERMACULTURA**

**Design - MeioAmbiente - Inovação slow tech**

**A partir de 18 de janeiro de 2019**

**LARboratório Guia de Permacultura**

**Núcleo São Gonçalo EcoVIDA São Miguel**

**wicking bed**

Fonte: LARboratório Guia de Permacultura, 2019

O outro núcleo pesquisado dos neorrurais foi a Associação Terra da Unidade, também situada em São Gonçalo do Rio das Pedras. A Terra da Unidade tem registro na forma jurídica de Associação caracterizada como Empreendimento Econômico Solidário, pelo foco que a organização tem na perspectiva econômica-comunitária tendo como atividade principal a produção agroecológica e agroflorestal. Dessa forma, fomentando a promoção de plantios e beneficiamento de produtos agrícolas, oferecimento de cursos, oficinas e vivências, assim como a comercialização de diversos produtos dentro da concepção da economia solidária.

Para Singer (2002), a utilização do comércio de economia solidária tem a solidariedade econômica como fio condutor de forma organizada igualitariamente, assim como a compatibilidade do princípio da união entre a posse e os meios de produção e distribuição e da socialização destes meios e como Flores & Trevizam (2018) apontam:

A cooperativa de iguais, onde não há competitividade entre os membros, onde ocorre uma autogestão do processo de produção e consumo, é uma forma clássica de economia solidária. Nascimento (2006) relaciona as características da economia solidária, dentre as quais destacam-se: conhecimento e atendimento das necessidades sociais da população; desenvolvimento integral que visa a sustentabilidade, a justiça econômica e social e a democracia participativa, além da preservação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais; atividade econômica enraizada no seu contexto mais imediato, e tem a territorialidade e o desenvolvimento local como marcos de referência; vantagens cooperativas e eficiência sistêmica substituem as velhas práticas da competição e da maximização da lucratividade individual. (FLORES & TREVIZAM, 2017, p. 457)

A Terra da Unidade já conta com algumas atividades como a fabricação de fitocosméticos; destilação de óleos essenciais; padaria artesanal; costura; fabricação de instrumentos musicais; serviços em bioconstrução, ecosaneamento e plantio



agroflorestal; ecoturismo; fabricação de chás; beneficiamento de frutas; restaurante vegetariano; terapias holísticas; yoga; entre outras atividades e inclusive oferecimento de cursos e vivências dentro dessas temáticas.

O conjunto das instituições que oferecem esses serviços, e o uso que delas fazem os membros da comunidade, tornando-lhes possíveis as condições de bem-estar e de felicidade, define o nível de sustentabilidade ambiental de tal comunidade, entendido como sendo o capital social. Um tipo de capital social, fundamental para o desenvolvimento das condições de vida dos indivíduos ou das comunidades, é constituído pelas instituições sociais.  
(FLORES & TREVIZAM, 2017, p. 458)

Todos os produtos e serviços oferecidos pelo empreendimento tem como objetivo a geração de renda, emprego e a possibilidade de consolidar a capacidade de sustentabilidade econômica para as pessoas que ali coabitam o espaço e as atividades quanto para a própria manutenção da instituição.

Assim como o foco na sustentabilidade econômica a instituição também tem como premissas outras áreas para a sustentabilidade. Dessa forma, o empreendimento está ancorado em quatro pilares, sendo-os:

- Áreas comerciais: área destinada a realização de projetos de comércio justo.
- Projetos socioambientais: fomento ambiental, socioeconômico e ajuda humanitária;
- Vila e Sítios ecológicos: áreas destinadas a ocupações familiares;
- Escola da Unidade: espaço de desenvolvimento de tecnologias sociais, cursos e retiros.

As primeiras etapas do processo organizacional (captação de recursos, aquisição das propriedades rurais e do fomento à Terra da Unidade) foram realizadas através do intermédio da Organização Espiritual Escola da Unidade (*Oneness Awakening Center*), “modelo educacional livre criado para contribuir no crescimento do indivíduo e, a partir daí, contribuir para transição dos novos paradigmas sociais, ambientais e espirituais” (Terra da Unidade, 2018), com base na Índia.

A Terra da Unidade é uma área rural com 500 Hectares, no qual os associados adquirem um Título Patrimonial correspondente a área adquirida no próprio nome e que dá direito a moradia. As áreas no território foram divididas em setores diferentes sendo da seguinte forma: I) setor da Vila Ecológica com área de 3.200 metros quadrados, para ser ocupado por uma família; II) setor dos Sítios com área de um hectare (10.000 metros

quadrados) por família. Para a Vila Ecológica é permitida a construção de no máximo de uma casa e duas edículas, com uso mínimo de 35% de terra crua para construção dos imóveis. A área total a ser construída dentro destes setores é de 8,0% para a vila ecológica e 3,5% para o setor dos Sítios.

**Figura 42 - Área da Vila ecológica e a implementação do sistema agroflorestal**

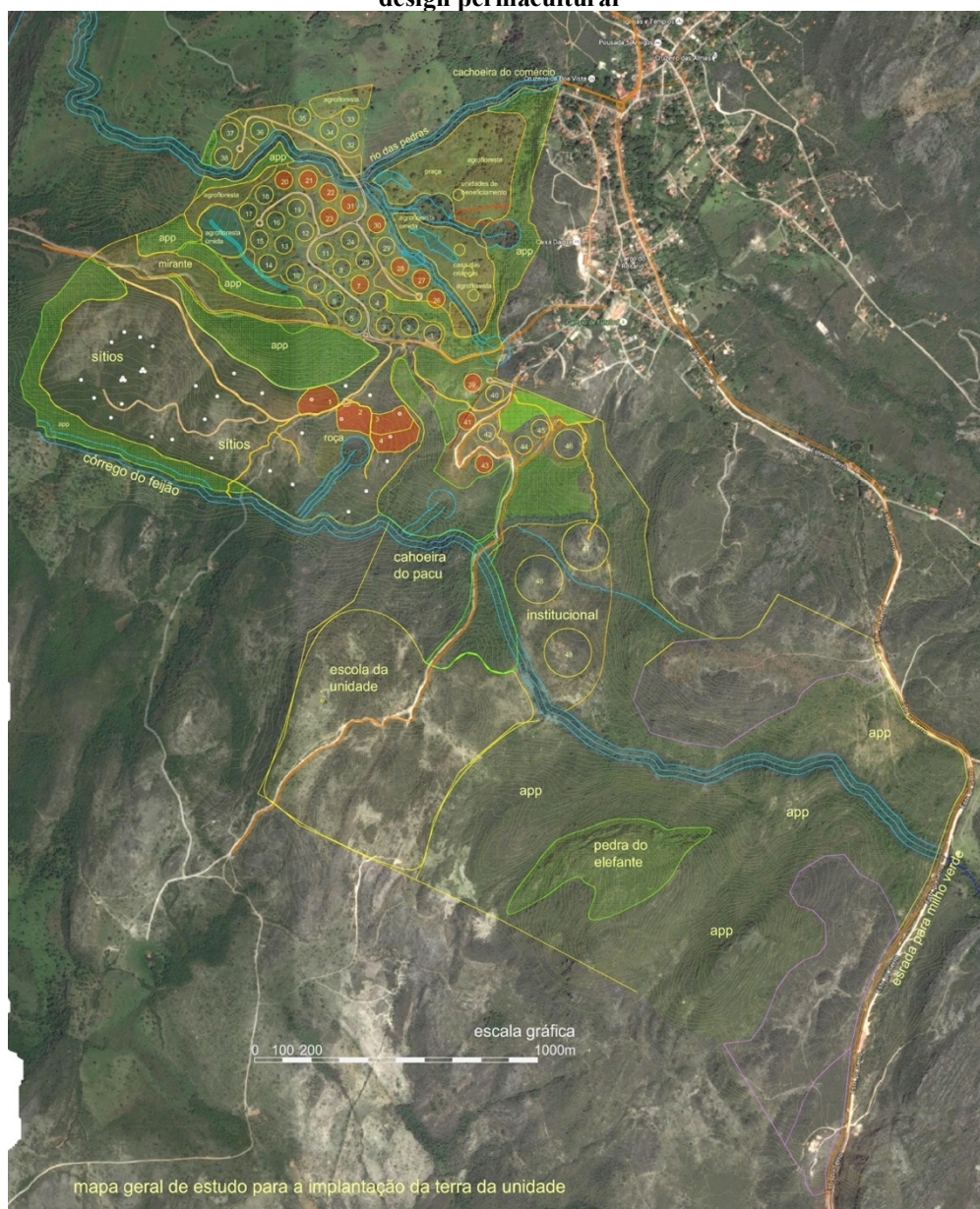


Fonte: Suelen Alice, 2019

Na área da Vila Ecológica há uma área de amortecimento de 8.000 metros quadrados entre cada terreno para ser utilizada com plantios, circulação e também de respiro e privacidade entre os moradores. Esta área de amortecimento foi nomeada, pelo empreendimento, de “Aura” motivado pela cosmovisão do “princípio de irradiação de qualquer ser vivo ou objeto em sua circunferência com o objetivo de manter saudável a proximidade de uma casa e outra” (TERRA DA UNIDADE, 2018), além da óptica do *design* permacultural que considera essas áreas muito importantes para a autonomia e segurança alimentar através do plantio agroflorestal e roças comuns dos moradores.



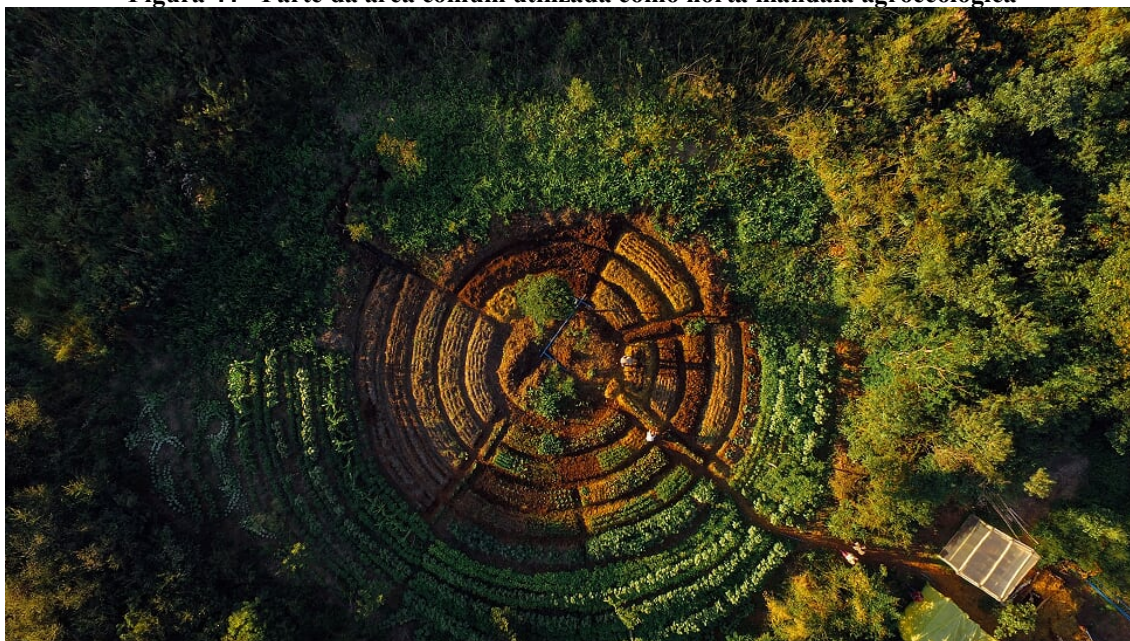
**Figura 43 - Estudo de implantação da Terra da Unidade em São Gonçalo através da aplicação do design permacultural**



Fonte: Terra da Unidade, 2018.

As áreas comuns são utilizadas para recreação, circulação, edificação da escola, para encontros e celebrações e também para plantios. Um casal associado da Terra da Unidade já está fazendo o uso de algumas dessas áreas com a plantação da horta mandala para comercialização de cestas semanais tanto dentro do empreendimento quanto para toda a comunidade local de São Gonçalo e do Milho Verde e também para participarem de feiras locais. Atualmente a horta conta com hortaliças, tubérculos e temperos em uma área com aproximadamente 20 metros quadrados e de acordo o casal será feito o plantio de mais uma horta mandala por conta da demanda de pedidos para as cestas semanais.

**Figura 44 - Parte da área comum utilizada como horta mandala agroecológica**



Fonte: Suelen Alice, 2019

Há também um outro casal que é muito conhecido e respeitado em toda a região por trabalharem com as plantas medicinais a muitos anos em São Gonçalo através de atendimentos gratuitos com fitoterapia, homeopatia, geoterapia e oferecimento de cursos de plantas medicinais. O casal também está utilizando uma das áreas comuns do empreendimento com a plantação de um grande ervanário com diversas e variadas plantas medicinais e aromáticas para comercialização das ervas, cascas e raízes secas para chás. Os produtos do casal podem ser facilmente encontrados e adquiridos em mercados, lojas e feiras locais, em lojas especializadas em Belo Horizonte e também através de *site* na internet que podem enviar para todo o Brasil.



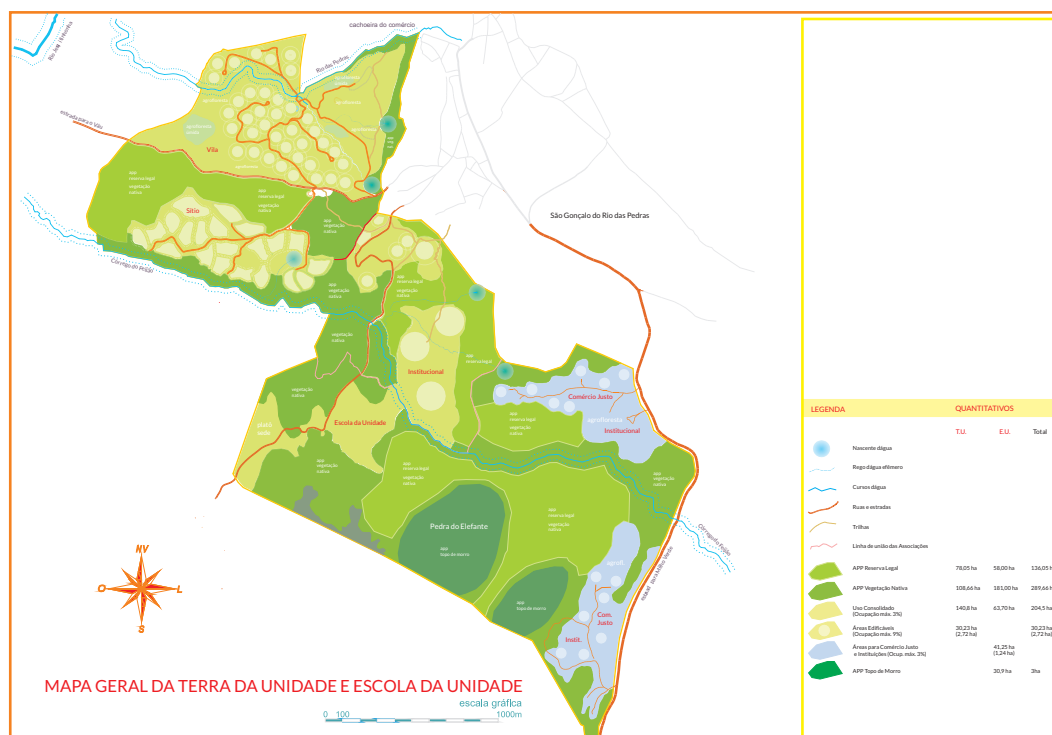
**Figura 45 - Parte da área comum com ervanário agroecológico**



Fonte: Suelen Alice, 2019

A Terra Unidade é um grande complexo para ocupação sustentável que além das áreas da vila ecológica e sítios, também contempla espaços institucionais; área de comércio justo à beira da estrada entre Milho Verde e São Gonçalo; reserva legal e APP das matas ciliares; preservação de oito nascentes, dois rios e dezenas de animais silvestres. A escolha das áreas de reserva e APP foi baseada nas fragilidades do terreno, como as nascentes, os córregos e circulação de animais como forma de resguardarem estas áreas e proporcionar uma restauração ecológica a médio e longo prazo.

**Mapa 5 - Mapa geral da Terra da Unidade. Com as áreas de ocupação para moradia, áreas institucionais e comércio justo, reserva legal, rios, nascentes e estradas de acesso.**



Fonte: Escola da Unidade, 2018.

Como pode-se observar na imagem, a maior parte da área da Terra da Unidade está voltada para a preservação e restauração ecológica, sendo por volta de 3% de todo o terreno com áreas de ocupação de moradia, de comércio e instituições. Dessa forma, o raciocínio de Bomtempo (2011) é consolidado quando se analisa o foco de atuação deste núcleo pois o autor afirma que a recuperação de áreas degradadas e a conservação das florestas e mananciais de água fazem parte intrínseca da perspectiva organizacional de uma ecovila.

A quantidade total disponível de títulos patrimoniais do empreendimento Terra da Unidade é de em torno de 60 famílias e atualmente já conta com mais de 30 famílias associadas. Os associados da Terra da Unidade têm alguns compromissos com o empreendimento como por exemplo:

- Utilização de ecosaneamento, cisterna de captação de água da chuva com no mínimo 10.000 litros e aquecimento ecológico da água;
- Comprometer com o critério de indivisibilidade da área com outras famílias;

- Plantio de 12 árvores por ano, pelos 3 primeiros anos, com prioridade para frutíferas e nativas;
- Evitar animais domésticos para preservar a fauna selvagem, e em caso de se ter animais domésticos mantê-los na própria área residencial respeitando os corredores ecológicos;
- Proibido a construção de muros e desaconselhável a construção de cercas, e caso absolutamente necessário, utilizar cercas vivas ou tela de no máximo de 1,5 de altura;
- Em caso de venda do título patrimonial e os bens como a casa e edículas, deverá dar preferência aos associados e pessoas indicadas pelos mesmos.

Pela proposta de ação e atividades da Terra da Unidade é possível categorizar como uma comunidade intencional tendo como base os apontamentos de Arruda (2018), Bomtempo (2011) e do GEN para se considerar uma ecovila. Embora, dentro da teoria possa ser considerada como um ecovila os moradores locais não se identifiquem neste termo. Para os associados o empreendimento é uma associação de moradores com interesses semelhantes e com diretrizes específicas realizadas em comum acordo.

De toda forma, a Terra da Unidade é o maior núcleo de assentamento sustentável coletivo instalado na região, e para diversos visitantes e turistas é tido como um modelo de ecovila referência no estado de Minas Gerais por conta da perspectiva preservacionista, pela cosmovisão, pelo planejamento e distribuição de ocupação do território, tendo grande procura de pessoas interessadas em ingressar como associados do empreendimento para se tornar residente.

Figura 46 – Mapa mental da Terra da Unidade



Fonte: Terra da Unidade, 2018

Como já apresentado a Terra da Unidade além de ser um empreendimento de economia solidária, de compartilhamento do território e oferecimento de diversos cursos, retiros e terapias a instituição também promove vivências e intercâmbios, de tempos em tempos, com os povos originários do Brasil, como alguns indígenas de tribos Amazônica.

Essas vivências englobam brincadeiras indígenas, cantos, pinturas corporais, exibição de filmes, rodas de conversa sobre cultura e medicina indígena e também rituais sagrados. Com exceção das cerimônias ritualísticas, que são realizados na própria Terra da Unidade, as outras atividades costumam ser realizadas na Associação Cultural e Comunitária de São Gonçalo Sempre Viva e/ou na escola do povoado. Dessa forma, divulgam e incentivam a presença dos moradores do povoado como forma de oportunizar o intercâmbio de cultura e saberes, fazendo dessa situação um momento especial de contato com os povos originários para as crianças e também adultos do povoado que, talvez, nunca tiveram contato com os povos indígenas.



**Figura 47 - Roda de conversa entre os índios Huni Kuin e os estudantes de São Gonçalo**



Fonte: Acervo particular de Mariana Matos, 2018

Bernard Kayser (2000) certa vez fez uma provocação a respeito dos neorrurais. Em seu artigo “A integração da ruralidade” o autor questiona se seriam os neorrurais os portadores de um projeto para a ruralidade que poderia fazer desse novo mundo rural um lugar de renovação social. De certa forma, pode-se responder que, por enquanto, sim. Uma vez que os neorrurais chegam nos espaços rurais engajados e praticantes com a preservação ambiental, com a valorização e respeito as práticas tradicionais promovendo uma série de trocas de conhecimentos e fazendo com que certas práticas não se percam no tempo, pode ser um grande passo de um projeto de inovação social que os espaços rurais podem ser contemplados. Principalmente quando as políticas públicas jogam os olhares aos espaços rurais como um lugar de estrita produção agrícola, e por vezes rejeitando a agricultura familiar e as comunidades tradicionais para promover o desenvolvimento rural através do agronegócio e das monoculturas (PORTO GONÇALVES, 2006; PLOEG, 2008).

Por isso, cabe aguardar o desenrolar de todas essas atuações dos neorrurais para ver se de fato os espaços rurais perdurarão como estão ou se realmente passarão por grandes processos de inovação. Enquanto isso, as iniciativas propostas e desenvolvidas pelos neorrurais de São Gonçalo se apresentam, atualmente, como uma alternativa de criação de novas identidades, de revalorização e de transformação dos espaços rurais, inclusive para a própria manutenção.

### 2.3 A construção de um espaço místico

São Gonçalo é conhecido pela tradição em vários conhecimentos tradicionais e ancestrais de medicina popular como os raizeiros e as benzedadeiras (assunto este que será mais abordado no quinto capítulo) e, com a chegada de uma série de neorrurais que trabalham com medicina alternativa e integrativa, bem como de grupos praticantes de rituais mágico-religiosos, o povoado se consolidou como um lugar de esfera sagrada, mística e esotérica.

Neste sentido, Yi Fu Tuan (1979) argumenta que os lugares tidos como sagrados e/ou com esferas místicas não estão diretamente relacionados com as imagens, templos e santuários, e sim com experiências emocionais e com os fenômenos sagrados que estão nas rotinas do lugar comum, portanto “o sagrado não está somente na percepção das formas e do seu conteúdo, mas também nos atos que a ele remetem.” (GIL FILHO, 2008, p. 71).

Na geografia humanista ainda é incipiente os estudos da experiência fenomenológica do misticismo e esoterismo, as relações com o espaço e a manifestação na própria paisagem. Normalmente, os estudos apontam para as religiões e suas características fenomenológicas e não necessariamente para a construções de um espaço mítico/esotérico e de fé no território. Ou seja, a sacralização, o misticismo e o esoterismo ainda é um campo novo da chamada Geografia da Religião se não houver uma estreita relação direta com as religiões em si, sejam elas católica, evangélica, kardecista ou de matrizes africanas. Portanto os “geógrafos devem desvendar as territorialidades visíveis e invisíveis dos diferentes grupos [...]. Os estudos vêm focalizando padrões espaciais que refletem expressões materiais e simbólicas da fé no espaço” (ROSENDAHL, 2003, p. 08).

Claval (1999) já apontava que a geografia já tinha dado um passo na forma de discorrer sobre o fenômeno religioso após dialogar com ciências da religião e suas fenomenologias e sugeriu aos geógrafos a importância de explorar o universo imaginário e as percepções que se encontram nas religiões e as representações no espaço social (SANTOS, 2002; SILVA & GIL FILHO, 2009). Entretanto, Zeny Rosendhal (2003) salienta a importância de se ter estudos mais profundos e correlacionados:

A experiência religiosa de indivíduos e grupos sociais vem, no Brasil, apresentando um interesse cada vez mais intenso entre os cientistas sociais. Esta temática, entretanto, é pouco investigado pelos geógrafos, apesar da

importância do sagrado e de sua espacialidade para a geografia. De forma mais enfática, ressaltar a importância de se examinar a diversidade dos fenômenos religiosos, a distribuição de seus seguidores, a estrutura espacial criada por seu comportamento e as paisagens religiosas delineadas através de suas atividades. [...] cada vez mais, considerar as crenças e os ritos que se realizam em tempos e lugares simbólicos. As práticas religiosas imprimem na paisagem marcas fortemente relacionadas com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos que ali estão representados (ROSENDAHL, 2003, p. 01-09)

Alguns neorrurais levaram para o local as atividades que praticavam ou estudavam em outros lugares uma vez que já estavam aptos a prosseguir pois “no esoterismo, esses ensinamentos reservados são transmitidos aos discípulos oralmente, seguindo um ritual tradicional, por mestres ou gurus e exigem do iniciado um alto grau de responsabilidade, dedicação e entrega.” (TINTI, 2005, p. 02)

Dessa forma, começaram a trabalhar no povoado fazendo atendimentos sociais semanalmente e de forma gratuita para a população local e também com oferecimento de vários cursos com as temáticas afins. As temáticas são voltadas para alguns assuntos inspirados na tradicional medicina chinesa e também da espiritualidade de forma universalista como: o autocuidado e o crescimento pessoal; a utilização de plantas medicinais e da geoterapia; massagens; quiropraxia; reiki; acupuntura; integração crânio-sacral; agricultura biodinâmica; perfumaria botânica; e outras tantas vertentes da medicina alternativa e de práticas holísticas e inclusive dos tempos medievais como a alquimia.

À medida em que esses neorrurais foram se integrando ao local, essas práticas foram tomando uma certa popularidade com a população local e os turistas que passavam no povoado ficavam sabendo dessas opções de tratamentos alternativos fazendo com que a notícia se espalhasse pela região. Diversas pessoas começaram a frequentar o povoado e cada vez mais a informação foi circulando até que pessoas de outros países começaram a vir para o povoado interessados nessas práticas. Assim, a percepção do espaço como um lugar místico entrou no dito imaginário coletivo.

A noção do imaginário coletivo surge da convergência das representações sociais, na abordagem de Jodelet (2001), como uma forma de conhecimentos subjetivos/simbólicos elaborada e compartilhada pelos agentes sociais para a compreensão de um determinado contexto social, ou melhor definindo o imaginário coletivo é um “conjunto de crenças, emoções e imagens que um determinado grupo produz acerca de um fenômeno” (Montezi, et al, 2011, p. 300).

Como muitas dessas práticas tem um entendimento e leitura do corpo humano de forma holística, sistêmica e integrativa associadas aos conhecimentos das espiritualidades, o povoado começou a se tornar mais conhecido na questão do esoterismo e do misticismo. Assim como Silva & Gil Filho (2009) apontam sobre a espacialização do discurso místico/religioso pode tomar proporções além do próprio local e do espaço originário.

A espacialização das ideias religiosas se daria primeiramente através do sentir mítico-religioso. Quando se torna dizível se espacializa, através de mediadores, para além do espaço originário. Essa é a esfera do representar e da ação religiosa, esfera na qual o sentimento se torna discurso, se transforma em narrativa. [...] De certa forma, os primeiros veículos para a espacialização das ideias religiosas são as palavras, na oralidade e/ou na textualidade pela qual é difundido o saber religioso. A partir da apropriação desse conhecimento, o Homem religioso é sujeito “espacializador” através da enunciação do discurso religioso. As representações que permeiam os discursos se espacializam para além do espaço originário. (SILVA & GIL FILHO, 2009, p. 78-79)

Embora as pessoas do povoado tenham um vasto conhecimento em plantas medicinais e alimentícias alguns nativos dizem que muitos dos neorrurais conhecem mais a fundo e tem um repertório muito extenso das propriedades e utilização dessas plantas. Assim, muitos dos nativos já participaram desses cursos para absorverem esses conhecimentos e ampliar a atuação no dia a dia em suas necessidades.

**Figura 48 - Divulgação públicas dos cursos: plantas medicinais (a esquerda), incensos (no centro) e práticas na terra (a direita)**

Grupo Terra Mãe convida para vivência de:

**Plantas Medicinais**  
Imersão no bioma cerrado

**28 de nov a 03 de dez**  
São Gonçalo do Rio das Pedras - MG

**5 dias em contato direto com a natureza!**

- Reconhecimento, identificação e coleta de espécies medicinais;
- Uso das boas práticas de manejo sustentável;
- Plantio e preparo de mudas de espécies medicinais;
- Indicação de secagem e armazenamento adequado;
- Preparo e manipulação de tinturas, gel, pomada, xarope

**e muito mais...**

Inscrições: [cris@naturezadosertao.com.br](mailto:cris@naturezadosertao.com.br)  
[www.grupoterramae.com](http://www.grupoterramae.com)

**Preparação de Incensos e Extração de Óleos Essenciais**

**25 a 27 de março 2016**

Local: São Gonçalo do Rio das Pedras - MG

- Preparo de incensos em vareta;
- Extração artesanal de Óleos Essenciais;
- Botânica de plantas aromáticas;
- Produção de Óleos Medicados;
- Escalda-pés e Aromatizador;
- Colheita, beneficiamento e secagem de plantas

Inscrições no site: [www.grupoterramae.com](http://www.grupoterramae.com)  
Telefone de contato: (38) 988236119

**PRÁTICAS NA TERRA**

**19 A 22 DE NOVEMBRO 2015**  
SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS - MG

**TEMAS DA VIVÊNCIA:**

- MANEJO DA VIDA NO SOLO
- COMPOSTAGEM VIVA
- OS CICLOS DA LUA NO TRABALHO COM A TERRA
- RADIESIA NA AGRICULTURA: MAPEAMENTO E AVALIAÇÃO DO ORGANISMO AGRÍCOLA
- PRÁTICAS AGRÍCOLAS: PLANTIO DE SEMENTES E MUDAS

VALOR: R\$350,00  
**INSCRIÇÃO:**  
[CRIS@NATUREZADOSERTAO.COM.BR](mailto:CRIS@NATUREZADOSERTAO.COM.BR)

RETARDE DO VALOR NO ATO DE INSCRIÇÃO E A OUTRA METADE AO FIM DO CURSO.

PARA MAIS INFORMAÇÕES ENTRE EM CONTATO COM CRISTINA (38) 8823-4119

Fonte: Acervo particular Thiago Moura, 2019

Da mesma forma que diversas pessoas se interessam pelo povoado para poder vivenciar tais práticas, de certo, este também é um dos motivos mais significativos de muitos dos neorrurais escolherem, especificamente, o povoado de São Gonçalo para residir. Estando justamente no interesse em estar próximos e absorver os conhecimentos dessas práticas. Muitos neorrurais buscam São Gonçalo para aprender ou aprimorar as técnicas e práticas de cultivo na terra, da utilização das plantas medicinais e suas várias formas de beneficiamento, e também para imergirem quase que integralmente nesses conhecimentos.

A “divulgação” desse espaço focalizado nas práticas integrativas e holísticas também se deu por conta de alguns cursos e práticas tão antigas e cheias de simbolismos que não é comum ouvir falar delas, como é o caso da espagiria alquímica, a astrodiagnose, o tarot da linha egípcia, entre outras. A espagiria é tida como a farmácia da alquimia<sup>2</sup> onde se destila plantas aromáticas para a extração de óleos essenciais que podem ser utilizados de forma terapêuticas e curativas, além de outras diversas operações e subprodutos desse processo. Da mesma forma, astrodiagnose que utiliza dos conhecimentos dos ciclos astronômicos para auxiliar no autocuidado e no crescimento pessoal através de um diagnóstico da própria identidade e das doenças.

Essas práticas não necessariamente estão dentro de uma religião ou são de caráter religioso. Portanto, tais práticas provavelmente estão mais ligadas às correntes filosóficas ou até mesmo esotéricas do que uma relação direta com uma religiosidade específica.

---

<sup>2</sup> Alquimia - prática instrumental/filosófica que combina elementos da química, metalurgia, astrologia, esoterismo e magia em diversas operações herméticas e que teve grandes contribuições para medicina antiga. Embora a alquimia seja mais associada a Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus van Hohenheim mais conhecido pelo codinome Paracelso no século XV, existem livros sagrados em sânscrito sobre a mitologia hinduísta dos vedas (Índia) e do taoísmo (China), datadas entre os séculos II a V, que já mencionavam a transmutação de metais comuns em ouro e também de usos terapêuticos na medicina. A alquimia foi muito utilizada pelos árabes durante o Império Islâmico e também na Europa Medieval, mas depois ficou obscurecida por centenas de anos. (MULTHAUF & GILBERT, 2008; MEULENBELD, 2002).



Figura 49 - Divulgação pública dos cursos: astrologia egípcia (a esquerda) e espagiria (a direita)

### Astrologia Egípcia

módulo II

**DE 20 A 22 DE JANEIRO**  
**EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS - MG**

Por Astrologia se entende "a interpretação dos fatos astronômicos". Os Egípcios tinham uma visão de mundo extremamente espiritual e sagrada.

O modelo interpretativo dos fatos astronômicos (Astrologia) era voltado para uma utilização sagrada e ritualística, além de ser utilizado para orientar o momento dos trabalhos artesanais, agrícolas, etc.

O Curso de Astrologia Egípcia pretende percorrer todo o processo histórico desde as raízes, procurando tornar claros os processos astrológicos que no Antigo Egito foram estreitamente relacionados, também, à atividade Alquímica. Será necessário então, percorrer as fases técnicas e filosóficas tanto para compreender o pensamento dos Antigos como para compreender as várias derivações que conduziram, com frequência, ao erro.

**SERÃO ADMITIDOS NOVOS ALUNOS!**

**Ministrante Stefano Stefani:**  
Espagirista e Musicoterapeuta - especialista em Astrologia, Egíptologia, Espagiria e Alquimia, co-autor do livro "Manuale di Medicina Spagyrica" Ed. Tecniche Nuove, Milano.  
Responsável Cultural em território nacional (Itália) pelas informações científicas da linha Alkaest de remédios Espagíricos.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES ACESSE O SITE:  
[WWW.ESCOLADEESPAGIRIA.COM](http://WWW.ESCOLADEESPAGIRIA.COM)

### CURSO DE ESPAGIRIA

PERCURSO COMPLETO COM STEFANO STEFANI  
**DE 24 A 26 DE JANEIRO**  
**EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS - MG**

DA TEORIA À PRÁTICA - O CURSO É DESTINADO A TODOS QUE SE INTERESSAM PELO CONHECIMENTO DA ARTE ALQUÍMICA E ESPAGÍRICA - EM ESPECIAL TERAPISTAS QUE QUEREM APRENDER A UTILIZAR EFICAZMENTE A ESPAGIRIA INTEGRANDO-A COM SUAS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E SEUS MODOS DE TRABALHAR.

O termo  
Espagiria foi cunhado por  
Paracelso, médico e alquimista suíço,  
e se compõe de duas raízes verbais de origem  
grega: "spao": extraio, e "ageraion": aquilo que não  
envelhece ou aquilo que é imortal.

O trabalho de um Espagirista consiste em extrair os três  
princípios constituintes da matéria, separá-los, purificá-los e  
então reuni-los para dar vida a um novo indivíduo -  
incorrutível no tempo!

Tudo isso é feito a fim de tornar o melhor possível o produto  
final, pois na Espagiria não se trabalha exclusivamente o mundo  
da matéria, mas profundamente no campo da energia sutil e  
peculiar de cada indivíduo, pois segundo os ditames da base da  
alquimia (a Tábua de Esmeralda de Hermes Trimegistos)  
"assim como é em cima, também é em baixo"

PARA MAIORES INFORMAÇÕES ACESSE O SITE:  
[WWW.ESCOLADEESPAGIRIA.COM](http://WWW.ESCOLADEESPAGIRIA.COM)

Fonte: <https://www.escoladeespagiria.com>

Figura 50 - Divulgação pública dos cursos: astrodiagnose (a esquerda) e perfumaria de antiquário (a direita)

### Astrodiagnose

"Os astros governam os corpos, mas o espírito livre governa os astros."

Os antigos estudavam o céu e os ciclos astronômicos, com a finalidade de dar uma ordem e uma direção nos acontecimentos terrestres. A Astrologia procura as "identidades ocultas" que ligam entre eles os movimentos dos astros, puros e incorruptíveis, às ações humanas, e tenta orientar o homem no seu próprio caminho.

Nas palavras do mestre Angelo Angelini, a Astrologia é uma "ciência eminentemente prática, pois ela permite subir até os Arquétipos e descer até a manifestação, sem perder o foco da unidade do Ser".

A Astrodiagnose é a forma de utilizar o conhecimento da Astrologia e do pensamento analógico como ferramenta para se fazer uma diagnose e orientar a pessoa no entendimento e na superação da própria doença.

O curso começa a partir do zero e se desenvolve de maneira gradual. Dessa forma, o aprendizado das técnicas e estratégias de trabalho vai facilitar a compreensão também para aqueles que não têm conhecimento na área da astronomia.

**3-4 de setembro 2016**  
Escola de Espagiria  
São Gonçalo do Rio das Pedras - MG

**Ministrante Fabio Lorenzi**  
Realizou graduação e mestrado em Filosofia pela universidade de Bologna, e é aluno da Escola de Espagiria e do Stefano Stefani.

**Investimento: 450 R\$**  
Contato: Ana Paula  
(38) 98801-4759  
[ana@espagiria.com.br](mailto:ana@espagiria.com.br)  
[www.escoladeespagiria.com.br](http://www.escoladeespagiria.com.br)

### PERFUMARIA DE ANTIQUARIO




**Algumas visões históricas.**  
Extração de aromas.  
Píesse, um divisor de águas.  
Perfumaria atual e de nicho (indie).  
As famílias perfumísticas.  
Acordes, mocks, blends, soliflores.  
Construção de um perfume a partir de ideias.  
Alguns perfumistas naturais.  
Alguns perfumes naturais.

TO:

Fonte: <https://www.escoladeespagiria.com>

Figura 51 - Divulgação pública do curso de Tarot Egípcio



Fonte: <https://www.escoladeespagiria.com>

São Gonçalo também foi um local onde alguns grupos e comunidades de comunhão esotérica escolheram se fixar e realizar os seus trabalhos, como a comunidade do Santo Daime, que fazem o uso sacramental e ritualístico da bebida amazônica Ayahuasca. Assim como outro grupo que segue a tradição mágico-religiosa da bebida indígena da Jurema Sagrada. Embora a comunidade do Santo Daime de São Gonçalo tenha se desfeito nos últimos anos, alguns praticantes permaneceram no local e ainda dão sequências nos trabalhos místicos-religiosos. Já o grupo da Jurema Sagrada adquiriu um grande terreno nos arredores onde edificaram moradias, templos e que vivem de forma quase que separada do povoado, sendo muito inconstante a presença de um dos praticantes no local.

Assim, as comunidades esotéricas, as práticas e os cursos oferecidos no povoado, que têm uma perspectiva holística e até bem antigas, ajudaram a construção da narrativa de um espaço místico.

Ao conversar com alguns neorrurais durante o trabalho de campo ficou claro que essa esfera mística/esotérica foi um dos motivos que os atraiu especificamente para são



Gonçalo. Importante salientar que não são todos os neorrurais do lugar que são adeptos dessas práticas holísticas e nem são membros dessas comunidades esotéricas, mas foram atraídos por conta da esfera criada em que a união de todos esses conhecimentos e práticas estão em um só lugar.

Os conhecimentos ancestrais em comunhão com os conhecimentos tradicionais das pessoas do lugar que muitos neorrurais vislumbraram um campo fértil de conhecimentos e de possibilidades. Por terem crenças semelhantes, a mesma perspectiva de vida e a concentração dessas práticas em um só ambiente facilitou a escolha, a mobilização e mudança.

De forma que alguns neorrurais, – com suas práticas de medicina alternativa e holística e de práticas com a terra por uma ótica não convencional, como a biodinâmica, – atraíram turistas que procuram um lugar de práticas de cunho esotérica. Também foram atraídos os neorrurais que se interessam pelo lugar por conta das representações sociais de um imaginário coletivo construído por meio dessa narrativa de um lugar de esfera mística/esotérica.

A criação e re-criação entre real e imaginário é contínua, criativa e imprevisível. Não por acaso, Bazcko sublinha o fato de que a possibilidade de manipulação de imaginários é muito restrita, visto que esta só funcionará quando repousar em uma identidade de imaginação – ou seja, quando fizer sentido para a comunidade a qual se dirige (ESPIG, 2004, p. 53).

O imaginário coletivo pode, por fim, se destacar como o sentido maior de um lugar, nas palavras de TUAN (1979), “como o lugar é um conceito e um sentimento compartilhados tanto quanto uma localização e um meio ambiente físico. Pode sugerir meios pelos quais um sentido de lugar possa ser enfatizado” (p.37). E assim, este sentido enfatizado é a narrativa construída de que São Gonçalo é um espaço de práticas mística/esotérica. Para Gastón Bachelard (1974), no livro *Poética do Espaço*, define essa imaginação como parte fundamental para uma ação podendo ampliar a própria perspectiva da realidade ainda não vivenciada e experienciada, onde diz que “o espaço chama a ação, e antes da ação a imaginação trabalha [...] a imaginação aumenta os valores da realidade” (p.357- 363).



## 2.4 Gestão de pequenos conflitos – transformando desafios em oportunidades

Por certo, os neorrurais acabam por intervir na vida do cotidiano local com suas necessidades, interesses, deslocamentos, propostas de atividades e também com seus hábitos e culturas que podem ser bem distintas do que está posto no lugar e na vida rural. Mas mesmo assim, tentam indagar o desenvolvimento sustentável para esses espaços em que estão inseridos, tentando sensibilizar e mobilizar os nativos com diversas pautas e atuarem, certas vezes, em prol do próprio povoado, gerando interações que podem ser do agrado e interesses das pessoas quanto também podem provocar situações de apatia por parte dos nativos ou até mesmo pequenos pontos conflitivos locais.

Os conflitos nos espaços rurais sempre existiram, sejam pelas questões fundiárias, pela questão das identidades territoriais ou dos próprios espaços através da “sobreposição de diferentes formas de significação do mundo e, por consequência, dos usos variados que são feitos do território e dos recursos” (SOUZA, 2016, p. 40), dessa forma, o “conflito pode ser interpretado como qualquer forma de oposição de forças antagônicas” (ARAÚJO & SOUZA, 2012, p. 23), ou, inclusive, de grandes diferenças culturais.

Uma vez que os espaços rurais estão em constantes transformações é possível e inerente que os conflitos estejam presentes nas maiorias das situações, desde os pequenos conflitos que permeiam as relações, interações e práticas até os grandes e complexos conflitos que pautam as mais variadas situações dos espaços rurais, como a questão fundiária e o movimento das lutas sociais promovidas pelos famigerados “Sem Terra”.

“Em nossa sociedade o conflito se associa à rivalidade, à oposição, e à diferença, e esta é malvista em nosso sistema de crenças. Muitas vezes se vive as diferenças como uma agressão” (ERNANDORENA, 2003, p.120), pois então, as análises de conflitos não devem ser feitas somente pela ótica negativista e sim como uma forma de surgimento e abertura de grandes oportunidades para a efetivação de uma mudança, seja dialógica, empírica ou teórica,

Independentemente das razões que muitos teóricos tentam *a priori* estabelecer para compreender a(s) lógica(s) inscritas nos processos sociais, os conflitos expressam a dialética aberta dos processos instituintes. [...] a conflitividade se revelaria, assim, rica de possibilidades teóricas e, porque não dizer, políticas. É nela que as bifurcações possíveis se tornam reais ou não.  
PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 10)

A percepção da existência de outras formas, outros métodos, outras maneiras de se enxergar o mundo e em perspectivas diferentes para um mesmo território são, de certa

forma, parte intrínseca de uma construção de relações e interações entre diversos atores sociais, e ainda “da mesma forma que o espaço e o território são fundamentais para a realização das relações sociais, estas produzem continuamente espaços e territórios de formas contraditórias, solidárias e conflitivas” (FERNANDES, 2005, p. 28)

E ainda, como forma de compreender e

Reconhecer que o território é o *locus* onde se dão as variadas relações entre os diferentes sujeitos e grupos sociais, e entre estes e o meio natural, é também perceber a centralidade dessa categoria dentro dos estudos relacionados às questões ambientais. Dentro deste, a conflitividade desempenha papel de destaque, pois traz à tona as diferentes percepções acerca do espaço manifestas pelos indivíduos e grupos sociais que dele buscam se apoderar.  
(SOUZA, 2016, p. 41)

Isso também é explicado por uma questão elementar, o simples fato de haver dois universos distintos em constantes trocas nas relações sociais. O urbano e o rural, o moderno e o clássico, a novidade e o tradicional estão sempre se tocando e entrelaçando. Assim, pequenos conflitos são possíveis de existir a medida que esses convívios se tornem mais frequentes e influentes no cotidiano das pessoas.

Alguns hábitos, atividades e práticas desenvolvidas pelos neorrurais podem parecer, aos olhos dos nativos, um exagero ou uma desnecessidade e vice-versa. Uma situação de exemplo, como a instalação de uma torre de telecomunicação pode gerar pequenos conflitos locais. De um lado os moradores nativos que desejam o desenvolvimento e melhor acesso da telefonia e da internet, independentemente de onde essa torre possa vir se instalar, enquanto do outro lado alguns neorrurais que desejam manter o espaço bucólico sem interferências urbanas no local e a tentativa de preservar sua paisagem.

Ou ainda, a relação com os cuidados com a saúde. Houve um relato de uma nativa em que apontava que o povoado estava passando pelo processo de retorno de certas doenças virais como a catapora, sarampo, rubéola e “mão-pé-boca”. De acordo a nativa, era possível associar esse retorno das doenças a presença dos neorrurais, no qual disse:

É a cultura deles (dos neorrurais) de não tomarem tantas vacinas e tratar as doenças com as plantas e medicamentos naturais. Mas a gente aqui em São Gonçalo está sempre tomando essas vacinas e aplicando nos nossos filhos e netos para evitar essas coisas. A gente até respeita a cultura deles, mas acredito que eles estão trazendo isso de volta. Eles viajam com muita frequência para outros lugares e voltam pra cá, às vezes, infectados. São Gonçalo não tinha desses casos já tinha bem uns 20 anos, mas agora ficou comum de novo.  
(NATIVA, CONVERSA REALIZADA EM FEVEREIRO DE 2019)

Como relatado, a questão das vacinas é um fator interessante e que pode passar despercebido se não houver um diálogo constante com os nativos do povoado para poder compreender visões tão distintas de mundos e respeitar as diferentes culturas.

Alguns dos nativos costumam se indagar o porquê de alguns neorrurais estarem com uma creche própria e com desejo de construir uma escola própria, sendo que a escola e a creche do povoado são uma referência em toda região, além de que a escola local é um dos melhores caminhos para as construções de relações das próprias crianças e também para as próprias famílias, dos neorrurais e dos nativos. Tentando desvelar as causas dessa indagação, no trabalho de campo foi compreendido que a perspectiva dos neorrurais para o próprio sistema educacional está pautada na perspectiva do *homeschooling*, proposta de educação domiciliar onde diversos adultos assumem a responsabilidade pela aprendizagem e formação das crianças, além de ter uma perspectiva pedagógica inspirada na pedagogia Waldorf<sup>3</sup>.

Outro ponto gerador de pequenos conflitos locais é a queima da matéria orgânica, prática muito comum dos nativos e agricultores de São Gonçalo. A queima é realizada com o intuito de criar uma nova pastagem para o gado ou para limpar o terreno para nova plantação. Enquanto para os neorrurais, que têm outra perspectiva, a matéria orgânica é um insumo muito rico que pode, e deve, auxiliar na compostagem e adubação para as plantas e plantações.

---

<sup>3</sup> Pedagogia Waldorf – abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação desenvolvida pelo austríaco Rudolf Steiner, criador da antroposofia. A pedagogia tem como foco a integração holística de desenvolvimento físico, intelectual, artístico e espiritual dos alunos.

**Figura 52 - Queima de matéria orgânica para plantação ou pastagem**



Fonte: do autor, 2019

Dessa forma, ocorreram diálogos entre os neorrurais e os nativos para trocarem as experiências e conhecimentos a respeito de algumas práticas agroecológicas em contraponto algumas práticas tradicionais. Após cada qual apresentar sua ótica e os resultados obtidos chegaram em um ponto de acordo, que por fim, alguns dos nativos e agricultores que trabalharam com os neorrurais acabaram por mudar essa prática e iniciar a compostagem em suas residências e/ou terrenos.

Durante essa pesquisa não foi visto nenhum incêndio de grandes proporções, entretanto foi possível acompanhar alguns focos de incêndio difusos no território de São Gonçalo, em que na maioria das vezes eram os neorrurais que se organizavam em conjunto com o Instituto Estadual de Florestas (IEF) para realizar a contenção dos focos.

Um ponto de distanciamento que alguns dos nativos mantem é o fato de não adquirirem alguns produtos agrícolas produzidos pelos neorrurais. Os neorrurais por terem cultura diferente da dos nativos e utilizarem de várias técnicas para produção agrícola gerou uma lenda de que os neorrurais utilizam os resíduos dos banheiros em suas plantações.

O fato é que alguns neorrurais tem em suas casas o banheiro seco que depois do uso é jogado pó de serragem e após a câmara estar cheia é reservada ao sol por um prazo que pode variar entre três e seis meses. Depois deste período o insumo da câmara se torna um adubo orgânico. Porém, aos nativos saberem dessa prática foi criado um mito de que os neorrurais utilizam esses resíduos como adubo para a horta também. Situação que foi presenciada pelo autor deste trabalho ao ver neorrurais vendendo produtos agrícolas pela

cidade e alguns dos nativos dispensando tais produtos. Um nativo se aproximou e fez este relato.

Durante o trabalho de campo foi averiguado se os neorrurais produtores agrícolas utilizavam deste recurso e foi constatado que estes não têm o banheiro seco na residência, portanto sendo inviável essa relação de uso deste adubo em suas plantações. Mesmo assim, foi apurado essa possibilidade e foi constatado que os neorrurais que utilizam o banheiro seco somente descartam este adubo na natureza sem prejuízos ao meio ambiente, ao contrário do esgoto sanitário ou das fossas negras que são utilizadas no povoado. Embora essa situação não cause um conflito oficial, ela cria um mito que pode prejudicar o trabalho de alguns neorrurais que estão dedicando parte da vida para essa atividade. De toda forma, o autor deste trabalho sugeriu aos neorrurais que constroem o banheiro seco e também utilizam o adubo orgânico e também aos produtores para fazer um momento explicativo a comunidade como forma de desconstruir esse mito.

Porto e Milanez (2009) também conceituaram os conflitos de forma abrangente, quando referiram que “os conflitos podem estar ligados a diferentes atividades e setores como a ocupação de terras para a produção agrícola e animal; a poluição causada por fábricas, veículos e depósitos de resíduos; as minas de ferro, bauxita e urânio [...]” (PORTO & MILANEZ, 2009, p. 1986), e essas últimas foram um ponto de percepção de conflito social local entre os órgãos públicos, a iniciativa privada e as comunidades tradicionais da região quanto a instalação de uma grande empresa. Portanto, da mesma forma que podem existir pontos, diga-se, conflituosos entre as duas realidades de atores locais, os neorrurais e os nativos. Há ainda alguns pontos de congruências de interesses e desejos. Como exemplo disso, pôde-se acompanhar um debate local que se deu com a possibilidade, real, de instalação de empresa minerária no território do Serro.

Essa situação causou grande comoção, discussão e atuação efetiva dos neorrurais, quanto dos nativos das comunidades tradicionais e das comunidades quilombolas da região e teve forte apoio do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM). Mas não ficou somente no debate, também houve participação e realização de manifestações durante as audiências públicas, realizadas no município do Serro, com a empresa envolvida no empreendimento e com órgãos e instituições públicas. Em algumas audiências realizadas a população da região foi, inicialmente, impedida de adentrar ao local de discussão. Uns disseram que foi por conta da superlotação do espaço e outros disseram que era por desinteresse da parte das pessoas e das empresas envolvidas no empreendimento mineral e também dos órgãos públicos de atender e ouvir a população.

**Figura 53 - Manifestação das comunidades locais contra a mineração em audiência pública**



Fonte: do autor, 2019

Após essa audiência, da qual as pessoas das comunidades tradicionais e quilombolas não puderam participar, foi realizada uma denúncia à Comissão dos Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG). A Comissão então organizou duas audiências públicas, sendo a primeira realizada em Belo Horizonte e a segunda no município do Serro, onde todos puderam adentrar e participar ativamente.

Nessa segunda audiência, ocorreu um grande debate sobre o projeto minerário entre as comunidades em questão e as pessoas pró-mineração. Na audiência, estiveram presentes, além da população local, parlamentares da ALMG, e também professores universitários, profissionais e técnicos que apresentaram a análise técnica do projeto e apontaram diversas incoerências do laudo técnico no pedido de licença para mineração e também citaram vários exemplos negativos como a barragem de Brumadinho, Mariana e o empreendimento vizinho em Conceição do Mato Dentro.

**Figura 54 - Audiência pública**

Fonte: do autor, 2019

De certo, essa foi a audiência em que as comunidades que serão afetadas diretamente e indiretamente puderam se expressar de forma incisiva contra a mineração chegando a ser um momento de catarse coletiva. Essa audiência foi tão decisiva que, por fim, a solicitação até então aprovada pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente (CODEMA) do Serro foi cancelada, fazendo assim com que todo o processo tivesse que ser reiniciado.

De toda forma, esse assunto ainda não foi totalmente definido, sendo necessário a sequência na discussão nos próximos meses, ou anos, até se ter uma conclusão e efetivação da situação. Entretanto, foi perceptível a existência de uma relação próxima entre os nativos dessas comunidades e os neorrurais para se discutir e apresentar os impactos que possam existir no local após a instalação da mineração, tendo como exemplo a situação de Conceição do Mato Dentro.

Este exemplo é muito notório pois houve, na época, uma polaridade de interesses da própria população. Uns desejavam e almejavam a instalação de uma grande empresa para gerar emprego e renda e outros repudiavam veemente qualquer possibilidade de instalação de grande empresa que fosse envolvida com a questão da exploração mineral e, como resultado, a devastação ambiental. Como Brito et al (2011), alertou:

Os conflitos relacionados aos recursos naturais são sobre os espaços que contêm estes recursos, isto é, entre os grupos humanos que reivindicam essas terras como seu território de moradia e vivência, portanto, os conflitos têm dimensões políticas, sociais e jurídicas. Cada agente social tem sua forma de adaptação, ideologia e modo de vida que entra em choque com as formas dos outros grupos, dando assim a dimensão social e cultural do conflito socioambiental (BRITO et al., 2011, p. 56).

Consequentemente impactar significativamente no âmbito social, por desalojar/desapropriar famílias, gerar maior índice de violência, poluição e doenças pulmonares e também da criação de áreas periféricas de forma completamente desordenada e sem estrutura – leia-se hospital, escolas, ruas, saneamento básico – da cidade não comportar a voluptuosa chegada de novos moradores repentinamente. Fatos estes que geraram diversos problemas locais, conflitos e grandes impactos tanto na sede municipal quanto em vários distritos, comunidades e vilarejos ao redor de Conceição do Mato Dentro.

Por mais que os pequenos conflitos locais existam por conta das culturas, interesses e desejos distintos dos neorrurais e dos nativos, existem pontos de entendimento comum de ambas partes, e estes pontos sobressaíram na maior parte das observações realizadas durante o trabalho de campo para a elaboração desta dissertação. Esses pontos em comum são como uma simbólica ponte de conexão entre esses atores em que retira o conflito como um desafio e eleva a uma oportunidade de transformação nas relações e nas interações entre estes.

Os desafios, desencontros e desinteresses sempre ocorreram nas relações com atores tão distintos e o apego a estes desafios não soluciona o que está posto e sim um constante diálogo, vivência e trocas entre as partes é onde está a chave da possibilidade de abertura a um novo ponto de convergência para a manutenção das vidas em jogo.

Ao aprofundar nas características, nas iniciativas, nas novidades de socialização e nas dinâmicas dos neorrurais foi observado que há algumas tipologias de neorrurais no território de São Gonçalo não sendo, portanto, um grupo homogêneo, e que aqui são apresentado algumas delas: I) pessoas com idade ativa e engajadas com as questões ambientais e com foco na atuação para a transformação social. Buscando novos métodos de viver e alterando ou aprofundando a atuação profissional; II) aposentados que buscam residir no espaço rural como meio de aproveitar a 3ª etapa da vida de forma menos acelerada, porém nem sempre para ficarem sem atividades. O que os levam a administrar pequenas pousadas rurais, criação de gado ou galinha, produção e beneficiamento de produtos agrícolas para participação em feiras ou vendas no comércio local (leite, carne, ovos, oliveiras e o azeite, girassol e o óleo vegetal, plantas medicinais, hortas orgânicas, etc), realização de palestras, cursos e consultorias em outras localidades sobre assuntos referentes as trajetórias profissionais; III) jovens que buscam a experiência da vida rural como meio de expandir sua atuação profissional ou para compreender outras necessidades, demandas e visão da carreira profissional; IV) pessoas que se capacitam



com as atividades/práticas tradicionais da fazer rural para fomentar essas atividades no local e para levar essas práticas/conhecimentos para outros locais em formato de cursos e/ou produtos que aprenderam no local; V) pessoas que simplesmente desejam viver nos espaços rurais atuando profissionalmente no próprio local ou nas proximidades como professores, médicos, dentistas, farmacêuticos, engenheiros, funcionários públicos, entre outros; VI) pessoas que seguem atuando profissionalmente a distância, com projetos e consultorias, ou também como exemplo, com vendas pela internet de produtos rurais (como óleos essenciais, biocosméticos, cachaça, vinho, cerveja, chás medicinais, entre outros), ou com venda de cursos, técnicas e ou produtos/peças de artesanato. E ainda: artistas em geral que vivem nos espaços rurais por ser mais calmo e mais inspirador para seus trabalhos e continuam atuando nos grandes centros e depois retornam para a casa; VII) pessoas que migram, por um certo tempo, para o espaço rural a fim de promover uma desintoxicação física, mental e emocional ocasionada pelos problemas e desafios vivenciados nos espaços urbanos, bem como buscar tratamentos alternativos para os problemas saúde; VIII) pessoas que buscam aprender sobre as técnicas de tratamento de saúde e cura e/ou ainda para trabalhar a fé e a crença com os distintos caminhos de religiosidade/espiritualidade que são oferecidos no local.

Dessa forma, percebe-se que há grande variedade de tipos de neorrurais. Às vezes, os intuitos e atuações se misturam, até mesmo, com focos bem distintos. De toda forma, foram apresentados apenas uma parte dessas neorruralidades, pois há uma gama muito diversa e ampla que merece um aprofundamento futuro para melhor categorizar esses agentes. Mas há alguns pontos em comum em quase todos os neorrurais de São Gonçalo: a busca pela qualidade de vida, o decrescimento, o ambientalismo, o interesse nas práticas e nos saberes e fazeres tradicionais, ora ancestrais, que os nativos carregam.

Segundo a antropóloga Maria José Carneiro (2012) os neorrurais devem ser classificados em três categorias:

- **Extrativistas** – atraídos pelos atributos do lugar e da natureza com alto poder econômico que constroem grandes casas de veraneio, mas que até podem vir a residir fixamente; não têm interesse em desenvolver atividades no local, seja na agricultura ou no entretenimento e que não costumam ter relações próximas com a comunidade. São pessoas que simplesmente passam poucos dias, que já chegam ao local com os mantimentos suficientes para o período de veraneio e não fomentam a

economia local diretamente. Portanto, são pessoas somente interessadas na recreação e na paisagem bucólica e pitoresca.

- **Comerciantes** – Importantes na movimentação da economia local. Por vezes, podem ser os mesmos dos veraneios que, tendouma visão empreendedora, por conhecerem o local muito bem, sabem antever as necessidades futuras e realizam investimentos locais, tais como: padaria, mercado, pousadas de luxo com estética rústica, entre outros empreendimentos. O investimento na economia local tem como motivação as oportunidades produtivas normalmente relacionadas aos valores e práticas tradicionais, porém com o foco no retorno financeiro.
- **Ambientalistas** – Preocupados em não danificar a paisagem cultural local, tendo a vocação com o trato com a terra e a produção, reunindo novos hábitos e formas de habitar. Eles têm interesse na tradição do lugar e fomentam a sobrevivência das práticas e dos valores locais. No entanto, podem ter como objetivos a extração local, com interesse e proveito próprio como uma pequena produção agrícola orgânica. Porém, diferentemente do extrativista, o ambientalista se preocupa com o local e participa ativamente da comunidade, principalmente com a relação estreita com o meio ambiente.

Como visto, a autora quase sempre associa os neorrurais a uma perspectiva exploradora e colonizadora dos e nos espaços rurais, porém há de se considerar que estas categorias foram desenvolvidas com base em um estudo de caso de espaços rurais não agrícolas e no qual alguns neorrurais têm certo protagonismo na questão do turismo e do lazer.

Embora o objeto de análise deste trabalho e da autora tenham semelhanças em algum momento (os neorrurais) os casos de estudos têm perspectivas analíticas muito distintas, bem como do próprio objeto em questão que se comporta de forma bem diversa e heterogênea, não sendo possível abarcá-los em categorias com descrições tão rigorosas e de cunho estritamente exploradora. Os neorrurais até podem vir, em um futuro, a se apresentar mais como neo-colonizadores rurais, mas para o momento não foram identificados dessa forma.

Evidente que há neorrurais que poderiam ser encaixados nas categorias dos extrativistas, dos comerciantes e também dos ambientalistas inclinados ao

empreendedorismo rural individual, porém uma outra descrição para estas tipologias seria necessária poder acampar a veracidade dos neorrurais que se apresentam neste trabalho ou mesmo em outros.

Portanto, o que foi observado no trabalho de campo é que essas três categorias sugeridas pela autora não se aplicam literalmente aos neorrurais inseridos no povoado de São Gonçalo. Dessa forma, foi proposto, como contraponto, uma outra categorização utilizando de uma estrutura semelhante a sugerida pela autora, porém com outra descrição. Para o autor desta pesquisa os neorrurais de São Gonçalo poderiam ser sintetizados em três categorias como a ecologia, a economia e a comunidade:

- **Ecologia** – Pessoas que se apresentam engajadas e atuantes nas perspectivas de preservação e de restauração ecológica e também de produção agroecológica, seja individual, familiar ou no formato coletivo (associadas aos núcleos de assentamento sustentável).
- **Economia** – Pessoas que têm uma relação mais mercantil/profissionalizada com foco no espaço rural com interesse em autossuficiência financeira para permanência e manutenção no local, seja com ofício urbano no espaço rural ou ofício rural nos espaços urbanos (normalmente associadas ao processo de pendularidade ou com trabalhos via *internet*).
- **Comunidade** – Pessoas com senso de coletividade, que tem como objetivo a participação ativa na comunidade local e seus atores sociais (tanto nativos quanto os neorrurais), com interesse em formar e viver relações sólidas com as pessoas que habitam e coabitam no lugar, dinamizando as interações e também experienciando/ofertando suas práticas e vivências.

Essas três categorias, embora estejam separadas e terem formas distintas, podem se apresentar hibridizadas em partes e até mesmo totalmente umas às outras. De certo, essas tipologias de categorização de neorrurais podem se apresentar bem mais diversas do que está posto, mas, de toda forma, essa é uma proposta de categorização a partir dos dados que foram coletados durante o trabalho de campo e analisados ao longo da elaboração deste trabalho.



### 3. O (RE)DESENHO DA PAISAGEM CULTURAL DE SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS

#### 3.1 A formação da paisagem cultural de São Gonçalo do Rio das Pedras

Quase parece que a natureza escolheu para a região originárias dessas pedras preciosas os mais esplêndidos campos e os guarneceu com as mais lindas flores. Tudo que até agora havíamos visto de mais belo e soberbo em paisagens, parecia incomparavelmente inferior diante do encanto que se oferecia aos nossos olhos admirados. Todo o Distrito Diamantino parece um jardim artisticamente plantado, a cuja alternativa de românticos cenários alpestres, de montes e vales, se aliam mimosas paisagens de feição idílica. [...] Os outeiros e vales serpenteantes, interrompidos por montanhas isoladas, são bordados, ao longo do sopé delas, e nos vales, animados por claros regatos com mata de folhagem densa de árvores sempre virentes; junto das encostas estendem-se contínuos campos verdes, interrompidos por moitas de arbustos de toda espécie, e sobre as lombadas pouco inclinadas expandem-se as mais bonitas campinas, nas quais estão distribuídas Liliáceas, moitas baixas de arbustos e arvorezinhas isoladas, enfeitadas com variegadas flores, de modo tão encantador, que se caminha por meio delas, como se fosse num parque artisticamente plantado. O próprio solo desse jardim natural é coberto de fragmentos de itacolomito de brancura deslumbrante, onde pequenas nascentes sussurram serpeantes, aqui e acolá. Finalmente aparecem os últimos topos das lombadas muitos fragmentados e fendidos, restos do tempo que renova incessantemente, como ruínas singularmente românticas, mostrando arbustos isolados e liquens. Sente-se o viajante, nesses deliciosos jardins, atraído de todos os lados por novos encantos e segue extasiado pelos volteios do caminho sempre nas alturas que o leva de uma a outra das belezas naturais. Volvendo o olhar do pacífico e variegado ambiente para a distância, o espectador vê-se todo contornado por altas montanhas rochosas que, iluminadas pelos ofuscantes raios solares, refletem uma luz resplandecente de seus vértices brancos, recortados em forma maravilhosa, aqui ameaçam desmoronar, ou, ali em amontoados terraços uns sobre os outros, puxam para o azul etéreo do céu, ou abrem-se profundos vales, patenteando abismos sombrios, onde alguma torrente da montanha abre caminho com estrondo. Nesse magnífico ambiente fomos-nos aproximando da primeira lavagem de diamantes. (SPIX e MARTIUS, 1981, vol. 2, p. 27).

Foi com essa descritiva poética que Spix e Martius apresentaram o Distrito Diamantino para o mundo quando publicaram o livro *Viagem pelo Brasil*. E essas características apresentadas também estava o pequeno povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras, local que certamente os viajantes passaram.

São Gonçalo está encravado na Serra do Espinhaço com altitude média de 1.000 metros acima do nível do mar, onde é possível avistar picos e vales dessa cadeia de

rochedos abruptos. A formação do povoado de São Gonçalo se localiza na parte superior de uma falha geológica da porção sul da cadeia do Espinhaço.

**Figura 55 - Fotografia aérea de São Gonçalo do Rio das Pedras e o Pico do Itambé aos fundos.**



Fonte: Suelen Alice, 2019.

Foi neste imponente cenário da Serra do Espinhaço que se deu umas das mais significativas explorações minerárias que o Brasil vivenciou no período colonial. Em consequência disto, foram se formando os primeiros e importantes arraiais urbanos da época, como Ouro Preto, São Joao Del Rei e o Serro (antigo Serro Frio).

Na região da Serra do Espinhaço, sobretudo, concentraram-se as lavras e os assentamentos humanos mais antigos e longevos – as minas do Ouro Preto, do Ribeirão do Carmo, do Sabará, do Caeté, e, mais tarde, do rio das Mortes e do Serro Frio, atestando o quão rentáveis foram as lavras descobertas.  
(MORAES, 2006, p.193)

Ao longo do tempo, estes núcleos urbanos foram aumentando, se consolidando e depois se desmembrando e formando tantos outros municípios e distritos minerários. Esse é o caso de São Gonçalo do Rio das Pedras, que teve sua formação ligada à exploração mineral no começo do século XVIII, momento das descobertas das pedras preciosas, sobretudo o ouro e os diamantes, na região.

Saint-Hilaire (1938) já identificava os arraiais formados em torno da exploração mineral como provisórios, com pouca densidade demográfica e de pouca atividade agrícola, dessa forma apresentando certo aspecto de abandono.

Situada a oeste da grande cadeia, e a pequena distância dela, toda a região que se estende até *Vila do Príncipe* é ainda montanhosa, e as florestas, que a cobriam outrora, deram lugar, em muitos pontos, a imensas pastagens de *capim gordura*. Não se vislumbra, por assim dizer, o menor sinal de cultura; por toda a parte tem-se sob os olhos o aspecto do deserto, e muitas vezes, o do abandono. (SAINT-HILAIRE, p. 255, 1938)

“O Arraial de São Gonçalo descobriu Domingos Barbosa, natural do Minho, onde fundou uma ermida a este santo em 1729” (SANTIAGO, 2006, p.116) e em 1732, ano da descoberta dos diamantes no povoado, já era habitado por “bastante pessoas com casas de vivenda, roças e engenho” (ÁVILA, 1981, p.9) e o garimpo como principal atividade.

Waldemar Barbosa (1971) elucida que, naquela época, os povoados recebiam os nomes baseados em diversos fatores, como pelas condições geográficas como Tijuco “terreno lamacento”, ou pela forte presença indígena, ou mesmo pelo próprio nome do descobridor do local, ou ainda em homenagem ao santo festejado na data da descoberta. Dessa forma a “nossa formação foi essencialmente cristã, daí a infinidade de topônimos de origem religiosa”, (BARBOSA, 1971, p. 11).

SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS - Distrito do município do Sêro. São Gonçalo, simplesmente, no termo do Sêro, teve a regalia de paróquia, com a lei no 1408, de 7 de dezembro de 1867, quando a sede foi transferida de Milho Verde. No ano seguinte, a lei no 1484, de 9 de julho de 1868, fêz voltar a sede da freguesia para Milho Verde. A lei no de 1859, de 12 de outubro de 1871, elevou a paróquia o distrito de São Gonçalo, no município do Sêro. Às vezes, o nome aparecia como São Gonçalo do Sêro. Na divisão administrativa de 1911, figura já o distrito com a denominação de São Gonçalo do Rio das Pedras, que permanece até hoje. (BARBOSA, 1971, pág. 453)

Portanto, o nome São Gonçalo do Rio das Pedras, que foi dado ao arraial, pode estar diretamente ligado a forte influência religiosa dos colonizadores portugueses, no qual homenagearam o santo católico “São Gonçalo”, enquanto o “Rio das Pedras” faz referência ao rio que corta todo o povoado até a cabeceira da Cachoeira do Comércio.



**Figura 56 – Cachoeira do Comércio**

Fonte: do autor, 2019

As pessoas do povoado contam que também existe uma lenda que narra essa história de outra maneira. Eles relatam que o nome teve origem por conta de uma imagem de um santo encontrado aos pés de uma árvore. Como ainda não havia nenhuma igreja ou capela no povoado, as pessoas levaram, em romaria, para o arraial de Milho Verde onde já existia uma capela e lá foi identificado que a imagem do santo seria a do São Gonçalo. No entanto, no dia seguinte, a imagem do santo foi vista novamente aos pés da mesma árvore e partiram outra vez para Milho Verde. Ao longo do caminho as pessoas perceberam micropegadas na estrada que, logo, acreditaram ser do próprio santo fazendo o caminho de volta ao povoado. Dessa forma, foi então decidido construir a primeira capela do povoado, por volta do ano de 1730, no exato lugar da aparição do santo. Em 1787 a capela foi elevada à condição de igreja matriz (VASCONCELOS, 1960).

**Figura 57 – Igreja Matriz de São Gonçalo em restauro. Década de 1980.**



Fonte: Acervo particular Heinrich Kuhne

E, em 1839, a segunda capela do povoado de São Gonçalo foi erguida sendo a capela de Nossa Senhora do Rosário.

**Figura 58 – Capela de Nossa Senhora do Rosário na década de 1940**



Fonte: Acervo particular família Baracho

O povoado de São Gonçalo teve sua formação, primordialmente, por conta do garimpo e a grande maioria da população ainda vivenciou essa prática até os tempos mais recentes demonstrando o quanto essa cultura foi enraizada no povoado.

Elcione Silva (2015), em sua dissertação “Paisagem cultural, turismo e gestão da paisagem: estudo dos distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras”, apresentou os desafios, sacrifícios, expectativas e frustrações que os garimpeiros passavam para encontrar a desejada pedra preciosa, e também realizou diversas entrevistas com os moradores desses povoados que descreveram as práticas do garimpo e dos tropeiros. “Alguns garimpeiros pernoitavam em lapas próximas ao rio para que pudessem ficar mais próximo e facilitar a atividade garimpeira” (SILVA, 2015, p. 101). Como os relatos dos informantes da autora mostram que:

Garimpar é uma coisa muito sofrida. Bom é quando você está tirando diamante. Aqui neste Alto aqui ninguém nunca tirou muito Diamante. Tirou pra sobrevivência, às vezes dava sorte dois, três meses dando sorte, depois três meses perde o resto do ano. O garimpo sempre foi esse jogo, é um jogo, porque quando você está indo pro garimpo, você está indo todo alegre. Se você achou, ótimo; se chegou no final, apurou tudo e não deu nada, aí vem a tristeza, dificuldade, sabendo das contas que vai pagar.  
(DEVANIL CUNHA, 2014, *apud* SILVA, 2015, p. 101)

E ainda:

Trabalhava no leito do Jequitinhonha, em outros córregos, por exemplo, como Córrego do Mel, afluente do Jequitinhonha, Rio Capivari, afluente do Jequitinhonha, e outros córregos, mas o certo de trabalhar era no Jequitinhonha. E esse garimpo que a gente trabalhava na época da chuva se chamava lapa da Igreja e a gente morava lá. A gente só vinha em casa uma vez no mês. Ficava praticamente três semanas sem vir em casa. Quando dava completamente quarta semana, a gente vinha pra buscar principalmente alimentação, comida. E não tinha acesso a carro, tinha que levar tudo no lombo do burro. Então a distância de São Gonçalo até nessa Serra dava em torno de vinte quilômetros. A gente não usava máquina pra nada, tudo era feito manual. E daí eu vivi doze anos da vida no garimpo.  
(ADEMIL RIBEIRO, 2014, *apud* SILVA, 2015, p. 101)

Todo o processo de extração mineral realizado pelos garimpeiros do povoado era de forma artesanal e primitiva, pois estava diretamente ligado as técnicas garimpeiras que foram trazidas pelos africanos escravizados. A historiadora e também uma das informantes de Silva (2015) afirmou que “o tipo de garimpo que eles praticavam é o mesmo garimpo que se pratica na África até hoje. Aquele garimpo de ir buscar na cabeça, no balaio a areia” (IZAURA, 2014, *apud* SILVA, 2015, p.102).

**Figura 59 – Demonstração de técnicas do garimpo**



Fonte: Programa “Um pé de que?”, 2011

Depois do auge dos garimpos o povoado de São Gonçalo teve um moderado crescimento com o desenvolvimento de unidades agrícolas e também com o comércio regional. Já no princípio do século XX iniciou a era dos tropeiros fazendo com que o povoado se tornar um

“centro comercial de relativa importância, por ali transitando grande número de tropas que conduziam gêneros alimentícios provenientes da mata da Peçanha, de Guanhões e do Serro, quase sempre em demanda do mercado de Diamantina. (ÁVILA, 1981, p.10).



**Figura 60 - Tropas em descanso. Início década 1980**



Fonte: Acervo particular Heinrich Kuhne

Foi então construído o *Rancho de Tropas* que era um espaço de apoio para armazenamento, comercialização, distribuição e também de pouso e descanso dos tropeiros que faziam longas jornadas pelas trilhas até o próximo destino. A importância deste local para os tropeiros era que São Gonçalo estava, de certa forma, em um local privilegiado pela centralização e proximidade entre os diversos municípios e comunidades na região.

São Gonçalo era um lugarejo, aonde recebia as tropas, que vinham trazendo carregamento de alimento para Diamantina e aqui era um ponto aonde tinha o rancho de tropas, onde hospedava os tropeiros. Aí eles descarregavam seus animais que traziam farinha, rapadura, toucinho, carne, banha de porco. Variedades de coisas da roça, amendoim, feijão e aqui eles hospedavam num rancho, às vezes os tropeiros chegavam à noite. [...] Trocavam alimentos com outras pessoas, traziam feijão, trocavam com outros alimentos. Aqui às vezes aqui não tinha o feijão, tinham era banana, porque aqui tinha uma produção muito grande de banana, de doce, de vinho. E aí eles trocavam suas mercadorias aqui com certas pessoas da comunidade e carregava de novo o seu animal com banana e com essas especiarias que encontrava aqui dentro São Gonçalo, levando pra Diamantina, pra que seu animal não chegasse vazio até o mercado Diamantina. [...] Mantinham neste rancho, uma panela grande fervendo dia e noite, osso de boi, costela para que sustentasse os tropeiros, os visitantes, passageiros. [...] Eles vinham do Vale do Rio Doce, e chegava até aqui transportando suas mercadorias até aqui. Transportando suas mercadorias para Diamantina que o ponto de descanso, pra descansar os animais, e até eles mesmo para depois seguir a viagem.

(DONA EVA, 2014, *apud* SILVA, 2015, p. 109)

Uma das entrevistadas por Silva (2015) contou como era a relação com outras cidades e sobre o esforço para destinar as mercadorias da região:

Eu já tropeirei muito. Era fubá, farinha, mandioca, banana, batata, enchia doze burros. Pegava os balaio punha na cacunda dos burro. Pegava punha no outro, apertava, apertava arrumava doze burro e colocava na estrada. Ia para Diamantina, vendia muito em Diamantina. Meus amigo tudo de Diamantina, os velhão, os velho já acabou tudo. Nosso Senhor já levou tudo. Nós vendia os trem para eles, aí ele falava assim: eu quero dois alqueire de farinha. Punha no animá e levava prá ele. [...] Era custoso mesmo. (DONA ELÍDIA, 2014, *apud* SILVA, 2015, p. 108).

Na época, mesmo com o início do declínio do garimpo, as pessoas ainda trabalhavam na extração e também com as tropas como forma de manterem suas atividades econômicas. Como Silva (2015) apresentou o relato de um dos moradores do povoado sobre os familiares mais antigos realizando essa dupla jornada:

A maioria tinha relação maior aqui é o garimpo, com extrativismo, que é colheita de flores e os tropeiros. [...] Na casa do meu avó, lá no Engenho, ele fazia rapadura, tinha inhame. Às vezes vendia, tinha milho e feijão. Mas ele levava produto mais rapadura para trazer outros produtos macarrão, sal. Fazia uma troca. O pessoal da região toda comprava aqui. Capivari comprava. (IZAURA, 2014, *apud* SILVA, 2015, p. 103)

Alguns moradores mais antigos do povoado ainda se lembram dos barulhos dos sinos nos burros, como se estivessem avisando que a tropa estava chegando, indo em direção ao *Rancho de Tropas* trazendo as mercadorias.

**Figura 61 – Últimas tropas chegando em São Gonçalo (a esquerda) e em direção ao Rancho de Tropas (a direita)**



Fonte: *Frames* do documentário do IPHAN, 1987. Disponível em:  
[https://www.youtube.com/watch?v=ZllopsdxA\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=ZllopsdxA_E)

Durante esse período diversos vinhedos foram plantados e produziram em boa quantidade, houve até uma tentativa de instalar uma fábrica de vinhos, porém a fábrica não prosperou. No entanto, essa tentativa foi muito importante no contexto histórico do povoado, pois deixou um legado à população que segue até os dias de hoje, produzindo

vinhos caseiros, além de beneficiamento de outros produtos da roça como os doces, queijos, rapadura e cachaça.

Por volta de 1910, surge no Distrito uma cultura que parecia ser a redenção do lugar: a produção de uvas para o fabrico, ali mesmo, de vinho. Esse ramo da agroindústria já vinha sendo desenvolvido com sucesso em Diamantina, no então Distrito de Gouvêa. No Distrito serrano, foi criada a Companhia Viticultora São Gonçalo, que, conforme o Anuário de Minas Gerais, ano seis, de 1918, produziu, em 1916, apenas com uvas compradas, 35 barris de vinho. Esperava-se muito mais para o ano de 1917, pois a própria empresa havia plantado duas mil parreiras. Essa vinícola são-gonçalense funcionava como sociedade anônima, cujas ações custavam, cada uma, dez mil réis. Tinha nada menos que 73 acionistas, entre os quais figuravam dezenove mulheres, a firma Duarte e Irmão e até São Gonçalo, padroeiro da paróquia. Parece que a empresa não teve vida longa. (SANTIAGO, 2006, p.122)

**Figura 62 – Plantação de parreiras para produção de vinhos. Década de 1980.**



Fonte: Acervo particular Heinrich Kuhne

Após os períodos de bonança garimpeira São Gonçalo entrou em recessão econômica e demográfica. As histórias do lugar deixam claro que quando o garimpo entrou em processo de fracasso muitas famílias ficaram completamente sem recursos financeiros e consequentemente sem abastecimento de alimentos. Dessa forma, foram forçados a promover o êxodo rural em massa para São Paulo deixando para trás suas



casas, restando apenas as memórias e as pesadas dívidas com os donos dos garimpos. Neste período só permaneceram os mais idosos e algumas pessoas que seguiram na esperança do garimpo retornar a ser próspero.

Talvez por conta do esvaziamento populacional do povoado foi possível manter intocável as estruturas do conjunto arquitetônico, a história do local e os atributos ecológicos. Dessa forma, São Gonçalo acabou que “não sofreu grandes mudanças nos últimos cento e cinquenta anos” (SANTIAGO, 2006, p. 115).

**Figura 63 - Conjunto arquitetônico. Início da década de 1980.**



Fonte: Acervo particular de Heinrich Kuhne

Portanto, é compreensível quando as pessoas de São Gonçalo relatam que o povoado esvaziou quase que por completo, assim como a fala do ator Mario Lago, personagem Fortunato do filme “O Padre a Moça”, em entrevista para a Revista de Cinema Contracampo, apresenta: “Quando nós fomos filmar lá, tinha umas cem pessoas, no máximo[...]”, e é corroborada pela fala do Paulo José, que interpretou o personagem do Padre, para a mesma entrevista:

São Gonçalo do Rio das Pedras é uma cidade morta, do ciclo do diamante, foi muito próspera no século passado. [...] a cidade foi ficando decadente, foi ficando vazia. Só tinha velhos, velhas com bócio, papudas, aquele problema de falta de vitamina A e D, e não tinha ninguém jovem. A cidade tinha

delegacia, farmácia, prefeitura, correios e telégrafos, tudo fechado, mas ainda com as coisas dentro, na farmácia tinha prateleiras com remédios. E a cidade fechada há uns vinte anos. (JOSÉ, 2011)

**Figura 64 – Placa dos correios e telégrafos. Década de 1940.**



Fonte: Acervo particular da família Baracho

Mas no início da década de 1970, inicia uma reviravolta no destino do povoado de São Gonçalo. Um pequeno grupo de intelectuais e artistas foram atraídos por São Gonçalo por conta da divulgação do povoado nos cinemas. O filme “O Padre e a Moça”, dirigido por Joaquim Pedro Andrade, foi filmado em 1965 no povoado de São Gonçalo do Rio das Pedras (BESSA, 2011) e se tornou um clássico do Cinema Novo. O filme foi baseado no poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade (MORAES, 2000).

**Figura 65 - Cartaz do Filme “O Padre e a Moça”.**



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra67265/o-padre-e-a-moca>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

**Figura 66- Cenas do filme “O Padre e a Moça” na Igreja Matriz de São Gonçalo (a esquerda) e no Rancho de Tropas (a direita)**



Fonte: *Frames* retirados do filme no youtube pelo autor. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=qgSeSOZe\\_zA](https://www.youtube.com/watch?v=qgSeSOZe_zA). Acesso em: 04 de fevereiro de 2019.

O filme “O Padre e a Moça” foi muito importante para São Gonçalo do Rio das Pedras, pois além de promover a imagem do povoado para todo o Brasil e para o mundo, também ajudou no registro histórico do povoado e ainda auxiliou em algumas situações como na reconstrução da ponte sobre o Rio das Pedras, que havia caído pouco tempo antes de iniciarem as filmagens. Como mostra o relato de Paulo José:

A ponte do rio Jequitinhonha tinha caído, que ligava as duas matrizes então a produção fez uma ponte, ela fez uma ponte para a cidade, o que foi uma alegria para as pessoas que estavam na cidade e para as pessoas que souberam das notícia que voltaram a fazer na semana santa a procissão do encontro, que tinha acabado. Sai a procissão de Nossa Senhora Das Dores de uma matriz, da Senhor Dos Passos saía outra, vinham e se encontravam na ponte e trocavam de Igreja. Isso foi uma festa que durante muitos e muitos anos se fez em São Gonçalo e quando caiu a ponte acabou a festa, então foi uma coisa que o filme trouxe foi recuperar a procissão de encontro da 5ª feira santa, que é uma festa muito linda. E foi muita gente de fora, de Diamantina, Milho Verde, para a procissão. (PAULO JOSÉ, ENTREVISTA PARA A REVISTA CONTRACAMPO)

Ao entrelaçar as informações contidas no relato acima com o desenho “urbanístico” de São Gonçalo, foi possível apontar um equívoco da parte do ator Paulo José quando se refere “a ponte do Rio Jequitinhonha tinha caído”. Por se tratar da ponte que liga as duas igrejas do povoado, somente há uma: a ponte do Rio das Pedras. Essa informação foi apurada no trabalho de campo e foi confirmada por alguns moradores mais antigos que no início da década de 1960, a ponte do Rio das Pedras tinha caído e que “alguém” tinha reconstruído alguns anos depois, embora de forma provisória. Dessa forma, foi possível retornar com a tradicional procissão do Encontro na semana santa. A

ponte provisória durou alguns anos até a prefeitura do Serro realizar a reforma no final da década de 1970.

Nas fotografias abaixo, são apresentadas as três situações, uma fotografia tirada após a ponte ter caído, outra fotografia já com a ponte reconstruída pela produção do filme e a fotografia após a reforma da ponte pela Prefeitura, está última que perdura até os dias de hoje. Embora as fotografias da época da ponte caída e a da produção do filme tenham registrado o local por ângulos contrários é possível reconstruir essa narrativa.

**Figura 67 - Fotografia da ponte do Rio das Pedras recém caída (a esquerda) e as anotações no verso (a direita)**



Fontes: Acervo Particular da família Baracho.

**Figura 68 - Ponte reconstruída pela produção do filme**



Fonte: *Frame* do filme retirado no youtube pelo autor.

**Figura 69 – Ponte reformada pela prefeitura, início década de 1980.**



Fonte: Acervo particular de Heinrich Kuhne

Após o período de circulação do filme nos cinemas e com a divulgação de São Gonçalo o local ficou pautado como um lugar de natureza totalmente preservada, dos casarões coloniais conservados, pela sua dura história de decadência da era do garimpo, como um ótimo lugar para descanso. Esses atrativos proporcionaram a abertura do turismo ecológico e cultural no povoado. Muitas pessoas, caminhantes, viajantes, turistas, e até estrangeiros foram motivados a fazerem um difícil trajeto para visitação. Na época,



as estradas eram de difíceis acessos sendo a maior parte de terra e/ou pedra ao longo de íngremes caminhos.

Foi por volta de 1976 que um dos primeiros moradores de fora a chegar em São Gonçalo e fazer do local a sua morada. O alemão Martin Kuhne, que na época morava e lecionava no Rio de Janeiro e fazia excursões escolares por vários caminhos no Brasil, juntamente com a suíça, até então esposa, Ana Kuhne. Naquele período, estavam lançando uma pequena empresa de Ecoturismo e fizeram o trajeto da Estrada Real até chegarem ao povoado, encantaram com o lugar e o desejo de ficar foi mais forte.

Naquele tempo, São Gonçalo passava por uma profunda recessão demográfica e escassez de trabalho muito grande, em que os donos dos imóveis e de grandes terras desejavam vender seus bens por preços irrisórios para poderem pagar suas dívidas com o garimpo e também para se estruturarem nos locais em que foram se instalar. Dessa forma, o casal Kuhne, adquiriu um antigo casarão, se estabeleceram no povoado e deram início a uma das etapas mais significativas de mudança em São Gonçalo. Foi o casal que montou a primeira pousada no povoado, a Refúgio 5 amigos, e isso foi fundamental na estrutura de hospedagem e inclusive de alimentação para os viajantes e turistas.

**Figura 70 – Pousada Refúgio dos 5 Amigos**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 71 – Excursão de alunos e turistas na rua do Fogo. Início da década de 1980.**



Fonte: Acervo particular de Heinrich Kuhne

A participação ativa nas atividades locais, engajamento com projetos e facilidade com captação de recursos com diversas instituições, inclusive de fora do Brasil, e a capacidade de mobilização social do casal Martin e Ana, conquistaram a população nativa. Assim, na segunda metade da década de 1980, juntamente com um grupo de moradores e intelectuais como Osvaldo França Júnior (BESSA, 2011)

[...] iniciaram um processo de organização comunitária e empoderamento da comunidade local. Aos poucos, com apoio e recursos externos, principalmente de organizações não governamentais, como a alemã Amntena, foram trabalhando para a melhoria das condições de vida no local. (BESSA, 2011, p. 130)

A Associação Cultural e Comunitária de São Gonçalo Sempre Viva, ou como comumente chamada em São Gonçalo, Associação Comunitária Sempre Viva foi a primeira associação criada no povoado. Desde então, outras vieram como a Associação Clube de Mães, criada em 1986, para promover a geração de renda para as mulheres; a Casa de Doces, em 1987, uma cooperativa, também de mulheres, que fabrica e comercializa doces caseiros e a Associação Pró-Fundação Universitária Vale do Jequitinhonha (FUNIVALE) criada em 1989.



**Figura 72 – Associação Comunitária Sempre Viva**



Fonte: do autor, 2019

A FUNIVALE também teve um papel importante no desenvolvimento social e educacional no povoado. Como uma escola livre de formação em agricultura, agroecologia, beneficiamento de produtos e afins, e ainda se despontando como um ponto turístico para visitação das práticas na terra e adquirir alimentos orgânicos produzidos pela própria comunidade.

Sob forma de organização do terceiro setor, disponibiliza ensino fundamental e médio à comunidade local, com foco nas questões agrícolas e ambientais. Trabalha, também, na criação de reservas ambientais na região, no apoio à pesquisa científica - alojando em suas instalações jovens universitários-, no cultivo de horta comunitária - onde a população local pode adquirir hortaliças e verduras orgânicas a baixo custo - e na preservação da cobertura vegetal, na qual predomina a candeia (*gochnata polymorpha*), madeira que queimada desprende um cheiro agradável [...] (SANTIAGO, 2006, p. 122)

Todas as associações criadas tiveram forte apoio da população local que absorveram as propostas e se apropriaram das instituições dando sequência nos trabalhos após o falecimento de Martin, em janeiro de 2014. Hoje em dia as associações estão mais discretas na atuação local e na quantidade de projetos em execução, porém mantêm-se ativas. A Associação Comunitária Sempre Viva conta hoje com práticas de capoeira, estrutura e maquinário de fábrica de tapeçaria e artesanato, agência de distribuição dos correios e segue a disposição da população que desejar propor projetos, oficinas, cursos e utilização do espaço para eventos de interesse local. A FUNIVALE também continua com a produção agrícola e comercialização dos produtos realizados pelos próprios moradores e agricultores do povoado, e também segue aceitando as propostas de voluntariado para plantação e utilização dos espaços.

E assim, no fim da década de 1970 até meados da década de 1990, São Gonçalo entrou na rota do turismo de forma bem intensa, tanto que muitos nativos do povoado que estavam em São Paulo ou em outros grandes centros começaram a interessar em retornar para o povoado apostando no turismo, sobretudo, o turismo de base comunitária. Dessa forma, as vendas das terras passaram a ser mais intensas, porém ainda com preços bem acessíveis, para poderem estruturar e/ou reformar algumas casas a fim de aproveitar esse turismo alugando-as para os turistas passarem as temporadas.

**Figura 73 – São Gonçalo do Rio das Pedras, final da década de 1980.**



Fonte: Acervo particular Heinrich Kuhne, 1980

Dizem os moradores que foi no final da década de 1990 até o final dos anos 2000 que muitas pessoas começaram a construir casas de forma mais acentuada e, inclusive alguns se mudaram para o povoado. Essas pessoas não vinham dos grandes centros, mas sim de retorno para a casa e também, e principalmente, dos povoados da região: Vau, Baú, Capivari, Jacutinga, Engenho, Angu Duro, entre outras tantas. Essas tantas pessoas seguiram para São Gonçalo também apostando neste momento de recuperação do lugar.

Logo, o Distrito passou a contar com um posto de saúde e abastecimento de água proveniente de poço artesiano. A escola local, pequena e com apenas as quatro séries iniciais do ensino fundamental, foi ampliada, passando oferecer todas as séries até o final do ensino médio. (BESSA, 2011, p. 130)

Dessa vez não era o garimpo, mas sim da infraestrutura que o local estava recebendo. As associações comunitárias que estavam cada vez mais se fortalecendo, as políticas sociais que estavam chegando ao povoado; a ampliação da Escola Estadual

Mestra Virgínia Reis – que, em 1999, foi a primeira escola localizada em um distrito rural em Minas Gerais a ser implementado o segundo grau, atendendo diversos alunos do próprio povoado e dos povoados vizinhos como: Vau (7km), Milho Verde (6km), Capivari (18 km) e Três Barras (13 km). De acordo com o Censo 2010 do IBGE, cerca de 80% da população acima de 10 anos é alfabetizada. Além disso o povoado contava com posto de saúde; mercados mais estruturados e com mais produtos; e, claro, com o crescimento do turismo.

**Figura 74 – Escola Estadual Mestra Virgínia Reis**



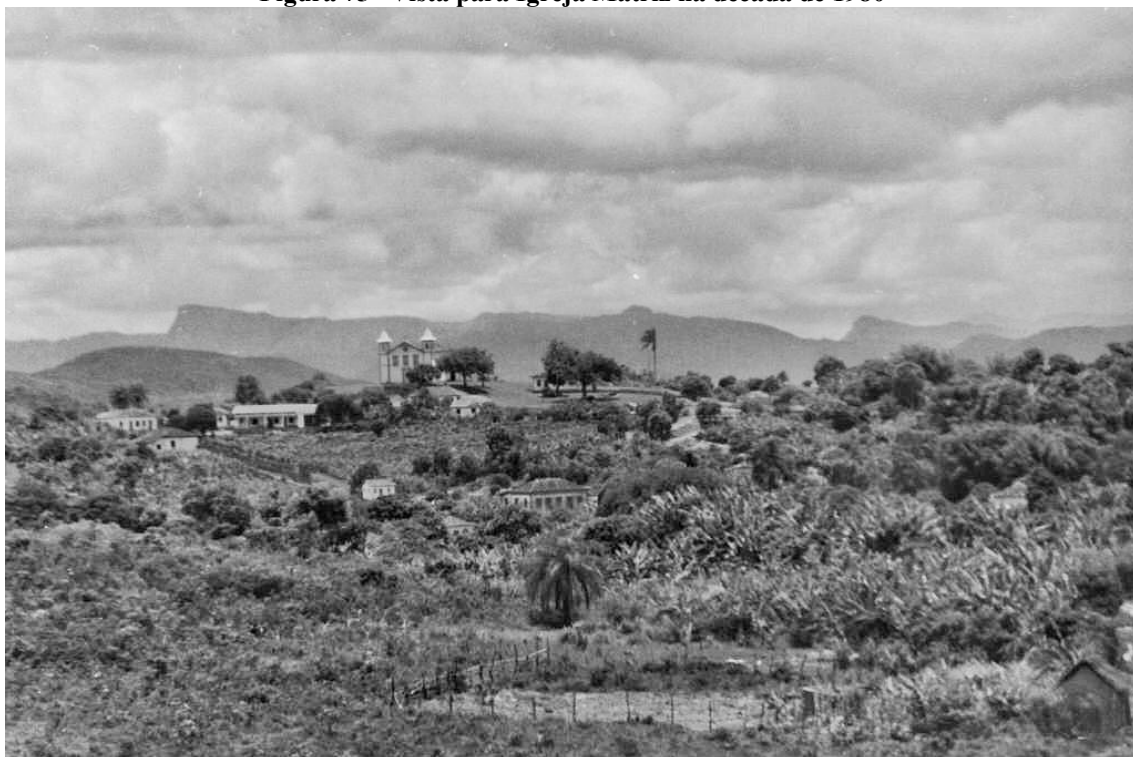
Fonte: do autor, 2019

Muitas pessoas construíram mais de uma casa e quando questionados, pelo autor deste trabalho, sobre o por quê, foi respondido ser casa para os filhos, irmãos ou para os pais. O fato é que muitos realmente têm suas casas, mas nas épocas de temporadas estes saem da casa para alugar aos turistas. E também com a chegada de novos moradores e neorrurais, cada vez mais os moradores começaram a morar juntos com a família para alugar as casas mensalmente e aumentar a renda de forma passiva. Há ainda aqueles que investiram na construção de casas no povoado mesmo morando em São Paulo ou outros lugares, também como forma de aumento na renda ou mantendo a residência desocupada para a família passar o período de férias e/ou festividades de fim de ano.

Para apurar a informação sobre o repovoamento de São Gonçalo foram investigadas e analisadas algumas fotografias do povoado no início da década de 1980 e,

assim, foi realizado uma releitura dessas fotografias atualmente como processo comparativo. Tentou-se utilizar o mesmo olhar, ângulo, posição de enquadramento e localização do registro da época para a atual. E para uma melhor análise, as fotografias recentes foram transformadas em “preto e branco” para manter a mesma estética e recursos da época, fazendo assim um registro mais fidedigno possível e não sendo comprometida por conta da coloração dos equipamentos mais novos.

**Figura 75 –Vista para Igreja Matriz na década de 1980**



Fonte: acervo particular de Heinrich Kuhne

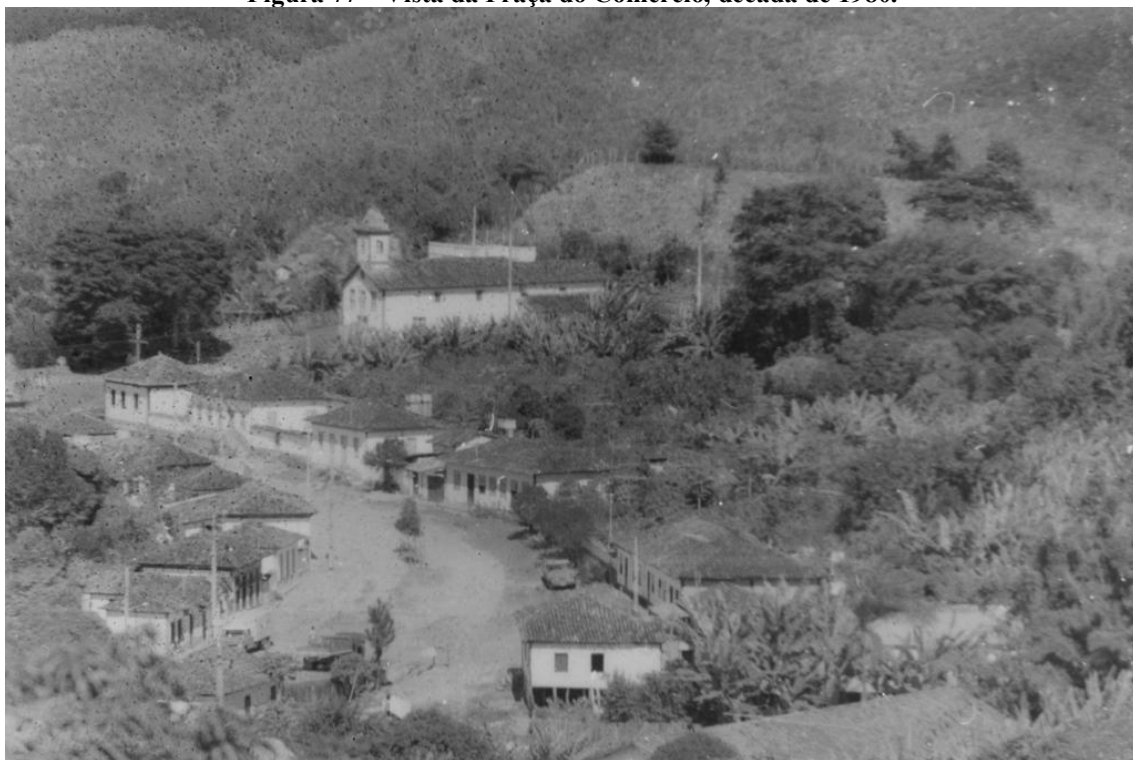


**Figura 76 – Vista para Igreja Matriz em 2019.**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 77 – Vista da Praça do Comércio, década de 1980.**



Fonte: acervo particular de Heinrich Kuhne.

**Figura 78 – Vista Praça do Comércio em 2019.**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 79 – Saída para Diamantina, década de 1980.**



Fonte: acervo particular de Heinrich Kuhne



**Figura 80 – Saída para Diamantina em 2019.**



Fonte: do autor, 2019

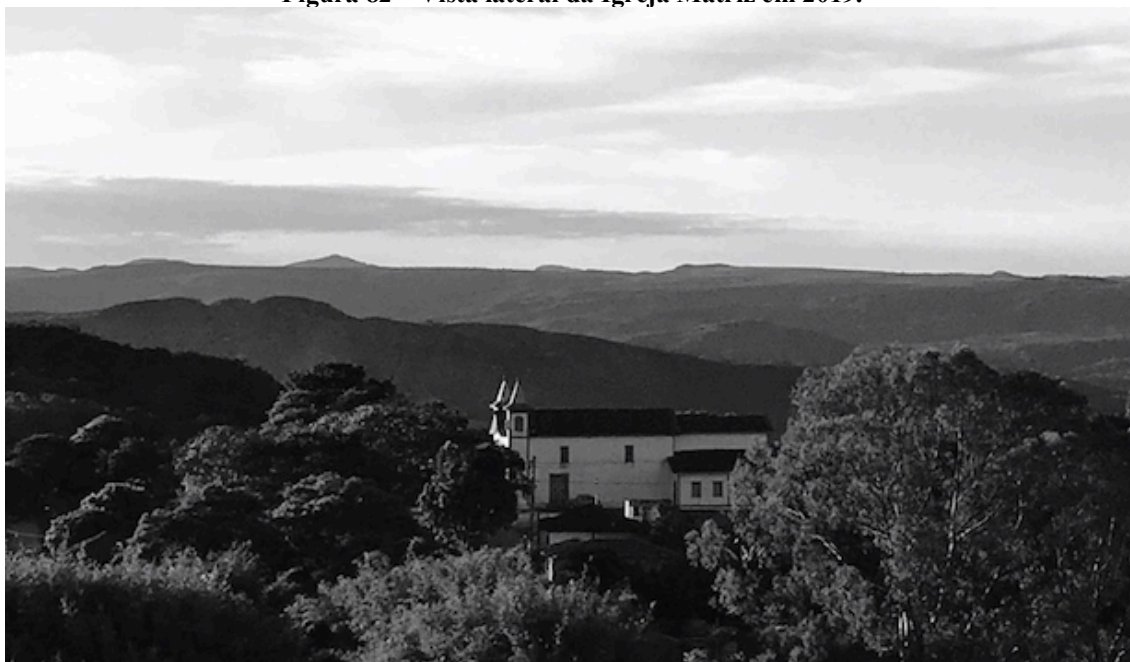
**Figura 81 – Vista lateral da Igreja Matriz, década de 1980.**



Fonte: acervo particular de Heinrich Kuhne



**Figura 82 – Vista lateral da Igreja Matriz em 2019.**



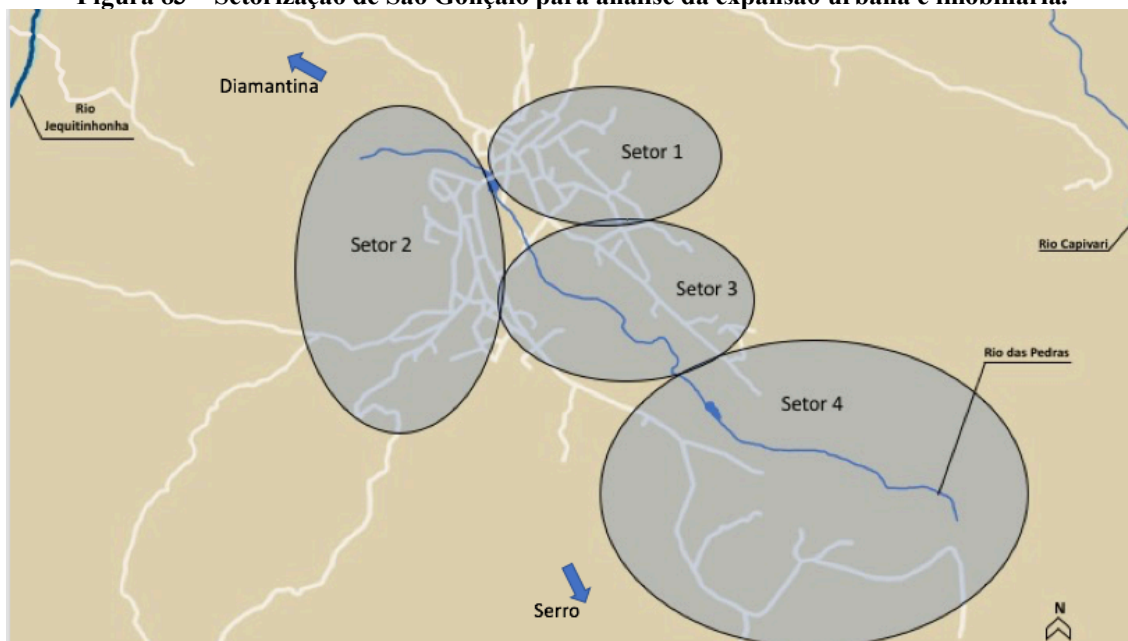
Fonte: do autor, 2019

Pelas fotografias, é possível observar que algumas áreas do povoado tiveram um grande crescimento, enquanto outras áreas nem tanto. Em algumas áreas a vegetação tomou conta da cena. Ainda também é possível observar que uma boa parte das residências construídas a partir da década de 1980 tentaram manter a mesma estética dos casarões coloniais com suas muitas e robustas janelas, grandes portas, eiras e dormentes na estrutura. De toda forma, houve algumas grandes mudanças na estética das casas por conta dos materiais industrializados e da perspectiva de uma construção mais rápida. Mas ainda assim o povoado de São Gonçalo conseguiu manter as características tradicionais do lugar embora com algumas pequenas alterações que podem ser consideradas normais para o desenvolvimento.

Ademais, foram pesquisadas imagens de satélites desde o mês de novembro do ano de 2006 (não foi possível adquirir imagens de satélites antes desta data) até o mês de dezembro do ano de 2018 para analisar esse crescimento do povoado e foi facilmente constatado a expansão imobiliária que São Gonçalo passou pelos últimos anos até chegar nos dias atuais. Sendo a partir do ano de 2010 que o crescimento imobiliário teve uma grande expressão.

O território de São Gonçalo foi dividido em quatro setores para melhores efeitos de análises das imagens de satélite, como apresentado na figura abaixo as divisões.

**Figura 83 – Setorização de São Gonçalo para análise da expansão urbana e imobiliária.**

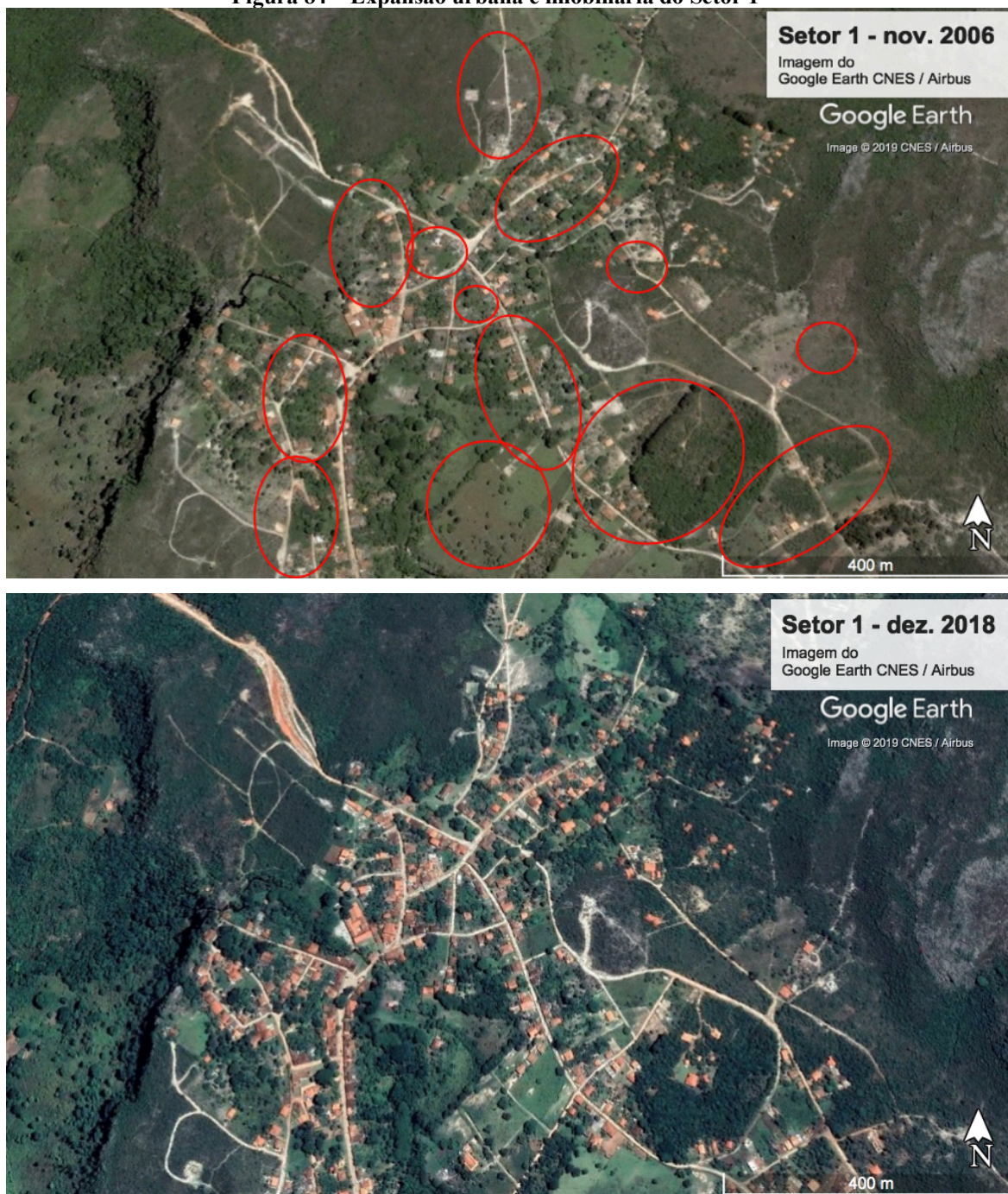


Fonte: do autor. Adaptado do Google Earth. 2019

Para cada setor foi capturado imagens de satélite em dois tempos diferentes, sendo no ano de 2006 e no ano de 2018. As áreas mais alteradas significativamente foram circuladas na cor vermelha para facilitação de observação e análise, bem como de algumas descrições do setor na sequência.

Com as figuras abaixo, é facilmente observado questões como aparecimento de novas áreas ocupadas, com novas casas, de novas ruas e ruelas, aumento e/ou alargamento de estrada e de ruas. Por exemplo, bairros foram criados ou aumentados, como na área do campo de futebol, na área da saída para Diamantina, bem como na saída para o Serro. Em contrapartida, é também observável que mesmo com a expansão imobiliária as áreas arbóreas e a paisagem natural, em sua maioria, se mantiveram preservadas, salvo na exata área da construção.

**Figura 84 – Expansão urbana e imobiliária do Setor 1**

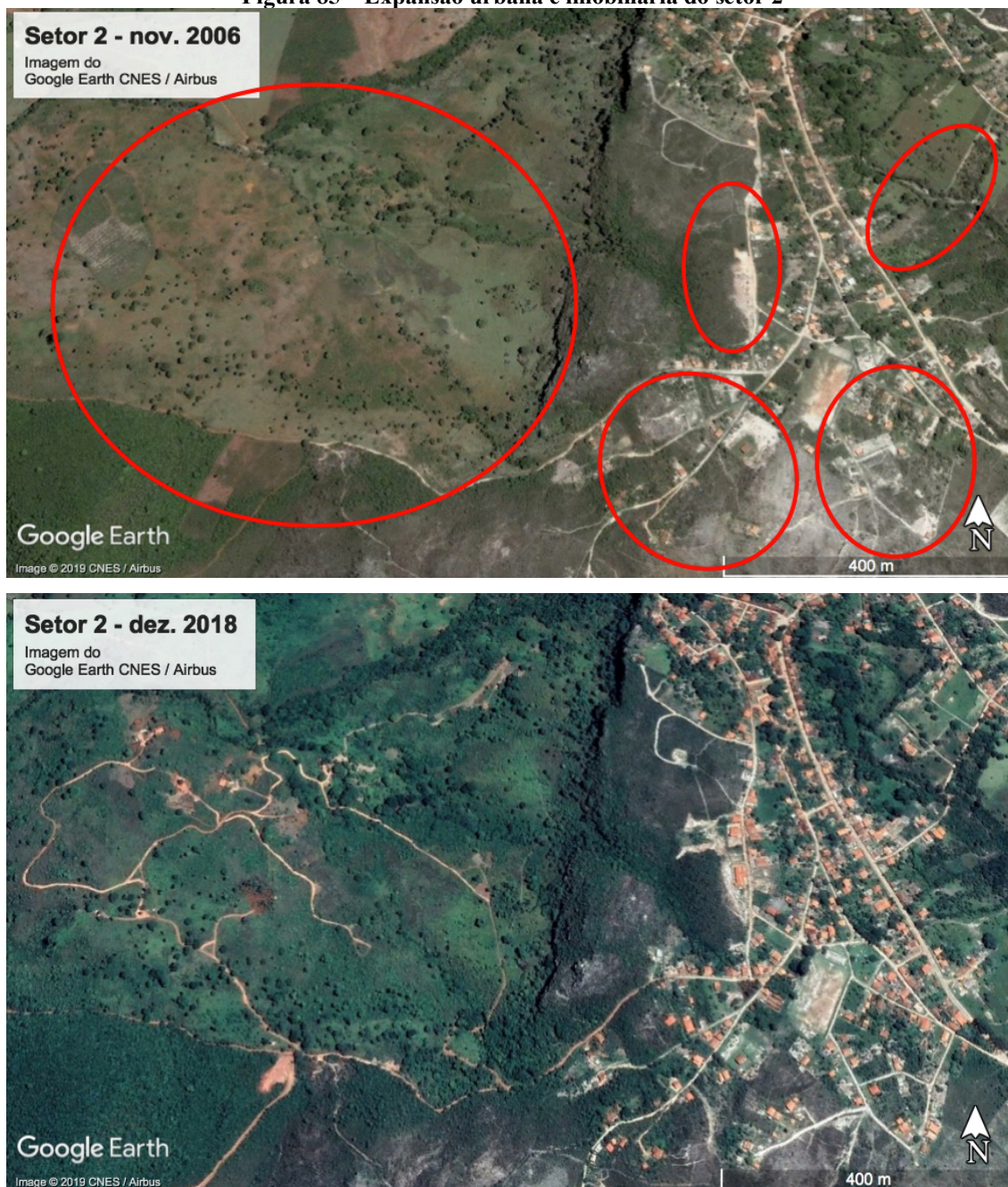


Fonte: Google Earth CNES/AIRBUS. Adaptado pelo autor, 2019

Na parte superior e à direita, é onde se encontram a maioria das pousadas do povoado, na esquerda superior são pontos onde mesclam as residências de alguns neorrurais com os moradores e nativos. Embora nessa área não há discrepâncias estéticas e sociais tão aparentes e as pessoas se relacionam organicamente. Na parte inferior à esquerda, há também casas de neorrurais e de muitos moradores e nativos, bem como a Associação Comunitária e a creche do povoado.



**Figura 85 – Expansão urbana e imobiliária do setor 2**



Fonte: Google Earth CNES/AIRBUS. Adaptado pelo autor, 2019

À esquerda está a Terra da Unidade, que iniciou suas atividades em 2016/2017. Outras áreas, próximas ao campo de futebol, acabaram por se tornar uma das áreas periféricas de São Gonçalo. Muitos nativos que retornaram ou que adquiriram novos lotes construíram nesses locais. As áreas muito próximas ao declive tinham terras mais arenosas e, por isso, preços mais acessíveis. Nessa área, é muito comum encontrar pequenas casas ainda sem reboco e sem acabamentos internos, com banheiros e cozinhas do lado de fora da residência. Nessa mesma área, alguns neorrurais se instalaram e



imprimiram uma estética arquitetônica diversa. Portanto, há uma diferença paisagística e social nessa região.

**Figura 86 – Expansão urbana e imobiliária do setor 3**



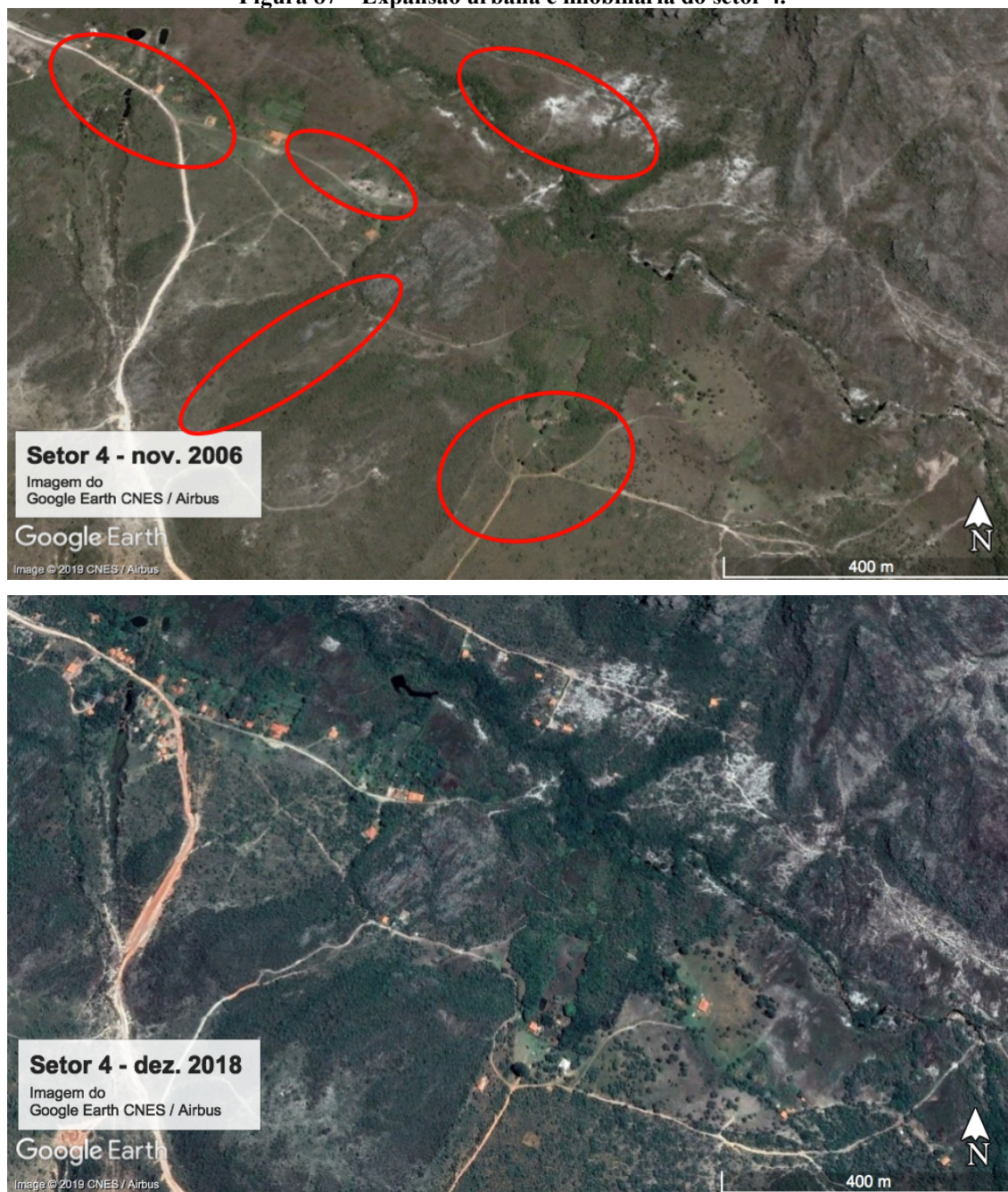
Fonte: Google Earth CNES/AIRBUS. Adaptado pelo autor, 2019

No centro superior da imagem, é onde está instalada a Comunidade Quilombola Vila Nova e logo à frente outra pousada do povoado. À esquerda da imagem, na rua



principal do povoado e em direção ao campo de futebol, estão algumas casas dos nativos. E ao centro da imagem casas de alguns neorrurais.

**Figura 87 – Expansão urbana e imobiliária do setor 4.**



Fonte: Google Earth CNES/AIRBUS. Adaptado pelo autor, 2019

Este setor é uma das áreas afastadas da sede distrital de São Gonçalo, e a maioria das residências são dos nativos, embora há a FUNIVALE e algumas casas no núcleo de



neorrurais. Nesta área, a maioria das residências têm hortas mais fortalecidas e por vezes destinadas à comercialização.

Sendo assim, foi possível perceber que quase todas as residências dos nativos do povoado têm um quintal muito produtivo embora para a própria subsistência da família. A maioria dos quintais conta com uma pequena horta contendo couve, taioba, temperos e alface por exemplo; também contêm um pequeno pomar em que é muito comum de se encontrar as bananeiras, mamoeiros, jabuticabeiras, jatobás, abacateiros, limoeiro e afins; e uma grande parte, principalmente nas áreas mais afastadas da sede distrital, as pessoas realizam as plantações da roça com a alternância entre mandioca, milho e feijão.

**Figura 88 – Quintal produtivo**



Fonte: do autor, 2019

As imagens, tanto as de satélite quanto as fotografias, mostram o crescimento imobiliário que o povoado passou pelos últimos anos, entretanto ao cruzar com os censos demográficos do IBGE desde a década de 1990, foi possível confirmar que, embora o povoado tenha expandido substancialmente, o número de habitantes tem diminuído a cada década. Em 1991 haviam 1.615 habitantes, no ano de 2000 eram 1.522 e no último censo realizado em 2010 já eram 1.479 habitantes no povoado. Ao todo, o povoado diminuiu quase 9% ao longo das últimas três décadas, sendo uma média de -3% a cada 10

anos. Assim, resta aguardar o próximo censo demográfico do IBGE para analisar qual a atual situação do povoado.

Mesmo atraindo muitos visitantes e novos moradores, como os neorrurais, que por sua vez, podem trazer aspectos de práticas e hábitos culturais urbanos, não foram suficientemente significativos para grandes mudanças no povoado. Alguns hábitos, práticas e atividades constituídas em um período remoto perduraram na estrutura sociocultural do povoado, embora com algumas modificações e adaptações por conta dos tempos de globalização, tecnologia e hibridização cultural, mas que não foram capazes de alterar substancialmente a história e a cultura desse povo.

Como exemplo disso, é muito comum encontrar pessoas pelas ruas do povoado levando cestos de lenha e grandes madeiras, ou ainda burros carregados de lenhas, para acender o fogão ou forno a lenha e também para fogueira.

**Figura 89 – Hábitos cotidianos dos nativos**



Fonte: do autor, 2019

A utilização do fogão a lenha nas cozinhas das casas mais antigas é um hábito cultural muito resistente no povoado. A cozinha de fogo carrega um lugar simbólico da afetividade, de receptividade e de encontro para as longas conversas nas residências das famílias.

**Figura 90 - Fogão a lenha**

Fonte: do autor, 2019

E ainda a construção e utilização do forno de barro também é uma prática cultural permanecida fortemente no povoado. Os fornos são muito comuns nos quintais das casas ou nos sobrados próximos à porta de saída para o quintal, como caracteriza Costa (1994) sobre os fornos de barro:

Os fornos podem estar abrigados em pequenos terraços construídos em continuidade ao telhado dos fundos ou em telheiro próprio de uma só água, ao lado da porta da cozinha. Grandes com mais de um metro de diâmetro, feitos de barro, são alimentados pela queima de madeira no seu interior. Quando a lenha está reduzida a brasas, são introduzidas roscas, pães, quitandas variadas ou frangos e leitoas. Tapa-se a boca com uma tampa própria de madeira escorada por um caibro; depois é só controlar o tempo de cozimento. (COSTA, 1994, p.106)

Esses fornos a lenha são feitos com os materiais naturais facilmente encontrados nos terrenos das casas como as madeiras para a “fundação”, a argila para preenchimento, gravetos de auxílio para subir a estrutura até o barro secar e o esterco fresco para o acabamento final e não dar rachaduras. Também são utilizados cacos de telha e de tijolos durante a construção do forno para auxiliar na retenção do calor. É interessante apontar que as pessoas do povoado dizem que são as mulheres que constroem os fornos pois, majoritariamente, são as mulheres que ainda mantêm a prática de fazer quitandas, bolos e pães para as famílias ou até mesmo para comercialização. Amâncio (2018) aponta a questão construtiva e simbólica do forno:

O forno também é elemento simbólico do que podemos chamar de modo de construir caboclo mineiro, mas está também presente em outras culturas

caipiras, faz parte da casa como uma extensão e está relacionado ao trabalho, ao cuidado e aos laços afetivos culturais. (AMÂNCIO, 2018, p. 36)



**Figura 91 – Construção tradicional do forno de barro.**



Fonte: do autor, 2019

Arnt (2007) também apontou que no povoado de São Gonçalo as pessoas encontraram outras alternativas para fortalecimento da economia local, como os artesanatos de capim dourado, tapeçaria, conserva de bambu e vegetais, e a produção de doces e geleias. Assim, essas práticas culturais ainda são utilizadas por alguns moradores do povoado. Incluso Associação Grupo de Mulheres que mantém ativa a tradicional Casa de Doces de São Gonçalo, com produção de doces de banana, mamão, goiaba, marmelo, entre outros.

**Figura 92 – Casa de doces e doces embalados.**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 93 – Produção de geleia de jabuticaba e exposição das geleias.**



Fonte: do autor, 2019



*Figura 94 – Conserva de bambu com vegetais e artesanato de capim dourado.*



Fonte: do autor, 2019

Também foi mantido o tradicional processo de feitió da rapadura, de melaço e também de cachaça sendo ainda feito com força animal para moagem da cana-de-açúcar e a utilização do fogão a lenha para o cozimento. Como mostram as figuras abaixo.

**Figura 95 – Feitió tradicional de rapadura e melaço.**



Fonte: Acervo particular de Ana Rocha, 2019

**Figura 96 - Gamela com rapadura cozida no fogão a lenha (a esquerda) e a rapadura pronta (a direita).**



Fonte: Acervo particular de Ana Rocha, 2019

Fonte: do autor, 2019

E, como já apresentado, houve uma significativa produção de parreiras para produção de vinhedos no povoado. Embora os grandes campos de parreiras e a tentativa de tornar o local em um polo de produção de vinhos não tenha prosperado comercialmente, as técnicas utilizadas e a cultura da produção caseira de vinhos se mantiveram no povoado. Assim, é muito comum encontrar produtores de vinhos de uva no povoado e também seus produtos nos mercados locais. “São Gonçalo, até hoje, possui uma considerável produção de vinho [...] além do vinho de uvas, o distrito produz vinhos de jabuticaba e laranja” (SANTIAGO, 2006, p.122). Os vinhos ainda produzidos vão desde as frutas com forte presença de taninos como as uvas, jabuticabas e amoras até de goiaba e de manga, sendo todos de produção orgânica e ainda com opções entre o vinho suave e o vinho seco.



**Figura 97 – Parte do processo de produção do vinho de jabuticaba.**



Fonte: do autor, 2018

**Figura 98 – Vinhos e licores nas prateleiras dos mercados**



Fonte: do autor, 2019

Ainda se mantêm alguns bares antigos de São Gonçalo com a mesma estrutura, estética e a oferta de produtos tanto de produção local quanto da região. Contendo cachaças artesanais, vinhos, licores, doces, entre outras coisas. Inclusive com exposição de diversas peças e artefatos do período pré-colonial dos indígenas da região e também pós-colonial dos africanos escravizados que foram trazidos para o Serro e Diamantina como as cerâmicas, cachimbos, armas, apitos e esculturas de madeiras.

**Figura 99 – Tradicional Bar do Ademil.**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 100 – Artefatos indígenas e dos escravos.**



Fonte: do autor, 2019

Uma marca muito presente na história e nas práticas das pessoas do povoado são os moinhos d'água. Os moinhos também tiveram grande importância e relevância na



história de São Gonçalo e na alimentação das pessoas do local. Algumas pessoas ainda mantêm a prática da moagem do milho através do curso d'água para transformar em fubá e utilizar em diversas receitas de bolos, pães e quitandas. Alguns moinhos ainda resistiram no tempo embora outros estão desativados e inclusive em estado de completa deterioração.

existiam outros moinhos localizados próximo ao moinho da cachoeira, que aproveitavam a mesma corrente d'água; entretanto, esses foram se deteriorando com o tempo e ficaram abandonados. O moinho que ainda se encontra em funcionamento está localizado num despenhadeiro, ao topo da cachoeira do comércio, de onde se tem uma linda vista das serras e do por do sol; sendo, por isso, um dos lugares mais visitados de São Gonçalo. (SILVA, 2015, p. 113)

**Figura 101 – Moinhos d'água desativados**



Fonte: do autor, 2019

Os moinhos são uma herança muito presente e com forte continuidade no povoado por conta do processo multicultural que o local passou com a “influência portuguesa, na técnica de instalação dos mesmos, com os hábitos indígenas e com a incorporação desses moinhos pelos negros, no seu cotidiano, para a fabricação do fubá.” (SILVA, 2015, p. 112)

**Figura 102 – Moinho ainda ativo e sistema para moagem do fubá.**



Fonte: do autor, 2019

O povoado também tem grande relevância pela questão da religiosidade formada desde a época colônia e do garimpo.

A construção dessas capelas e igrejas se deu em função da forte religiosidade daqueles que chegaram à região para trabalhar na atividade mineradora. Eles trouxeram consigo a tradição religiosa e destinaram parte da arrecadação do seu trabalho no garimpo para a construção destas edificações e com o desenvolvimento da atividade mineradora cada vez mais promissora, era comum que os moradores cuidassem da construção de uma igreja maior. (SILVA, 2015, p. 119)

A importância das igrejas se dá pela própria religiosidade, além de ser uma forma de controle e domínio social (VASCONCELOS, 1960), e ainda como parte do processo da formação dos arraiais e vilas na época. Uma vez que a igreja católica tinha grande força política era muito comum começarem a surgir áreas abertas em seus entornos para as celebrações, e também pela centralidade das atividades e nas relações sociais as pessoas começavam a construir suas residências nas proximidades e posteriormente comércios, escolas e afins. A figura a seguir apresenta uma parte desse processo.



**Figura 103 – Formação dos arraiais e vilas coloniais em torno das igrejas.**



Fonte: Vasconcelos, 1960

O povoado ainda mantém ativa as duas igrejas católicas, que são tombadas pelos órgãos responsáveis de proteção do patrimônio histórico. A igreja Matriz de São Gonçalo foi tombada pelo IEPHA/MG em 1980 e tem como destaque o forro do altar com pinturas do período de transição entre o barroco e o rococó.

**Figura 104 –Fotografia aérea da Igreja Matriz de São Gonçalo.**



Fonte: Suelen Alice, 2019

**Figura 105 - Pintura do forro da igreja matriz.**



Fonte: Acervo particular Heinrich Kuhne, 1980

A igreja de Nossa Senhora do Rosário foi tombada pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio em 2007, com destaque para as peças de talha despojadas, possivelmente do século XIX durante o período colonial.

**Figura 106 – Igreja do Rosário.**



Fonte: do autor, 2019



As pessoas do povoado são bastante religiosas e devotas de São Gonçalo, ao qual “têm um carinho enorme pelo santo e que em momentos difíceis, todos chamam por São Gonçalo, que atende aos pedidos prontamente.” (SILVA, 2015, p. 120). E ainda preservam as tradições religiosas quanto as missas, promessas e inclusive as festividades. Há uma grande presença dos evangélicos no povoado, mas estes não deixam de participar das atividades e festejos locais, que são enraizados na cultura católica. A localidade tem uma espécie de mistura das tradições africanas com o cristianismo, gerando diferentes expressões e festejos que se mantêm firmes com a comunidade local participando ativamente.

**Figura 107 – Encenação com os romanos na Semana Santa.**



Fonte: do autor, 2019

**Figura 108 – Cavalgada de Corpus Christi.**



Fonte: do autor, 2019

O Rancho de Tropas também foi tombado pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio em 2000. A singularidade deste Rancho de Tropas é por ser um dos últimos a preservar sua estrutura e características arquitetônicas originais, embora tenha tido pequenas alterações de adaptação para uso residencial em uma parte. Em 2016, passou por um longo processo de restauração e segue ainda disponível para utilização do povoado.

**Figura 109 – Rancho de Tropas restaurado.**



Fonte: do autor, 2018

São Gonçalo ainda mantém a narrativa histórica ao também preservar os muros de pedras empilhadas construídos pelos africanos escravizados durante o período colonial e garimpeiro. No povoado ainda existem e resistem algumas unidades destes muros espalhados no território local.

**Figura 110 – Muro de pedras construídos pelos africanos escravizados.**



Fonte: do autor, 2019

São Gonçalo do Rio das Pedras preserva o florescimento multicultural dos pequenos vilarejos formados ao longo do período exploratório humano e mineral. Os povos indígenas que já estavam no local, os portugueses que vieram por livre demanda e desejos e os povos originários da África que não tiveram opções e nem oportunidades de permanecerem em seus territórios junto as suas famílias e foram trazidos para a região para trabalharem como escravos nos garimpos.

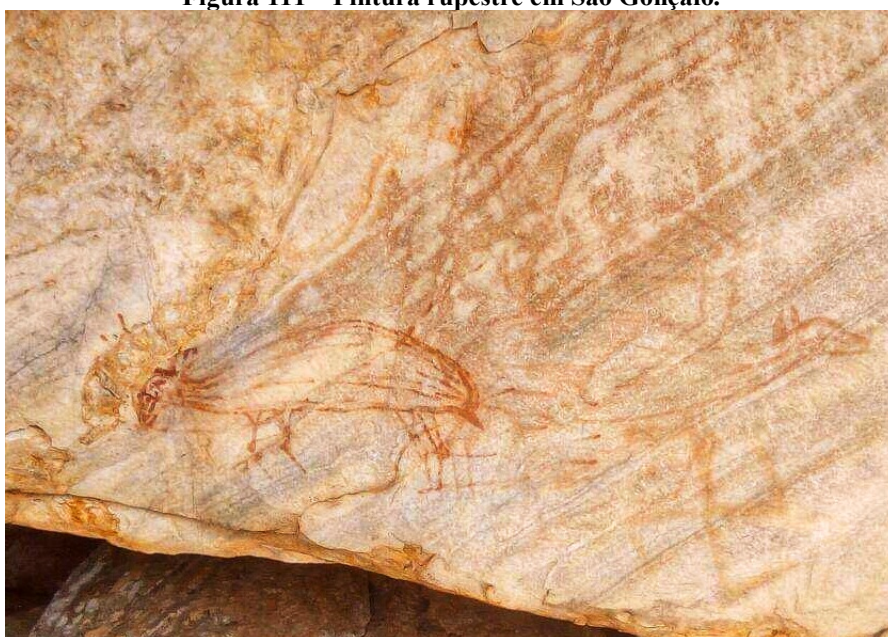
A região pode ser vista como um lugar de memória em função das características históricas e culturais, que tornam Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras, lugares únicos, para os quais durante o período colonial, convergiram diversas culturas que tiveram que negociar suas práticas culturais, suas crenças e tradições, resultando deste processo, a formação da identidade local. (SILVA, 2015, p.123)

Os portugueses que saíram de seu país natal para se aventurarem por terras prósperas na certeza de enriquecerem às custas do trabalho alheio e na exploração da natureza. Os africanos que, na época, eram a maioria da população no local, tiveram que mobilizar na recriação da própria identidade social através da absorção do catolicismo com a junção de seus rituais e crenças para criar o fértil campo do sincretismo religioso com distintas expressões culturais e também religiosa. Como alternativa para manutenção das práticas ritualísticas e sagradas dos africanos foram desenvolvidas diversas guardas



de cultura popular como o congado e a marujada, a capoeira e a umbanda. E os indígenas que foram massacrados e os que restaram seguiram para outras regiões afim de salvarem suas próprias vidas após o covarde decreto de guerra aos Botocudos em 1808 de Dom João VI para poder realizar a ocupação das terras (BRAGA, 2006). Entretanto os índios da região deixaram significativas heranças através das variadas pinturas rupestres ao longo das trilhas, que anos depois foram utilizadas como referência para os bandeirantes e naturalistas (SILVA, 2015).

**Figura 111 – Pintura rupestre em São Gonçalo.**



Fonte: do autor, 2019

Todos esses povos auxiliaram na construção e na formação da paisagem cultural de São Gonçalo. Sendo o maior legado justamente os resultados dos intercâmbios das culturas, dos saberes, dos fazeres, das relações e interações que consolidaram as características ímpares nas paisagens, na história, na cultura e na identidade do e no local.

E, como fator fundante do conceito da paisagem cultural, está a interação da presença e ação humana sobre a paisagem natural. São Gonçalo está rodeada por belas paisagens naturais e que pautam os olhares e as vivências das pessoas que moram e/ou que se instalam no povoado se apresentando em profunda relação dialógica.

As robustas serras, picos e vales que a Serra do Espinhaço oferece são um grande atrativo para todos, seja os turistas, os visitantes ou os moradores. Situada em um lugar

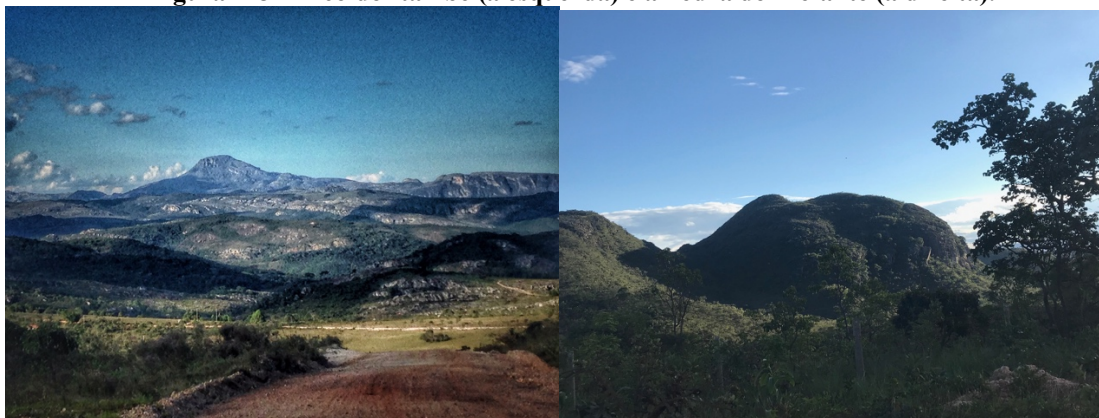
isolado e distante dos grandes centros, com uma natureza exuberante de vivacidade de ecossistemas locais singulares e inclusive únicos que auxiliam na preservação e manutenção da rica biodiversidade. Os moradores que ainda mantêm suas práticas e hábitos harmoniosos com o meio ambiente e seus vastos conhecimentos sobre as diversas plantas da região utilizando-as com maestria e respeito para a perpetuação das espécies.

**Figura 112 – Paisagem natural e a Serra do Raio (a direita).**



Fonte: do autor, 2018

**Figura 113 – Pico do Itambé (a esquerda) e a Pedra do Elefante (a direita).**



Fonte: do autor, 2018

Diante dessas belezas da paisagem natural os viajantes naturalistas como Auguste Saint Hilaire citou sobre a profundidade dos conhecimentos da flora e da fauna do povo do Espinhaço e destacou sobre o uso das plantas medicinais. Naquele tempo não havia boas estradas nem facilitação de acessos as cidades maiores e com mais estrutura como o Serro e Diamantina, fazendo com que as pessoas do lugar se adaptassem ao meio natural e recorressem aos usos terapêuticos das plantas e ervas como única alternativa viável para

os tratamentos de saúde. Assim descobriram os perigos e os benefícios do uso de diversas plantas, ervas e raízes. Inclusive foram desenvolvidas as famosas garrafadas, uma espécie de medicina engarrafada, onde se imerge uma certa quantidade dessas plantas em cachaça como forma de extração das propriedades e para conservar a potência curativa das medicinas.

Dentre as variadas plantas utilizadas pelas pessoas do povoado e citadas por Saint-Hilaire estão: o assa-peixe (*Vernonia polysphaera*) ainda muito utilizada para problemas respiratórios; a Parreira da Serra (*Euphorbia sp*) como calmante; a Pita (*Furcraea Foetida*) para produção de sabão e o destaque para o Chá de Pedestre, mais conhecida como Rosmaninho (*Lippia rotundifolia*), que foi muita utilizada pelos bandeirantes e viajantes para aliviar o cansaço físico e mental, relaxante muscular e sonífero. A Rosmaninho é uma planta endêmica do bioma cerrado e exclusivo na região de São Gonçalo do Rio das Pedras, Milho Verde e algumas poucas partes do estado de Goiás. Rosmaninho é uma planta rústica que floresce na época de inverno e na seca, muito aromática e que produz uma excelente medicina quando é destilada para retirar o óleo essencial carregando as suas propriedades em potência. O óleo essencial costuma ser da mesma coloração das pequenas flores da planta, rosa e violeta.

**Figura 114 – Rosmaninho.**



Fonte: do autor, 2019

Por conta de todo o conhecimento com as plantas medicinais, a forte religiosidade e o processo de hibridização cultural vivenciada entre os diferentes conhecimentos e crenças dos povos que entrecruzam ao longo da formação do povoado estão as heranças das práticas sociais e culturais de cura através da medicina popular ainda realizada no local como os raizeiros e as benzedeiras.

O próprio ato de benzer sintetiza momento concreto do confronto entre o popular e o erudito, em que a benzedeira antagoniza o seu conhecimento ao dos padres e médicos, propõe uma releitura da religião e da medicina, se faz existir enquanto sujeito. A resistência cultural se expressa pela eficácia desse ato de benzer e nos remete àqueles que sustentam tal eficácia, os que acreditam nela, os que a procuram. A eficácia simbólica das benzedeiras não acontece somente na eliminação dos males, acontece quando elas envolvem as pessoas e problemas produzidos dentro dessa cultura popular, revitalizando-a, recriando-a. (SILVA, 2012, 145)

São Gonçalo ainda carrega as tradições dos raizeiros com suas garrafadas e os chás de infusão e as práticas das benzedeiras. A benzeção também é um atrativo do local que muitas pessoas ainda recorrem a essa prática para proteção, limpezas e curas tanto no nível físico, emocional e energético/espiritual.

Dizem as pessoas do povoado que a benzeção é um dom dado por Deus no qual a pessoa é preparada pra poder ser um instrumento curativo do divino, e também o dom pode ser retirado a qualquer momento.

A benzedeira se vê como uma portadora de um “dom”, recebido divinamente, para a cura, o que a coloca mais próxima a Deus e aos santos, uma mediadora capaz de acessar ao divino de forma direta e fazer a comunicação entre a esfera humana e a sagrada. Ao mesmo tempo em que o dom a torna especial impõe obrigações, como curar a quem a procurar sem receber remuneração para tanto. O dom como dádiva deve ser eternamente retribuído em forma de cura aos outros. (BRAGA, 2012, p. 01)

O dom dado deve ser devolvido para a sociedade e a sociedade procura as pessoas com este dom pela eficácia simbólica (LÉVI-STRAUSS, 1985) e na crença coletiva na magia (MAUSS, 1974), ou como MONTERO afirma “a magia funciona porque as pessoas crêem” (1986, p.61).

Segundo BRAGA (2012, p. 01) “Cada benzedeira tem um ritual único, com símbolos móveis que cruzam matrizes religiosas, fitoterápicas, industriais e artísticas” utilizando da oração e técnicas específicas para cada caso e necessidade. Alguns utilizam carvão queimado em um copo com água; outros usam ramos de plantas aromáticas como o manjeriço, alfavaca e alecrim para passar no corpo; outros utilizam ferramentas



“cirúrgicas” como facas; outros utilizam do recurso de um pequeno círculo de fogo em volta do enfermo; ainda tem os que utilizam da fumaça do cachimbo ou cigarros; e outros utilizam dos banhos descarrego com plantas, raízes, sal grosso e mel. A maioria dos benzedeiros sugerem uma série de orações e resguardos/repouso para o enfermo por algum período além de consumos de chás.

**Figura 115 – Preparo de banho descarrego.**



Fonte: do autor, 2018

Na benzeção, existe algumas regras e orientações das divindades para realizar o procedimento e algumas dessas são: o benzedor não estar doente, não benzer no período da quaresma e só benzer na presença da luz do sol ou finalizar até a hora da oração da Ave Maria, ou seja, até as 18:00 horas.

No entanto, a benzeção é uma prática que tem diminuído com o tempo pois a maioria dos benzedeiros já estão idosos e com o curso normal da vida essa prática vai esvaindo. Embora muito dos filhos e netos dos benzedeiros participam do processo de benzimento para auxiliar no procedimento e até para aprender as técnicas e ordens necessárias para realizar o atendimento, há de receber a dádiva do dom divino para executar a tarefa curativa.

A junção das práticas culturais e sociais dos indígenas, africanas e portuguesas que formaram novos conhecimentos e auxiliaram na construção da sabedoria popular e



também ao se fazer a utilização e manutenção dos recursos naturais para os benefícios dos humanos que coabitavam e ainda seguem vivenciado no povoado em sua rotina que está consolidada na paisagem cultural de São Gonçalo.

Dessa forma, ao analisar as categorias das paisagens culturais o povoado se insere principalmente nas *Paisagens evoluídas organicamente* pela evolução da relação dos distintos grupos sociais dos indígenas, europeus e africanos nos âmbitos sociais, econômico, administrativos, religioso e o desenvolvimento da relação e associação do homem com o meio natural (SILVA, 2015). Da mesma forma que pode se inserir na categoria das “*Paisagens culturais associativas*, considerando que tais paisagens têm seu valor em função das associações que são feitas acerca delas, monumentos religiosos, lendas, rituais, crenças presentes nestes lugares” (SILVA, 2015, p. 128).

Ainda segundo Silva (2015) se compararmos todas essas características do povoado de São Gonçalo com os critérios estabelecidos pela UNESCO para a identificação das paisagens culturais é perceptível que esses âmbitos atendam quatro dos critérios de credenciamento como patrimônio mundial:

**Critério II:** “Exibir um intercâmbio importante de valores humanos, ao longo de determinado período ou dentro de uma área cultural do mundo, a respeito de desenvolvimentos em arquitetura ou tecnologia, artes, monumentais, urbanismo ou projeto de paisagem”.

**Critério IV:** “Ser um exemplo excepcional de um tipo de construção, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou paisagem que ilustre a(s) fase (s) significante(s) na história humana”.

**Critério VI:** “Ser associado de modo direto ou tangível com eventos ou tradições vivas, com ideias, ou com crenças, com trabalhos artísticos e literários de significado universal excepcional”.

**Critério VII:** “Abranger fenômenos naturais superlativos ou áreas de excepcional beleza natural e importância estética”. (UNESCO, 2013)

Assim, Silva (2015) exemplifica a relação das características do povoado com esses quatro critérios da seguinte forma: Em relação ao critério II, como já foi apresentado, o povoado de São Gonçalo surgiu por conta da exploração minerária desde o período colonial no qual foi um espaço-tempo marcado pelo profundo intercâmbio das diferentes culturas aqui se encontraram no local e auxiliaram na construção, formação e consolidação da estrutura social e cultural de caráter singular. Assim, ocorreram vários aportes como na arquitetura europeia, na agricultura indígena, nas técnicas de mineração africana, quanto na culinária e na religiosidade que houve uma mescla de técnicas e criaram várias expressões ainda mantidas. Bem como da cristalização da memória

coletiva e da identidade territorial das crenças, dos saberes, do fazeres e da forma de ocupação e relação com a natureza.

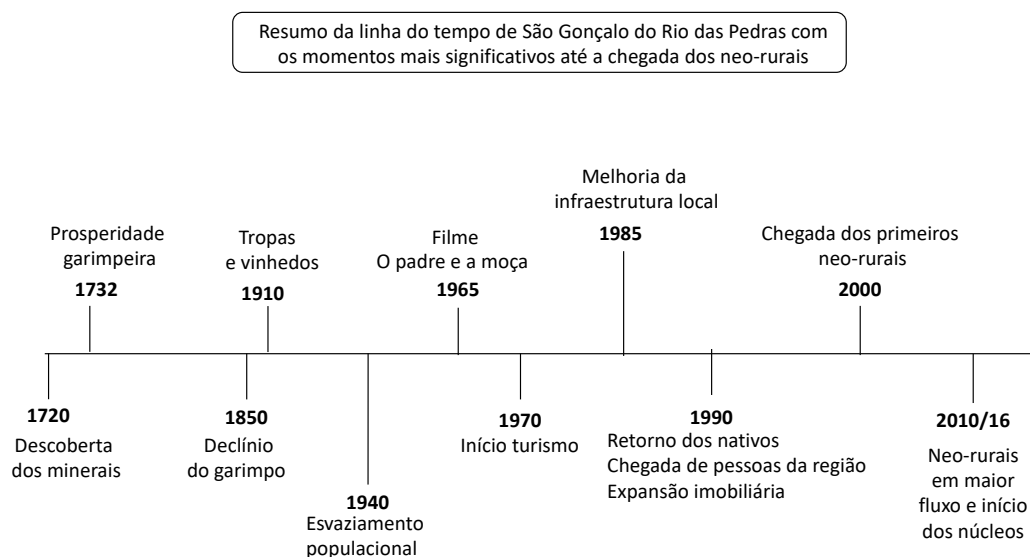
A quantidade de monumentos históricos, dos casarões e nas igrejas edificadas desde o século XVIII que são tombados e protegidos por órgãos responsáveis competentes, as pinturas rupestres do período pré-colonial nas trilhas que rodeiam a região e a manutenção de partes do trecho original do Caminho dos Diamantes da Estrada Real contemplam o critério IV.

Já para o critério VI está a tradição das festividades religiosas, o campo artístico dos artesanatos de capim dourado, dos arranjos de flores com as Sempre-vivas e a tapeçaria, além dos raizeiros e as benzedadeiras que mantem uma tradição viva resguardada

E por último, a rica biodiversidade inclusive endêmica da flora e da fauna; a transição dos biomas Cerrado e Mata Atlântica; a nascente do Rio Jequitinhonha e outros rios que passam na região do povoado como o Rio Capivari e o Rio das Pedras; as áreas de preservação ambiental que estão nos arredores e a localização no alto da Serra do Espinhaço demonstrando a peculiaridade e potencialidade das belezas naturais e da necessidade de conservação da beleza estética e ecossistêmica do local.

As marcas do passado que resistiram ao tempo seguem até os dias de hoje em São Gonçalo. Os casarões construídos de adobe marcam um tempo da elegante arquitetura colonial. Os brutos muros de pedras colocadas uma a uma com o suor dos escravos. As ruas e vielas de pedras redondas calçada com a união das pessoas comunidade. Famílias que ainda são sustentadas com as atividades do garimpo e que carregam o sonho de um dia encontrar aquela pedra preciosa que mudará as suas vidas. A resiliência dos agricultores que em tempos dos alimentos enlatados mantêm uma vida ativa para plantar o seu próprio alimento. O doce e ingênuo olhar daqueles que mantêm sua vida com a simplicidade de um café amargo passado no coador de pano à beira do fogão a lenha adoçado com rapadura. O caminhar lento daqueles que sabem que pra cima da montanha haverá outra montanha e que se apressar não poderá ver as belezas do andar devagar. A benzeção para livrar dos maus agouros e trazer proteção para os momentos de fragilidade. A conversa mansa e os causos de um povo alegre que tem muita história para contar. A sabedoria dos antigos que inspira leveza e coragem nos dias ruins. A redenção da fé e da reza nas igrejas centenárias que sustentam os seus féis de pé.

### Infográfico 6 - Linha do tempo dos momentos mais significativos de São Gonçalo do Rio das Pedras.



Fonte: do autor, 2019

A paisagem cultural de São Gonçalo foi se formando ao longo de quase 300 anos de história. Entre tantas misturas, vivências, alternativas e soluções que tais hábitos, práticas, valores e relações se mantiveram no tempo tanto na memória, na produção do espaço e nas representações e nas percepções das imagens para a consolidação da identidade. Tudo isso se manteve na história através de importantes capítulos como o garimpo e a promoção da multiculturalidade, no turismo e a circulação e fortalecimento da economia local, e mais recentemente a presença e atuação dos novos moradores como os neorrurais e as suas atividades propostas e desenvolvidas.

### 3.2 Ressignificação da paisagem cultural local – um organismo vivo em constante modificação

Uma nova ruralidade, em que há uma indiferenciação entre o espacial, o social e o cultural, seja do urbano, seja do rural, exprime-se numa construção de novas identidades, unidas em torno de práticas, valores e do sentimento de pertença. Esta nova ruralidade caracterizada por mudanças importantes trouxe consigo dinâmicas marcadamente transformadoras como a reinversão das tendências migratórias, a renovação das atividades no campo, a modernização dos modos de vida e novas formas de organização dos atores sociais. (MEDEIROS, 2017 p. 186)

Assim com exposto por Rosa Medeiros, os neorrurais acarretam uma série de modificações na reconstrução de uma nova identidade e em uma nova forma de produção

do espaço e entre outras atividades na criação de novas possibilidades para espaços rurais ser, de certa forma, renovado. Mesmo que alguns neorrurais não tenham a capacidade de capilaridade para fomentar uma transformação significativa ou mesmo que as comunidades tradicionais destes espaços rurais não estejam plenamente abertas e solícitas a absorção de tantas novidades, a modificação é orgânica. Portanto, todos os espaços estão em constantes transformações, assim como as pessoas e as relações de um com o outro pode influenciar mudanças a todo instante e não necessariamente sendo radicalmente transformados. Como Bertrand (1971) faz recordar:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1971, p.141).

O povoado de São Gonçalo é conhecido por ser uma comunidade resistente a novidades “de fora” e somente algumas poucas pessoas do local que se permitem a experimentar e vivenciar atividades que não estão dentro dos padrões dogmáticos e paradigmáticos. Talvez essa forte resistência que o povoado mantém esteja relacionada a uma memória social coletiva (LE GOFF, 1984; HALBWACHS, 1990) dos nativos e/ou também ao inconsciente coletivo (YUNG, 2000) que permaneceu do lugar por conta do longo período escravagista e de inúmeros atentados à dignidade humana causada pelos colonizadores europeus. De certa forma, é comum os nativos ainda associarem a chegada dos novos moradores como os neorrurais a uma perspectiva colonizadora distanciando certas atividades e práticas propostas pelos neorrurais para não haver uma nova possibilidade de serem novamente explorados. Entretanto, com o passar do tempo e em que as relações sociais são fortalecidas e por vezes consolidadas essa preocupação dos nativos cai por terra e então começa um momento de abertura para as novidades dos neorrurais e que alguns nativos se demonstram bem solícitos e interessados a absorverem os novos conhecimentos.

Foi possível observar alguns pontos de alterações por conta da presença, circulação e atuação dos neorrurais dentro do território do povoado de São Gonçalo. Embora a presença dos neorrurais tenha se tornado incisiva nos últimos três anos o que ainda é relativamente cedo para se chegar a profundas análises conclusivas e definitivas. De toda forma, os neorrurais influíram uma série de alterações no local com novos significados para a identidade e consequentemente com diversos contributos para a

ressignificação da paisagem cultural. Os fatores econômicos, ambientais, sociais, culturais e simbólicos foram intervistos pelos neorrurais, alguns pontos com mais veemência outros mais discretamente, como será discorrido a seguir.

A questão econômica que os neorrurais geram no povoado, é o maior fator de satisfação dos nativos. Se não todos, a maioria dos neorrurais que chegam no povoado alugam residências dos nativos, compram os produtos de produção local (artesanato, quitandas, hortaliças e etc.), frequentam e consomem nos diversos espaços comerciais adquirindo produtos, mantimentos básicos e do dia a dia no povoado.

Ainda como o caso de algumas quitandeiras que alteram as tradicionais receitas para atender os hábitos e desejos dos neorrurais, bem como, os restaurantes, bares, mercearias, padarias, pizzaria, enfim, espaços comerciais em geral, que passam a incluir certos produtos dos quais, na maioria das vezes, são os neorrurais que adquirem com frequência como: produtos naturais (aveia, linhaça, granola, chia...) e alimentos sem lactose, sem glúten, vegetarianos ou veganos.

Assim como os cursos oferecidos pelos neorrurais que levam ao povoado uma grande quantidade de visitantes e ao ver dos nativos não é algo que os incomoda, mas também não os toca. De toda forma, muitos dos nativos são beneficiados por conta do consumo elevado, por parte dos visitantes, que ocorre no povoado durante essas atividades. Pousadas, mercados, restaurantes, bares e produções agrícolas são adquiridos frequentemente pelos visitantes. Assim como, muitos dos neorrurais recebem, com frequência, visitas de amigos e parentes o que faz essa roda econômica manter girando.

O mundo rural, no entanto, não é formado somente por atores, como camponeses e agricultores familiares, guardiões de uma tradição cultural. No processo de colonização, a racionalização dos âmbitos da vida rural transformou os camponeses em agricultores familiares modernos, guardando especificidades da condição camponesa, como também os expropriou, transformando-os em assalariados ou semiassalariados.  
(BRANDENBURG, p. 178, 2010)

O autor expõe uma perspectiva colonizadora por parte dos neorrurais, e o que foi apurado é que contratar mão de obra local para as construções, para a jardinagem, como cuidador/babá, faxineira, caseiros entre outras atividades relativas e embora os valores de diárias para estes serviços sejam em torno de 50% mais barato do que em um grande centro como Belo Horizonte estes valores, e que, por mais irrisórios que sejam, auxiliam na complementação da renda familiar e possibilitam diversos nativos a aumentar a capacidade de consumo de bens e serviços oferecidos no local e também fora.



Sobre a questão cultural da estética construtiva e da arquitetura vernacular, o que se passa nada mais é que provocações e promoção de reflexões. Os nativos conhecem, muitos sabem fazer, dizem achar esteticamente agradável, porém em suas residências, nas reformas ou nas novas residências nem sempre se utilizam destas técnicas.

Alguns nativos deram relatos interessantes ao serem questionados do porquê de não construir da forma tradicional e uma das respostas foi “até poderia ser de adobe, mas eu tô com um dinheirinho, então dá pra fazer normal mesmo”, o normal que o nativo se referiu são os materiais industriais e também deixou entender que a arquitetura vernácula poderia estar em um lugar exótico ou de fetiche por não ser o padrão utilizado mais recentemente nas construções dos imóveis no povoado.

A relação de se ter recursos financeiros para a construção com materiais industriais, como apresentado, pode ser explicada pois “os materiais industriais foram mencionados como práticos, fáceis de manusear e que hoje em dia há mais mão de obra disponível”. (AMÂNCIO, 2018, p. 18). Dessa forma, também acredita-se que a não continuidade da utilização da técnica construtiva tradicional do povoado ainda permaneceu na perspectiva da política higienista da construção com terra que o país já vivenciou, como elucida AMÂNCIO (2018),

No Brasil houve forte estigmatização sobre as casas de terra a partir da disseminação do mito do barbeiro, transmissor da doença de chagas. Atrelaram exclusivamente às casas de terra a propagação do barbeiro, o que gerou grande preconceito com as técnicas de uso da terra como material de construtivo. (AMÂNCIO, 2018, p. 21)

Enquanto, para a maioria dos neorrurais, a construção utilizando os recursos naturais, como a argila, a madeira, bambu e afins, não é considerada como um fetiche e nem como justiça socio-histórica. Mas sim como revalorização das técnicas construtivas tradicionais, também, e principalmente, como uma forma mais ecológica, por não haver necessidade de adquirir materiais industrializados vindos de outros locais, diminuindo a parte do transporte e consequentemente a queima de combustíveis fósseis. Embora muitos dos neorrurais optem por realizar as construções totalmente feitas com terra crua, tanto questão estética, ecológica quanto funcional (pelo fator térmico e acústico), também podem ocorrer combinações dos materiais naturais com os industrializados na construção.

E ainda caso seja necessária uma reforma ou ampliação do imóvel, os restos da construção podem ser remodelados para retornarem a estrutura da residência ou mesmo “devolvidos” sem grandes impactos ao meio ambiente por se tratar de materiais orgânicos

biodegradáveis. Como um imóvel (originalmente construído para ser uma casa cênica para um programa de televisão) em decomposição a beira da estrada no caminho entre São Gonçalo e Diamantina. A argila retornará a ser terra e a madeira alimentará os cupins transformando em farelos e por seguinte composto para a própria terra, fechando assim um ciclo completo e sem impactos.

**Figura 116 - Imóvel em decomposição.**



Fonte: do autor, 2019

Ainda além dos fatores apresentados também existe a questão da manutenção que a construção com terra exige por conta dos desgastes naturais. Como exemplo, o tijolo de adobe em contato com a umidade vai retornando às suas propriedades argilosas. E sem um tratamento de impermeabilização e proteção contra as intemperes e a ação do tempo, como as chuvas e respingos, favorecem a desfiguração e esfarelamento da estrutura fazendo com que as paredes comecem a entortar e desalinhar e por fim, ruir. Dessa forma, é possível encontrar muros ou casas construídas com barro e que estão necessitando de restauração como um muro encontrado na rua principal do povoado.

**Figura 117 – Muro de adobe sem manutenção.**



Fonte: do autor, 2019

Embora uma grande parte dos nativos ainda carregam perspectivas semelhantes aos pontos que foi mencionado anteriormente e que optam por não construírem suas casas com as técnicas antigas do lugar, alguns começaram a valorizar e buscar esse resgate histórico de alguma forma, talvez por conta da atuação que os neorrurais estão a realizar no local ou mesmo pelo interesse que alguns turistas têm em vivenciar construções vernaculares oferecidas no povoado.

Dessa forma, uma experiência vista de perto, foi uma antiga casa que um neorrural adquiriu alguns anos atrás e desejou reformá-la e ao descascar a fachada descobriu os adobes e resolveu deixá-los aparentes, embora no interior da casa tenha realizado a reforma de modernização. De toda forma, manteve a estética da fachada sem impactos à paisagem local.



**Figura 118 – Casa de um neorrural com fachada mostrando adobe.**



Fonte: do autor, 2019

A partir do momento que alguns neorrurais começaram a valorizar a beleza estética dos adobes em suas construções, alguns dos nativos também começaram a modificar suas posturas quanto a essa questão e começaram a descascar as fachadas das casas ou muros de divisas para também mostrar os adobes delas ou inclusive fazer rebocos com barro e marcações imitando o adobe. Como demonstram as figuras a seguir.

**Figura 119 – Muro de divisa com fachada descascada.**



Fonte: do autor, 2018

**Figura 120 – Muro com reboco de terra e imitação do adobe.**



Fontes: do autor, 2019.

**Figura 121 – Imóvel antes (a esquerda) e depois (a direita) da reforma realizada por um nativo para transformar em bar.**



Fonte: Heinrich Kuhne, 2016.

Fonte: do autor, 2018.

**Figura 122 – Imóvel antes (à esquerda) e depois da reforma da fachada (à direita).**



Fonte: Guido Berkholz, 2017

Fonte: do autor, 2019



Dessa forma, é perceptível que a alteração em relação a estética e as técnicas construtivas foram interferidas pela presença e atuação dos neorrurais, bem como da forte presença dos turistas no povoado que vão a São Gonçalo em busca dessa vivência, dessa estética e destes saberes tradicionais.

A maioria dos nativos se interessam e admiram as atividades propostas pelos neorrurais a respeito das práticas sustentáveis, embora nem sempre participam, e há o consenso dos nativos de uma emergência nas mudanças de hábitos perante as questões hídricas, de saneamento e alternativas para a manutenção da relação harmônica com o meio ambiente. Dessa forma, foi perceptível que as pautas relativas à questão ecológica, a paisagem natural e conservação da boa qualidade de vida são os pontos principais de interseção entre os nativos e neorrurais.

O desafio de ecologização não é apenas dos novos atores do mundo rural ou dos atores emergentes, mas da sociedade, na medida em que esse rural que emerge é de interesse social e relacionado à construção de um mundo rural ecologizado, ou dito sustentável. (BRANDENBURG, 2010, p. 188)

Como afirma o autor, há uma necessidade de mudança de práticas relativas as questões ambientais sendo de um bem-estar comum e que alguns dos neorrurais estão à frente de tais possibilidades incentivando e promovendo tais transformações. Assim, alguns dos nativos já inseriram em seus cotidianos algumas práticas de cuidado ambiental como a reutilização da água das torneiras para a rega das plantações, captação de água da chuva e as cisternas, as fossas ecológicas (fossas de bananeira e/ou biodigestor caseiro) e inclusive o fogão foguete no qual necessita uma quantidade de lenha absolutamente menor para realizar o mesmo feito. Mas ainda são poucos os nativos que absorveram essas práticas e restará aguardar os próximos momentos para saber a real dimensão dessa transformação.

**Figura 123 – Fogão Foguete.**

Fonte: do autor, 2019

Como já apresentado no trabalho algumas práticas agronômicas também foram alteradas no povoado com a atuação do neorrurais no qual se “sobressaem as práticas que privilegiam o uso de recursos naturais em vez de produtos agroquímicos, que diversificam a produção ao invés de especializá-la” (BRANDERNBURG, 2010, p. 187), como a utilização de compostagem da matéria orgânica ao invés da queima; também teve algumas pessoas do povoado que iniciaram o processo da transição agroecológica ao utilizar os consórcios e diversificação nos plantios; a utilização de biofertilizantes como o “suco” da mandioca para controle de pragas ao invés de agroquímicos – que por vezes é chamado de remédio pelos nativos-; a criação do banco de sementes orgânicas ao invés das sementes industrializadas; entre outras vertentes da agroecologia e da agricultura ecológica.

Assim, o agricultor pode se transformar em agroecologista animado pelo movimento agroecológico sem participar dele. Os agricultores, ou atores, inseridos no mundo da informação e das dinâmicas de transformação do mundo rural, ao agir reflexivamente, podem substituir práticas convencionais por práticas agrícolas ecológicas. As práticas ecológicas o cuidado com o ambiente, nesse sentido, constitui uma escolha, produto de uma decisão reflexiva e não fruto de uma rotina em que natureza e tradição se complementam de forma ajustada, visando à manutenção da sobrevivência conforme as comunidades tradicionais. Dessa forma, os agricultores articulam a experiência oriunda da tradição e ao mesmo tempo conhecimento da modernidade científica gerado pelas instituições organizadas no âmbito estrutural. [...] à medida que os produtos ecológicos deixam de se constituir apenas nichos de mercado, em função de uma demanda crescente da população por produtos verdes e de qualidade, cresce o número de agricultores interessados na produção ecológica, ou orgânica, [...] por interesses de caráter

predominantemente econômico. Esses atores surgem adaptando a produção ecológica ao sistema produtivo convencional e aos padrões de consumo de massa.

(BRANDENBURG, 2010, p. 186-189)

Como apresentado pelo autor a transição agroecológica é um desafio no qual os produtores do local têm interesse, tanto por conta de uma prática mais ecológica, quando dos benefícios econômicos que podem ter ao praticar uma agricultura menos agressiva e mais harmônica com as possibilidades que a natureza oferece. Dessa forma, como Floriani (2007) aponta que o saber vernacular e o conhecimento científico se complementam em diversas ações e atividades que contemplam o fator social e o natural, e que é possível haver uma mudança paradigmática desde que a “tradição camponesa, que por um momento parecia ter uma conotação negativa, face ao saber universal, renovado pela aplicação da ciência e de novas tecnologias, torna-se, nesse novo contexto, uma qualidade positiva” WANDERLEY (2009, p. 54). Dessa forma, entende-se que o processo da migração urbano-rural e a progressão dos empreendimentos de forma sustentável nos territórios protagonizados pelos neorrurais, é, de fato, um intermédio de transformação da paisagem cultural, conforme Ribeiro (2013):

[...] seguintes fatores: conhecimento do meio; conhecimento e desenvolvimento da diversidade biológica; transformação da circulação e da permanência da água; transformação do solo e do relevo; criação de microclimas favoráveis; melhoramento de plantas e animais; proteção contra as pragas. A organização do espaço, do território, deve basear-se nestes fatores e na sua articulação e harmonia, pois a paisagem é “um todo”, um conjunto onde cada elemento presente influencia e é influenciado por todos os outros, formando um ciclo constante que foi criado pela natureza e que o Homem tem o poder de recriar. (RIBEIRO, 2013, p.8)

Uma outra atividade dos neorrurais adentrou até o calendário de festas religiosas do povoado. A folia de reis é um antigo festejo local que perdeu força ao longo dos anos até ser completamente encerrado. Alguns neorrurais do povoado do Milho Verde conseguiram recuperar o festejo de lá antes mesmo dele minguar por completo. O ponto importante é que essa recuperação teve participação ativa de alguns neorrurais de São Gonçalo que participam tocando instrumentos e também como parte do cortejo.

Ao retomarem com a festividade conseguiram manter a tradição bem como fomentar o turismo de tal forma que o festejo tomou grandes proporções que decidiram levar a Folia de Reis para outros territórios como São Gonçalo e até a comunidade de Capivari que solicitou a presença da celebração em seu território. A festa de Santo Reis é comemorada oficialmente no dia 6 de janeiro, no entanto com o aumento de quantidade

de casas para visitas do cortejo, a festividade teve de ampliar o calendário sendo da seguinte forma: dia 3 de janeiro em Capivari, dia 4 de janeiro em São Gonçalo e os dias 5 e 6 de janeiro em Milho Verde.

Assim, já há três anos a comitiva dos foliões vão ao povoado de São Gonçalo para celebrar a festa dos 3 reis magos. Dessa forma, participam da missa celebrativa na igreja Matriz e depois saem em cortejo pelo povoado e realizando visitas as casas, normalmente, das pessoas mais idosas e que cultuam o presépio. Cantam, encantam, dão vivas e tentam respeitar a festa dentro dos critérios tradicionais. Claro que com algumas adaptações como a ausência dos aparatos e vestuários oficiais bem como com ausência dos personagens clássicos da festa.

Entretanto, alguns nativos ainda não reconhecem a festa como oficial por não estarem os personagens locais participando ou liderando a festividade. Assim, desde que os cortejos retornaram há a expectativa, por parte dos foliões, de realizar três, quatro ou até cinco visitas como parte do processo festivo, uma vez que há a confirmação de interesse em receber a comitiva por parte dos proprietários das casas. Mas no momento em que a comitiva se aproxima do povoado para começar a cerimônia, algumas dessas casas cancelam as visitas, cada qual alegando um motivo. De toda forma, pelo menos duas casas são visitadas pelos foliões durante a celebração e assim, a Folia de Reis já entrou no calendário oficial do povoado.

Portanto, a cada ano a festa cresce e se mostra mais fortalecida tanto de quantidade de foliões engajados em fazer uma festa mais bonita, quanto das próprias pessoas do povoado a participarem e abrirem as casas para receber a visita do cortejo da Folia de Reis.

**Figura 124 - Folia de Reis em São Gonçalo.**



Fonte: do autor, 2019

Ainda dentro das alterações culturais que os neorrurais promovem está o Tambor de Crioula. O Tambor de Crioula é uma tradicional expressão cultural de matriz afro-brasileira que envolve a dança circular e o canto ao toque de rústicos tambores que saúdam o São Benedito (santo negro) e outros santos relacionados ao catolicismo e também as entidades cultuadas nos terreiros. A cultura do Tambor de Crioula teve sua origem associada ao estado do Maranhão no qual ainda é muito praticada por descendentes de africanos escravizados nos interiores, litoral e também na capital São Luís e que ganhou o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2007.

Um mestre de Tambor de Crioula originário de família tradicional do Maranhão foi para Minas Gerais onde formou um forte grupo de Tambor de Crioula em Belo Horizonte e recentemente se instalou no povoado de São Gonçalo juntamente com a família. Para manter sua cultura e a expressão tradicional dos maranhenses oferece oficinas, vivências e inclusive celebrações ao longo do ano.

Essa atividade tem gerado um certo encantamento nos nativos por conta das raízes históricas, das tradições dos africanos e pelo sincretismo religioso gerado no local ao longo de sua história. A cada vez que se tem o Tambor de Crioula os nativos vão se aproximando, embora timidamente, em mais volume.

**Figura 125 – Tambor de Crioula em São Gonçalo.**



Fonte: Acervo particular de Paulo de Lucca, 2019



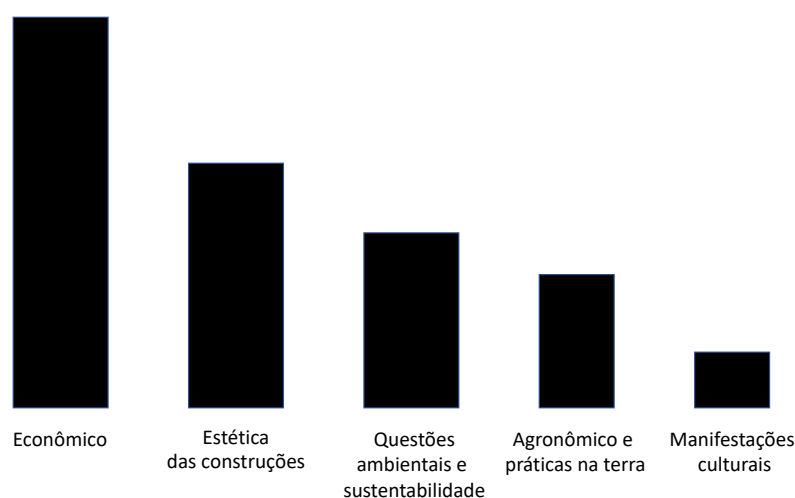
Assim sendo, os neorrurais têm promovido um reavivamento dos espaços rurais, como novas expressões culturais, com novas práticas agronômicas, fortalecimento econômico e também no convívio constante nas relações e interações sobre diferentes olhares e perspectivas e não necessariamente anulando a identidade local nem do espaço.

As transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social. [...] as novas experiências engendradas contribuíram para criar uma diversidade social e cultural que é também condição de existência da sociedade na medida em que alimenta as trocas ao enriquecer os bens (culturais e simbólicos) e ampliar a rede de relações sociais. A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca obrigatoriamente a descaracterização da cultura local. Quando aceita pela comunidade, a diversidade assegura a identidade do grupo que experimenta uma consciência de si na relação de alteridade com os "de fora". (CARNEIRO, 1997, p. 04)

Dessa forma, foi feito um gráfico para situar quais são as modificações e os graus de interferências e influências dos neorrurais sobre os nativos do povoado de São Gonçalo.

#### **Infográfico 7 - Graus de interferência e influência dos neorrurais em São Gonçalo.**

Graus de interferências dos neo-rurais no povoado de São Gonçalo



Fonte: do autor, 2019

O gráfico apresentado classifica os graus de modificações na vida dos nativos, mas também tem outras questões não apontadas acima como será discorrido brevemente a seguir.

Muitos dos nativos recorrem aos tratamentos através das medicinas e terapias alternativas oferecidas pelos neorrurais como a acupuntura, fitoterapia, geoterapia, homeopatia. Bem como de diversos serviços oferecidos gratuitamente para a comunidade como a arquitetura social, implementação de tecnologias sociais, cursos de empreendedorismo, entre outros. Ainda há também alguns nativos que são beneficiados com as parcerias de empreendimentos locais como a recuperação do grupo de mulheres para a produção de biocosméticos, artesanatos e afins, favorecendo a oxigenação nos saberes tradicionais e populares e na manutenção destes saberes entre pessoas interessadas e também entre gerações.

Para finalizar, o povoado de São Gonçalo que já carregava uma notoriedade por conta dos saberes e fazeres das práticas tradicionais e também da medicina popular através das benzedadeiras e raizeiros, bem como das práticas extrativista realizadas pelos garimpeiros passou por transformações ampliando essa notoriedade com outras práticas e atividades.

Como a perspectiva de Carneiro (1997) ao abordar sobre as relações criadas entres os nativos e os neorrurais por conta da revalorização dos espaços rurais que auxiliam na consolidação da identidade ou até mesmo da construção de uma nova identidade quando é feita “a redefinição ou reelaboração de práticas e códigos culturais, a partir da relação de alteridade com o que é reconhecido como “de fora”, de maneira a poder consolidar a identidade local com base no sentimento de pertencimento” (CARNEIRO, 1997, p. 13).

O fato das diversas práticas de permacultura, agroecologia, agrofloresta realizadas pelos núcleos de assentamento sustentável coletivos e ainda dos cursos oferecidos no local sobre os diversos conhecimentos ancestrais de caráter místico e espiritual possibilitou uma nova construção simbólica do povoado e assim modificou a sua paisagem cultural, como Milton Santos lembra: “A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima” (2002, p.103).

São Gonçalo ficou conhecido, inclusive mundialmente, por todas essas características que os neorrurais levaram para o local. Sendo um lugar ímpar de cura através das medicinas alternativas com conhecimentos e práticas esotéricas e muito

antigas além de estar conhecido como um norte referencial das práticas sustentáveis através da permacultura e agroecologia. Estes fatos atraem inúmeros turistas, visitantes e, sobretudo, muitos novos moradores se tornarem mais um dos neorrurais no povoado.

Assim, a paisagem cultural de São Gonçalo foi ressignificada saindo de um lugar típico de extração mineral do período colonial para um lugar preocupado e engajado com as questões ambientais com diversas práticas de sustentabilidade ambiental. Ampliou o leque de opções de tratamentos de saúde além da medicina popular passando para um lugar de autocuidado, crescimento pessoal, evolução espiritual e de medicina antiga com conhecimentos de perspectivas místicas.

Amador Júnior ao apresentar o Caminho de Saint-Hilaire, em entrevista para o programa “Terra de Minas” no ano de 2018, salienta a importância das comunidades alternativas envolvidas com a sustentabilidade ambiental, as perspectivas místicas dos neorrurais e também dos tratamentos alternativos de saúde que existem em São Gonçalo:

“toda a pessoa que vier vivenciar esse território, poderá contemplar as comunidades tradicionais, as comunidades quilombolas, as comunidades alternativas que se instalam aqui na região, por acreditar que aqui, na visão esotérica, está um dos chakras do planeta, de campo energético. Ou então, vivenciar as culturas ancestrais das benzedadeiras, dos raizeiros, e agora os alquimistas, os modernos alquimistas, que transformam as plantas da nossa região em essências de cura [...]” (AMADOR JÚNIOR, 2018)

Como apresentado, a relação da presença e atuação dos neorrurais dentro do território do São Gonçalo é algo inerente quando se necessita abordar as características sobre o povoado em tempos atuais. Onde antigamente era tido como um lugar parado no tempo colonial, das práticas de garimpo, do tropeirismo, da medicina popular, agora se amplia para as práticas que os neorrurais incluíram no povoado.

Por fim, São Gonçalo atualmente continua sendo conhecido e reconhecido por todos os seus atributos históricos e naturais e também como um modelo de junção de culturas configurando como um lugar singular dotado de multiplicidade e diversidade de atores sociais com culturas distintas, porém com valores compartilhados. O espaço rural do povoado São Gonçalo do Rio das Pedras passa por um momento de oxigenação das tradições, revalorização das práticas culturais e também de ressignificação ao incrementar novas dinâmicas sociais e práticas culturais e de respeito ambiental com perspectivas filosóficas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi apresentado o perfil dos neorrurais e com base nas informações e observações foi possível realizar tipologias destes neorrurais (quem é mais neorrural que outros neorrurais, qual está mais dentro e qual está mais fora do povoado, qual pode mais, qual pode menos, quais influem mais e quais menos). Também foi feita uma tentativa sobre a caracterização dos espaços ocupados por alguns núcleos dos neorrurais e ainda foi elaborado infográfico sobre as relações e interações destes com a comunidade local e as pessoas do lugar, além de um pouco da história envolvida e as trocas de saberes e fazeres entre os atores sociais desta pesquisa. Tudo isso nos mostrou que por mais que esses neorrurais inseridos no espaço rural de São Gonçalo do Rio das Pedras levem valores, hábitos, práticas e uma cultura estruturalmente urbana, não é possível comprovar que eles estão urbanizando os espaços rurais mais do que naturalmente já seriam. Muito por conta das motivações, dos interesses e das práticas dos neorrurais que, em sua maioria, estão com o foco para o cultivo, a plantação, a restauração ecológica, o reflorestamento, os cuidados com a questão hídrica, e também para a valorização de uma história, de uma memória e das práticas tradicionais das pessoas que vivem.

As trocas de saberes e fazeres, o diálogo constante e inerente às relações, as construções coletivas ou mesmo individuais, as parcerias realizadas mostraram que os neorrurais podem promover uma imprescindível absorção de conhecimentos, saberes e práticas de um povo e propagar esses conhecimentos de forma muito mais abrangente e quem sabe, transformador, dos conhecimentos, saberes e práticas nos espaços rurais e também nos urbanos. Portanto, os neorrurais podem ser uma ponte elementar de conhecimentos que saem de um lugar do tradicional e popular passando pela manutenção e direcionando ao outro lado carregado de informações compartilháveis do arcabouço histórico, cultural, ambiental, social e memorial do lugar e de suas pessoas que fizeram o povoado chegar até onde estão.

Por conta da alta procura de pessoas interessadas em associar a Terra da Unidade para duas questões. A primeira, a Terra da Unidade pode ter inflacionado os valores de terrenos no local ou gerado uma grande especulação imobiliária? E a segunda, a Terra da Unidade pode ter se tornado um atrativo maior do que o próprio povoado de São Gonçalo?

A relação mercantil de espaços não mercantilizáveis como a terra seria uma boa percepção da situação se não fosse uma realidade que o próprio país passa, ao dar lugar para o agronegócio em vez de fortalecer as comunidades tradicionais e a agricultura familiar. Então, ao ter isso, é mais plausível ter iniciativas originais e de boas intenções e

conhecimentos técnicos para tentar reverter o quadro das megalópoles com a baixa qualidade de vida, do meio ambiente sacrificado e pela própria transformação que o mundo está passando. Como já abordado, o movimento do êxodo urbano é um fenômeno vivenciando em boa parte do globo terrestre com outras alternativas e possibilidades de se contrapor ao caos que o mundo vive. Dessa forma, as ecovilas, as técnicas de plantios para o reflorestamento e as tecnologias sociais se apresentam como alternativa real e coerente para este momento de transição planetária.

No caso da Terra Unidade, foi constatado que embora o empreendimento tenha motivado o encaminhamento de muitos neorrurais para São Gonçalo e a dúvida da especulação imobiliária tenha aumentado ainda não se configura uma realidade. A maior parte dos títulos patrimoniais comercializados pelo empreendimento chegam a ser 30% mais baratos que os terrenos do mesmo tamanho vendidos pelos nativos do povoado. Dessa forma, não houve um inflacionamento do mercado imobiliário no local, sendo que na verdade levou a exatamente o contrário. Entretanto, pode ter gerado uma especulação imobiliária uma vez que o empreendimento tomou grandes proporções e colocou o nome do povoado a frente na questão de um bom lugar para morar e com possibilidades de vivenciar alternativa ao modelo hegemônico fazendo com que muitas pessoas desejam se mudar para o local. Porém, ainda é cedo para se afirmar se realmente configurou um aumento da especulação imobiliária pois ainda há cotas disponíveis e as pessoas interessadas e que se alinham com a proposta ainda podem se anexar ao empreendimento, restando aguardar as novas configurações do mercado imobiliário nos próximos anos para avaliar com mais clareza se houve ou não um aumento da especulação e do inflacionamento imobiliário. Para o momento, o que se tem é que o povoado segue movimentado com novos moradores, que os profissionais da construção civil estão bem ocupados de trabalhos, e outras atividades como jardineiro, cozinheiro, caseiro entre outros, seguem com alta procura no povoado.

No que tange a ressignificação da paisagem cultural, foi percebido que o movimento da chegada dos neorrurais e as propostas de atividades, cursos, oficinas e práticas, acabaram que colocaram São Gonçalo na rota de um turismo de experiência, de vivência e de espiritualidade/mística, que vai além do turismo rural, além dos roteiros turísticos dos programas dos órgãos públicos e administrativos embora se anexam a proposta. São Gonçalo alcançou um nome diferenciado quando se trata de medicina alternativa e natural, quando se trata da permacultura e da agrofloresta, quando se refere as buscas de autoconhecimento, autocuidado e crescimento pessoal, e também quando se



refere da simplicidade e empatia de diferentes atores sociais que vivem em harmonia e plenitude no povoado. Claramente pessoas que visitam o povoado ficam tocadas quando se dão conta da riqueza, da grandeza e das possibilidades que o povoado oferece. Juntamente com a troca das práticas urbanas e rurais em um diálogo permanente em que cada um respeita o lado do outro e assim se entendem e glorificam o povoado pela sua diversidade de linha ação, forma de atuação e campo de visão.

Todas as categorias apresentadas das pessoas que no território de São Gonçalo fomentam o turismo, a oferta de atividades e serviços, a especulação imobiliária, mas também da troca de saberes. De toda forma, geram empregos, mesmo que subempregos, geram renda, geram aumento da capacidade de consumo de bens e serviços para os locais. Eles também geram novas sociabilizações e possibilitam uma revalorização do espaço e das pessoas como um todo.

É difícil afirmar sobre algumas variáveis a respeito da ocupação/visitação dos espaços rurais como um atraso ou um avanço, em se tratando de juízo de valor. Portanto, a reflexão que fica é que os espaços rurais sempre estiveram e continuarão em constante transformações, tanto da própria infraestrutura, das relações sociais, dos saberes e fazeres, quanto das modificações das paisagens que essas ocupações com novos moradores ou com pessoas em trânsito também ocasionam.

Claro, conflitos de interesses, de poder, de conhecimento e o imbricamento de certas práticas sempre estiveram e permanecerão neste lugar de definição complexa, confusa, difusa e que nem sempre se chega a um destino, satisfatoriamente, comum. E por quaisquer que sejam os conflitos locais que existam foi o diálogo que, na maioria das vezes sobressaiu, e demonstrou que as diferentes visões e crenças são saudáveis para a construção de um espaço múltiplo e diverso. Dessa forma, as situações apresentadas de “desalinhamentos” foram solucionadas com um pouco de concessão de cada ator em questão, no caso os neorrurais e os nativos. Há também de se considerar que este espaço rural carrega uma situação de hibridismo cultural e que por si só acarreta uma série de diferenças e possíveis conflitos pela questão da ótica e do conceito sobre as relações das pessoas com o lugar e do lugar com as pessoas e o que cada qual se localiza dentro de suas perspectivas o que é melhor, mais saudável, lógico e interessante de acordo os seus interesses.

As forças verticais, vem de fora pra dentro sem o desejo/interesse ou até mesmo sem autorização ou ainda que seja por convivência, são também pontos de análise de conflito e alteração, uma vez que impactam e causam diversos efeitos na vida, nos modos

de vida e nos cotidianos das pessoas que coabitam o povoado e também na modificação da paisagem, sendo assim, uma discussão a ser aprofundada nos trabalhos em momentos futuros.

Salientamos a importância da continuidade destas discussões para futuras pesquisas e investigações, pois até o fim deste trabalho os aspectos observáveis e analisados levou a um destino de situações incipientes e, dessa forma, carecerá de um aprofundamento em outros momentos para avaliar se após os neorrurais se estabelecerem em suas residências e nos seus territórios se as fontes de rendas dos empregados sofrerão alterações. Se os métodos de ocupação no viés sustentável conseguiram manter-se firmes e se os nativos absorveram algumas destas práticas de forma efetiva. Também carecerá observar se as parcerias objetivas na produção e escoamento dos produtos seguiram em prosperidade ou se estagnarão. Resta saber até onde os neorrurais chegarão neste lugar, se eles crescerão mais em volume, se manterão pendular ou se fixarão. Se a estética das casas dos neorrurais que são tão encantadoras e inspiradoras para tantos turistas se tornarão banais ou se manterão no lugar do fetiche, e se as práticas tradicionais serão perdidas no tempo ou se haverá um profundo resgate e continuidade delas.

Ainda e, talvez, o mais importante. Necessita-se desvelar as perspectivas dos nativos para com todas essas questões discutidas e apresentadas no trabalho provocadas pelos neorrurais. Deve-se aprofundar quais são os olhares, as satisfações ou insatisfações, quais foram as transformações irremediáveis que sofreram, e qual o destino que os nativos desejam para esse povoado.

Dada esses olhares mais aprofundados será possível compreender se realmente a presença e atuação dos neorrurais é só e somente mais um capítulo da narrativa histórica deste nobre povoado. Assim como o garimpo, os tropeiros, o turismo, as tantas associações criadas e empreendimentos para o desenvolvimento comunitário fizeram uma marca no passado. Alguns pontos ainda se mantêm outros se esvaíram no tempo. Será que os neorrurais serão também um passado em algum momento? Será que os neorrurais irão embora da mesma forma que chegaram? Será que os neorrurais se mostrarão mais neocolonizadores do que realmente neorrurais? Será que, em algum momento, os núcleos de assentamento sustentável serão tão autossustentáveis que poderão até se tornar autossuficientes a ponto de não precisarem ou desejarem se relacionar com o povoado e as pessoas do lugar? Será que um dia os de fora e os dentro serão um povo só? Será que os neorrurais terão a capacidade de urbanizar um espaço tão bucólico e pitoresco? Será que os neorrurais conseguirão atrair tantos novos moradores para este lugar? Ainda, será

que eles conseguirão fomentar o turismo de forma intensa, uma vez que essa é a grande aposta dos nativos. Será que o turismo chegará em peso e frequente, ou manterá sazonal e avarento?

Será que a paisagem natural deste lugar sofrerá maiores alterações ou será resguardado? E as práticas culturais tradicionais e ancestrais, em algum momento poderá virar um espetáculo, um simulacro ou será sempre genuíno? São tantas e tantas perguntas que este trabalho abriu que, cabe e, necessita outros estudos mais aprofundados, mais denso, mais detalhado para poder compreender, ou pelo menos tentar entender, em um grau mais satisfatório essas fronteiras da realidade apresentadas neste trabalho.

De qualquer forma, todas e quaisquer descrições e análises percorridas neste trabalho não foram o suficiente para abarcar a complexidade que esses temas apresentam. Dessa forma, existe um abismo descritivo e analítico do que está posto no trabalho e no que a realidade do local apresenta.

A questão dos neorrurais, por ser tão recente no país, por ser tão inovadora e com tantos conhecimentos entrecruzados que se apresentou um tema muito fértil com a necessidade de tratar com profundidade, que requer novas leituras, novos olhares e novas análises a se coletar e analisar para cada vez mais conseguir chegar em um ponto mais esclarecido.

A paisagem cultural, há uma quantidade admirável de saberes e de práticas deste povo que também não foi possível também abrigar neste trabalho. Afinal, são quase 300 anos de história. Algumas perdidas na memória, outras perdidas no tempo, e outras perdidas juntamente com os que já se foram e outras, ainda, que são veladas como um tesouro. A relação com a natureza deste povo é algo tão simbólico, tão inconsciente, embora ao mesmo tão imagético que, por vezes, se torna indescritível e inenarrável. É fácil de entender, fácil de sentir, mas para se falar sobre ainda não coube neste ser.

O fato é que os espaços rurais se transformam e também transformam as pessoas organicamente à medida que visitam, vivenciam, residem, criam laços e famílias, trocam experiências e também quando alguns se esvaem e seguem outros caminhos e trajetórias na vida. As experiências vividas no local perdurarão por toda a vida das pessoas e as presenças e atitudes destes também reverberarão por um longo período na história do lugar. Sendo um eterno ciclo de via de mão dupla do ir e vir, ser e estar, passar e ficar, deixar e levar, cria e criatura, alegrias e tristezas, desejos e realizações, satisfações e frustrações, resgates e transformações, a memória e o esquecimento, enfim, o passado, o

presente e o futuro são tempos constantes na vida de qualquer pessoa, de qualquer lugar, de qualquer coisa.

Da mesma forma que as pessoas mudam, os lugares mudam e as coisas também mudam, podendo estar todos e tudo em uma mesma temporalidade e intensidade, ou não. Sendo assim, as coisas têm o poder de mudar as pessoas e os lugares, os lugares mudam as pessoas e as coisas, e as pessoas, estes sim, estes podem mudar tudo, a todo momento, mudar um lugar, as coisas e inclusive outras pessoas. A história é viva e se transforma a cada página escrita no tempo presente deixando um legado para o futuro.

## REFERÊNCIAS

ABEL CARVALHO & IMAGINOSFERA. **Mapa da Serra do Espinhaço**. <<http://www.serradoespinhaco.com.br/mapa>>. Acesso em: 14 de mar. de 2019

ABRAMOVAY, R. **Do setor ao território**: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. In: Inter-relações entre as transformações demográficas e agenda social. São Paulo, Rio de Janeiro: FEA PROCAM/USP, 2000.

ALENTEJANO, P. R. R. Pluriatividade: uma noção válida para a análise da realidade agrária brasileira? In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar**: realidades e perspectivas. Passo fundo: UPF, 2001.

ALMEIDA-ABREU, PA. **O Supergrupo Espinhaco da Serra do Espinhaço Meridional (Minas Gerais)**: o Rifte, a Bacia, o Orogeno. Geonomos 3. 1995.

AMADOR JÚNIOR, L. S. Trajeto feito por naturalista vai virar roteiro turístico na região do Serro e Diamantina. Terra de Minas, Diamantina: **Rede Globo**, 21 jul. 2018. Programa Jornalístico. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6886548/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

AMÂNCIO, Mayan Maharishi de Faria Ladeira. **Narrativas orais**: Saberes e fazeres da arquitetura vernácula na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno. 106p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais. Diamantina. 2018.

ANDRADE, Manuel Correia. Geografia Rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Campo-Território**: Revista de geografia agrária, 2010.

ARAÚJO, L. R. R.; SOUZA, R. M. Territorialidade, conflitos socioambientais e a atividade turística em unidades de conservação: uma discussão conceitual. **Revista Nordestina de Ecoturismo**, Aquidabã, v. 5, n. 2, mai./out. 2012. Disponível em: <[sustenere.co/journals/index.php/nature/article/view/ESS1983-8344.2012.002.0002](http://sustenere.co/journals/index.php/nature/article/view/ESS1983-8344.2012.002.0002)>. Acesso em: 11 abr. 2019.

ARNDT. Jorge Renato Lacerda. **Entre tradição e modernidade**: sustentabilidade do desenvolvimento pelo turismo em uma comunidade tradicional de Minas Gerais Estudo de caso em Milho Verde, Alto Jequitinhonha. Dissertação de mestrado em Administração. FEAD - Centro de Gestão Empreendedora. Belo Horizonte. 2007

ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno de ecovilas no Brasil Contemporâneo**. 2018, 205f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de ciências exatas, ambientais e de tecnologias, Programa de Pós-Graduação em urbanismo. Campinas. 2018. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/1133/2/BEATRIZ%20MARTINS%20ARRUDA.pdf>> Acesso em: 22 set. 2018.



ÁVILA, A. (Coord.). **Atlas dos Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais. Circuito dos Diamantes**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1981, mimeogr.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BACZKO, Bronislaw. **Los imaginários sociales**: memorias y esperanzas coletivas. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.

BARBOSA, Flávia Machado da Cruz Pinheiro. **Vulnerabilidade ecoturística no Caminho dos Diamantes** – Estrada Real/MG / Belo Horizonte, 2009. 163f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial. Belo Horizonte, 2009.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte. Saterb, 1971.

BARROS, Bruna Rosa. **Permacultura e desenvolvimento urbano**: diretrizes e ações para a sustentabilidade socioambiental em loteamentos de interesse social. 2008, 204f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado, Maceió, 2008. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/682/.../Dissertacao\\_BrunaRosadeBarros\\_2008.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/682/.../Dissertacao_BrunaRosadeBarros_2008.pdf)> . Acesso em 10 maio. 2017.

BARROS, Carla Fernanda Pereira. **Trocas, hierarquia e mediação**: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. 259 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Instituto COPPEAD de Administração, 2007.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (eds.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1984].

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista IGEOG/USP**. Caderno de Ciências da Terra. São Paulo, USP, n. 13, 1971.

BESSA, Altamiro Sergio Mol. **A Construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real**. Tese (Doutorado – Área de Concentração: Paisagem e Ambiente. FAUUSP. São Paulo, 2011. 280p.

BONTEMPO, M. **Ecovilas, sustentabilidade e Consciência Planetária**. 2011.

BRAGA, Solano de Souza. **(Eco) Turismo como Vetor de mudanças sócio espaciais**: Estudo comparativo entre os distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras. Monografia de Graduação Instituto de Geociências. Belo Horizonte. 2006.

BRAGA, Geslline Giovana. Altares de benzedadeiras – A arte do excesso. In: Desafios antropológicos contemporâneos, **Reunião Brasileira de Antropologia**, ed. 28. São Paulo, 2012.

BRANDENBURG, Alfio. A **colonização do mundo rural e a emergência de novos atores**. In: **Ruris**, v. 4 n. 1, mar. 2010.

BRITO, D.M.C, et al. Conflitos socioambientais no século XXI. **PRACS**, Macapá, n. 4, p. 51- 58, dez. 2011. Disponível em: <periódicos.unifap.br/index.php/pracs/article/viewArticle/ 371>. Acesso em: 28 de abril de 2019.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2003.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2º Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 1975.

CARMO, Renato. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, ano 11, n. 21 (jan/jun), 2009

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. In: **Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**, vol 35, 1997, Brasília.

\_\_\_\_\_. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, Sergio (Org.). **A diversidade da agricultura Familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006

\_\_\_\_\_. **"Rural" como categoria de pensamento**. **Ruris**, vol 2, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ruralidades Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2012.

CASTRO, Iná Elias de. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 226p., 2002. (Coleção Turismo)

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional, 1986.

CLAVAL, Paul. O tema da religião nos estudos geográficos, **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, nº 7 (jan/jun), 1999.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: O Estado da Arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENTHAL, Zeny (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999a. p.59-97.

\_\_\_\_\_. **A geografia cultural**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4. ed. rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 123 p. 1998.

COSTA, José Pedro de Oliveira. **Aiuruoca: Matutu e Pedra do Papagaio: Um estudo de conservação do ambiente natural e cultural**. São Paulo: EDUSP, 1994. 250p.

COVAS, Antônio. **Os “futuros” do mundo rural português. De espaço produtor a espaço produzido: mercados emergentes e neo-rurais**. Espaço rural, de espaço produtor a espaço produzido. In: Ruralidades, 1, 2007.

COVAS, António; COVAS, Maria. **A grande transição: Pluralidade e diversidade no mundo rural**. Edições Colibri, 2011

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ: 1999. 123p

CRISTOVÃO, Artur; PEREIRO, Xerardo. **Turismo rural em tempos de novas ruralidades**. In: CITURDES – Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentáveis, 8, 2012, Chaves. **Atas**, Chaves: UTAD; CETRAD, 2012. P.2-3. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/pasosrep7.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. Porto: Dafne Editora. 2012.

ENTRUDO, Ana & Serafim Serafim, Maria do Rosário. **Um desafio aos jovens das zonas rurais**. Pessoas e lugares - Jornal de Animação da Rede Portuguesa Leader +, 21, 3. 2004

ERNANDORENA, P. R. **A ação civil pública e a resolução dos conflitos ambientais em zona costeira de Santa Catarina**. 262 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ESMIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela história. In: **TEXTURA**, n.9, Canoas, 2004.

ESTRELA. **Ecovila & Mudanças - Ecovila Viver Simples - Itamonte – MG. 2009**. Disponível em: <http://www.sunnet.com.br/portal4/index.php?view=article&catid=76%3Aaponto-de-vista&id=1807%3Aartigo-ecovila-a-mudanca-ecovila-viver-simples-ita>. Acesso em: 02 de abr. 2019.

FARIA, Erick de Oliveira & TEIXEIRA, MANUELLA Biagioni BARBOSA. Economia formal e desenvolvimento econômico turístico do Circuito dos Diamantes – MG. In: **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v.6, n.2, p. 213, jul./dez. 2018.

FÁVERO, Claudenir & Monteiro, Fernanda Testa. Disputas territoriais no Vale do Jequitinhonha: uma leitura pelas transformações nas paisagens. In: **Agricultura**, v.11, n. 3, out, 2014.

FERNANDES, B. M. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, ano 8, n. 6, p. 24- 34, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

FERNANDES, F.M.B.; MOREIRA, M.R. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23 n. 2, p. 518, 2013.

FERNANDES, Geraldo Wilson, et al. **Cerrado**: em busca de soluções sustentáveis. Rio de Janeiro: Vertente produções artísticas. 2016.

FERREIRA, Maycon Souza. **A feira livre em São Gonçalo**: para além do acesso do alimento, um espaço de sociabilidade e afeto. Olhares do campo: comunicação comunitária. 2019. Disponível em: <<https://www.olharesdocampo.org/l/a-feira-livre-em-sao-goncalo-para-alem-do-acesso-ao-alimento-um-espaco-de-sociabilidade-e-afeto/?fbclid=IwAR3hxgoVoV5NvnobIo1Ruesqq8AycjLqYuQ72MY6Ghc7L7-BsY7BX50Qp78>>. Acesso em: 04 mar. 2019. Site.

FORTES, Samira Chantre. **A interpretação da paisagem cultural sob a perspectiva memorial e turística**: um estudo de caso do vilarejo de Capivari-Serro. Monografia de Graduação em Turismo. UFMG. Belo Horizonte, 2010.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. **Ecovila como alternativa de organização socioambiental sustentável**: uma avaliação de Piracanga, Bahia. In: Sociedade & Natureza, v.29 (3). Uberlândia, set/dez. 2017.

FRANCO, M. A. R. **Desenho ambiental**: instrumento fundamental da arquitetura e do planejamento territorial. 242 p. Tese (doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

FLORIANI, Nicolas. **Avaliação das terras pelos agricultores ecológicos de Rio Branco do Sul (PR)**: uma abordagem geossocioagronômica da paisagem rural. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2007.

GIL, AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas; 1999.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudo em geografia da religião. Curitiba: IBPEX, 2008.

GONTIJO, Bernardo M. **Uma geografia para a cadeia do Espinhaço**. In: Revista Megadiversidade. Cadeia do Espinhaço: avaliação do conhecimento científico e prioridade de conservação. Belo Horizonte, v. 4, n.1-2, p.7-14. dez. 2008

GRANZIERA, Mariana M; SAES Maria S. M. **Um estudo da contribuição da agricultura multifuncional para o desenvolvimento rural sustentável**. In: Revista de gestão ambiental e sustentabilidade, v.3, n.1, jan/abr. 2014.

GRAZIANO DA SILVA, José. O Novo Rural Brasileiro. In: SHIKI, S., GRAZIANO DA SILVA, J., ORTEGA, A. C. (Org). **Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do cerrado brasileiro**. Uberlândia: UFU; UNICAMP; EMBRAPA, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, IE/UNICAMP. 1999 (2ª edição).

\_\_\_\_\_. **Velhos e novos mitos do rural brasileiro**. Estudos Avançados. Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Avançados. Vol. 15, n. 43, 2001.

HAESBAERT, R. **Fim dos territórios ou novas territorialidades?** In MOITA LOPES, L. P. e BASTOS, L. C. (Org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. **O território em tempos de Globalização**. etc..., espaço, tempo e crítica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago. 2007

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva (L.L. Schaffter). São Paulo: Vértice. (Original publicado em 1950). 1990.

HOLMGREN, David. **Os Fundamentos da Permacultura**: Um resumo dos conceitos e princípios apresentados no livro “Princípios e Caminhos da Permacultura Além da Sustentabilidade”. Tradução de Alexander Van Parys Piergili e Amantino Ramos de Freitas. Victoria, Holmgren Design Services, 2007. Disponível em <<http://www.fca.unesp.br/Home/Extensao/GrupoTimbo/permaculturaFundamentos.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2017.

HOLZER, Werther. Paisagem Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. 248p. (Série Geografia Cultural)

INSTITUTO BIOTRÓPICOS. **Mosaico de Unidades de Conservação do Espinhaço**: Alto Jequitinhonha – Serra do Cabral. Processo de criação e implantação. 2009.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **História e mapa da Estrada Real**. Disponível em: <<http://www.institutoestradareal.com.br>> Acesso em: 11 de mar. 2019

INSTITUTO PRISTINO. **Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço**. Disponível em: <http://rbse-unesco.blogspot.com/2015/08/atlas-digital-geoambiental-da-reserva.html>. Acesso em: 20 de set. 2018.

JODELET, D. **As representações sociais**: um domínio em expansão (L. Ulup. Trad). In: \_\_\_\_\_. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. (trabalho original publicado em 1989), 2001.



JORGE, M.A.P. **Sustentabilidade e Desenvolvimento Local**: Estudo de Projeto na Formação da Ecovila Viver Simples Em Itamonte-Mg. Dissertação (mestrado). Fundação Getúlio Vargas Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas/ Rio De Janeiro, 2008.

JOSÉ CARLOS CARVALHO. **Vista aérea de Lapinha da Serra, município de Santana do Riacho/MG**. Disponível em: <<http://rbse-unesco.blogspot.com/2011/02/megadiversidade.html>>. Acesso em: 11 de fev. 2019.

KOOLHAS, Rem. **Sessão inaugural do Congresso Internacional de Arquitetura**. In Congresso Internacional da Fundación Arquitectura y Sociedad de Pamplona - Arquitectura: cambio de clima. 4 ed. Jun, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/790804/rem-koolhaas-o-atual-desafio-da-arquitetura-e-entender-o-mundo-rural>>. Acesso em 29 abr. 2019.

KAYSER, Bernard. L'intégration de la ruralité. Les campagnes françaises au XXIème siècle. **Économie Rurale**, Paris, n. 257, 2000

KOTLER, U. **Paisagem - uma definição ambígua**. C.J. Arquitetura: Revista de arquitetura, planejamento e construção. Rio de Janeiro: FC Editora, n. 12, ano 3, 1976.

LAMARCHE, Huges (Coord.). **A agricultura familiar**: Comparação internacional. Vol. II: **Do mito à realidade**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

LAGO, Mario. (2011). Entrevista concedida à Clara Linhart, Camila Maroja e Daniel Caetano para a Revista de Cinema Contraponto. **Um filme, O Padre e a Moça**. Edição 42. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/42/frames.htm>>. Seção: Artigos/Entrevistas. Acesso em: 07 fev. 2019.

LE GOFF, J. **Memória**. Enciclopédia Einaudi: volume 1 – Memória e História. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

LEAL, Duarte Machado Sobral. **O povoamento neo-rural em Portugal Continental**: riscos e oportunidade para o planeamento do espaço rural. 2014, 118f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo e Ordenamento do Território, Lisboa, 2014. Disponível em: <[https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395146462953/Dissertacao\\_final.pdf](https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395146462953/Dissertacao_final.pdf)>. Acesso em: 12 de mai. 2017. p. 01.

LEANDRO, José Benedito. Ocupações rurais não agrícolas e pluriatividade como estratégias de permanência no campo. In: **Tekhne e Logos**, v. 8, n. 3, outubro. IX SINTAGRO, Botucatu, SP. 2017

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985

LIMA, E. N. Novas ruralidades, novas identidades. Onde? In: MOREIRA, Roberto J. (Org.). **Identidades sociais**: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MALUF, Renato S. (coord). **Produtos agroalimentares, agricultura multifuncional e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: CPDA / UFRRJ, mar. 2002.

MANTOVANI, Juliana Estanislau & BARBOSA, Sidney. **A paisagem e a descoberta do mundo em “Campo Geral”**, de Guimarães Rosa. In: Revista da anpoll, v. 1, n.38, 2015

MARQUES, Daniel Anilton Duarte. **Estrada Real**: Patrimônio Cultural de Minas Gerais (?) – Um estudo de Diamantina e Serro. Dissertação de Mestrado em Turismo. Universidade de Brasília, Brasília. 2009.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**. São Paulo, v.2, n.19, p.95-112, jul/dez, 2002.

MARQUES, Teresa. **Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais**. Revista da Faculdade de Letras - Geografia, I série, v. XIX, p.507-521, 2003.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MAUSS, M; HUPERT, H. **Esboço de uma teoria geral da magia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes (1812)**. Tradução de Solena Benevides Viana, introdução e notas Clado Ribeiro de Lessa. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.

MEDEIROS, Rosa Maria. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: Rosa Maria Vieira Medeiros; Michele Lidner (Org). **Dinâmica do espaço agrário: velhos e novos territórios: NEAG 10 anos**. Ed. Porto Alegre: Evangraf, v., 2017.

MENEGATI, Regiane A; HESPANHOL, R. A. M. **Nova ruralidade?** Contribuições para a compreensão do espaço rural no município de Indiana/SP. In: Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 3. Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2. Presidente Prudente. 2005.

MEULENBELD. G. Jan. **History of Indian Medical Literature**. Groningen: Egbert Forsten. pp. IIA. 2002.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento** Pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo, 2000. p.135.

MOLLISSON, B.C.; SLAY, R.M. **Introdução à permacultura**. Tagari Publicações, Universidade da Califórnia, 1994. 216p. Disponível em: <<http://www.barkingfrogspermaculture.org/panfletostodos.pdf>> . Acesso em: 15 maio. 2017.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. **"O que é o urbano, no mundo contemporâneo."** Texto para discussão n. 281. UFMG/Cedeplar, 2003.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. Ed. Ática: São Paulo, 1986.

MONTEZI, A. V., et al. Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2). 2011

MORAES, D. **Vianinha, Cúmplice de uma Paixão**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2000.

MORAES, Fernanda Borges de. **A rede urbana da Minas coloniais**: na urdidura do tempo e do espaço. Tese. 3v. il. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MULTHAUF, Robert P. & GILBERT, Robert Andrew (2008). **Alchemy**. Encyclopædia Britannica, 2008.

NAREZI, Gabriela. **A agroecologia como estratégia de gestão de Unidades de Conservação de Uso Sustentável no Vale do Ribeira** – SP. 2012, 324 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Programa Pós-Graduação em Ecologia Aplicada, Piracicaba, 2012. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-21122012-101140/pt-br.php> >. Acesso em: 12 maio. 2017.

PAULO, José. (2011). Entrevista concedida à Clara Linhart, Camila Maroja e Daniel Caetano para a Revista de Cinema Contraponto. **Um filme, O Padre e a Moça**. Edição 42. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/42/frames.htm>>. Seção: Artigo/Entrevistas. Acesso em: 07 fev. 2019

PAULINO, Eliane Tomasi. **Por uma geografia dos camponeses**. 2006.

PEREIRA, Eric Oliveira, et al. **As ecorregiões da reserva da biosfera da serra do espinhaço**: elementos para o fortalecimento da conservação da biodiversidade. In: *Caderno de geografia*. V.25, n.43, 2015.

PEREIRO, Xerardo. Abordagens exploratória do turismo rural de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal). IN: *Análise Social*. N.226, 2018. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/n226a03.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019

PINTO, João Paulo Castro. **Os “neo-rurais” na região do “Douro Verde”**: impacte social, económico e cultural. 2015, 182p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Porto, Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Porto, 2015. Disponível em: [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=37574](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=37574)>. Acesso em: 20 maio. 2017.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares**: Lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Trad.Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS 2008.

POLLAK, Michel Memórias e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: [http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capra/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capra/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso 14 de jan. 2018.

PORTO, M. F.; MILANEZ, B. Eixos de desenvolvimento econômico e geração de conflitos socioambientais no Brasil: desafios para a sustentabilidade e a justiça ambiental. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, dez. 2009. Disponível em: <[www.scileo.org/php/index?lang=en](http://www.scileo.org/php/index?lang=en)>. Acesso em: 15 maio 2019.

PORTO GONÇALVES, C. W. Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, n. 3, v. 1, p. 5-26, maio de 2006. Disponível em: <[seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1344/859](http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/1344/859)>. Acesso em: 13 maio 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo, Ática, 1993.

REIS, Paula. **Os actores do novo paradigma do mundo rural**: os neo-rurais das aldeias históricas de Portugal. In: Congresso Português de Sociologia, n.8, 2014, Évora, **Atas**, Évora: Universidade de Évora, 2014. Disponível em: <[http://www.aps.pt/viii\\_congresso/VIII\\_ACTAS/VIII\\_COM0471.pdf](http://www.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0471.pdf)>. Acesso em 22 maio 2018.

RENGER, F. E. 2005. **Quadro Geognóstico do Brasil de Wilhelm Ludwig Von Eschwege**: Breves comentários à sua visão da Geologia no Brasil. *Geonomos*, Belo Horizonte, vol. 13, n. 1,2. 2005.

RIBEIRO, Paulo Jorge Macias. **Êxodo urbano, gentrificação rural e o futuro da paisagem**. 2013, 130f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Arquitectura Paisagista, Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/6335>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Série Documentação e Pesquisa do IPHAN. Rio de Janeiro, IPHAN, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. **Construindo a geografia da religião no Brasil**. In: Espaço e Cultura, n. 15. UERJ, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734>. Acesso em: 22 abr. 2019.

RUA, João. **Continuidade ou ruptura na expansão da metrópole para além de seus limites formais: urbanidades no rural?** In: RANDOLPH, Rainer; SOUTHERN, Barbra C. (orgs.) *Expansão metropolitana e transformações das interfaces entre cidade, campo e região na América Latina*. São Paulo: Max Limonad. 2011.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. [1830]. Companhia Editora Nacional, 1938.

SAMPAIO, Dora, et al. **Marcas do passado, (in) acções do presente e caminhos de futuro no Alentejo Litoral**: Olhares cruzados sobre Santa Susana. In Elisabete Figueiredo (coord.), *O Rural Plural – Olhar o presente, imaginar o futuro*. Castro Verde: 100 Luz. 2011

SANTIAGO, L. **Serro – Política, Geografia e Cultura**. Belo Horizonte: Edições Morada Santiago, 2006.

SANTOS, Alberto Pereira dos. **Introdução à geografia das religiões**. Espaço e Tempo, nº11, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Manual de Geografia Urbana**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

\_\_\_\_\_. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/128051432/CORREA-Roberto-Lobato-ROSENDAHL-Zeny-Apresentando-Leitura-sobre-Paisagem-Tempo-e-Cultura>>. Acesso em: 21 mai. 2017.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich von. **Viagem pelo Brasil**. Vol. I – III. Prefácio: Mário Guimarães Ferri. Tradução: Lucia Furquim. Revisão: B. F. Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães, Ernst Winkler. Anotações: Ernst Winkler. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981 (Coleção Reconquista do Brasil).

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**, São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO DE MINAS GERAIS- SETUR/MG. (2003). **O que é um Circuito Turístico?** Belo Horizonte, MG. Disponível em: <<http://www.turismo.mg.gov.br/circuitos-turisticos/informacoes-administrativas>> Acesso em: 22 mar. 2019

SILVA, Elcione Luciana da. **Paisagem cultural: Estudo sobre São Gonçalo do Rio das Pedras**. In: Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas, n.3, 2014, Belo Horizonte, **Atas**, Belo Horizonte: UFMG; IPHAN; IEDS; IEPHA, 2014. Disponível em: <<http://www.forumpatrimonio.com.br/paisagem2014/artigos/pdf/180.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2017.

SILVA, Elcione Luciana da. **Paisagem cultural, turismo e gestão da paisagem: estudo dos distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 314f. Belo Horizonte, 2015.

SILVA, João Paulo. **Hibridização cultural, turismo rural e desenvolvimento local no Engenho Itamatimir, em Pernambuco**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. 124f. Recife, 2010.

SILVA, L. **Patrimônio, Ruralidade e Turismo**. IN: CITURDES – Congresso Internacional de Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentáveis, 8, 2012, Chaves. **Atas**, Chaves: UTAD; CETRAD, 2012. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/pasosrep7.pdf>>. Acesso em 13 fev. 2019.

SILVA, Alex Sandro da & GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia da religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer**: Um estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. In: Revista de Estudos da Religião, jun. 2009

SILVA, Victor Augustus Graciotto. As benzedeadas tradicionais de Curitiba: identificação e análises. IN: Elegens Thréskeia, Estudos e pesquisa em religião, v. 01, n. 01, 2012.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 127 p.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; SANTOS, Rossevel José. **Paisagem cultural no cerrado em transformação**. In: Encontro de Geógrafos de América Latina – Caminando en una America Latina en Transformación. 12., 2009, Montevideo, **Anais** do Encontro de Geógrafos de América Latina (EGAL), Montevideo, 2009. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/125.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SOUZA, Leandro Ricarte Castro de. Unidades de conservação e conflitos socioambientais: Estudo de caso dos conflitos de amortecimento pelo acesso e uso dos recursos naturais na Zona de Amortecimento de Impacto do Parque Nacional do Caparaó – ES. 2016, 198 p. Dissertação (mestrado acadêmico) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Juiz de Fora. 2016

TEIXEIRA, M. A.; LAGES, V. N. Transformações no espaço rural e a geografia rural: idéias para discussão. **Geografia**. São Paulo, v. 14, 1997.

TERRA DA UNIDADE. **Apresentação da Terra da Unidade**. 2018. Disponível em: <<https://contatoterradaunid.wixsite.com/terra>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

TERRA DA UNIDADE. **FAQ** (*Frequently Asked Question*). 2018. Enviado por e-mail por <[escoladaunidade@gmail.com](mailto:escoladaunidade@gmail.com)>.

TAUK SANTOS, M. S. O consumo de bens culturais nas culturas populares: identidade reconvertida ou diversidade refuncionalizada? In: PERUZZO, C.; PINHO, J. (Orgs). **Comunicação e multiculturalismo**. São Paulo: Intercom; Manaus: UFAM, 2001.

TINTI, Dione Lorena. **A expansão da literatura esotérica**: implicações filosóficas e teológicas de um fenômeno sociológico. In: Congresso brasileiro de sociologia, Religião e sociedade. FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2005.

TUAN, Y. F. **Sacred Space**. Exploration of an idea. In: Butzer, K Dimension of Human Geography. Chicago: Chicago Research Paper, 1979



UM PÉ DE QUÊ? Chá de Pedestre. Diamantina: **Canal Futura**, 21 mar. 2013, Programa de Tv. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=aCpVSS\\_OPpk](https://www.youtube.com/watch?v=aCpVSS_OPpk)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

UNESCO. **Preparação de candidaturas para o Patrimônio Mundial**. Brasília: UNESCO Brasil, Iphan, 2013.

UNESCO. **Portal do Programa MaB e as Reservas da Biosfera**. Disponível em: [http://www.rbma.org.br/mab/unesco\\_01\\_oprograma.asp](http://www.rbma.org.br/mab/unesco_01_oprograma.asp). Acesso em: 14/03/2019.

VANCONCELOS, S. **Arquitetura, dois estudos**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro. 1960.

VALE, Ana Rute do. **O rural brasileiro frente à urbanização: velha ou nova ruralidade?** In: Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 3, Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2, Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira. Anais. Presidente Prudente. 2005. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/anasinga2005.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. 2a ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

WANDERLEY, Maria Nazareth Baudel. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: O rural como espaço singular e ator coletivo**. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n. 15, 2000.

\_\_\_\_\_. A ruralidade no brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. (Coord.). **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: Clacso, 2001

\_\_\_\_\_. O mundo rural como um espaço de vida. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WEID, Jean Marc von Der. **Qual estratégia para o desenvolvimento rural?** José Graziano, Jean Marc e Bianchini debatem O Brasil rural precisa de uma Estratégia de Desenvolvimento. Brasília: (MDA/CNDRS/ NEAD) 2001. 110p.

WHITAKER, Dulce C.A. **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. 256p.

WHYDRONE. São Gonçalo do Rio das Pedras. 2017. Disponível em: < <https://www.facebook.com/whydrone/videos/1675741196060634/>>. Acesso em 12 out. 2018

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas v.7, n.1, 1990.

YUNG, Carl. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Vol IX/1, Petrópolis: Vozes, 2000.

